
Bibliografia

- Afonso, Natércio (2005). *Investigação naturalista em Educação – um guia prático e crítico*. Porto: Asa. ISBN 972-41-4487-9.
- Aguiar e Silva, Vítor Manuel (2000). *Teoria da literatura*. 8ª ed. Coimbra: Almedina. ISBN 972-40-0422-8.
- Almeida, Ana Nunes de; Guerreiro, Maria das Dores; Lobo, Cristina, Torres, Anália & Wall, Karin (1998). Relações familiares: mudança e diversidade. In Viegas, José Manuel Leite & Costa, António Firmino da (org). *Portugal: que modernidade?* (pp. 45-78). Oeiras: Celta. ISBN 972-8027-90-7.
- Almeida, Ana Nunes de (1999). Ciências Sociais e universos femininos em Portugal: contributos para a mudança. In Stoer, Stephen (dir.). *Educação, Sociedade e Culturas*. Revista Portuguesa de Sociologia e Antropologia da Educação. Nº 11. (pp. 109-131). Porto: Afrontamento. ISSN 0872-7643.
- Alvarez Núñez, Quintín (1992). Animacion sociocultural y dinámica de grupos: orientaciones para la intervencion del animador. In Quintana Cabanas, José María (dir.) *Fundamentos de animación sociocultural*. (pp. 202-238). Madrid: Narcea. ISBN 84-277-0698-7.
- Ameijeiras Sáiz, Mª Cristina (2007). A promoção da leitura nas bibliotecas municipais de A Corunha. In Azevedo, Fernando (coord.). *Formar Leitores – teorias e práticas*. (pp. 165-171). Lisboa: Lidel. ISBN 978-972-757-460-5.
- Ander-Egg, Ezequiel; Gelpi, Ehore; Nyerere, Julius Kambarage & Fluitman, Fred. (1996). *La educación de adultos como organización para el desarrollo social – precisiones conceptuales y historicas: dos propuestas entre otras*. Viamonte: Magisterio de Río de la Plata. ISBN 950-550-068-8.
- Ander-Egg, Ezequiel (1992). Pratica de la animacion sociocultural. In Quintana Cabanas, José María (dir.) *Fundamentos de animación sociocultural*. (pp. 175-201). Madrid: Narcea. ISBN 84-277-0698-7.
- Antão, Jorge Augusto (1997). *Elogio da leitura: tipos e técnicas da leitura*. Lisboa: Asa. ISBN 972-41-1871-1.
- Araújo, Simone Silva & Fernandes, Conceição Monteiro (2002). Perfil da população adulta envolvida em acções de educação, formação e certificação: da iniciativa ou monitorizadas pela ANEFA. In Silva, Isabel

- Melo e; Leitão, José Alberto & Trigo, Maria Márcia (org). *Educação e Formação de Adultos: factor de desenvolvimento, inovação e competitividade*. (pp. 135-150). Lisboa: Ad Litteram. ISBN 972-95759-5-9.
- Azevedo, Fernando (2007). Construir e consolidar comunidades leitoras em contextos não escolares. In Azevedo, Fernando (coord.) *Formar Leitores: das teorias às práticas*. (pp. 149-164). Lisboa: Lidel. ISBN 978-972-757-460-5.
- Balancho, Maria José & Coelho, Filomena Manso (1996). *Motivar os alunos: criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. 2ª ed. Lisboa: Texto Editora. ISBN 972-47-0559-5.
- Balça, Ângela (2007). Da leitura à escrita na sala de aula: um percurso palmilhado com a literatura infantil. In Azevedo, Fernando (coord.) *Formar Leitores: das teorias às práticas*. (pp. 131-148). Lisboa: Lidel. ISBN 978-972-757-460-5.
- Bardin, Laurence (2006). *Análise de conteúdo*. 3ª ed. Lisboa: Edições 70. ISBN 972-44-1154-0.
- Bellier, Sandra (2001). A competência. In Carré, Philippe & Caspar, Pierre (dir.) (2001). *Tratado das ciências e das técnicas da formação*. (pp. 241-262). Lisboa: Instituto Piaget. ISBN 972-771-345-9.
- Benavente, Ana (coord.) (1995). *Estudo nacional de literacia: relatório preliminar*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. (policop.).
- Bogdan, Robert C. & Biklen, Sari Knopp (1994). *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora. ISBN 972-0-34112-2.
- Bourdieu, Pierre (1982). *Leçon sur la leçon*. Paris: Les éditions de Minuit. ISBN 2-7073-0625-8.
- Cabete, Dora Maria Freitas (2006). *O processo de construção de competências ao longo da vida: uma abordagem através de histórias de vida de profissionais RVCC*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (dissert. Mestrado policop.).
- Caria, Telmo H. (2002). A construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais; reflexividade e fronteiras. In Caria, Telmo H. (org.). *Experiência etnográfica em Ciências Sociais*. (pp. 9-20). Porto: Afrontamento. ISBN 972-36-0641-0.

- Carretero, Mário & Garcia Madruga, Juan A. (1991). La inteligencia en la vida adulta. Carretero, Mário; Palácios, Jesus & Marchesi, Álvaro (compil.). (1991). *Psicología evolutiva – 3. Adolescência, madurez y senectud*. (pp. 143-175). Madrid: Alianza Editorial. ISBN 84-206-6511-8.
- Carta de Qualidade dos Centros RVCC [Consulta em 12 de Janeiro de 2008]. Disponível em <http://www.cfeci.pt/escolas/SecGafNazare/crvcc/Lists/Leis/Carta%20de%20Qualidade%20dos%20CRVCC.pdf>.
- Ceia, Carlos (org). (2005). *E-Dicionário dos termos literários*. [Consulta em 8 de Abril de 2008]. Disponível em http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/C/comunidade_interpretativa.htm.
- Cerrillo, Pedro C.; Larrañaga, Elisa & Yubero, Santiago (2002). *Libros, lectores y mediadores: la formación de los hábitos lectores como processo de aprendizaje*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha. ISBN 84-8427-212-5.
- Chauveau, Gérard (1993). *Lire c' est devenir explorateur de texte*. In Le Monde de l' éducation. N° 207. (pp. 39-40). Paris.
- Correia, Ana & Cabete, Dora (2000). *Centros de Reconhecimento, validação e certificação de competências*. In Revista S@ber +. N° 7. (pp. 3-6). ANEFA.
- Costa, J. Almeida & Melo, A. Sampaio e (rev.). (1997). *Dicionário da Língua Portuguesa*. 7ª ed. Porto: Porto Editora. ISBN 972-0-05001-2.
- Couceiro, Maria do Loreto Paiva (2002). Um olhar... sobre o reconhecimento de competências. In Silva, Isabel Melo e; Leitão, José Alberto & Trigo, Maria Márcia (org). *Educação e Formação de Adultos: factor de desenvolvimento, inovação e competitividade*. (pp. 41-53). Lisboa: Ad Litteram. ISBN 972-95759-5-9.
- Cross, K. Patrícia (1981). *Adults as learners – increasing participation and facilitating learning*. San Francisco: Jossey – Bass. ISBN 1-55542-445-7.
- Danis, Claudia & Solar, Claudie (2001). Aprendizagem e desenvolvimento de adultos: uma perspectiva. In Danis, Claudia & Solar, Claudie (coord.). *Aprendizagem e desenvolvimento dos adultos*. (pp. 11-20). Lisboa: Instituto Piaget. ISBN 972-771-444-7.
- Delgado-Martins, Maria Raquel; Ramalho, Glória & Costa, Armanda (2000). Processamento da informação pela leitura e pela escrita. In Delgado-

- Martins, Maria Raquel (coord). *Literacia e sociedade – contribuições pluridisciplinares*. (pp.13-20). Lisboa: Caminho. ISBN 972-21-1337-2.
- Delors, Jacques. (1996). *Educação um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional para a Educação para o século XXI*. (José Carlos Eufrazio, Trad.). ISBN 85-249-0673-1. [Consulta em 5 de Abril de 2007]. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001298/129801por.pdf> .
- Diário da República. *Portaria nº 419/76 de 13 de Julho*. Ministério da Educação e da Investigação Científica. (pp. 1545 – 1547).
- Diário da República. Nº 8. I Série – B. *Lei nº 3/79 de 10 de Janeiro*. Assembleia da República. (pp. 35-37).
- Diário da República. Nº 218. I série. Decreto-Lei nº 392/79 de 20 de Setembro. Ministério do Trabalho. (pp. 2466-2469). [Consulta em 24 de Abril de 2008]. Disponível em <http://www.dre.pt/pdf1sdip/1979/09/21800/24662469.PDF>.
- Diário da República. Nº 237. I Série. *Lei nº 46/86 de 14 de Outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo*. Assembleia da República. (pp. 3067-3081).
- Diário da República. Nº 34. I Série – A. *Decreto-Lei nº 74/91 de 9 de Fevereiro*. Ministério da Educação. (pp. 647-652).
- Diário da República. Nº 218. I Série – A. *Lei Constitucional nº 1/97 de 20 Setembro – Quarta revisão constitucional da Constituição da República Portuguesa de 2 de Abril de 1976*. [Consulta em 2 de Maio de 2008]. Disponível em <http://dre.pt/pdfgratis/1997/09/218A00.pdf>.
- Diário da República. Nº 160. I Série – B. *Resolução do Conselho de Ministros nº 92/98 de 14 de Julho*. (pp. 3358-3360).
- Diário da República. Nº 104. I série B. *Resolução do Conselho de Ministros nº 59/98 de 6 de Maio - Plano Nacional de Emprego*. Presidência do Conselho de Ministros. (pp. 2035 – 2054).
- Diário da República. Nº 227. I Série – A. *Decreto-Lei nº 387/99 de 28 de Setembro*. Ministério da Educação. (pp. 6672-6675).
- Diário da República. Nº 260. II série. *Despacho conjunto nº 1083/2000 de 20 de Novembro*. Ministério do Trabalho e da Solidariedade e da Educação – Gabinetes dos Secretários de Estado do Trabalho e Formação e da Educação.

- Diário da República. Nº 206. I Série - B. *Portaria nº 1082 – A/2001 de 5 de Setembro*. Ministério da Educação e do Trabalho e da Solidariedade.)pp. 5774(2) – 5774(8)).
- Diário da República. Nº 155. I série – A. *Lei Constitucional nº1/2005 de 12 Agosto*. Sétima revisão constitucional da Constituição da República Portuguesa de 2 de Abril de 1976. [Consulta em 2 de Maio de 2008]. Disponível em <http://dre.pt/pdf/pt/pdf/leis/crp.PDF>.
- Diário da República. Nº 208. I série. *Decreto-Lei nº 213/2006 de 27 de Outubro*. Ministério da Educação. (pp. 7525-7531).
- Diário da República. Nº 249. II série. *Despacho nº 26401/2006 de 29 de Dezembro*. Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e da Educação. (pp. 30522- 30525).
- Diário da República. Nº 144. I série. *Portaria nº 817/2007 de 27 de Julho*. Ministério da Educação e da Solidariedade Social e da Educação. (pp. 4823 – 4831).
- Diário da República. Nº 146. I série. *Decreto-Lei nº 276 – C/2007 de 31 de Julho*. Ministério da Educação. (pp. 4902- (16) -4902- (20)).
- Diário da República. Nº 9. I série. *Portaria nº 86/2007 de 12 de Janeiro*. Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e da Educação. (pp. 295-298).
- Diário da República. Nº 160. I série. *Portaria nº 959/2007 de 21 de Agosto*. Ministério das Finanças e da Administração Pública, do Trabalho e da Solidariedade Social e da Educação. (pp. 5507-5510).
- Diário da República. Nº 251. I série. *Decreto-Lei nº 396/2007 de 31 de Dezembro*. Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. (pp. 9165-9173).
- Domech, Cármen; Martín Rogero, Nives & Delgado Almansa, Ma. Cruz. (1996). *Animación a la lectura – Cuántos cuentos cuentas tú?* 2ª ed. Madrid: Editorial Popular. ISBN 84-7884-140-7.
- Duarte, Isabel (2002). *Formação vocacional: reflexões sobre o novo quadro legislativo*. In Revista S@ber +. Nº 14. (pp. 11-12). Lisboa: ANEFA.
- Eco, Umberto (2004). *Os limites da interpretação*. Algés: Difel. ISBN 972-29-0698-4.

- Fernandes, Luís (2002). Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: as facetas da escrita etnográfica. In Caria, Telmo H. (org.). *Experiência etnográfica em Ciências Sociais*. (pp. 23-40). Porto: Afrontamento. ISBN 972-36-0641-0.
- Ferrarotti, Franco (1990). *Histoire et histoires de vie: la méthode biographique dans les sciences sociales*. Paris : Méridiens Klincksieck. ISBN 2-86563-230-6.
- Ferraroti, Franco (1988). Sobre a autonomia do método biográfico. In Nóvoa, António & Finger, Mathias. *O método (auto)biográfico e a formação*. (pp. 17-34). Lisboa: Ministério da Saúde e Centro de formação e aperfeiçoamento profissional. Cadernos de formação nº 1.
- Ferreiro, Emília & Teberosky, Ana (1986). *Psicogênese da língua escrita*. (Diana Myriam Lichtenstein, Liana di Marco & Mário Corso, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fish, Stanley (1994). *Is there a text in this class? – The authority of interpretive communities*. Cambridge: Harvard University Press. ISBN 0-674-46726-4.
- Foucambert, Jean (1994). *La manière d'être lecteur: apprentissage et enseignement de la lecture de la maternelle au CM2*. [Paris]: Bibliothèque Richaudeau. (Albin Michel. Education). ISBN 2-226-06-825-2.
- Foufe Quintas, Sindo & Sánchez Castaño, M^a Angeles (1998). *Construir la animación sociocultural*. 2^a ed. Salamanca: Amarú. ISBN 84-86-368-94-4
- Freire, Paulo & Macedo, Donald (1994). *Alfabetização, leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, Paulo (2000) *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez. ISBN 85-249-0308-2.
- Freire, Paulo (1998). *Educação e mudança*. 22^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. ISBN 85-219-0014-7.
- Freire, Paulo (2005). *Pedagogia do Oprimido*. 43^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. ISBN 85-219-0005-8.
- Giasson, Jocelyne (1993). *A compreensão na leitura*. (Maria José Frias, trad.). Porto: Asa. ISBN 972-41-1367-1.
- Gill, Philip (org.) (2003). *Os serviços da Biblioteca Pública: directrizes da IFLA/UNESCO*. (Ana Saldanha, trad.). Lisboa: Caminho. ISBN 972-21-1567-7.

- Gomes, José António (1996). *Da nascente à voz: contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Caminho. ISBN 972-21-1046-2.
- Goodman, Kenneth S. (1994). Reading, writing, and written texts: a transactional-psycholinguistic view In Ruddell, Robert B.; Ruddell, Martha Rapp & Singer, Harry (ed.). *Theoretical models and processes of reading*. (pp. 1093-1130). Newark: International Reading Association. ISBN 0-87207-437-4.
- Guimarães, Elina (1989). *Mulheres Portuguesas ontem e hoje*. Lisboa: Comissão da Condição Feminina. ISBN 972-597-033-0.
- Hernández Hernández, Pedro & García García, Luis Alberto (1991). Psicología y enseñanza del estudio: teorías y técnicas para potenciar las habilidades técnicas. (pp. 99-119). Madrid: Ediciones Pirámide. ISBN 84-368-0542-9.
- Iser, Wolfgang (1987). El proceso de lectura: enfoque fenomenológico. In Mayoral, José Antonio (compil.). *Estética de la recepción*. (pp. 215-243). Madrid: Arco/Libros. ISBN 84-7635-013-9.
- Jauss, Hans Robert (1987). El lector como instancia de una nueva historia de la literatura. In Mayoral, José Antonio (compil.). *Estética de la recepción*. (pp. 59-85). Madrid: Arco/Libros. ISBN 84-7635-013-9.
- Jesuíno, Jorge Correia (2000). Estrutura e processos de grupo; interações e factores de eficácia. In Vala, Jorge & Monteiro, Maria Benedicta (coord). *Psicologia social*. (pp. 293-331). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 972-31-0845-3.
- Jolibert, Josette & Robert Gloton (dir.). (1978). *O poder de ler* (Emília Bessa, trad.). Porto: Civilização.
- Knowles, Malcolm (1990). *L' apprenant adulte vers une nouvel art de la formation*. Paris: Les éditions d'organisation.
- Leitão, José Alberto (coord.). (2001). *Cursos de Educação e Formação de Adultos – orientações para a acção*. Lisboa: ANEFA. ISBN 972-98558-7-0
- Leitão, José Alberto; Correia, Ana; Cabete, Dora & Neves, Ana Luísa (2001). *Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências – roteiro estruturante*. Lisboa: ANEFA.
- Lesne, Marcel (1977). Trabalho pedagógico e formação de adultos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Maisonneuve, Jean (2004). *A dinâmica de grupos*. Lisboa. Livros do Brasil. ISBN 972-38-0315-1.
- Manguel, Alberto (1998). *Uma história da leitura* (Ana Saldanha, trad.). Lisboa: Presença. ISBN 972-23-2339-3.
- McMurtrie, Douglas C. (1997). *O Livro – impressão e fabrico* (Maria Luísa Saavedra Machado, trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 972-31-0212-9.
- Mezirow, Jack & Associates (2000). Learning to think like an adult. In *Leraning as transformation: critical perspectives on a theory in progress*. San Francisco: Jossey-Bass. ISBN 0-7879-4845-4.
- Miguel Badesa, Sara de (1995). *Perfil del animador sociocultural*. Madrid: Narcea. ISBN 84-277-1134-4.
- Morais, José (1997). *A arte de ler: psicologia cognitiva da leitura*. Lisboa: Cosmos. ISBN 972-762-064-7.
- Mucchieli, Roger (1998). *A formação de adultos*. São Paulo: Martins Fontes
- Neto, António; Cid, Marília; Pomar, Clarinda; Peças, Américo; Chaleta, Elisa & Folque, Assunção (2000). *Estereótipos de género*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres. ISBN 972-597-211-2.
- Nogueira, Inácio (2000). *Projecto EFA: enquadramento (s), centralidade (s) e reflexões em torno do seu modelo teórico*. In Revista S@ber +. Nº 7. (pp. 7-11). Lisboa: ANEFA.
- Nunes, Henrique Barreto (1998). *Da biblioteca ao leitor – Estudos sobre a leitura pública em Portugal*. 2ª. Ed. Braga: Autores de Braga. ISBN 972-8026-23-4.
- Nunes, Henrique Barreto (2007). A competência de mediação: contextos e agentes. In Lopes, João Teixeira (org.). *Práticas de Dinamização da leitura – colectânea de textos*. (pp. 28-38). Porto: Setepés. ISBN 978-972-99312-8-4.
- Nunes, Manuela Barreto (2007). Leitura, literacias e inclusão social: novos e velhos desafios para as bibliotecas públicas. In Lopes, João Teixeira (org.). *Práticas de Dinamização da leitura – colectânea de textos*. (pp. 48-59). Porto: Setepés. ISBN 978-972-99312-8-4.
- Pennac, Daniel (2002). *Como um romance*. Porto: Asa. ISBN 972-41-2969-1.

- Perrenoud, Philippe & Thurler, Monica (1998). *Construire des compétences des l'école*. Paris: ESF. ISBN 2-7101-1250-7.
- Perez Serrano, Gloria (2004). Metodologías de investigación en animación sociocultural. In Trilla, Jaume (coord). *Animación sociocultural: teorías, programas y ámbitos*. (pp. 99-118). Barcelona: Editorial Ariel. ISBN 972-344-2606-4.
- Pinto, Maria da Graça Castro (2002). *Da literacia ou de uma narrativa sempre imperfeita de outra identidade pessoal*. In Revista Portuguesa de Educação. Vol. 15(2). (pp. 95-123). ISSN 0871/9187.
- Poirier, Jean; Clapier – Valadon & Raybaut, Paul (1999). *Histórias de vida : teoria e prática*. 2ª ed. Oeiras: Celta. ISBN 972-8027-34-6.
- Poslaniec, Christian (2004). *Donner le goût de lire: des animations pour faire découvrir aux jeunes le plaisir de la lecture*. Paris : Éditions du Sorbier. ISBN 2-7320-3833-4.
- Prole, António (2005). *O papel das bibliotecas públicas face ao conceito de literacia*. In Educação e leitura (Actas do seminário 27/28 de Outubro de 2005). (pp. 31-41). Esposende: Câmara Municipal.
- Puleo García, Alicia (2006). De la exclusión a la participación: democracia y igualdad. In Araújo, Helena Costa (dir). *Ex Aequo – Mulheres, participação e democracia*. Revista da Associação Portuguesa de estudos sobre as mulheres. Nº 13. (pp. 29-42). Porto: Afrontamento. ISSN 0874-5560.
- Quintana Cabanas, José María (1992). Educación permanente y de adultos. In Quintana Cabanas, José María (dir.). *Fundamentos de animación sociocultural*. Madrid: Narcea. ISBN 84-277-0698-7. pp. 11-31
- Quintana Cabanas, José Maria (dir). (1993). *Los ámbitos profesionales de la animación*. Madrid: Narcea. ISBN 84-277-1028-3.
- Quivy, Raymond & Campenhoudt, Luc Van (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva. ISBN 972-662-275-1.
- Radway, Janice (1991). *Reading the romance: women, patriarchy and popular literature*. Chapel Hil: The University of North Carolina Press. ISBN 978-0-8078-4349-9.
- Rafael, José Fernando Vaz Pereira (1994). *Estilo cognitivo dependência - independência de campo e desempenho na leitura*. Coimbra: Faculdade de

- Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (dissert. Mestrado policop.).
- Reis, Carlos & Lopes, Ana Cristina Macário (1998). *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Livraria Almedina. ISBN 972-40-1097-X
- Requejo Osório, Agustín (2003). *Educação Permanente e Educação de Adultos*. Lisboa: Instituto Piaget. ISBN 972-771-776-4.
- Requejo Osório, Agustín (2004). Animación sociocultural y educación de adultos. In Trilla, Jaume. *Animación sociocultural- teorías, programas y ámbitos*. 2ª ed. Barcelona: Ariel Educación. ISBN 84-344-2606-4.
- Rodari, Gianni (2004). *Gramática da fantasia – Introdução à arte de inventar histórias*. (José Colaço Barreiros, trad.). 5ª ed. Lisboa: Caminho. ISBN 972-21-0846-8.
- Rodrigues, Custódio & Pina-Cabral, J. M. de (1985). *Motivação: conceito. Aspectos fundamentalmente inatos*. Porto: Contraponto.
- Roths, Luís Areal (2002). Uma reflexão breve sobre o campo da educação e formação de adultos: tendências, desafios e preocupações curriculares. In Silva, Isabel Melo e; Leitão, José Alberto & Trigo, Maria Márcia (org). *Educação e Formação de Adultos: factor de desenvolvimento, inovação e competitividade*. (pp. 13-22). Lisboa: Ad Litteram. ISBN 972-95759-5-9.
- Rumelhart, D. (1994). Toward an interactive model of reading In Ruddell, Robert B.; Ruddell, Martha Rapp & Singer, Harry (ed.). *Theoretical models and processes of reading*. (pp. 864-894). Newark: International Reading Association. ISBN 0-87207-437-4.
- Saint-Exupéry, Antoine (1996). *O Pincipezinho*. Mem Martins: Europa América. ISBN 972-1-03969-1.
- Salas Larrazábal, María (2004). La figura y la formación del animador sociocultural. In Trilla, Jaume (coord.). Concepto, discurso y universo de la animación sociocultural In *Animación sociocultural: teorías, programas y ámbitos*. (pp. 121-133). Barcelona: Ariel. ISBN 84-344-2606-4.
- Silva, Augusto Santos (1990). *Educação de adultos: educação para o desenvolvimento*. Rio Tinto: Asa.
- Silva, Isabel Melo e; Leitão, José Alberto & Trigo, Maria Márcia (org). (2002). *Educação e Formação de Adultos: factor de desenvolvimento, inovação e competitividade*. Lisboa: Ad Litteram. ISBN 972-95759-5-9.

- Silva, Olívia Santos (2002). Uma orientação metodológica para os cursos EFA. In Silva, Isabel Melo e; Leitão, José Alberto & Trigo, Maria Márcia (org). *Educação e Formação de Adultos: factor de desenvolvimento, inovação e competitividade*. (pp. 84-94). Lisboa: Ad Litteram. ISBN 972-95759-5-9.
- Sim-Sim, Inês (coord.) (2006). *Ler e ensinar e ler*. Porto: Asa.
- Soares, Magda (2002). *Letramento: um tema em três géneros*. Belo Horizonte: Autentica.
- Sousa, M^a de Lourdes Dionísio de (1999). *Condições sociais de produção de leitores: tijolo com tijolo num desenho (nem sempre) mágico*. In Revista Portuguesa de Educação. Vol. 12. nº 1. (pp. 127-148). Braga: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia.
- Taquelim, Cristina (2005). *A casa do silêncio: formar leitores – ou quando o todo é mais do que a soma das partes*. In Educação e leitura (Actas do seminário 27/28 de Outubro de 2005). (pp. 91-97). Esposende: Câmara Municipal.
- Trilla, Jaume (coord.) (1998). Concepto, discurso y universo de la animación sociocultural In *Animación sociocultural: teorías, programas y ámbitos*. Barcelona: Ariel. ISBN 84-344-2606-4.
- UNESCO (1949). *Summary report of the international conference on adult education*. Elsinore. [Consulta em 3 de Dezembro de 2007]. Disponível em http://www.unesco.org/education/uie/confintea/elsino_e.pdf.
- UNESCO (1960). *Segunda conferencia mundial de educación de adultos. Montreal*. [Consulta em 3 de Dezembro de 2007]. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001338/133863so.pdf>
- UNESCO (1972). *Troisième conférence internationale sur l' éducation des adultes*. Tokio. [Consulta em 3 de Dezembro de 2007]. Disponível em http://www.unesco.org/education/uie/confintea/tokyo_f.pdf.
- UNESCO (1976). *Recomendación relativa al desarrollo de la educación de adultos*. Paris. [Consulta em 3 de Dezembro de 2007]. Disponível em www.unesco.org/education/uie/confintea/nairob_s.pdf.
- UNESCO (1985). *Cuarta conferencia internacional sobre la educación de adultos*. Paris. [Consulta em 3 de Dezembro de 2007]. Disponível em http://www.unesco.org/education/uie/confintea/paris_s.pdf.

- UNESCO (1990). *Declaração mundial sobre a educação para todos – plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem*. Jomtien. [Disponível em 3 de Dezembro de 2007]. Disponível em http://creaapp.crea-rj.org.br/pls/portal/docs/PAGE/PORTAL_CREA_RJ/ARQUIVOS/PDF/LEIS/LEGISLACAOINTERNACIONAL/DECLARACAO_DE_JOMTIEN_TAILANDIA_09_03_90.PDF.
- UNESCO (1998). *Quinta Conferência Internacional sobre a Educação de Adultos – Declaração final e agenda para o futuro*. Hamburgo, 1997. Brasília: SESI/UNESCO. [Consulta em 30 de Outubro de 2007]. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129773porb.pdf>.
- Usherwood, Bob (1999). *A biblioteca pública como conhecimento público*. Lisboa: Caminho. ISBN 972-21-1284-8.
- Vale, Maria José (1999). *Educação de jovens e adultos: a construção de leitura e da escrita*. São Paulo: IPF.
- Vaz, João Pimentel (1998). *Compreensão na leitura: processos e estratégias para a activação de competências*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. (tese Doutoramento policop.).
- Viana, Leopoldina Fernanda (2005). *Do aprender a ler ao gostar de ler. Um caminho a descobrir*. In Educação e leitura (Actas do seminário 27/28 de Outubro de 2005). (pp. 13-21). Esposende: Câmara Municipal
- Vitorino, Maria José (2007). *Leitura e lectores*. In Lopes, João Teixeira (org.). *Práticas de dinamização da leitura*. (pp. 9-15). Porto: Setepés. ISBN 978-972-99312-8-4.
- Walter, Pierre (1999). *Defining literacy and its consequences in the developing World*. *International Journal of lifelong education*. Vol. 18. nº 1 (January-February). (pp. 31-48).
- Zimmermann, Bernhard (1987). *El lector como productor: en torno a la problemática del método de la estética de la recepción*. In Mayoral, José Antonio (compil.). *Estética de la recepción*. (pp. 39-58). Madrid: Arco/Libros. ISBN 84-7635-013-9.

Anexos

Quadro 4

Referencial dos cursos de Educação e Formação de Adultos

| Referencial de Competências - chave | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|-------------------------------------|--|--|----------|----------|----------|--|----------|----------|----------|------------|------------|--|----------|----------|----------|------------|------------|
| Áreas de competências – chave | Níveis | B1 | | | | B2 | | | | | | B3 | | | | | |
| | Cidadania e Empregabilidade (CE) | 25H A | 25H B | 25H C | 25H D | 25H A | 25H B | 25H C | 25H D | | | 50H A | 50H B | 50H C | 50H D | | |
| | Linguagem e Comunicação (LC) | 25H A | 25H B | 25H C | 25H D | 25H A | 25H B | 25H C | 25H D | 25H LEA | 25H LEB | 50H A | 50H B | 50H C | 50H D | 50H LEA | 50H LEB |
| | Matemática para a Vida (MV) | 25H A | 25H B | 25H C | 25H D | 25H A | 25H B | 25H C | 25H D | | | 50H A | 50H B | 50H C | 50H D | | |
| | Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) | 25H A | 25H B | 25H C | 25H D | 25H A | 25H B | 25H C | 25H D | | | 50H A | 50H B | 50H C | 50H D | | |
| | Formação tecnológica | Unidades de formação de curta duração (pode incluir formação em contexto real de trabalho) | | | | Unidades de formação de curta duração (pode incluir formação em contexto real de trabalho) | | | | | | Unidades de formação de curta duração Formação prática em contexto real de trabalho | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | |

Fonte: DR, nº144, 2007.

Quadro 5**Desenho curricular dos cursos EFA – certificação escolar e profissional**

| Nível de desenvolvimento | Percurso formativo | | | Total |
|--|-------------------------------|-------------------------|-----------------------------|-------------------|
| | Aprender com autonomia | Formação de base | Formação tecnológica | |
| Básico 1 | 40h | Entre 100h- 400h | Entre 100h- 360h | Entre 240h- 800h |
| Básico 2 | 40h | Entre 100h- 450h | Entre 100h- 360h | Entre 240h- 850h |
| Básico 1+2 | 40h | Entre 100h- 850h | Entre 100h- 360h | Entre 240h- 1250h |
| Básico 3/ nível 2 de formação profissional | 40h | Entre 100h- 900h | Entre 100h- 1200h | Entre 240h- 2140h |
| Básico 2+3/ nível 2 de formação profissional | 40h | Entre 100h- 1350h | Entre 100h- 1200h | Entre 240h- 2590h |

TEMAS DE VIDA

Fonte: DR, nº 144, 2007.

Guião da entrevista

Tema: A promoção da leitura em adultos – percursos pelos trilhos da leitura em cursos de Educação e Formação de Adultos.

Blocos Temáticos:

- I. Apresentação e descrição física e psicológica.
- II. Há quanto tempo abandonou a escola.
- III. Marcos da vida.
- IV. Voltar a estudar porquê?
- V. Qual a importância e conseqüentes alterações desta opção.
- VI. Importância da leitura do quotidiano.
- VII. Posição crítica e reflexiva relativamente ao processo formativo.

Plano:

- Entrevista semi-directiva com base no discurso autobiográfico;
- Os blocos temáticos e respectivas questões que se levantam são apenas referências para o entrevistador. Este não deverá mencionar exactamente que aspectos, linguagem e factos deverão ser frisados;
- Sugerir a perspectiva lógica do tempo (história de vida) como uma forma de reflexão apropriada;
- Conduzir os entrevistados a uma reflexão crítica acerca do valor pessoal da aprendizagem ao longo da vida;
- Incentivar o entrevistado a referir a sua posição pessoal face às aprendizagens da vida e as conseqüências no seu desenvolvimento pessoal e social.

E1**2008-02-02**

Então eu sou a Beatriz. Tenho 31 anos. Sou casada, tenho duas meninas. Ahh... sou baixinha, sou gordinha (*risos*) ... sou bem constituída...ahh...sou uma pessoa, como é que hei-de dizer...muito...sentimental também...ahh... gosto muito de ajudar... sei lá o que posso dizer mais... sou muito lamechas também (*risos*). Pronto, sou muito tagarela, gosto muito de conversar, gosto muito de falar com as pessoas e pronto. Sou um bocadinho... não posso dizer que sou extrovertida porque não sou assim nada... mas gosto de conversar, gosto de falar e pronto, sou assim... aberta... aberta.

Então, e diga-me uma coisa. Há quanto tempo abandonou a escola?

Há quanto tempo acabei? Abandonei. Ahh...ora bem, precisar o ano.... Ahhh... ai não me lembro! Fiz até ao 6º ano.

6º ano? Então deixou a escola no 6º ano porquê? Não continuou porquê?

Eu durante o período do 6º ano, eu comecei a trabalhar... ahhh... infelizmente, a minha mãe criou cinco filhos praticamente sozinha, porque não foi bem assim mas... prontos. Ela ficou sozinha e... custou, teve dificuldades e eu também, prontos, queria ter as minhas coisinhas... ahhh... e uma vizinha minha tinha um minimercado e eu comecei a ir nos meus tempos livres ajudá-la. Comecei a ganhar o meu dinheirito. Ahhh ... apanhei-lhe o gosto (*risos*). Pois... terminei o 6º ano, ainda me fui inscrever, novamente, fui fazer nova matrícula, mas depois não, resolvi não ir. Tinha começado a trabalhar ... depois um outro vizinho meu também tinha um minimercado mas em Castanheiro. A esposa tinha ficado de baixa de parto e ele pediu-me se, como eu já tinha prática do outro, porque entretanto a senhora teve problemas de saúde e fechou, fechou mesmo o minimercado. Se eu fosse um pouco mais velha ela diz que até mo punha nas mãos mas eu também não quis porque era muita responsabilidade. E então ele foi-me procurar, perguntou-me se eu queria ir e eu aceitei. Prontos,

foi a minha experiência de trabalho, assim mesmo trabalho a sério, foi essa. Era em Castanheiro, no Centro Comercial.

Então, como é que ia para lá?

Eu ia...levantava-me às 6h da manhã porque íamos fazer a praça de manhã primeiro, buscar as frutas, os legumes... ahhh e depois regressava...almoçava lá qualquer coisa e regressava na camioneta das 7h. Ainda estive o período todo em que a esposa esteve de bebé e depois mais os três meses, que na altura eram três meses, e... entretanto depois do lado do minimercado ficou uma outra loja de vago e ele abriu um café. Tinha acesso de uma para a outra, mas ... ahhh...eu optei por sair porque eu e a esposa ... e foi por uma coisa estúpida.

Não se entendiam?

Não, não era porque não nos entendíamos. A senhora levou a mal uma coisa que eu fiz, porque era assim... como hei-de dizer isto (risos) ...ahhh.... As senhoras gostavam muito de mim porque eu sei que gostavam e o senhor também gostava imenso de mim. Eu saí mesmo por causa da esposa porque era assim... ahhh... eu gosto das coisas muito... e eu tive aquele espaço lá sozinha, tinha as coisas. O senhor ficou o tempo no café e era eu que estava praticamente só no minimercado. A limpeza para mim é ...mania...e então a senhora não era tanto isso. E depois era assim ... era capaz ... ai eu vou pecar, vou falar mal (risos) ... tinha os cabelos compridos, andava a mexer nos cabelos e tal ... (gesto de atirar para o chão). E eu achava aquilo horrível, principalmente no meio de frutas e coisas assim. O chão era claro. Ai... foi por uma coisa estúpida que eu saí de lá. E então tinha uma pazinha e uma vassourinha e, de vez em quando, apanhava a senhora distraída, ia lá com a pá e truca. Ela levou muito a mal e eu sei que isso contribuiu para eu sair. E então, acabou aquele contrato e eu disse não, não volto, prontos ... e ela como é daquelas pessoas... não conversa, não... é assim muito fechada e então não quero renovar o contrato. Vou-me embora mesmo. Fui-me embora.

Depois fui para os Sapatinhos fazer as férias, que é uma fábrica de azulejos. Estive lá ... ahhh... e depois comecei dos Sapatinhos fui ...isto tinha eu talvez 16 anos, 16 anitos. Estive lá só a fazer as férias. Depois... ahhh... um senhor abriu uma sociedade de... uma empresa de canalizações, de electricidade e assim ... três

senhores que montaram uma sociedade e um era lá conhecido e eu estava em casa e precisavam de uma pessoa para atender o telefone, apontar alguns recados e tal e as encomendas e tinham a porta aberta também ... ahhh ... para gás e outro material... ahhh e também foi lá a casa perguntar se eu não estava interessada. Prontos ...fui lá conversar com eles, achei que era interessante, ia a pé e vinha, era pertíssimo de casa. E fui, fui para lá. Estive lá desde ... 93... ahhh... a 96... até 96. Estive lá ... ahhh...pronto. Depois acabei... comecei por tender telefones, depois já comecei a fazer facturas, a ... coisar...a... o armazém, receber encomendas. Por último, já fazia o pagamento aos empregados, já fazia os orçamentos, que é muito chato. Sei que eles gostavam muito de mim porque é, era assim: iam ver uma obra num sábado, cismavam que tinham que ter aquilo pronto na 2ª feira. Era perto de casa, lá estavam a bater-me à porta “Ó Beatriz, não podias ir passar o orçamento? É que tem de estar 2ª feira pronto que é pra irmos entregar aos senhor logo de manhã. E lá ia eu num domingo de manhã, bumbubum, passar o orçamento. E eu assim ... “Ai meu Deus”. Chegava lá à 2ª feira de manhã e o orçamento ainda em cima da secretária. Ai, ficava possessa, ficava danada (risos) mas pronto. E estive lá três anos. Entretanto, depois casei-me e como já ia de bebé (risos), eles acharam, pronto, que já não ia dar o rendimento... porque o sábado por exemplo, não...e o horário à noite tinha vezes que ao fim do mês quando queriam receber eles chegavam tardíssimo (8h/9h da noite) e eu tinha de estar lá à espera. Fazer pagamentos e não fazer eram 10/11h da noite e eu lá. Pronto e isso depois mudou tudo. E então eles acharam que ... ao fim dos três anos mandaram-me embora. Vim embora... tive a minha filha. Estive no fundo desemprego. Tive a minha filha, depois tive aqui na Orquídea também três meses, contrato de três meses, isto infelizmente agora é tudo por contratos, não é? Tive contrato de três meses. Depois saí para outra empresa ... fazia a limpeza, também atendia o telefone e assim... e... mas não era o dia todo: era ou de manhã ou de tarde. Então depois a senhora que lá estava no escritório também... começou a ... precisava de uma pessoa para casa dela e eu pronto dei-me logo. Tinha dias vagos, manhãs e tardes, e depois ela... foi uma amiga dela que também precisava e ela diz que sim senhor que gostava muito de trabalho e tal... para eu ir. Se eu quisesse ir para ir. E eu assim aproveitei e ocupei o meu tempo. Estava na fábrica, tinha os meus

descontos, tinha, tinha tudo e tinha os outros dias que ia... andava nas limpezas. E ainda andei assim um tempo. Agora ...ahhh... o curso... depois aí também fui para o fundo desemprego e surgiu o curso. Estava inscrita no Centro de Emprego, não estava a receber mas fui a uma reunião que costumam... aquelas convocatórias que costumam fazer. Fui e a senhora lá chamou-me e disse, como sabia que era da zona, “olhe, vai abrir este curso assim-assim, se tiver interessada vá fazer a inscrição e... é uma área boa e prontos, com a possibilidade de tirar o 9º ano.” Uma pessoa não há-de morrer estúpida toda a vida.

Mas até aí nunca tinha sentido necessidade de voltar a estudar?

No período em que eu estive a trabalhar no escritório.... Ahhh... sentia, senti isso e até gostava de, na altura, até pensei em começar a estudar à noite mas na altura era impossível porque não tinha transporte. Mas pensei mesmo... mas experimentar-me a pôr de bicicleta ou de motorizada por aí... isso foi uma coisa que fui adiando, adiando e acabei por, depois comecei a namorar e tal (risos) ... estragou tudo. Mas senti, nessa altura, nesse período senti bastante dificuldade... ahhh... pronto... houve... ao princípio era tudo manual. Depois para o fim ...ahhh... eles... ahhh.. pediram a um senhor da contabilidade, que nos tratava da contabilidade, para me ir lá dar uma ajuda, porque depois meteram um computador e eu como não percebia nada daquilo (risos) ... ahhh... ele ia lá uma ou duas vezes, duas vezes por semana orientar-me, ensinar-me. Mas, depois logo passado pouco tempo saí. Acabei por não ter grande experiência nesse... mas senti muita dificuldade ao princípio em algumas coisas, por exemplo na escrita (risos), muita dificuldade mesmo ahhh...mas... prontos, eles também lá iam rectificando e tal, né? Mas lá se foi levando mas...aí senti que realmente, prontos... e deu-se aquela vontade de...

Então quando lhe disseram “Vai abrir um curso”, o que é que pensou?

Nem olhei para trás. Foi ... assim, não, eu por exemplo, eu gostava... a fábrica fechou pronto...a fábrica fechou. A senhora também foi para o fundo desemprego e tudo...ahhh... mas tinha

sempre, esse trabalho tinha-o sempre e cheguei a um ponto que tive de recusar porque não tinha mais hipótese e até cheguei mesmo a andar mesmo a ocupar o sábado de manhã, que até o meu marido chateava-se porque... por causa das meninas e tudo. Pronto, durante a semana,,, muitas das vezes, custa-me dizer que não, pronto tá bem. Sábado de manhã e tal, eu venho e tal.

Ainda há pouco tempo, essa senhora – a D. Cristiana – me ligou a dizer “Ai Beatriz a Sra. que eu aqui trago, prontos, ela é boa mas...ahhh...pronto...e, sabe aquele problema de humidade que tenho no meu quarto?”.

“Sim sei D. Cristiana. Então...”

Então o João Miguel, que é o menino dela e é pequenino, dorme lá e eu acho que ele até anda a ficar doente (veja lá o que ela foi buscar) por causa da humidade.

“Você não tem assim um bocadito, uma horita ou duas, para me vir cá?”

“Ó D. Cristiana, olhe por acaso até vou ficar agora 2ª feira do Carnaval em casa”

“Ai por favor, uma horita ou duas. Nós as duas...eu peço ao meu marido para levar o miúdo por causa do cheiro da lixívia. Nós as duas...

Tá a ver (risos)... eu vou lá. Vou-lhe fazer... num é... porque depois criamos uma amizade... prontos... ela frequenta a minha casa, eu vou a casa dela, os aniversários e tal. Pronto...mas...não é já o vou lá no... por exemplo não lhe vou levar nada, vou lá como amiga, vou ajudá-la. Ahhh... Pronto, eu tinha esse trabalho, só que assim eu também posso...comecei a pensar... não também só tenho 30 anos. Se eu conseguir ... ahhh... é bom pra mim, né? E depois também tar, se conseguir na área com as crianças, então ainda melhor. Eu nem olhei pra trás. Assim que a senhora me disse eu fui logo direita à instituição porque foi mesmo em cima da hora, foi mesmo ... aquilo foi dias. E eu agarrei logo, fui lá, inscrevi-me. Falei com a Dra. Patrícia e a Dra. Patrícia disse-me que... que era para quem estava no fundo desemprego há menos de um ano. E eu assim “Prontos, já não vou ter sorte nenhuma”. Fiquei um bocadinho triste mas... mas pronto... ahhh... ela diz que ia resolver, que ainda poderia haver ali uma ou outra excepção e tal. E depois, passados uns dias ligou-me, dois dias ou quê ligou-me. Que tinha sido seleccionada para ir à entrevista. Eu fiquei toda contente (Risos). Mais um passo, vá, vamos lá. E fiquei

contentíssima quando me disseram que tinha sido seleccionada. Fiquei contentíssima.

Então, e o que estava à espera deste curso?

Olhe, ahhh...estava à espera de tudo menos do que aconteceu (Risos).

Então do que é que estava à espera?

Eu estava à espera que fosse uma coisa assim mais escola, tá a entender? Assim uma coisa mais escola, mais estudo, assim uma coisa mesmo... e saiu-nos assim uma coisa mais soft, soft entre aspas. Atenção! (risos) Não foi assim bem, bem, bem soft, foi uma pressãozinha daqui, outra pressãozinha dali. Mas acho que foi uma experiência que... se pudesse repetir, repetia outra vez (risos) e recomendo porque passou-se o tempo, as disciplinas prontas, as... acho que correu tudo muito bem, no meu ver correu tudo muito bem. Gostei imenso.

Então e qual foi a importância ou que alterações é que a sua vida sofreu neste último ano, com o curso?

Que tenha provocado na minha vida? Olhe... ahhh...em mim... ahhh... ainda me fez mais espreitada do que o que já era (risos). Ahhh... e depois o convívio... porque era... é assim: eu vivia muito pró trabalho e pra casa. E este período que... que passou... o convívio com as formadoras, com as colegas, as actividades que nós tivemos, tudo isso, isso pra mim foi uma experiência ótima. Em mim, acho que só me fez sentir coisas boas. Pronto. Há aquelas pressões na altura, não é? Aquele stress todo mas isso acho que só contribuiu para enriquecer, prontas, pra me enriquecer a mim como pessoa e eu adorei. Assim... a nível familiar e... não me causou muito transtorno nem nada, muito pelo contrário. Também veio a ajudar, não... bastante...ahhh...mas de resto...

Como é que as suas filhas viam o facto de ter voltado a estudar?

Ai. A minha pequenita "Ó mãe, vais pra escola hoje". Vou, filha vou (risos). Pronto, eu ia pra escola, ela ia pra escola, eu ia pra escola,

a mana ia pra escola. A minha Soraia quando eu dizia assim “Olha, Soraia, vou ter teste de Inglês”.

“Anda mãe que vou-te passar uns exercícios e tal e vamos fazer”. Tanto que ela ajudou-me imenso no 1º teste, imenso... ahhh.... Prontos, assim muito contentes (risos). Eu até achava nelas que estavam contentes por eu andar também a estudar, e...achava isso nelas. A pequenita achava uma piada enorme porque ela ia pra escola mas a mãe também ia para escola. Pronto. E dizia à professora “a minha mãe vai pra escola” e prontos e falava assim... gostava...foi uma experiência boa.

Então e em relação àquelas actividades que nós fizemos no módulo de Linguagem e Comunicação, qual foi a importância que essas actividades tiveram em si? Para que é que essas actividades contribuíram? O que é que conseguiram alterar?

Olhe, conseguiram alguma coisa. Por exemplo, na Chocoleitura, eu não sei se demonstrei mas eu estava em pânico. Porque eu ler pra tanta gente, pra tanta criança e com medo de não chamar a atenção deles, eu estava em pânico e... pronto... é o meu à vontade assim em público é... é pouquíssimo. Tenho pouco... sinto medo de... aí custou-me um bocado. E a partir daí, depois com as outras actividades, com as peças de teatro e assim, acho que me fui soltando um bocadinho mais mas podia-me ter soltado mais, mas... prontos... aquele receio de as coisas não correrem bem e... prontos... por não ter aquele à vontade com a multidão, atrapalhar-me um bocadinho mas prontos... mas acho que aí me ajudou um pouco a ultrapassar... essa... essa coisa que eu tenho... esse medo do público, assim... muita gente à minha frente... eu... ai meu Deus. Mas mesmo em sala, eu ao princípio... ahhh... também me custava falar... ahhh... assim falar... expor mais... pronto... mas depois com o habituar, assim o convívio e aquela aproximação já se foi... já foi melhorando mas o meu medo mesmo, mesmo era assim de estar com muita gente.

E então em relação ao

“Momento da história”, lembra-se do início, quando vocês começaram a ler? Como é que vê todo este percurso?

Ahhh... lá está! Ahh... eu a dizer que... que criei aquele à vontade a contar a história. Eu sei que ao princípio era aquela coisa... muito tímida, a olhar para o papel e tal. (Risos) ahhh... agora p'ro público já sentia mais aquela... não me sentia com tanto medo de... prontos, estava mais à vontade em relação ao público, não é? Prontos... estava mais à vontade... ah, mas eu sei que ao princípio que aquilo que... faço ideia, eu gostava de ver essas coisas todas, né? Eu tinha essa noção que não estava bem, eu tinha essa noção porque, pronto, pelo que a Elisabete dizia e demonstrava... prontos... eu tinha a noção de que aquilo ia de mal a pior, né? Mas pronto, acho que evoluímos bastante. Não evoluímos? Ou não? Ai não me diga que não! (risos). Eu acho que sim.

Então, e em relação aos contos que aprendeu, em relação àqueles contos que ouviu nas duas bibliotecas – a hora do conto – na Biblioteca Rosa e na Biblioteca Verde.

Olhe, a Biblioteca Verde... acho que até... como é que eu hei-de explicar... a Rosa ajudou... Foi a primeira, ajudou bastante mas não sei se era pela... pelo espalhafato, entre aspas, que a senhora fazia ou porque... eu achei aquilo tão interessante... ahhh... que eu até foi a isso que eu me apeguei quando contei aquela história do cantar. Eu assim... não... Se a senhora contou a história daquela maneira e eu achei tão interessante, por que é que não vou tar a contar uma história e a cantar? Porque se ela tem a música porquê que eu não... vou tentar fazer. Eu acho que até correu muito bem. E... e eu acho que a última história, acho que mexeu mais comigo. Prontos... mas gostei muito também na biblioteca de Pinheiro, foi muito engraçado. Mas acho que a outra, não sei, mexeu mais comigo. Pronto, não tem explicação. A história era diferente... E depois uma coisa que... eu quando ... prontos, quando a senhora

estava a falar connosco e tal, eu quando ela pensou a contar a história nunca pensei que ela fosse capaz daquilo (risos). Digo-lhe!

Então porquê?

Porque é assim... ahhh... quando à primeira impressão a senhora... contar uma história e tal mas, de repente, ela encarna aquilo. O Lobo Mau e tal, e ela parece que se transforma e eu assim... por isso é que eu digo, aquela história mexeu comigo. Gostei muito da maneira como ela fazia aqueles... gostei prontos. Mexeu mesmo comigo. E eu acho que o que as crianças querem é este tipo de coisas...

Então e a Beatriz acha que é capaz de encarnar assim tudo?

Tenho de me preparar (risos). Tenho que me preparar. Mas se calhar, acho que sim.

Acha que não é capaz?

Não, não digo que não sou capaz. Não digo que não sou capaz. Porque prontos... hoje se calhar também já penso doutra maneira... que pensava... sei lá não sou capaz. Como lá está, a ideia que tinha do curso, pensava que fosse uma coisa assim, um bicho de sete cabeças e tal e... até fomos indo, fomos indo e até fui conseguindo, fui... assim não, até realmente acho que até estou a conseguir. E ... prontos... não vou dizer agora que não sou capaz. Também chegar a esta altura e dizer que não sou capaz, estava a recuar. Não pode ser.

Então e em relação às peças de teatro?

Já alguma vez tinha feito alguma peça de teatro?

Ai as peças de teatro... Ahhh... ai já há muitos anos, muitos anos, quando andávamos na catequese. Fazíamos por exemplo na altura do Natal, fazíamos ou uma dança ou uma peça de teatro mas assim... prontos, nunca nada tão elaborado. Tão... tão... uma coisinha muito simples, ou uma canção, prontos. Nada assim tão elaborado.

Então, como é que se sentiu no início? Ter de construir o texto para depois ter de repre-

sentá-lo?

Ai... foi complicado... foi... Com medo, senti bastante medo. E... por... porque por exemplo a primeira história... (Toque do telemóvel) Ai peço desculpa. Peço desculpa. É a minha irmã. Ela tem as meninas.

Ahhh... senti imenso medo porque... pra já não começou muito bem, ahhh e o medo foi aumentando e depois aquela peça...

Mas por que é que achou que não começou muito bem?

Ahhh....Pela história em si, pela história não tava... porque também depois o grupo, umas puxavam pra um lado, outras puxavam pra outro e foi ali um bocadinho complicado de gerir... as opiniões (toque do telemóvel). Ai... é ... foi um bocado complicado e depois eu acho que essa primeira história que nunca ficou assim aquela coisa... ahhh... o bem feito, lá está a minha mania da perfeição. Acho que nunca ficou...

Mas não se identificou com a personagem?

Não, isso gostei. Gostei da personagem que me foi atribuída... gostei e... só que havia ali qualquer coisa, faltava ali qualquer coisa... prontos. Não, não sei o quê mas acho que tínhamos ali, temos ali um bocadin... um tempo morto. Eu acho que ... ahhh... devia haver ali uma coisa mais mexida, mais acção e prontos... Essa primeira história ficou-me sempre... mas gostei e... olhe pra lhe ser sincera, o dia em que gostei mais de a representar foi na última vez que fomos a Macieira, representamos lá no Centro... Acho que foi o único dia que eu... ahhh... que fizemos a peça e que senti realmente... houve ali mais acção, acho que houve ali mais qualquer coisa e... foi no dia que eu achei que realmente que ficou mais ou menos. Prontos, também não digo na perfeição mas mais ou menos. As outras... as outras... por exemplo a... esta última na magia do Natal era... era linda, prontos, era linda. Mas houve aquelas complicações todas (risos). Mas... mas gostei bastante, achei a peça muito bonita mesmo. Eu estava vestida de Alice no País das Maravilhas (risos). E prontos, gostei. E eu acho que me entreguei e posso não ter...mas pronto... a mim deram-me aquele papel, tentei... também era pouquinho... era... mas tentei fazer o máximo pra... pra que as coisas corresse mais ou menos bem, mas mesmo assim não correram muito bem (risos).

Então, e em relação às visitas que fizemos às três bibliotecas? Já tinha entrado nalguma biblioteca?

Ahhh. Há muitos, muitos anos mesmo, mas deixe-me falar doutra coisa da biblioteca... ahhhh... o interesse pela leitura, que não era nenhum (risos). E com, só com aquele excertozinho que me tinha dado da *Lua de Joana*, aquilo até...prontos, empolguei e tal... li o livro, gostei muito e acho que... que foi uma das coisas que... por exemplo, hoje sinto que... pronto... tenho aqueles momentos mortos em casa ou... por exemplo ao domingo que é raríssimo sair... ahhh... estou por casa, gosto de ler. As minhas filhas já ficam chateadas comigo (risos). Ahhh... porque depois elas vêm aqui ao quarto “Ó mãe anda”. Digo assim “mais um bocadinho”. “Ó mãe anda”. “Mais um bocadinho”. “Ó mãe anda”. Acabo por não ir a lado nenhum e elas depois ficam muito chateadas. Ahhh.... E há uma coisa que... eu não passava isso para as miúdas... ahhh.... E hoje a minha filha mais velha já requisita um livro na biblioteca da escola. Ahhh... ainda agora, foi ontem, que o entregou, entregou um... pronto, isso foi uma coisa muito boa que me aconteceu. Pronto, e eu gosto e além de gostar, também consegui passar pra miúda uma coisa que eu não tinha gosto, prontos, ela também não tinha e... hoje ela requisita o livrinho dela, já, já o lê. E... pronto, leu *A lua de Joana* também. Quando eu terminei eu disse “olha Soraia é um livro muito giro, é uma história muito gira... ahhh... e pra ti... até... fala de adolescentes”... ela então leu, também gostou. Prontos ...isso foi uma coisa ótima que me aconteceu.

Então, e de que outras diferenças falamos na leitura, além de sentir ter descoberto um bocado este prazer? Em que é que ajudou mais?

Olhe, ahhh... sei lá, se calhar, ahhh... na própria escrita pronto, e mais... e a mim pessoalmente. Ahhh... acho que ... hoje eu vou pra um gabinete com a minha filha e tenho sempre aquela coisa, se eu estou a ler um livro, tenho sempre a preocupação de meter o livro dentro da carteira pra levar p'ro curso, que é pra depois não me esquecer porque estou ali 1h/1h15 e gosto de estar a ler.

Prontos... preenche-me, prontos... preenche-me.

Acha que é um momento só seu?

É. É. Por exemplo, à noite posso ler assim um bocadinho mas não consigo estar a ler muito tempo, ahhh... mas, pronto, durante o dia, ou até mesmo enquanto estou a fazer o jantar, as miúdas estão a brincar lá pra cima e eu tou aqui um bocadinho... se eu estou a olhar para a televisão, pra quê que estou a olhar pra televisão? Agarro o livro e leio. Prontos... ahhh...acho que pra mim, que é bom. Sinto-me bem e... como a Elisabete deve calcular, né? Ajuda bastante, né? A pessoa...

E agora está a ler alguma coisa?

Tou a ler... ahhh... o que tava a ler, que ainda não terminei. É... as...a ... *A alquimia do amor*. Confundo sempre com as valquírias. É isso. Amanhã termino de certeza. Ah...também tenho de o entregar.

Como se sentiu com o crescimento da Centileia?

Ai a Centileia... cresceu muito, ficou muito grande. Nunca pensei! Ah... além de... comigo ter resultado bastante e ser uma coisa muito positiva, tentei que algumas colegas minhas me seguissem os passos mas... não consegui grande coisa! Mas...

Mas acha que foi porque a Beatriz não incentivou ...

Mais incentivo do que o que eu dei? Contava-lhe, relatava-lhe o livro todo e dizia-lhe "Tu vais gostar". E ela comprou os livros... mas mesmo assim. Eu acho que ela nem terminou o outro. Mas, lá está. Eu começo o livro e aquilo agarra-me de tal maneira que eu não descanso enquanto não o termino (risos). E prontos. Se calhar o que acontece comigo não acontece com as outras pessoas.

Mas acha que a Centileia a incentivou ainda a ler mais?

Eu não posso dizer que a Centileia que me incentivou. Eu li porque... me apetecia ler e se eu, por exemplo, eu comecei com Nicholas Sparks, acho as histórias dele encantadoras, muito românticas e tudo, assim muito sentimentais e ... gostei. E fui sempre procurando mais... pronto... não foi... claro que também

se a Centileia era pra crescer tinha que crescer, não é? Mas não foi uma coisa que me levou “tenho que pôr ali”, não...ahhh... foi porque esta história gostei e fez-me bem e fez-me sentir bem, fez-me sentir aqueles momentos bons mesmo. Vou ler outro pra ver... se é igual, se me faz sentir bem vou continuar. Tanto que ainda não mudei, tirando aquele *O Monte secou*, ainda não mudei de autor, mas tenho que mudar (risos). Ahhh... acho que, prontos, que a Centileia foi uma coisa boa que nos aconteceu, que me aconteceu mas que me tenha incentivado pra eu ler...ler...ler, não...

Ou seja, não foi por causa de existir uma Centileia que tudo começou? Foi mesmo por causa de um livro que tudo começou? Então, inscreveu-se na Biblioteca Rosa.

Foi. Só ainda não fui, por exemplo, gostava muito de ir lá com as miúdas à hora do conto, gostava de ... mas... espero começar a ir. Também me ajuda a mim, não é? Vou aprendendo e pra elas também é muito bom, uma distração, prontos... uma coisa diferente. Ahhh...

Tem requisitado muitos livros?

Ahhh... pois Nicholas Sparks (risos) ... é na Biblioteca mesmo. Não comprei ainda nenhum mas, pronto, vou lá e requesito.

Acha que o facto de se ter inscrito na biblioteca, a tem ajudado de alguma forma?

Ah... nesse aspecto tem, pronto... porque os livros não são assim a um preço tão acessível, né? E... nesse aspecto acho que... que é muito bom.

Então e nunca tinha pensado nisso antes?

Eu? Não, porque nós mergulhamos assim numa vida ou num ritmo de vida que chegamos... eu às vezes ponho-me a pensar “Ai meu Deus, eu vivia só pr’ aquilo” e...nunca pensei, prontos, voltar a ler ou começar a ler. Nem sequer me dava a pensar essas coisas, prontos...num... e...tanto isso agora o curso...pronto, não é? E é

muito bom mesmo.

E então, em relação às histórias que escreveu? Inicialmente começamos com uma brincadeira de uma história, não é? Do livro em branco e as letras atrevidas (risos). E a partir daqui vamos fazer o nosso livro em branco, vamos preencher o livro. Está em branco, vamos lá escrevê-lo. Uns meses depois, não muito, vem o erro criativo juntar-se ao livro em branco. E vocês têm uma série de histórias para escrever.

Pois... Foi um bocadinho complicado ao princípio mas... não posso dizer que tenha assim uma imaginação assim muito... mas pronto, comecei a escrever e...acho que aquilo já não era aquele bicho-de-sete-cabeças, aquela coisa assim... aquele bicho papão. Assim, vou escrever, vou dar muitos erros, vou... muita coisa mas...olha, vou expor as minhas ideias, as... a minha história e depois olha, seja o que Deus quiser. Pronto...foi...foi...comecei por aí assim mas... gostei...

O que é que sentiu?

Gostei de... uma pessoa vai buscar aquela meninice, aquela infância... sei lá, acho que até nos tornamos crianças outra vez (risos). E... e acho que foi uma experiência ótima.

E então em relação às visitas que fez das bibliotecas. Conheceu três bibliotecas diferentes. O que é que imaginava que era uma biblioteca?

Sim. Ahhh... Eu já sabia... biblioteca pra mim era aquele espaço

com aquelas prateleiras todas, enorme, ahhh... com muitos livros, muitos livros, muitos livros... agora... as bibliotecas são totalmente diferentes, não é? Gosto muito da Rosa. Não sei... gosto muito da Biblioteca Rosa.

Sente-se bem lá?

Sinto. E gosto...gostei muito também da última biblioteca a que fomos. Sim. A da outra nem tanto. Sim. Não achei assim os espaços muito... apesar desta... desta última que nós visitamos também por exemplo, o espaço da hora do conto também não era assim muito...a...a....

Acolhedor?

Sim. Pronto. Aqui esta de Pinheiro tem que é um espaço encantador. Ahhh... mas também gostei muito da última e depois da maneira como fomos recebidas, de... o espaço também, o espaço também era muito interessante...e...pronto...da última... da outra do meio é que não... não foi assim muito... chamativa. Mas... esta Rosa acho-a....

Então acha que o facto de ter visitado as bibliotecas, isso também a ajudou, de certa forma, com o trabalho que vai desenvolver com as crianças, que a ajudou a ver outras coisas?

Exacto. Pronto, fiquei a ter outra ideia do que é uma biblioteca, que não tinha. E... o que ela nos oferece também, isso também é importante. E depois agora o estar, o contacto com as crianças, acho que nas histórias, no conto, que ajuda bastante.

Costuma contar histórias às suas filhas?

Pois conto.

E como é que o faz?

Não todos os dias. Lá está: eu a contar as histórias pra elas já me sinto mais...sei lá... já digo aqueles disparates... aquelas... Ah...Pronto...ahhh...eu contar histórias pra elas e contar histórias na... prontos, no curso é totalmente diferente... conseguia-me soltar e com elas não. Há aqueles dias que é tudo a correr, né? E que elas não gostam nada e depois já vou a terminar e vai a pequenita "Ó mãe conta outra vez desde o princípio". E eu "ah".

Pronto. Mas... mas se calhar ele... pronto, já brinco até se calhar mais, já... já... já faço algumas representações da história, coisa que se calhar não fazia... pronto... acho que sim, que até...

E quando era pequena contavam-lhe histórias assim?

Pois não me lembro Elisabete (risos) ... não me lembro de me contarem histórias. Infelizmente não tenho essa ideia, não tenho mesmo.

Então e agora, depois de um ano num processo de formação, qual é, fazendo uma reflexão disto tudo, o que é que tem a dizer?

O que é que eu tenho a dizer? Gostei de tudo... ahhh... de tudo...ahhh... em sala, na sala, nos passeios, que não foi bem passeios, que nós demos, o que visitamos, ahhh... foi tudo uma experiência porque eu também não sou uma pessoa de sair muito, ahhh, pela primeira vez fui a Loureiro. Pronto, fui a sítios que nunca tinha ido. E... o curso além de, prontos, de me ajudar doutras maneiras, ajudou-me em muitos aspectos.

Sente-se mais rica?

Muito, muito mais. Mal é se eu não me hei-de sentir. Claro que sim...ahhh...muito mais mesmo. Sinto-me outra pessoa. É (risos). Prontos...sinto-me com... pronto... sinto-me com uma capacidade que, se calhar, há um tempo atrás eu achava que não tinha ou talvez com um valor que, se calhar, há um tempo atrás eu também não sentia. Prontos... que era capaz de... fazer e... de estar... e pronto. Acho que me enriqueceu bastante.

Descobriu uma nova Beatriz dentro de si?

Exacto. Às vezes é preciso acontecer estar coisas pra...nós nos percebermos que podemos ir mais além, que até ... conseguimos, que somos capazes e... depois as formadoras que nós tivemos também (Risos), não é? Também o mérito não é nosso, não é só nosso. Atenção! Também tivemos pessoas ali a apostar em nós e que acreditaram em nós, que nos deram força e que nos incentivaram e eu acho que isso pra mim... Por isso é que eu digo uma palavra de conforto, de... lá sou muito lamechas, não é?

(risos) Tem...pra mim vale tudo e ...pronto... um elogio, por pouquinho...

Houve alturas em que não eram só elogios. Como é que viu estes momentos? Como é que sentiu?

Exacto. Ahhh... fiquei assim com o pé atrás. Fiquei logo a... isto não correu bem. Foi naquela peça do ATL que eu dou assim, faço um olhar para a Elisabete e ela... cerrada. Eu, aí, isto correu pessimamente mal, isto não pode ter corrido bem. Mas, eu tive, eu tive a noção disso e também tive a noção porque eu... desbobino muito, muito, muito, muito, muito. Não... eu quando começamos a pôr as mesas e a organizar o espaço, aquilo não me cheirava lá assim muito bem. Não, isto vai ficar muito amontoado, vai ficar... muito... mas eu assim não vou estar já a pensar coisas más. Mas achei que aquilo ali, o espaço não estava a ficar muito adequado. E depois quando correu a peça também foi tudo muito à carreira, foi uma pressão enorme... foi acho que das únicas que me senti assim mais... Pressionada. Foi...mas pronto. Passou-se, foi mais uma actividade que fizemos, ahhh... mas gostei imenso de tudo mesmo, foi uma experiência boa mesmo.

E2**2008-02-02**

Então... eu chamo-me Carolina. Tenho 26 anos, sou casada. Moro em Vinhático... mas não sou daqui. Sou de Pessegueiro. Mais... Bem, não sou muito alta, não, não sou muito alta. Tenho cabelo enca... esticado, mas agora encaracolei-o (risos). Ah...mais... eu... eu... tem dias. Acho que sou uma pessoa assim... acho que sou acessível mas, se calhar, por ter sido a filha mais nova assim um bocado mimada...

Quantos irmãos?

3... ahhh...não, mentira. Ai Jesus. Tenho duas, comigo três. Mas acho que por ter sido a mais nova, a mais mimada, tenho a mania que é mais ou menos tudo à minha maneira. Pronto... quando a coisa corre um bocadinho mais para outro lado já é mais, como é que hei-de dizer... é mais difícil levarem-me. Ahhh... mas acho que sou muito acessível. Ahhh... Mais... ai, é tão complicado estar a falar de mim (risos).

Complicado porquê?

Não se conhece?

Conheço mas... é assim, eu no geral acho que sou uma pessoa muito acessível. Gosto muito de falar. Já se notou, não é? (risos) Gosto muito, mesmo muito de falar, de fazer novas amizades, de conhecer pessoas novas... ahhh (risos) Ai...deixe-me pensar... eu não sei, estão-me a faltar as palavras (risos) ...ahhhh.... Hummmm... ainda não chega de mim? De mim? Myself?

Há quanto tempo saiu da escola?

Há quanto tempo? Ui... pere aí tenho que fazer contas. Mas da escola durante o dia?

Sim.

Foi em 98. Foi em 98. Olhe, faz 10 anos.

Fez até que ano?

Fiz até... 9º incompleto.

Mas por que é que desistiu?

Ai, meu Deus...ai credo, ó mãe. Não lhe posso contar... então porque...Foi assim, os meus pai...eu fiz até ao 7º ano tudo seguido, nunca tinha faltado à escola...

E estudava onde?

Ahhh... Fiz a escola primária toda numa escola, depois o ciclo – 5º e 6º – no Ciclo de Limoeiro e no 7º mudámos para o Liceu de Pinheiro. Ahh... aí conheci novas pessoas, fiz novas amizades e nós... a escola toda à quarta-feira à tarde não tinha... não tinha, não tinha aulas mas nós ficávamos lá, acabávamos por ficar e só íamos pra casa à noite. Os meus pais não achavam muita piada a isso, depois eu não tinha aulas à quinta-feira, não à terça-feira de manhã não tinha aulas mas queria ir sempre pra escola. Os meus pais não acharam muita piada. Depois ao domingo, eu já tinha amigas novas, já queria sair, passear. Então os meus pais tiraram-me da escola.

No 7º ano?

Acabei o 7º ano. Passei mas os meus pais tiraram-me. E então eu fui aprender costura, durante mais ou menos dois anos. Só que depois abriu a escola nova em Pessegueiro e eu fui fazer o 8º ano lá. (suspiro). Depois desses anos fui fazer o 8º ano lá em Pessegueiro. Só que quando eu cheguei... os meus colegas eram dois anos mais novos que eu. Não foi muito fácil a adaptação. Eu não gostava da turma.

Mas os professores não a fizeram sentir à vontade?

Nã...os professores eram porreiros, à excepção do de Matemática. Nunca gostei da mulher mas depois gamei-a 3 anos. Nunca gostei dela. Ah... depois, esse ano, ahh...eu entrei em Outubro. Lógico que no 1º período tive 6 negativas mas no 2º já não tive nenhuma, consegui recuperar tudo. Só que depois, olhe, não sei o que me aconteceu. Conheci a Constança e a outra amiga, a Mariana. Olhe, foi o descalabro. Aulas esquece... não íamos às aulas...Reprovei... No 8º mesmo. Por faltas mesmo. Também já não fazia parte da escolaridade obrigatória. Então reprovei. Ah... depois fui outra vez para o 8º ano, ahhh... ficámos as 3 na mesma turma (risos). A Constança não ficou... mas passou pra nossa turma. E olhe, continuação do ano anterior, vida boa, passear...

Mas o que é que vocês faziam para não irem para as aulas?

Olhe, íamos pra minha casa. Íamos pra escola de autocarro de manhã, depois a minha mãe ia trabalhar e o meu pai. Depois nós regressávamos à minha casa. Estávamos lá o dia todo sem fazer nada. A sério. Ou então outros dias vínhamos a pé da escola. Era do estilo “ai eu hoje não me apetece ir”. “Ai a mim também não”. Então não vamos. Ai, peço desculpa mas tenho de me assoar. E depois, até que a minha mãe começou a receber as cartas, não, eu até... nós até conseguíamos ludibriar o correio. Entregar umas cartas, veja lá. Depois, a... a Directora de Turma chamou a minha mãe porque no 2º, passou o primeiro período e nós nisto, o 2º período e nós nisto.

Mas continuava a ter negativas?

Claro... então se eu não ia às aulas... Por amor de Deus. (risos) Como é que eu ia ter positiva? Depois no 2º período... ahhh... no meio do 2º período, a directora de Turma chamou a minha mãe que se eu desse mais uma falta que chumbava se... que... provavelmente não chumbava por faltas chumbava por negativas (risos) ...

Ou seja, os seus pais não faziam a menor ideia que tinha aquelas faltas.

Não porque eu não lhe entregava a carta da escola, né? Depois a minha mãe... ela todos os meses queria ir à Directora de Turma só que eu inventava uma desculpa “Ai ela não está, ela não sei quê”. Tinha de inventar, né? E depois... ah... a minha mãe chegou a casa nesse dia...

Então como é que conseguiu, a Directora de turma conseguiu falar com ela?

Porque telefonaram pra casa e quem atendeu foi a minha irmã. Eu tentei ludibriar a minha irmã.

A mais velha ou a do meio?

A do meio. Mas não resultou. E depois a minha mãe disse-me que

se reprovasse me tirava outra vez da escola. E então, a partir daí não pude faltar mais e consegui passar. A Constança e a Mariana reprovaram porque, pronto, não conseguiram... Também não faltaram mais mas também não conseguiram. Depois, 9º ano, apanhei uma turma de que até gostava... ahhh...ai Elisabete...isto... meu Deus o que lhe vou contar... ai Jesus... só a Constança é que sabe o que lhe vou contar. E depois a Constança começou a namorar com o marido dela e ele tinha um amigo e eu conheci o amigo dele e pronto... ai Cristo...Cristo... decidi sair da escola pra ir trabalhar pra poder casar.

No 9º ano? O que é que os seus pais disseram?

O meu pai não queria porque o meu pai sempre foi muito...

Mas estava a correr bem?

O 9º ano? Não, estava a correr bem porque eu tinha uma turma que eu gostava da turma. Apesar que nos intervalos estava sempre com a Constança e isso, mas eu gostava da turma com quem eu estava... ahhh... e estava a correr muito bem. Então, em Março, foi em Março, Fevereiro, Março decidi sair. E o meu pai deixou-me de falar. Pronto. A minha mãe nunca ligou assim muito... Pra poder casar, veja lá você bem a minha vida. Então fui trabalhar.

Foi trabalhar para onde?

Pra esse rapaz. Ele tinha dois talhos. Tinha um empregado num e ele estava no outro e eu fiquei com o empregado, só que na caixa. Elisabete...ahhh... pronto, e eu casei em Agosto desse ano. Só que como imagina... Tinha 17 anos. Ai Elisabete, você está a levar aqui um balde de água fria, não tá? Mas não queria sair de casa dos meus pais, não queria... queria ficar na casa dos meus pais. Depois os meus pais emprestaram-lhe dinheiro, um bocado de dinheiro... ahhh... depois eu já não queria casar... no Verão antes do casamento, já não queria casar. E depois... a minha mãe agora não, a minha mãe mudou muito mas sempre foi muito ligada ao dinheiro, a... se calhar por as coisas lhe terem custado tanto a ter... ahhh...e a minha mãe disse que agora eu não podia deixar de casar porque ele já tinha dinheiro dos meus pais e os meus pais nem tinham assinado por ele.

Mas emprestaram-lhe dinheiro porquê?

Porque os talhos estavam a correr mal. E então os meus pais

emprestaram-lhe dinheiro para cobrir as despesas que ele tinha. E então eu não queria...

Vocês estavam a namorar há pouco tempo?

Esta.... Namoramos, pois, foi há pouco tempo. Não pere, eu então conheci-o andava no 8º ano com a Constança, foi isso. Depois quando cheguei ao 9º, porque eu namorava com ele... namorei com ele mais ou menos um ano e depois... ahhh...os meus pais entretanto nessa parte emprestaram-lhe dinheiro porque, depois o pai dele faleceu e foi quando eu conheci a mãe dele. Ahhh... e começou a haver uma ligação mais próxima e depois a mãe dele disse que podíamos casar. Tudo começou por aí e não é que depois...e depois... pronto. Tudo começou a correr mal e os meus emprestaram-lhe o dinheiro. Ahhh...e então o meu pai, a minha mãe... ahhh...eu depois houve uma altura no Verão, antes o casamento, que íamos casar em Agosto, que eu já não queria casar.

Mas por que é que não queria casar?

Porque era muito nova, porque estava a trabalhar e até tinha o meu ordenado e... não queria, porque não queria sair de casa dos meus pais, só que...

Mas sentiu que ia a casar porque estava a ser pressionada por causa de todo aquele conjunto de situações dos seus pais terem emprestado dinheiro?

Era isso que eu estava a sentir e que não gostava dele o suficiente pra casar. Entretanto, a minha mãe disse que não podia ser porque eles agora já tinham algum dinheiro dos meus pais e que, pronto, não podia ser. Entretanto começou a envolver-se a minha irmã e assim uma confusão e então eu casei.

E as suas irmãs o que é que acharam?

Ahhh...a minha irmã mais velha...

Que diferença é que vocês têm? De idade.

Eu tenho da mais nova 8 anos, da mais velha são 9. A mais velha...ahhh...nunca deu assim muito...porque ela era assim um bocadito como a minha mãe, ligada mais a...ao dinheiro, aos bens e essas coisas assim. E então a minha mãe, a minha irmã a que, a uni..., a minha irmã que tem assim um raciocínio mais normal é a do meio. E então... eu acabei por casar mas no entanto não escolhi vestido, não escolhi restaurante, não escolhi nada...

Quem é que escolheu?

Toda a gente menos eu. O restaurante foi a mãe dele, o vestido foi a minha irmã, eu fui às provas. A minha mãe é que dizia faz alteração aqui, faz alteração acolá.

Então como é que sentia no meio disto tudo?

Olhe, sinceramente, depois já me deixei ir. Pronto. Pronto. No entanto depois nós casámos e eu quis ficar em casa da minha mãe. Os pais... a mãe dele... o pai, nessa altura, já tinha falecido, tinha uma casa da irmã dele só que eu não queria ir pra lá porque era independente e eu não quis. Entretanto, o casamento não durou um ano. Só que os meus pais... nunca tinha havido um divórcio na... no... na família. Eu estava a viver em casa dos meus pais e a minha mãe disse que eu tinha de aguentar.

Mas então ele não gostava de estar em casa dos seus pais?

Não. Eu é que não queria nada com ele. (risos) Mas ele sabia porque na altura eu não me queria casar, no Verão eu não me quis casar, não queria. Eu cheguei-lhe a dizer que não gostava dele pra casar mesmo e olhe... Ele é muito boa pessoa, coitado. Se calhar pensava que eu ia mudar, não sei...mas ele era boa pessoa, por acaso era. Só que eu não gostava dele e não queria... porque no entanto, ai... a minha mãe é que fazia o jantar, a minha mãe é que lavava a roupa, a minha mãe é que fazia as coisas todas. E depois ... ahhh... o casamento não durou um ano. Entretanto, eu depois comecei a dizer-lhe que se calhar o melhor era ele sair de casa dos meus pais porque, entretanto, ahhh...a minha sobrinha foi lá... não, não foi... o meu pai foi pra Alemanha. E a minha mãe começou a dormir sozinha. E eu comecei a dormir com a minha mãe. Pronto, e depois a minha mãe começou a ralar comigo e então comecei a dormir no outro quarto. Pronto. Começou logo assim. Depois então... mas estivemos assim 4 anos. Porque

depois ele já não queria ir embora... Ahhh... porque depois ele já não queria ir embora... porque eu achava que a minha mãe me ia pôr fora de casa e o meu pai, porque...nunca tinha havido um divórcio no casamen... no casamento... na família e porque lá o sítio toda a gente fala muito de toda a gente. Apesar de toda a gente se aperceber.... Porque... Então... ele ia pra um lado, eu ia p'ro outro. A única altura em que saíamos juntos era quando saía com a Constança e pronto.

Como é que aguentou quatro anos se em menos de um ano já não havia relação?

Ahhh... depois... ahhh... houve um dia... depois eu comecei... quis começar noutra sítio sem ser com ele nem com empregado dele. Ahhh... Entretanto ele fechou um talho.

Durante esse tempo todo continuou a trabalhar no talho com ele?

Sim no outro, com o outro funcionário dele. Só que entretanto, aquilo começou a correr ... durante esses 4 anos aquilo começou a correr mal. E então nós temos... eu fui conhecendo várias pessoas, alguns amigos dele e tudo e havia um rapaz que tinha... ai desculpe, isto não é fácil (assoa-se) ... havia um rapaz que estava a trabalhar com a mulher e que tinha dois talhos também, com charcutaria e tudo. E ele convidou-me se eu não queria ir trabalhar com ele. E eu fui com eles. Depois entretanto esse rapaz fechou e passou pra... o sítio onde eu estava passou a ser explorado pelo próprio supermercado. Eu fiquei na mesma. Entretanto ele, o trabalho... o meu ex-marido... o trabalho correu muito mal...ahhh... porque ele não estava a conseguir gerir as coisas, ele e o contabilista. Entretanto, o supermercado onde eu estava a trabalhar fez-lhe a proposta se ele não queria ficar de gerente dos talhos todos...ahhh... e ficar... ele a mandar mas tinha de trabalhar pra eles. E então foi isso que ele fez. Só que depois a minha irmã Sara, o namo... marido dela, na altura ela já era casada, sempre andou muito atrás de mim: a ver o que é que eu fazia, o que é que eu não fazia e então a convidar o meu ex-marido para saírem para ver onde é que eu andava, onde é que não andava, com quem eu andava, essas coisas todas. Então

começaram-me a controlar muito. Ahhh... e então... porque eu estava sempre com a minha irmã, eu e essa minha irmã temos uma ligação muito grande. E então estava sempre com a minha irmã. Só que entretanto quando eu fui trabalhar pra esse rapaz conheci pessoas novas, uma raparigas que era irmã da mulher dele. E eu comecei a sair com o grupo delas, mas inventava tudo mentiras porque, primeiro, a minha mãe não podia saber que eu saía sozinha. Então começava a inventar altas mentiras. Mesmo. Ahhh... entretanto o meu cunhado começou a andar atrás de mim e depois o meu ex-marido também e depois quando eu chegava a casa já toda a gente sabia onde é que eu tinha ido. Era assim. Entretanto, nesse grupo eu conheci o Pedro. Ahhh... mas pronto, nós falávamos mas não nos ligávamos muito. Falávamos essas coisas assim.

Isso foi mais ou menos em que ano?

Ai...pore lá então olhe, eu casei-me em 98. Ahhh...em 99 eu já não... nós casamos em Agosto e fomos de férias. Se eu lhe disser que as minhas férias, eu apanhava um autocarro pra um lado e ele p'ro outro e não sei quê... só aparecia à noite pra comer. Ahhh...em 99 pr' aí quê, antes do Verão, eu já não... já estava a dormir com a minha mãe porque já não podia ver o homem nem pintado, quanto mais... (risos) mas... Que eu conheci o Pedro? Então, olhe faz este Verão, faz agora 6 anos. Este Verão. Ai que estupidez! Faz agora em Janeiro. Ahhh... fez em Janeiro, queria eu dizer. Então, se estamos em 2008, foi pr' aí em 2002. Conheci o Pedro, mas nós não... porque ele era uma pessoa muito reservada mas eu também estava com as colegas, também não ... pronto... isto em Janeiro. Depois ... ahhh...nós íamos saindo sempre todos em grupo e eu tinha de ir inventando desculpas para poder sair e depois a minha mãe não deixava e depois não sei quê. Mas se não apanhas júizo vais embora. Entretanto, a minha mais velha separou-se, ela chateou-se, eles chatearam-se e separaram-se. (Tosse) Ai desculpe. E a minha sobrinha foi viver lá pra casa porque a minha irmã foi pra França trabalhar. E eu comecei a dormi... a minha sobrinha tem diferença de mim de 9 anos e eu comecei a ... porque os meus pais, o quarto deles era lá em baixo, o meu quarto mesmo era lá em cima dormir e depois ainda tinha o quarto do... dos meus pais também mas lá em cima. E a minha sobrinha ir pr' aí. Porque era o quarto onde eu dormia

antes da minha sobrinha chegar. E então eu comecei a dormir com a minha sobrinha e depois a minha sobrinha começou a dizer à minha mãe que eu afinal dormia lá em... que dormia no outro quarto. A descobrir-me as carecas todas. E depois porque a minha sobrinha, ou...eu tinha o telemóvel na mesa-de-cabeceira e se estava na casa de banho ou a ver televisão na sala ele lia e depois contava à minha mãe. Pronto... comecei assim a ser descoberta. Ahhh ...e depois... ahhh... nessa altura... deixe-me pensar onde é que eu estou... estou ainda em Janeiro...prontos... eles começaram a andar mais atrás de mim, marcação mais cerrada. A minha irmã depois separou-se, a minha sobrinha foi pra lá, começava ... pronto... começava a ver as coisas e ia contar à minha mãe. Mas à noite não saía porque... ai de mim que saísse à noite... a minha mãe matava-me. Então à noite não saía. Mas pronto, quando saía do trabalho, ou na hora do almoço ou ao domingo lanchava com o grupo dos amigos e tudo. Entretanto, mais ou menos por altura do... do Verão, ahhh... o Pedro, em tom de brincadeira lá, trocámos os números de telefone uns com os outros. Como os rapazes, porque nós saíamos quer rapazes quer raparigas mas não nos ligávamos muito... havia sempre alguém que combinasse “olha, amanhã aqui todos”. Pronto. Então começámos... trocámos número... começou-me a mandar mensagens e eu a ele porque ele não sabia que eu era casada. A ... a minha colega, a irmã do... a cunhada do meu patrão sabia. Ah...E então uma vez nós combinámos...

Mas não usava aliança?

Não, não, não. Eu desde esse... que comecei a dormir com a minha mãe e tudo nunca mais usei a aliança. E então a minha... a minha ... a minha colega sabia mas as outras não porque isso foi sempre uma coisa que me envergonhou muito, que me envergonho mesmo e então nunca falo disso. E então, uma vez ele convidou-me pra tomar café. Ahhh...depois ele... ahh...eu descobri que ele trabalhava, quer dizer eu já sabia mais ou menos, que ele trabalhava na firma onde a minha irmã trabalha. Pronto. E então uma vez ele convidou-me pra sair e nós marcámos no mesmo sítio, lancharmos e conversarmos e a minha irmã, esperta, fui perguntar à minha irmã se o Pedro namorava e não sei quê e a minha irmã disse que sim. Que no antigo mês de Dezembro, no passado mês de Dezembro eles tinham ido ao jantar da empresa e que o Pedro lhe disse que estava chateado com a namorada dele,

mas que pronto, estava arrependido de se terem chateado e a minha irmã disse “mas não sei se eram mais os copos a falarem por ele se era mesmo ele”. Ah... eu já sabia, então ia de macaca, inspeccionar a situação (risos). Só que nesse dia ele disse-me que não namorava e tal... eu também não lhe contei que era casada. Caladinha (risos). Pronto...entretanto depois começaram a chegar os outros amigos e...a conversa acabava por nunca se desenrolar muito. Ah... depois houve uma vez que ele me convidou mesmo pra sairmos. Fomos apanhados... ahh... nós encontramos-nos no mesmo sítio, eu deixei o meu carro e saí com ele. Olhe, encontramos o meu cunhado pelo caminho. Então não está bem a ver, o meu cunhado atrás de nós, nós a fugir do meu cunhado... um filme. A sério... um filme. Foi nesse dia que o meu cunhado, depois, foi dizer à minha mãe. Foi dizer lá ao *man* que lá morava em cada, ao hospedeiro, ahhh... e no outro dia no trabalho, ele era o meu chefe. Ele disse-me “Hoje não tens hora de almoço”. Eu tinha combinado ir almoçar com o Pedro. Eu disse “Quê?”. Hoje não tens hora de almoço. Olha, desculpa mas tenho. Porque eu tinha sempre a hora de almoço era da uma às três. Desculpa mas tenho e saí. Quando saí fui almoçar com o Pedro e quando vim o meu cunhado tinha andado atrás de mim, sabia onde é que tinha ido almoçar e tudo. E então nesse dia eu disse que não estava mais pra isto, não tinha que mentir a ninguém, não tinha nada... Nessa altura, o meu pai ainda estava na Alemanha. Eu nesse dia telefonei ao Pedro. O Pedro foi buscar-me ao trabalho e disse-lhe a situação é esta assim-assim. Eu sou casada, a situação é esta e o gajo...

Como é que ele reagiu?

Ele ficou pra vida dele. Eu mostrei-lhe o meu bilhete de identidade e ele não acreditava. A sério. E eu perguntei-lhe “então mas tu não achaste estranho porque pronto” e ele disse que não porque às vezes há pessoas que com o trabalho não dá pra sair quando queremos. Outras vezes vimos cansados que não dá pra sair. E ele disse não, eu perguntava às vezes à Isabel por ti e ela dizia que tinhas saído mas num... nada assim... (risos) Mostrei-lhe o bilhete de identidade e ele não acreditava. Pronto. Entretanto, eu nesse dia, o meu cunhado tinha esperado eu sair do trabalho e viu que o Pedro me tinha ido buscar. Então foi buscar a minha mãe e puseram-se na rua que vai dar à casa da minha mãe pra minha

mãe me ver a chegar com outra pessoa. Só que, eu mais inteligente (risos), fiquei no sítio do autocarro e vim a pé pra casa. Quando cheguei a casa eu disse à minha sobrinha “A vó?”. Não te posso dizer. Mau, não me podes dizer? Então, ludibriei-a um bocadito, que ela vendia-se logo por pouco. Ela disse-me “olha, o Pinto veio buscar a avó pra te verem chegar com outro rapaz”. Eu disse “não”. Ela “foi”. Então... Então esperei a minha mãe chegar. A minha mãe chegou. Nós jantámos e a minha mãe sem dizer nada. Jantámos. Esperei a minha mãe ir pra cama, esperei a minha sobrinha deitar-se e fui falar com a minha mãe. Disse à minha mãe como a minha mãe já sabia que eu já há quatro anos que o António morava ali e que ...pronto...que eu não gostava dele, que não o queria pra nada. Mas que... agora tinha conhecido uma pessoa que estava a gostar dela. A minha mãe quase lhe dava um colapso mas disse à minha mãe que não namorava, que não nada, que...saíamos pronto... ahh...e a minha mãe disse “então se realmente é isso, tens de fazer as coisas bem feitas”. Ui, quando a minha mãe me disse isto fiquei toda contente (risos). Pronto, “falas com o António e o António tem de ir embora”. Eu disse “tá bem”. Então esperei o magano esperar, amigo pega na tua trouxa e põe-te a andar daqui. Pronto, disse-lhe que já não...não... não havia mesmo mais tempo pra ele estar ali. Se ele não queria ir pra casa da mãe, que alugasse qualquer coisa mas que não podia estar ali a prejudicar a minha vida. E pronto. Então ele foi embora. Mas foi logo dizer ao meu cunhado. Bah...Pronto... mas ele... coitado... ele gostava de mim, ele, no fundo, estava ali a ver se eu mudava mas... então... se eu não tinha mudado? Cristo, também é burro, é calhau um bocadito. E então ... ahhh... ele foi embora. Depois... o meu cunhado telefonou pró meu pai e o meu pai ao outro dia chegou a casa.

Veio da Alemanha?

O meu pai... o meu pai veio pra casa. Então imagine tocarem à campainha, eu ir abrir a porta e ser o meu pai. Ai Jesus, quase que me dava uma coisa má... nesse dia...

Mas tinha dito que a sua irmã se tinha separado.

Sim, a minha irmã tinha-se separado. E daí a minha mãe ter mudado tanto.

E o mesmo aconteceu com o seu pai?

Ah...o meu pai...eu sempre gostei muito do meu pai. O meu pai sempre foi uma pessoa muito compreensiva mas quando tinha de... pronto, quando ele... quando ele... como é que eu lhe hei-de explicar... pra ele não havia nem muito nem pouco. Não havia meio-termo, era de um extremo ao outro. Ahhh...se a situação não estava bem ele fazia logo, era logo castigo, era logo... não havia hipótese. Mas sempre foi uma pessoa também muito justa. Ah... e o meu pai... o meu pai chegou. Foi uma festa e tal... eu não esperei para mais tarde. Falei logo com o meu pai. Coitado. Ia tendo uma coisa má. Mas, ah... compreendeu. Ah...Só me disse que eu ia viver lá em casa, ia ter que ter juízo porque eu não pensava que se me ia separar, ia fazer uma vida depois chegar às tantas a casa, aquelas coisas, prontos, que acho que a Elisabete sabe. Ah... porque eu sempre fui a mais nova, como lhe disse, olhe, faltava às aulas, tirava as cartas à minha mãe pra minha mãe não saber, sempre dei que fazer à cabeça dos meus pais, pronto. Andaram sempre muito ocupados estes anos da minha adolescência. (Tosse). O meu pai nunca foi muito de acordo de eu casar. Assim, sempre me disse que havia outras possibilidades, só que a minha mãe sempre me pressionou muito. O meu pai nem tanto (tosse). Depois... ah... eles se calhar... acho que estavam à espera de ver outra vez aquela irresponsabilidade toda em mim... apanhava-me com carta, com carro, com trabalho e...se calhar... e eu fiz totalmente o oposto do que os meus pais estavam à espera.

Mas já tinha a carta
nessa altura?

Já. Então, olhe... assim que fiz 18 anos, ai amigo, fui logo tirar a carta (risos). Ai, eu era tão tola, meu Deus...mas quer dizer, tola mas nunca me prejudiquei. Era mesmo só porque os meus pais não me deixavam sair, não me davam liberdade e eu atão queria era liberdade. Pronto. E depois... ahhh... eu fiz totalmente o oposto porque entretanto depois ah... ele saiu... eu num mês separei-me... eu num mês tive os papéis... sim, num mês separei-me. Ahhh... porque não havia bens a dividir (risos), não havia filhos, não havia nada, pronto (risos), então eu separei-me. Ah... nós num mês tratámos disso tudo. Entretanto, as coisas com o Pedro, pronto, iam indo, iam evoluindo, só que ele contou-me que ele tinha uma namorada. Que ela era francesa só que veio pra cá pra casa dum tio. Porque numas férias conheceram-se e ele tinha

uma namorada. Que trabalhadeira ah! Ah... só que depois... eles tinham acabado nesse Natal que a minha irmã tinha falado com o Pedro. Só que a rapariga andava-lhe sempre... que não tinha cá ninguém, que ele era... pronto... quando se sentia triste telefonava pra ele e aquele *pamonha* andava sempre atrás da rapariga. Pronto, só que ... depois no Verão, já tinha os papéis do divórcio e tudo, continuava a sair com as minhas colegas, o Pedro deu a entender, o *man*, que queria alguma coisa comigo. Só que eu já sabia que ele tinha essa rapariga. E ele dizia-me que não namorava com ela. Mas eu sabia lá. O que é certo é que havia dias que não saía connosco. Depois, houve um dia que ele me mandou uma mensagem a perguntar se nos podíamos encontrar. Eu aí tive de pedir à minha mãe para sair à noite. Ui, que filme! Pronto, eu pedi à minha mãe. Mas disse-lhe a verdade e a minha mãe deixou, desde que eu chegasse a horas, pronto. E ele disse que gostava de namorar comigo, nanana. Tudo bem então ... que gostava de namorar comigo... decides ou eu ou ela. Depois disse-lhe “sabes que...a situação... venho de uma separação, os meus pais não estão minimamente agora... ahhh... a eu chegar ao pé deles e dizer-lhes “olha, arranjei um namorado e tal e depois o namorado, olha foi ter com a outra namorada”. Pronto. Entretanto, o Pedro então acabou mesmo com a outra rapariga mas a outra rapariga andava-lhe sempre a mandar mensagens. Ah... e eu contei à minha mãe e ao meu pai... disse que tinha arranjado um namorado, que gostava de começar a sair, de poder sair. E o meu pai disse “aqui em casa ele não entra, por enquanto ele não entra”. Mas se vocês querem sair, podem sair. Mas não penses que vais andar durante a noite por aí. Pronto. Mas o que é certo é que eu ia fazendo as coisas bem feitas, ligava à minha mãe “olha...ahh... vou sair... olha”, pronto...só que o meu cunhado andava sempre atrás de nós. Sempre. Sempre, sempre. E... uma vez eu estava em Pereira, a minha mãe disse pra eu estar em casa às 11h, porque a minha mãe à sexta-feira e ao sábado trabalha à noite. Das ... 7h30 às 11h porque ela trabalha num restaurante, é ajudante da cozinheira. E então eu disse à minha mãe que ia tomar café, só que eram 10h30 e ... e eu estava no café e vi o meu cunhado a passar a pé.

O que é que a sua irmã dizia disso tudo?

A minha irmã metade não sabia, metade sabia. Olhe... não sei,

nunca cheguei a perceber muito bem. E então o meu cunhado ia a passar e eu telefonei à minha mãe e disse “Olha mamã, tou em Pereira, não te preocupes mas o Pinto passou aqui assim-assim. E a minha mãe disse “Eu sei. Ele esteve aqui a dizer-me que tu estavas em Pereira numa mesa com um rapaz, com outra rapariga e mais dois rapazes”. Ahhh... depois nesse, no outro sábado a seguir, eu... eu saí. Tinha pedido à minha mãe, disse que ia com a Constança mas não era (risos). Ahhh... que era pra ir pra discoteca e então... antes disso tínhamos ido a um bar a Oliveira. E era uma da manhã. Ah... o meu cunhado ah... foi chamar o meu pai, o meu estava em casa, acordar o meu pai que eu estava à uma da manhã em Oliveira no bar, um barzinho que lá tem na praia. Ah... a cor.. que era uma vergonha à uma da manhã... prontos...

Mas que idade é que tem o seu cunhado?

O meu cunhado agora? Já tem 35, acho eu. E então... depois eu cheguei a casa pé ante pé, enfiei-me na cama e ao outro dia a minha mãe foi-me acordar eram 9 da manhã “Ó Carolina levanta-se, não fiques até tarde na cama porque ontem o Pinto veio aqui assim-assim”

A sua mãe a partir dessa altura começou a falar mais consigo?

Porque... eu acho que mudámos muito as duas porque... primeiro a minha mãe acho que mudou muito a partir da separação da minha irmã, mudou mesmo muito, e depois ah...eu acho que eles estavam à espera que eu tomasse uma posição de inconsciente como era dantes, quando andava na escola, que dali pra frente fizesse igual. Só que eu não fiz. Ahh... pronto, continuei com a minha vida normal, a trabalhar e não era por isso que eu queria sair isto ou aquilo. Eu nesses 4 anos, tentava sair, mentir e essas coisas todas. Não ia pelo melhor caminho, só que os meus pais não estavam à espera que eu tomasse essa posição, de me comportar normalmente (risos), normal. E então.... Ahhh...a minha mãe... sempre que...conversava muito com a minha mãe e.... E então a minha mãe também. Entretanto o meu pai nunca mais foi pra Alemanha, já não foi mais. Coitado, deve ter pensado, então eu vou pra Alemanha e a casa cai. E a minha mãe disse: “Ó Carolina, levanta-te, pra não te levatares tarde, porque o teu pai

depois diz que estiveste tarde e...” O meu pai nessas coisas era muito... mais um lenço.... O meu pai era muito... muito rígido. E eu levantei-me e perguntei à minha mãe o que é que se tinha passado. E ela disse: “olha, foi o Pinto que ontem veio cá a casa, era 1h da manhã, assim-assim, a dizer ao teu pai que era uma vergonha. E eu ihhh... té logo, temos problemas... entretanto, o que é que eu faço? Já farta e chateada de andarem sempre atrás de mim, mandei uma mensagem ao meu cunhado e disse-lhe”Olha, hades-me quanto é que eu te devo pelos teus serviços de guarda-costas porque não te quero ficar a dever nada”. A minha irmã é que leu a mensagem. E vieram ele e a minha irmã à casa dos meus pais. Foi um banzé. E eu disse que andava farta de ele andar atrás de mim porque eu não lhe devia nada. E eu nem sequer era irmã dele. O que é que ele queria de mim? Nanana... pronto, e ele sempre com a desculpa que eu ia estragar a minha vida, que agora já não ligava.... Ahhh... porque entretanto eu deixei de ir tanto pra casa da minha irmã, que eu já não ligava nenhuma à minha irmã... ahhh.... E que pra já não ia permitir que mais nenhum homem tomasse o lugar do António em casa. Se os meus pais não faziam nada, que fazia ele. E eu disse que ele nem...ele... não tinha nada...

E os seus pais não diziam nada?

Estávamos os seis em casa... os seis nada... o Pedro não tava. Estavam... Estávamos os cinco. Ahhh... e eu... Não, os meus pais nunca se meteram. Ele chegou... eles chegaram, começaram a mandar vir e eu a responder e os meus pais nunca se meteram e eu... depois... eu disse que tudo o que tava a fazer era com o consentimento dos meus pais, não dava um passo sem dizer aos meus pais, por isso ele não tinha nada que se meter. Como ele viu que os meus pais não se tavam a meter, ele disse: “Ahhh... então é assim, se esse gajo entrar aqui eu não entro mais”. E ele nunca tinha entrado lá em casa. E eu disse: “Então, olha, é fácil. A partir de hoje o Pedro entra aqui e tava bom prós meus pais (sorrindo), os meus pais disseram que por enquanto não entrava lá. Então é fácil, a partir de hoje, o Pedro entra cá e tu só entras se quiseres. Entretanto os meus pais não me disseram nada e como os meus pais não me tiraram a razão, nem lhe tiraram a ele, ele ficou chateado e foi-se embora. Então, a partir desse dia, o meu pai disse que, com peso e medida, o Pedro podia ir lá entrando.

Pronto. E... pronto... e...foi assim que isto depois foi... depois o Pedro começou a lá entrar. Ah...

Os seus pais gostaram dele?

Ahhhh... o Pedro nunca foi muito de falar... nunca foi muito de passar cart... bom dia, boa tarde. Nunca foi homem de falar. Mas... se calhar como eu me comportava de uma forma normal, os meus pais confiavam em mim. Ahh... depois entretanto, a minha irmã... tínhamos a minha sobrinha conosco também... ahh... pronto, entretanto, o Pedro começava a dizer... a falar qualquer coisa com os meus pais... ahhh... a conversar isto ou aquilo mas assim coisas ... normais. Depois o meu cunhado deixou de falar pra mim, deixou de ir à minha casa... ahhh... deixou de falar pra minha mãe. Pronto, ahhh... assim coisas... mas... as coisas foram avançando, depois eu fui falando sempre com a minha irmã, explicando à minha irmã como as coisas tinham acontecido. Pronto... e mais (risos) ... por que é que eu estava a contar isto tudo? Ai...

Namorou quantos anos com o Pedro?

Com o Pedro? Então, olhe do Verão, foi pr' aí de Setembro de 2002 até... até... pere lá... depois nós estamos aqui... ainda ontem tive esta conversa com a Manuela. Esta conversa, não isto tudo, a falar há quanto tempo estava na minha casa. Ah... vim pra minha casa fez em Agosto de 2007, Agosto de 2007 um ano. Então 2006, não é? Foi em 2006, no início que começamos a procurar casa para comprar. Depois... depois... ahhh... o Pedro ... porque ele não falava em casar, não falava em nada. E sinceramente eu também não... Tinha medo das coisas mas ele um dia disse-me que tava na altura de começarmos a pensar em qualquer coisa pra nós, pronto. Só que eu disse que casar que não. Não queria. Ah... e falei com o meu pai por causa de comprarmos casa. E o meu pai não queria porque a casa do meu pai, dos meus pais é de primeiro andar... ahh.. e o meu pai nunca...nunca teve necessidade, vamos supor assim, de comprar nada que tivesse ao fim do mês de pagar. Sempre... era ao contrário... eles juntavam o dinheiro e compravam. E o meu pai não punha na cabeça que hoje em dia para comprar uma casa ou um carro que tínhamos de fazer assim. O meu pai não era nessa...

nessa opinião. Não queria. Disse que preferia que nós ficássemos na parte de cima, se o meu pai quise... se nós quiséssemos que o meu pai fazia uma cozinha na parte de cima, que fechávamos... que fechava a parte de cima pra nós e que todos os meses lhe dávamos 250 euros e que o meu pai ia, numa conta connosco, ia pondo o dinheiro lá e quando, imagine, quando tivéssemos dinheiro comprávamos a casa (risos). O meu pai é mesmo um forreta ... o Tone Marques. E então o Pedro não queria, disse que não, que tinha de ser uma coisa à parte mesmo, não podíamos, não... pronto... que assim não era vida. Entretanto, comecei... mas eu perguntei ao meu pai se ele, se fosse preciso fiadores, se ele era meu fiador e tudo, porque entretanto eu deixei o trabalho, né? Pois... esqueci-me de lhe dizer... pois eu deixei o trabalho. Ahhh... ahhh. Se ele era fiador... o meu pai disse que sim, que pronto não me queria mal... tava a tentar ver as coisas da melhor forma mas se já que eu não queria, que ia ver, que me ajudava...pronto... quando fosse preciso. Entretanto, olhe, começamos à procura de casa e fomos... andamos desde Janeiro até Abril ... não... foi desde... acho que desde o Natal de 2005. Ah... depois encontramos a casa, falamos com os meus pais... os meus pais vieram ver. Pronto... depois fizemos os papéis para ... pra casa... Bem, andamos ali um mês muito nervosos (sorriso). Depois veio a resposta. Depois viemos pra cá em Agosto de 2006.

Nessa altura não trabalhava?

Não, trabalhava, trabalhava. Sim porque eu deixei de trabalhar foi... na... no supermercado porque não podia... eu deixei de trabalhar no supermercado mas o ... o patrão tinha-me feito a proposta que eu deixava a charcutaria... a charcutaria e o talho e vinha pró supermercado mesmo. Mas eu não quis porque ia acabar por ficar tudo no mesmo ambiente e eu não podia ser. E pronto. Entretanto havia uma senhora em Pessegueiro que... toma... tinha...a casa dela e ela tinha outra casa alugada, onde tinha crianças e um... eram 3 idosos. Pronto, e precisava de uma pessoa que tivesse lá porque ela tinha de levar as crianças à escola ... ahhh... e eu fui trabalhar com essa... com essa senhora. Pronto... ahh... e depois... só que não tinha recibos, não tinha... não tinha nada. Depois... antes... na altura de eu comprar a casa, pronto... mas ela passou-me uma carta porque como eu não tinha recibos, eu não tinha nada, eu precisava de um comprovativo.

Então ela passou-me, escreveu-me uma carta que eu trabalhava lá, quanto é que ganhava, pronto. Ahhh... e então, mas mesmo assim nós precisávamos dos fiadores. Pronto, entretanto, vie... fomos organizando a nossa vida de modo a ... durante este tempo todo o Pedro nunca falou pró meu cunhado, fomos organizando a nossa vida, de modo a que depois vínhamos cá pra casa. Depois, arranjei um trabalho em Castanheiro que... com papéis e tudo... que era numa casa de costura, que foi uma amiga da Constança... ahh... e eu fui... preferi porque, por um lado, ia ganhar igual, ia ganhar na mesma os quinhentos euros, só que ia de forma que tinha papéis... pronto. Caso... subsídio de férias, que naquela senhora não tinha. Pronto. E acabava por render mais esse aspecto do que... do que tar lá. Ahhh... e eu mudei pra Castanheiro. Depois... ahhh... viemos cá pra casa. E uma vez, em tom de brincadeira, a minha mãe disse “Olha que agora já tas... (porque os meus pais sempre são muito... cert..., certinhos entre aspas), olha que não era nada mal pensado casarem”. E eu “casar não”. Então viemos cá pra casa. Depois ... porque ele na altura quando nós viemos, tínhamos a prestação da casa, a prestação de uma mota que ele tinha comprado e a prestação do carro dele. E eu disse que agora não podia ser. Não podíamos casar. Entretanto, prontos, juntámos os nossos dinheiros e pagámos a mota dele e ficou a casa e o carro. E eu disse que podíamos pensar em casar porque depois o dinheiro que tinha ficado do restante da mota... em vez de fazermos assim uma coisa muito em grande... pronto, pra não irmos por isso... mas... ah... estivemos desde Agosto até ... até ao Natal que nunca falamos nisso de casar. Só que depois no Natal, pela altura do Natal, a minha patroa decidiu, porque eles eram brasileiros, que se calhar estava na altura... que queria fechar aquilo... que queria fechar... que se calhar o melhor era fechar e não sei quê... Os planos... pronto... porque nós estávamos com ideias de comprar logo a sala pr’ aqui. Muitos planos começaram a ir por água abaixo. E eu comecei a ficar aflita porque tínhamos a casa e o carro e essas coisas assim. Ahhh.... Depois ... a...a... ela disse-me se eu queria ficar... ah... uma colega minha saiu, foi trabalhar pra outro sítio, pronto, e a minha colega tava a ver se conseguia que eu fosse pró mesmo sítio onde ela estava. Também era uma loja de costura, só que no que era no Cedro. Entretanto... ahhh... ela fechou mesmo e eu fiquei em casa. Na semana do Natal já não fomos traba...

depois do Natal já não fomos trabalhar. Ahhh... e a Constança em Janeiro disse-me, em Janeiro, no final de Dezembro, foi mesmo naquela semana do Natal, depois do Natal, entre o Natal e a passagem de ano, ela disse-me: “Olha, o Sr. Joaquim, que era o presidente da Junta, disse-me que ia abrir um curso assim-assim. Ó pá não te queres ir inscrever? Eu já me inscrevi, já falei com a Dra. Não te queres ir inscrever?”. Ahhh... eu disse: “será que posso?”. E entretanto ela disse-me: “Olha, eu amanhã vou ter de ir buscar à Segurança Social um papel, ao fundo desemprego. Podias fazer a mesma coisa e ... depois marcávamos uma hora e tu ias falar com a Dra. Patrícia”. E assim fizemos. E depois a Dra. Patrícia disse que ficava contente porque precisava mesmo de gente nova lá no curso, que havia muita gente já com uma certa idade mas que depois nos dava a resposta se entrávamos ou não. Entretanto, depois falamos com a Dra. Cláudia. Ahhh... depois ela telefonou-nos, a uma quinta-feira à tarde. Eu e a Constança tínhamos ido a (já não me recordo...) ... tínhamos ido a Aveiro e ela... a Dra. Patrícia telefonou pra Constança e disse: “Olhe, era pra dizer que você... que passou, que vai entrar no curso. Ahh... olhe, e já agora, a sua amiga... “. E ela “olhe, ela tá aqui”. “Olhe, então diga-lhe que ela também passou e que vamos ter uma reunião para começarmos todas”. E depois... a partir... eu cheguei a casa, disse ao Pedro... ahhh... e ele disse-me “Então já podemos começar a pensar em casar, uma vez que já não vai haver aqui destabili... ahahh... destabilização, né assim? Ah... podemos pensar em casar. E assim fizemos. Começamos a preparar tudo. Entretanto eu falei primeiro com a Dra. Cláudia e a Dra. Patrícia que estava a pensar casar e não sei quê e elas disseram que tinha aquelas faltas justificadas, pronto. E foi assim que depois em... em Abril casámos. Ahhh... mas não fizemos nada assim de grande, convidamos as pessoas mais chegadas, foram cerca de 40 pessoas, mais chegadas. Entretanto, depois quando viemos pra cá, marcámos um dia e falamos com a minha irmã, o meu cunhado, pronto, assim uma conversa... mas o Pedro nunca lhe passou muito cartão a ele... não, nunca passou. Ahhh... e... e pronto... e... foi... em Abril depois casámos. Fizemos assim uma coisa... bonitinha, nada de grandes festarolas mas uma coisa bonitinha. Acho que a minha mãe e o meu pai estavam muito... muito felizes e... hoje... depois pronto, já passou este tempo e o curso já está quase a acabar... ahhh... temo.... Olhe, digo-lhe, há

coisas que nos acontecem que... acontecem e passam, não é? E que não deixam qualquer tipo de... de marcas mas...ahhh... isto aqui de eu ter casado... aqueles cinco anos da minha vida foram os piores cinco anos da minha vida... os piores, digo-lhe, juro-lhe. Foram os piores cinco anos da minha vida mas que serviu para eu aprender muito. Então toda a gente diz que eu mudei mesmo muito.

Acha que cresceu?
Sente que cresceu muito mais do que o que seria normal?

Muito, muito. Eu nesses cinco anos não era uma pessoa feliz, não era mesmo. É que não era mesmo feliz. Eu havia dias que chegava do trabalho, tomava banho ahhh... sentava-me na cama ahhh... e chorava como uma desalmada. Mas se me perguntasse porque estava a chorar eu não sabia dizer. Só sei que eu chorava que nem uma perdida. Depois, nesses cinco anos ainda tentei estudar à noite, mas nada me satisfazia, sabe?

Mas chegou a inscrever-se?

Não, eu inscrevi-me e fiz algumas unidades e tudo. Mas num... pronto... depois deixava. Nunca me interessava por nada, nunca conseguia... ahhh... acho que é a primeira vez que ... mas mesmo a sério, na minha vida que consigo começar uma coisa e acabá-la porque...

Então, quando a Constança lhe falou do curso, o que é que achou? Vou porque a Constança também lá está?

Não, porque, primeiro de tudo... ai vou ser-lhe sincera como fui com a Dra. Cláudia... por causa do 9º ano porque eu envergonhava-me, que é mesmo o termo, de junto com as minhas colegas, porque depois eu fiquei com um laço de amizade com as minhas colegas do 9º ano, ahhh... e todas elas estudaram. Todas elas, se não foram para a Universidade, têm o 12º ano.e... as ou... os que conseguiram ir pra Universidade ... ahhh... já tem... já tem as profissões deles. E quando nos encontrávamos era uma vergonh.... Quer dizer, não era uma vergonha porque eles nunca

me trataram de maneira diferente. Mas sentia-me mal. E às vezes quando estávamos à conversa, isto e aquilo, quando falávamos da escolaridade, eu se tivesse um buraco eu enterrava-me. É que eu, nem o 9º ano eu tinha. E então, o que me chamou mais a atenção foi o 9º ano. Depois foi o ser... sermos pagos, reembolsados, não é? Porque se não fosse eu tinha qualquer tipo de possibilidade de... de ir. E depois foram as outras coisas que foram acrescentando... o trabalho era direccionado pra crianças, que eu sempre gostei muito e gosto...ahhh... e pronto, depois juntava aquela coisa de estar com a Constança também. Quer dizer, começou-se a juntar muita coisa útil ao agradável porque nós nunca nos desligámos. Mesmo quando estudávamos à noite, ó meu Deus, eu havia dias que não me apetecia ir.

Mas a Constança também andava consigo?

Andamos, andamos. Andamos porque foi uma ideia que surgiu... olha, vamos e tal. E andamos. Mas depois de eu acabar ela ainda conseguiu andar mais uns tempos. Julgo que ainda se voltou a inscrever no ano a seguir, que não desistiu e que depois se voltou a inscrever mas eu já não. Mas... encarei isto como uma responsabilidade.

Que tipo de imagem é que tinha do curso?

Do curso? Eu tinha muito receio porque pri...porque primeiro eu ia voltar a ter uma sé... certas disciplinas, que era mesmo assim e eu não sabia se ia corresponder às expectativas da... Eu ... nunca pensei que fosse minimamente igual à escola. Sempre pensei que...ahhh... eu nunca fiz assim uma ideia muito grande do curso porque não tive muito tempo pra fazer, mas... ahh... primeiro achava engraçado o termos ... o termos de ir. Depois começaram-nos a explicar, na parte do RVC, como é que o curso ia sendo dado e essas coisas assim, o que já dava pra ir fazendo mais uma ideia do curso. Mas... ahh... nunca fiz assim grande, grande ideia. Só que pensava que , ó pá não podia ser só aquilo. Que nós íamos ter de fazer qualquer coisa porque, fazia-me confusão como é que íamos estar ali um dia inteiro sentadas a ouvir, tínhamos de dar algo em troca para que nos... para que tivéssemos o 9º ano e...qualquer coisa assim. Então, eu estava sempre cheia de medo (risos), que é que poderia ir acontecer de... se eu deixar de

compreender... Eu até cheguei a pensar vou arranjar uma explicadora, a sério! Eu tenho uma colega minha que ela é professora de Matemática, só como não conseguiu, como não conseguiu não, ela não queria ... não quer... não queria ir pra fora e então fez uma formação de Engenharia de Qualidades e essas coisas assim. Eu cheguei a pensar e disse à Constança “Ó Constança, vamos falar com a Ariana pra Ariana nos dar explicações a Matemática”. (Risos) Foi, foi. Porque... pronto...eu tinha medo de não ir corresponder àquelas expectativas e de me afundar mas por acaso correu bastante bem.

Então, e o que é que, ao fim de um ano, mudou na sua vida? O que é que alterou depois deste ano?

Olhe... ahhh... eu dantes era assim... ah, eu nem me vou preocupar com isto porque eu não consigo fazer, eu não sei fazer. E agora consi... sei que tenho mais capacidades do que aquilo que tinha porque... ahhh... do que aquilo que tinha não, se calhar não me dava ao trabalho de ... de as... de as... desenvolver não sei. Acho que... acho não, tenho a certeza que a partir de agora não vou baixar os braços a nada porque se consegui um ano, ali, em situações que... ahhh... aquela altura pouco antes do Natal, até ao Natal, eu tive vontade de desistir.

Mas porquê?

Porque eu senti... porque é assim, eu agarrei este curso (som de mensagem de telemóvel) ... se quiser atender...Eu agarrei este curso com... ahhh... como é que se costuma dizer... com unhas e dentes. Vi nele ali uma grande oportunidade que eu tinha, não ... porque é assim o trabalho... os trabalhos que eu tinha nunca eram numa área específica, era o que aparecesse eu fazia. Ah... e eu vi neste curso a oportunidade de... meu Deus, tá a acabar o vídeo... vi neste curso aquela oportunidade de ter o 9º ano porque tinha, não é? Depois ia conseguir ter uma formação numa área específica e então eu quando fui pró... pró..., quando vim pró curso agarrei com unhas e dentes àquilo porque a partir daqui, eu sabia, podia tudo mudar. Em vez de começar, quando tivesse sem trabalho, em vez de procurar trabalho num lugar qualquer, já poder... se me dissessem “então, mas tens algum tipo de formação?”. Eu poder dizer “olha tenho, tenho formação nisto”...

ah... e eu via que havia ali pessoas que não ... que não se... que estavam ali pura e simplesmente...tipo, eu chego hoje, nunca mais são 5h, nunca mais são 5h30 e... ahhh... já são 5h30 vamos embora, já tou farta, que não, que não agarravam... e eu tenho um defeito que eu não posso esperar que as pessoas dêem o mesmo que eu dou ou que gostem das coisas que eu gosto mas eu enervava-me ver pessoas, que nós ali tudo entusiasmado a fazer isto e aquilo, ai que vai ficar tão giro, alguma que nós fizéssemos porque tínhamos ali pessoas a acreditar no nosso trabalho e eu via pessoas... de trombas, chegavam de trombas e iam pra casa de trombas “eu não consigo fazer nada disto, eu não faço nada disto”. Pra mim era frustrante e... começou a dar cabo de mim. Depois eu comecei a ver que as pessoas se habituavam a que as mesmas pessoas fizessem sempre tudo e isto começou-me a revoltar muito. Eu juro, eu andei aqui uma altura que eu andava completamente fora de mim, a sério.

Mas achava que desistir era a solução?

Ah... não... tanto não achei que... não desisti. Não achei, que não desisti e que se calhar se eu desistisse ia-me sentir muito triste, mesmo muito triste mesmo depois de desistir, porque eu nunca tinha levado nada até ao fim. E desta vez estava na úl... comecei a pensar naquilo que eu pensei no início do curso, que era uma oportunidade que eu ia ter para concluir o 9º ano, para ter formação numa área e tudo. Foi aí que... foi isso também que... e depois foi eu gostar daquilo que estava a fazer. Apesar das pessoas não... não... de algumas pessoas não ajudarem... é assim, nem todos os trabalhos são perfeitos, têm sempre qualquer coisa e foi isso que eu também... E também digo-lhe, o factor ter Constança comigo também ajudou. Claro que ajudou, nós apoiávamo-nos uma à outra e... Ela dizia-me “ai hoje isto não correu bem”. E eu “ai e a mim”. Às tantas estávamos as duas uma pra cada lado, ela a falar dela e eu a falar de mim, que nem nos ouvíamos uma à outra. Mas estávamos ali... e foi isso que... pronto... essa fase que... no entanto que, se calhar foi por termos começado com tanta força, com tanta garra, depois quando começou quase a acabar, nós a ver que estava quase terminar comecei... houve essa fase que eu comecei mesmo muito a... tipo a ir abaixo, a deixar-me assim um bocado triste mas... mas pronto... agora olho pra trás e vejo que nada mais vai ser igual ao

que...

Sente-se uma pessoa diferente?

Sinto porque pela primeira vez, em 25, 26 anos, consegui começar e acabar, tentando dar, sei e tenho consciência que naquela última fase entre Novembro, Outubro, Dezembro, não dei o melhor de mim. Tenho a plena consciência disso mas... sei que houve alturas que dei tudo o que tinha a dar de mim. Alguém que estava disposto a ver e a ouvir e pronto...e isso satisfaz-me muito. E depois é aquela parte de nunca dizer que não consigo sem tentar, vou tentar. Só depois de tentar e tentar e tentar e tentar mais uma vez é que digo “desta vez não vou mesmo conseguir”.

Fazendo uma reflexão de um ano em formação, qual é a sua posição em relação a tudo isto?

Olhe... eu... eu gostei muito porque as únicas coisas que eu posso apontar de que... e não é não ter gostado... eu... não é que... que tenha... que coloque defeito... eu tenho de colocar o defeito a mim porque nem todas as pessoas somos iguais nem todas encaramos as coisas da mesma forma, nem todas queremos o mesmo... mas... ahh... a única parte que eu achei frustrante era a... olhar prós lados e ver que nem todas as pessoas estavam a... a dar o melhor de si... que estavam, pura e simplesmente, a deixar andar, a deixar passar. Eu gostei muito deste ano, aprendi coisas, digolhe, que... nunca me vou esquecer, nunca. Tive experiências que nunca me imaginei a fazer (Grande sorriso) ... a... a viver também, nunca. Os teatros... nunca me imaginei (risos) a fazer de, com um caixote vestido (risos) a fazer tal figura pra tanta gente. Nunca, quer fosse crianças, quer fosse adultos (risos), eu nunca me imaginei neste papelinho. Depois... ahh...sei lá, o facto de conversarmos de nós daquilo tudo, nunca... nunca... eu nunca imaginei que houvesse do outro... do lado de lá, como é que eu hei-de explicar, do outro lado alguém disposto a dizer-nos “tu és capaz, tu vais fazer isto”. Nunca, nunca me imaginei. Porque eu sempre contei muito comigo própria, sempre... se eu quero isto tenho de fazer porque senão... mas se não fizer também ninguém repara... ahh... e nunca pensei que houvesse alguém que reparasse se eu não fizesse. Nunca pensei que ... ahh...o simples facto de eu fazer isto ou aquilo deixava alguém contente porque “olha, fiz”... ahhh... como é que... não sei a que... nunca pensei,

por exemplo, que...eu às vezes lia histórias à minha sobrinha, lia, coitada, era um tédio então pra ela. Era um tédio porque eu lia e relia e tudo mas o... o simples... o simples...já mudei isto que eu acho que nunca mais vou querer perder isto na minha vida porque eu gosto, ai que papelinho fiz na semana passada. Mas gosto de contar, de já ler, de já ler histórias. Por exemplo, Matemática. Se eu lhe disser que eu ia pras minhas aulas de Matemática comer batatas fritas e natas... ah pois, ler livros de Banda Desenhada, pois é, não acredita. E eu agora gosto de Matemática. E dei por mim a conseguir resolver as coisas. A Rute punha lá os problemas pra nós resolvermos e eu conseguia fazer aquilo com uma facilidade que eu nunca imaginei na minha vida. Eu por exemplo, ahhh... sempre, sempre não, ter computador em casa tive, eu passava alguma conta ao computador. Nada. E agora só saber mexer aqui e ali já me dá... e se calhar já podia ter aprendido a fazer isso porque se já tinha... E nunca aprendi... ahhh... Depois também... ahhh... a minha maneira de ser com as pessoas. Acho que mudou um bocadinho.

Por ter estado em grupo?

Sim, por ter estado em grupo. Por as aulas da Daniela também porque eu sempre... já me conhece, não é? Eu sempre tenho muita coisa pra falar e ouvir? ... Nunca fui de gostar muito de ouvir, ainda mais se me viessem dizer coisas que eu não gostava. (risos) E agora já não sou tanto assim. Agora já consigo aceitar que me digam “olha, isto não foi bem feito ou isto não está...”. Eu agora já consigo aceitar e virar isso a meu favor. As notícias até nem podem ser as melhores, pronto, mas então...uma pessoa há-de virar isto pró lado que a malta gosta. E acho que este curso num... não foi um curso só pra ter o 9º ano, pra ter uma profissão, uma profissão quer dizer, formação numa área, foi em tudo mesmo. Em...em... mesmo... acho que mexeu em tudo, desde a ponta do dedo do pé até ao fio do cabelo (risos) porque... e depois foi a nossa...as nossas actividades que nós fizemos também. Por exemplo, a ... a dança mexeu muito também. Mexeu mesmo muito porque ... e aqueles dois dias, aquelas acções que nós tivemos, mais a da violência doméstica porque, pronto, a da segurança nas escolas nós já sabíamos mais ou menos o que é que ia sair daí mas... ah... mexeu muito e fica sempre coisas que nós daqui a um, dois, três anos vamos precisar aquelas informações que

tínhamos. Depois uma situação muito engraçada que... eu... eu às vezes a minha irmã, desde que tirou o curso dela, ia sempre à Biblioteca Azul. E eu nunca ia, lá ia ela e a esperar-me cada seca cá fora, fogo... Ficava sempre cá fora, porque não achava piada nenhuma e depois ela vinha atafalhada de coisas e eu “ih, que piada tão grande”. E... e depois aprendi a ver as coisas todas de outra forma porque, por exemplo, só a ... a...a ida, por exemplo, de nós termos ido a Ílhavo, já começou a mudar a minha maneira de ver em relação às bibliotecas.

Em que sentido é que mudou?

Olhe, porque é assim... quando falavam na biblioteca... eu tenho uma colega minha que ela adora, ai ela adora, a Juliana, ela por acaso é muita fixe e ela adora, ela adora livros, ela adora bibliotecas, ela adora... ai que giro, ela deve ser assim tipo você. E então, ahhh... elas às vezes falavam, quando às vezes nos encontrávamos, ela “olha, pergunta à tua irmã se é este livro assim-assim, olha diz-lhe que eu fui acolá”. E eu “ihhh”. E lá ia eu com o recado. Pronto. E às vezes dizia “mas que é que vocês vão pra biblioteca fazer, pá? Fogo”. E a minha irmã dizia “Ó pá aquilo é fixe, anda lá, porque até acabas por... às vezes enquanto eu estou com uma pessoa que nem conheces mas até falam disto ou daquilo porque vais a pegar num livro e ela e ela até te diz “Olha” e as pessoas lá até são muito acessíveis”. Mas eu não achava nada. Aquilo? Deve ser um caixote onde tem pra lá livros e vocês vão lá e primeiro que encontrem um livro tão lá quinze dias por isso é que eu demoro... fico a apanhar secas cá fora. E é que ... vi que não. Tudo tem o seu sítio, que até ... porque é aquele embaraço porque nós vamos a uma biblioteca, não sabemos onde é que está isto e aquilo, é uma vergonha. Depois vamos perguntar “olha isto, olhe aquilo”. Tinha aquele receio. E vi que ali não, que nós podemos... se não gostámos de livros... olha, até tem uns jornais, até tem umas revistas. Até... tá tudo tão calminho, acho que é um dos poucos sítios onde nós possamos ir ... possamos? Ir, que está assim tão calminho. Aí... e pronto, foi isso que eu descobri porque... pra mim era um caixote, era a ideia que eu tinha de uma biblioteca, um caixote ou um armazém com estantes de um lado ao outro com livros e mais nada, mais nada. E vi que não. Aquela que me decepcionou mais foi a Biblioteca Amarela. Fiquei assim um bocadito... pronto. Mas... porque de resto eu já sei que nós... eu tou assim bocado ansiosa pra que agora... não é pra que o

curso acabe, mas pra que eu consiga organizar a minha vida, ó pá pró sábado ir dar uma espreitadela à Biblioteca Rosa (risos). Já tive a... pronto, a ver e a organizar com a minha irmã que é pra depois irmos lá. Indo duas nunca é assim tão suspeito. Ahhh... porque foi como lhe estive a dizer... olha, há certas que coisas que nós, em vez de estares a comprar isto ou aquilo até vais lá e escusas de estar a gastar dinheiro. Trazes, ainda por cima ela devora as coisas que é um instante, pronto. Ahh... pronto, e é se calhar, não é preciso estarmos a dispor de dinheiro, disto ou daquilo pra conseguirmos ter a informação que queremos. E depois é o contacto com as pessoas que a gente gosta, que eu gosto, que eu gosto muito, de falar com as pessoas e assim mas pronto. Porque é, eu por exemplo, eu falo por mim, eu quando tenho...quando leio ou quando tenho alguma coisa pra fazer, o pouco tempo que eu tenho pra mim é aí. E então eu gosto, por isso é que, eu dantes, quando a minha irmã dantes, dantes porque agora também não tenho... há-de começar outra vez, que ela sempre que tinha livros novos ou isso, ela dava-me e eu também os conseguia ler num instante.

Então o que é que aconteceu? Acha que foi por a sua vida ter mudado que começou a ler menos?

Não. Eu gosto muito de ler. Eu gosto de ler, no entanto que eu quando paro um bocadinho e decido parar e ir ler um bocadinho eu fico toda... contente e até me esqueço de... ai esqueço-me de tudo. Fico ... eu... eu não sei se é de... se é filme meu mas a certa altura que dou por mim parece que tou no meio do livro, no meio da história e então há alturas que eu choro que nem uma desalmada. Pronto. E é um livro, imagine. Mas... não é que me tenha desinteressado... é que como tinha tanta coisa para...

O facto de ter casado, de ter de preparar o casamento, mudança de vida...

Sim, eu acho que foi isso e parece que ainda não tenho bem... os pés assentes na terra, ainda não parei mesmo porque... ahhh... lá está... eu quando preciso de um momento só par mim eu pego num livro. Mas é o engraçado, quando eu preciso de... hoje vou

parar, hoje vou parar um bocadinho eu pego mas paro. Pego no livro e leio. E o mais engraçado por que é que isto me acontece. Este *Marley*, já fiz uma pausa enorme e quando peguei só andei um capítulo pra trás mas, ahhh... lembrei-me perfeitamente da história e vai indo. E às tantas já estou a ler a 2ª e 3ª página e já estou... já estou dentro do filme e já estou lá no meio daquilo tudo (risos) no meio daquela gente toda. Mas... mas... mas acho que é as únicas alturas que eu tenho pra mim é quando paro e quando leio. Só que este ano também como tem havido sempre coisitas pra fazer, ou pró curso ou até que...depois também entretanto comecei os Arraiolos, que era à noite, e tudo, eu sempre pus a leitura um bocado mais de lado. Mas agora estes últimos... tenho tado a ... a pegar, não tanto como eu queria mas tenho tado a pegar. A minha irmã já tá farta de me dizer que já lá tem uma pilha à minha espera. (risos)

Então e o que é que achou da ideia da Centileia?

Achei-a gira. Sinceramente achei-a gira e ... e há colegas que falam comigo, a conversar e dizem que tem ajudado bastante na escrita, mesmo a falar, que tem ajudado bastante. Só que lá está, olhe... pois... isto foi-se, né? Houve uma quebra. Houve mesmo, houve e... mas... olhe, mas nem sei o que lhe diga em relação a isso porque achei a ideia da Centileia muito gira, por acaso achei. E houve uma vez que estava nos computadores e estava a olhar e tava a imaginar assim, a fazer assim e assim e por acaso estava a imaginar isso. No entanto, quando me falou do... do... do *Memorial do Convento*, eu fui logo comprar. Fui logo comprar só que depois entretanto a... a minha irmã disse-me que o *Marley* e *eu* era muito giro e disse à Constança “então começa tu neste que eu vou começar neste”. Olhe, nem uma nem outra. Nem uma nem outra. Tem ela lá o livro, já a ganhar mofo (risos) mas... ahh... não sei ... não sei porquê... não sei se... olhe, sinceramente não sei mas porquê que não continuei com aquele embalo. Mas tenho muitas saudades. Quando chegava sentava-me, porque normalmente era na sala da minha mãe, lá em cima. Eu chegava, sentava-me e lia, lia, lia. Normalmente era quando eu chegava do trabalho, que normalmente era por volta dos 6h15/6h30, tomava banho e então ia ler e o Pedro vinha sempre por volta dos 8h30/9h. Então às 8h parava, ia comer, depois ... era

sempre assim. Por isso é que eu lia tanto. Agora... não... é como a Daniela diz, temos de começar a organizar a nossa vida por prioridades porque se formos pondo sempre coisas à frente nunca temos tempo pra nada, mas ainda me acontece... eu às vezes deito-me às 9h da noite, 9h da noite, o Pedro fica a jogar Playstation e eu vou pró quarto e leio, leio. Ah.... Foi na semana passada... que seu tava a ler... porque eu também tenho um, não sei se é defeito mas..., gosto de ler em voz alta. Há alturas que me sabe bem, há outras que não. E... eu tava a ler... ele foi daqui e ... foi lá... tas a falar com quem? Ai, apanhei um susto! Tas a falar com quem? Não tou a falar com ninguém. Ai, mas quando vi a cabeça dele a sair assim... do corredorzito, eu... ai que susto. Porque estava tão... ali... a ler... mas é que depois, sabe o que é que ainda é mais estúpido? É que quando eu estou a ler em voz alta, faço certas entoações. Tipo conforma vai o texto, faço entoações ao que eles dizem (risos). Por isso é que se calhar ele dizia que lhe parecia que eu estava a falar com alguém.

Quando era pequenina, costumavam contar-lhe histórias?

Não me lembro. Sabe que eu não tenho recordações de quando era pequena. Não tenho. Da escola primária não tenho. Tenho apenas de uma recordação que me lembro: do meu primeiro dia da escola primária, que levava um vestido, tinha uns bolsos à frente e nem sei de que cor era o meu vestido. Lembro-me que a minha irmã... porque ... era a minha irmã que me tinha mandado um pão e uma banana e eu enfiei as cascas da banana no bolso até vir pra casa. É a única coisa que me lembro. Acredita?

Achava que lia bem?

Ah..... ahh... eu dantes lia histórias à minha sobrinha a ler, tadinha da menina, o que ela passava comigo. Pronto. Pegava num livro e tatatatata.

E ela gostava?

Ana, dorme, tá bem? Tu agora dormes. Ahhh bahhh. Dorme (risos). Ah... e nunca tinha pensado no que se podia fazer ou não com aquilo. E eu agora, eu digo-lhe, não... deliro.

O que é que achou do primeiro comentário que fiz às vossas leituras?

Eu achei que você não estava a bater bem da mona (risos). (risos)

Achei. Sincera... está-me a pedir pra ser sincera, estou-lhe a dizer. Achei.... Pensei... mas então o que é que ela quer que a gente faça? Ela não tá bem, ela não é normal... (risos). Porque eu nunca me passou pelo id... pela ca...pela... porque é assim... eu estava habituada a ler os livros, não é? Eu lia e... e chorava, ria, olhe, muita coisa com os livros mas nunca passava daquilo. Eu gostava e... Nunca me apercebi que nós podíamos pegar em qualquer coisa e fazer coisas assim giras, interessantes. Então histórias... oh... nunca liguei muito. Nunca, nunca. A minha sobrinha sempre teve muitas porque a miudita sempre gostou muito de histórias, de contos... pronto. Ah... e eu nunca... se eu lhe disser que a única pessoa a quem dava livros era à minha irmã, era a única pessoa que eu oferecia livros era à minha irmã. Agora já não. Agora mudou por completo. O Pedro tem duas sobrinhas, estão no Canadá só que tem aulas de Português. Olhe, sempre que lhe mandamos qualquer coisa, coitadinhas das meninas, devem estar a pensar aquela minha tia não bate bem da tola. Porque eu lhe mando histórias. Olhe, mas eu agora, a crian... até porque... até porque... ahhh... nós ... é assim, se calhar é por eu não ter conhecimento e não me relacionar com os livros, mas cada história, por mais infantil que pareça tem sempre uma mensagem a passar à criança. Sempre. E foi isso também que eu fui começando a... a interiorizar porque ... e depois lá está, começa tudo a fazer sentido porque... daí se calhar a gente começar a... a não contar só a história. Se calhar a mensagem passa melhor se... a história for contada doutra forma. Porque... se cada livro que nós tivermos for bem escolhido, bem escolhido quer dizer, pronto... um livro tem sempre uma mensagem qualquer pra passar, seja do que for, mas tem uma mensagem pra passar ... e foi isso também, que eu acho interessante mesmo. Então agora, vai livros pra toda a gente. Coitados, o que eles passam. Pronto. Lá aquelas meninas, coitadas, olha... tadinhas das crianças.

Então e o que é que achou da sua primeira leitura?

Ai. Porque era assim... eu até... eu até eu lia muito porque por acaso eu sempre tive... de ler. A minha irmã sempre tinha livros e passava-me. Eu às vezes ouvia ela a falar e a minha colega, a Juliana, também falava, e depois eu, às tantas já começava a achar chato tarem ali à conversa e eu ali sem... Sem nada pra

contar também. Pronto. E comecei a ler. E então isso pra mim era... quando comecei assim mesmo achava muito giro. Depois, os colegas de curso da minha irmã também... às vezes levavam, iam lá a casa e diziam “olha, vou levar este, olha deixo-te este”. Ihhh que festa tão grande. Pronto. Mas até me comecei a interessar...

E lia e quando a Elisabete me disse que não tava bem, eu pensei “ai, logo eu que eu até leio tanto. Então eu tou a ler e ela tá-me a dizer que eu não tou a ler bem? Olhe, se fosse escrever... lá com as vírgulas e os pontos finais e não sei quê, não me dou muito bem. Mas agora a ler? Eu nem me engasgo muito nem nada”. Ai... fiquei piurça.

Lembra-se da sua postura?

Lembro. Estava assim, apoiada, estava a folha e estava assim (faz movimento como se estivesse com os cotovelos apoiados na mesa) (risos). Ai que eu não lhe consegui dizer nada da história...Ai... Porque eu tava a ler só, não estava a interiorizar. Estava só a dizer o que estava lá. Só tipo, vamos lá despachar isto mas... a sério, eu que até costumo ler, que até coiso e tal, vem-me dizer que eu não leio bem? (risos) Estava a ficar piurça.

Então e depois, quando é que resolveu que devia mudar?

Foi quando eu comecei a ver a contar-nos as histórias. Porque se era... era assim...se era alguém que nos contava uma história lá... ui, eu pensava em tudo... o que é que eu logo à noite tenho de fazer?... Pronto... pensava em tudo, mas quando era a Elisabete não, não nos obrigava, entre aspas, puxava-nos para o meio da história. E nós às tantas já estávamos lá no meio. Naquela história que você contou da livraria, já não me lembro do nome do senhor, olhe, eu já me estava a ver lá no meio dos papéis, eu já me estava a ver no meio dos papéis e da inundação e não sei quê. E foi isso que eu comecei... mas tinha sempre aquela coisa da vergonha das colegas. Era, sempre mais das colegas porque ali... oh... trabalhar com mulheres é complicado e ali então... iu... se nós colocamos a caneca do lado esquerdo elas comentam mas, se pra próxima vez, colocarmos do lado direito elas comentam na mesma. Atão, olhe, se a colocarmos ao meio elas comentam

(risos). O que é que se pode fazer? Não se pode fazer nada. Mas por exemplo, na história do *Rato Renato*, aí olhe, eu tinha queijo pra levar, tinha uma pasta de dentes, tinha a escova...

Então porque não o fez?

Por vergonha. Oh... mas acaba sempre por... por exemplo, houve uma evolução muito grande... ah... de todas nós na leitura mas... aquele papelinho que eu e a Constança fizemos naquele dia?

Como se sentiu? Nesse dia não teve vergonha de fazer aquilo que ia fazer?

Ah... Porque... ah... Nós não tínhamos preparado nada até ao dia anterior. Eu tinha o livro e disse “Constança, não te preocupes que a história tá aqui. Ó pá temos é de tentar ir ao encontro de ...alguma coisa Vamos fazer uma coisa gira porque é a última história que nós vamos contar às nossas colegas”. Quando, à hora de almoço eu estava a ver a história, eu disse “Eh, Constança, eh pá esta história vamos ter que fazer assim, assim, assim. E ela “Eh Carolina, não vamos fazer nada disso”. E eu disse “vamos, vamos” (risos). E ela “Ai eu não vou ter co... ai Carolina, vai ser uma vergonha”. E eu disse “não vai ser vergonha nenhuma, vai é pa desforra hoje (risos), amanhã”. E então até combinamos jantarmos juntas e enquanto eles jogavam, nós íamos pr’ ali fazer o nosso filme. Nesse disse não me importei tanto com aquilo que elas pensassem. Se elas comentarem, comentaram, pronto. A Constança, porque quando nós ali... ai, mas a gente fez um papelinho... e ela era assim pra mim “Ai Carolina, elas vão ficar com uma cara a olhar pra nós. Quando a gente acabar elas vão dizer que a gente não somos boas da tola”. E depois nós não tínhamos arranjado nada pró final, acabava a história... e... vitória, vitória, acabou-se a história. Mas eu fui pra cama mas não andava bem, então uma história tão coisa e depois ali acaba? Aí é que elas vão ficar com uma cara de risota a olharem pra nós. Entretanto adormeci, eram pr’ aí umas 4h da manhã quando eu acordei e eu pensei “Eh pá não... isto não... não pode... acordei, fui pr’ ali e comecei a ler a história. Isto não pode acabar assim. Foi quando eu me lembrei da música e puxá-las pra vir... e depois ao outro dia disse à Constança “Eh Constança, tive uma ideia assim-assim”. E ela “ih pá, olha que vais puxá-las, elas vão-te fazer frente e não se vão levantar”. “Não faz mal, a gente faz-lhe

fren... elas vão ficar tão mal que...elas vão ficar tão surpreendidas que elas vêm”. E por acaso foi.

Então, e o avental veio do Norte?

Foi, uma ideia de... porque nós estávamos a pensar “que acessórios?” Porque tínhamos de levar qualquer coisa, não podíamos ir ali contar a história. Ahhh... e depois eu disse “olha, também irmos pra lá de livro aberto, podemos levar a história pra elas saberem que nós tiramos a ideia desta história mas não vamos levar o livro. Ah... não vamos abrir página, não vamos contar.... A contar... e ela “então como vamos fazer? O livro na mão sempre atrapalha mais um bocado”. E eu disse “ se a gente levasse um avental?” Então andamos a tentar arranjar um avental, aquele foi o mais giro que conseguimos porque não preparámos nada, lá está, foi no dia antes que... porque eu a história já a tinha, tinha-a comprado uma vez, tinha ido ao Lírio e tinha visto, achei piada e comprei. Mas... não tínhamos preparado nada. Então, olha, vamos fazer a história. Vamos fazer o avental, com o avental. Depois não nos lembramos... porque eu estava a ver mais ou menos a história só que não me lembrava da largura. E eu “ai eu acho que este bolso... assim de lado... a história de lado cabe.” Mas não dava, não dava. Depois, olhe, arranjamos lá um coisito e pusemos lá. Porque é como eu lhe digo, cada visita que nós fomos fazer serviu para... serviu para reter sempre..... qualquer coisa sempre para nós, mas por acaso era. Por exemplo, em Pinheiro foi que a gente... desculpe... ahhh... podíamos com um livro... ai... fazer coisas assim mesmo engraçadas. E não nos começarmos a ...a libertar-nos da ideia da história com o livro e o livro com a história, pronto. Na Biblioteca Amarela sinceramente aquilo... a mulherzinha coitada, não sei... ainda bem que não é empregada de balcão porque senão não levava ninguém a comprar nada. Ahhh... depois na Verde... ainda me cativou mais e... que podíamos levar de tudo, de uma coisa, de tudo. E foi aí que a gente também foi buscar assim... essas ideias assim engraçadas

Como é que acha que as suas colegas reagiram?

Eu acho que elas ficaram assim um bocado... não estavam à espera. Eu acho que elas ficaram assim tipo, coitadas, elas

também se esperavam alguma coisa era de nós as duas (risos) porque as expressões delas eram de quem não estava mesmo à espera daquele espalhafato todo. E pronto, senti que... ficaram tristes no sentido que elas não tinham preparado tudo assim tão...e depois começaram “ai, eu não preparei nada assim”. Senti que por essa parte mas comentário ou isso nada... Mas... achei que foi assim... elas ficaram... não tou a dizer que foi pelo lado negativo mas ficaram um bocado tipo ai meu Deus, então o que está aqui a acontecer? Depois, nós lá aos saltos feita... eu reparei numa parte em que eu estava aos saltos e a gritar e a Joana tava... senti na Joana que devia tar a pensar “ela não tá a bater bem” porque eu tava aos saltos e eu gritava em frente à Constança e quando eu me virei, vi a Joana tipo “olha, bateu com a cabeça ontem” (risos). Mas... foi... não sei se foi por ser a última... não sei mas foi aquela sessão em que eu esquece lá o que elas vão dizer. Nem queiras saber. Por acaso foi mesmo. Esquece. Não queiras saber porque olha, é a última. Se comentarem comentaram.

O livro em branco.
Começámos com aquela história do livro em branco e as letras atrevidas.

Ai que engraçado (sorriso)

Mas pelo meio do livro em branco, nós juntamos-lhe o erro criativo.

Ai essa do erro criativo... Olhe... ahhh... quando nos deu o papel, eu pensei “ah, que filme... agora vou ter de tar a escrever histórias? Mas, eu com a minha imaginação, coitadinha, anda tão mal...e vou ter de tar a escrever histórias...” num... sinceramente não recebi assim com muito... com muito...ahh... Fiquei assustada. Muito. Porque eu pensei... porque eu às vezes acho que as pessoas criam assim um ... uma certa expectativa e depois de eu não conseguir corresponder à expectativa das pessoas mas isso acontece-me com toda a gente. E só isso assusta muito e fico com medo, tipo ai se calhar é melhor nem fazer porque... ahhh... só que depois às vezes uma pessoa vai indo, eu por exemplo... comecei a da pulga... comecei-me a lembrar... porque depois eu

fico com aquilo na ideia... ahhh... aquilo vai-me ficando na ideia e depois eu... assim do nada começa-me a lembrar e disto, e isto e isto e isto, ai isto era muita giro e depois começo e escrevo e farto-me de rir sozinha e é um papelinho. Mas no início mesmo fiquei muito assustada. Mas depois comecei a... a escrever... oh... deixei-me ir. Eu num dia escrevi duas, tinha-me feito com... com duas. Mas... é assim, eu se assim arranjar tempo pra fa.... Olha, logo vou chegar e vou fazer. Eu quase nunca consigo arranjar... se for assim mas se... não, hoje sento-me a acabou, esqueço tudo o resto. E faço e consigo fazer e... fazer outra vez mas se for tipo assim a planear... ai logo vou parar nunca consigo fazer.

Então gostou da experiência? Sentiu-se bem com aquilo que escreveu? Gostou daquilo que escreveu?

Eu gostei. Olhe... eu sempre gostei muito de escrever. Coisas sem lógica nenhuma mas sempre gostei muito de escrever. Pronto... ahhh... mas nunca imaginei que consegui escrever assim histórias pra pequeninos. Pra peque...pronto... nunca imaginei porque... sei lá... ia achar que não ia conseguir fazer uma ligação entre uma coisa e outra e... agora tá aqui... organizar as ideias, tipo princípio, meio e fim. Nunca... nunca... nunca consegui por isso é que eu lhe tava a dizer, quando eu lhe entregava as folhas que esticava-me um bocadinho porque eu via as colegas com uma folha e eu “ai, meu Deus, uma folha! Eu levo pr’ aqui duas e...e... não me alongo porque... “. Houve uma história, já não me recordo qual foi, que eu estava a escrever e eu pensei, mas agora tenho de dar a volta pr’ acabar a história, senão como é que eu acabo? Porque não conseguia... começava a escrever... depois vinha-me uma ideia, depois vinha-me outra, depois vinha-me outra e eu deixava-me ir e... e depois quando me da...já tinha muito escrito, por isso é que eu achava estranho como é que eu escrevia tanto. Ai a minha vida que era tão complicado. E... mas eu gostei muito dessa parte de escrever as histórias. Quando eu olhava... ai, mas eu vou ter de fazer uma história, então como? Então como é que eu vou fazer isto? Ai, meu deus... uma história a partir daqui... e depois, ai então como é que eu vou conseguir responder às perguntas sem que, não é, uma pessoa vai desenvolvendo e vai até respondendo às perguntas sem que elas sejam ali feitas directamente e pronto,

foi isso que eu ia fazendo e gostei. Por acaso gostei muito da... das histórias, gostei mesmo muito.

Por que é que isso também acontece?

Porquê? Sei lá. Porque a gente se deixa levar mais por onde não deve. Sei lá... olha, não sei (risos). Eu não sei. Sei que a Beatriz disse-me assim um dia, ah, foi até esta semana que... que ela mudou... ahhh... a maneira dela de falar, que algumas coisas ela até já falar melhor, a escrita, ela diz que também está bastante melhor desde que começou a ler e ela diz que gosta muito de ler e ela costuma ir... ah... ela é que me disse... ao sábado, às vezes, à biblioteca com as meninas. E eu acho isso tão... tão importante. Eu... impressionou-me, mas palavra, impressionou-me na Amendoeira, nós estarmos lá e eu ver, não sei se era uma avó, mas acho que era uma avó, a levar a criança. Impressionou-me bastante. Como é que há pessoas, e eu acho isto muito importante, como é que há pessoas que...ahh... perdem uns momentos na... na vida delas pra ir levar as crianças a brincar, a tarem ali em contacto com livros, com... porque depois ela... depois eu também reparei, e foi também uma mãe, se não estou em erro, que deixam... deixaram lá e foram pra outro... pra outro lado. Eu acho que esta fa...esta família não sei, mas que se devem entender muito bem porque aquela coisa de tar pra alguém... ahhh... acho que às vezes as próprias crianças também precisam muito... muito disto e se as coisas forem sendo incutidas aos poucos que acabam por ser até muito mais inteligentes, eu acho. Porque já são crianças que desde pequeninas estão habituadas a ler, a terem livros, a... se calhar estão mais concentradas noutra coisa do que aquele assim... ai, queres... não tens nada pra fazer? Vai pra sala ver televisão que eu vou fazer isto. E ali não. Ali viu-se que as pessoas se preocupam, não é? Com a criança, levam a criança pra ela estar bem porque... nem tá a ver televisão, tá a brincar ou tá a mexer em livros ou até a mãe vem, perdem ali um bocadi... eu achei, digo-lhe, achei aquilo mesmo impressionante. Foi uma das coisas que me impressionou ali foi isso. Por acaso foi o ver, porque nós estávamos lá e eu vi, eu ver a levarem pra lá as crianças e ter ali crianças. Por acaso impressionou-me bastante isso e acho... se me perguntar por que é que acha mesmo isso eu não lhe consigo... não sei assim dizer mas acho isso muito importante porque é daqueles poucos

momentos... porque hoje em dia ninguém tem tempo pra ninguém. E...e... e eu já lhe disse e volto-lhe a dizer, eu tenho tempo para mim quando paro e leio. Quando decido agora vou parar e ler é o tempo que eu tenho para mim e acho que me faz esquecer... sei lá, de algum problema que eu possa ter, do dia-a-dia, é a leitura. E acho muito importante as crianças terem de crescer no espaço delas, sem preocupações porque são crianças, coitadinhas, tem tanta altura para se preocupar e eu acho que isso ajuda muito porque elas vão lendo e vão tendo informações de... por exemplo, na história que eu e a Constança lemos, toda a gente se zanga, é verdade. Mas... nós podemos estar zangados desde que mago... magoa....magoemos ninguém, né? Ahhh... e... até... quando estamos... passa sempre uma informação. Nesta... na quarta-feira fui à instituição e estive a ler uma história aos miúdos, fiz uma alta barraca eu sozinha, eles coitadi... oh tavam...

Que história é que lhes contou já agora?

Foi a... a educadora que me deu uma história do *Winnie The Poo*. Eu não conhecia a história, nunca tinha lido a história na minha vida. Nunca. Mas, olhe, eu fui lá um basqueiro. Não tá bem a ver... E... mesmo essa história tentou passar pras crianças, apesar de eles serem... eram muito pequeninos, que o importante é... pode... podemos não ter nada pra fazer... aquela história... ahh... a mensagem era: podemos não ter nada pra fazer, um amigo pode ter alguma coisa pra fazer, então vamo-nos juntar a ele e depois já não temos... ah... da interajuda e essas coisas. Olhe, digo-lhe, parti o caco a rir eu sozinha a ler, eu sozinha não mas... eu não conhecia a história, depois fartava-me de inventar porque eles gostam de estar a ver as imagens porque a educadora os habituou assim porque ela disse disse-me. E houve lá uma parte em que eles iam bater à porta e quem ia abrir era o tigre. Então eles estavam assim a olhar pró livro (olhar fixo). E eu “bateu à porta” e quando ele abriu eu AAAARRRRR. E eles ficaram (olhos esbugalhados) ... coitados (risos), ai, ainda mato a criança de susto. Acho que eles gostaram, acho porque depois eu ontem, já tinha acabado ler a história e éramos pra ir almoçar, vinha uma miúda com outra história na mão. E eu, tem calma, man (risos). Tem calma que... Depois a educadora disse agora não, agora vamos comer e tal. Mas à tarde ela foi... eles tinham lá uns

livrinhos e foi buscar pra eu... pra eu ler. Ai, mas fiz um papelinho nesse dia... que a educadora deve ter pensado: aquela garota não bem da mona. E ainda vem pr' aqui trabalhar. Ainda por cima me vai pôr os garotos tolos. Mas a sério... eu por acaso... são assim pequenas coisas que uma pessoa dantes não ligava e agora liga. Mas é mesmo... quando é que eu me ia lembrar de dar um livro, uma história a uma criança? Dou-lhe é brinquedos, que ela gosta é de brincar. E agora já não penso assim, penso é... coitadas das sobrinhas do Pedro, Quando chegam lá, ao Canadá, e abrem as prendas, pensam "oh coitada da minha tia, manda sempre a mesma coisa". Porque agora tenho-lhe mandado sempre histórias, sempre. Com outras coisinhas mas pronto, uma história vai sempre. E uma diferente pra cada uma mas uma história vai sempre. Até porque elas estão a aprender...a ... o Português também e ajuda-as. Mas olhe... você vem pra cá com esses hábitos e nós olhe... (risos) começamos a fazer o mesmo com toda a gente.

(Pausa)

Sempre... achei uma coisa incrível quando nos disse, também foi logo na primeira semana, daquela porta pra dentro não existe o não sei ou não consigo. Ah... eu da... eu... eu... nas outras sessões também mas na sua sempre tentei dar o litro. Tipo, ai consigo mesmo que não... eu podia não estar a conseguir... não imagina o que eu me matei, matei entre aspas, aqui naquele dia daquelas sequências, que tive tudo certo, ainda bem (grande sorriso), porque se tivesse mal era uma frustração pra mim horrível. Eu, as voltas que eu dei a isso, as vezes que eu li isso. Começava num, noutra, noutra, noutra e depois acentuava assim, assim, assim, assim... olhe, se calhar vim que eu escrevi e fartei-me de apagar. Porque eu li tanta vez aquilo, tanta vez, tanta vez que não faz ideia. Mas não sei, quando nos disse isso, eu pensei mas o que é que nós vamos aqui fazer. O que é que nós vamos pr' aqui fazer. Depois quando começou a ler e tudo... sempre achei que pronto... por trás dessa doidice (risos) que nos ia ensinar outras coi... a dar a volta a outras coisas do... o do...gostar de ler... o de não gostar só de ler... o de... como é que eu hei-de dizer isto... não ler só, ler, entender e reter aquilo que estávamos a ler. E pronto e só passando o tempo fui compreendendo (risos) a

sua doidice porque sempre teve muitas ideias, sempre teve muito ligada à ficha, à corrente eléctrica, muito (risos). E... mas... com o tempo eu ia compreendendo por que é que você era assim, sempre tão cheia de corrente eléctrica. Pronto. Porque gostava mesmo daquilo que estava a fazer. Porque... é assim, se nós não gostarmos, por exemplo, na altura do Natal, aí eu andava tão triste com aquilo e aquilo nunca mais passava... as peças. E quando nos leu aquilo eu achei... quando me disse que a história era sua eu pensei “hummm, deve ser... “.

Qual?

A da preservação das espécies. Eu... huummm deve ser...mas estava a achar muito gira, por acaso achei mas pronto... depois... porque andava assim... nunca mais passa o tempo... aí isto nunca mais acaba e depois quando tivemos lá aquela conversa e tal e eu... não, isto tem de ser assim, bora a dar o litro. No entanto depois ... (som exterior) Bateram? Não... Na... quando na biblioteca... foi na biblioteca quando eu... aí eu vou dar tudo por tudo... aí eu... eu gostei tanto. Aí eu acho que... não sei... por isso é que estava-lhe a dizer que achava que tinha corrido muito bem, que eu gostei porque me interessei mesmo daquilo que ta... que tava a fazer. E depois era assim, neste tipo de actividades que eu entendia por que é que você era assim toda ligada à ficha, toda ligada à corrente, toda assim cheia de ideias. (risos) Porque gosta mesmo do que faz e isso que levava a ter isto de atitudes... e nós fazemos e somos capazes e há tempo pra tudo, pronto. Eu depois fui entendendo porque quando nos disse que era maluca, eu aí meu Deus, que era doída.... Aí meu Deus, o que é que ela nos vai pôr aqui a fazer. Pronto, mas nunca pensei que era a esse ponto (risos). Pronto. Mas as ideias eram todas suas, não eram cá nossas (risos). Mas, por exemplo, uma coisa que eu gostei, foi de quando fizemos as peças da...

As primeiras?

Sim. Quando estávamos a fazer porque deixou-nos muito à-vontade... deu-nos ideias mas deixou-nos muito à vontade pr'áquilo que nós quiséssemos fazer. E por acaso gostei... gostei muito de fazer, o desde fazer a peça até tudo... aí eu gostei, a sério, gostei. A música deu-nos muito trabalho, a do fim, deu-nos muito trabalho mas gostei. Por acaso... por acaso gostei muito.

Mas gostou mais de fazer as primeiras peças

de teatro do que as últimas. Não se sentia bem?

Sabe porquê? Porque foi naquela fase que eu andava muito triste, muito mal. Andava mesmo ... porquê? Porque eu pensava assim... a...ma... assim... como é que eu lhe hei-de explicar, lá está o que eu... eu não posso culpar ninguém, o defeito é meu porque nem todas as pessoas podem dar a... querem dar o que tem pra dar... e eu não posso casti... castigar entre aspas, não posso ficar chateada com uma pessoa se eu até sei que ela consegue fazer e ela diz que não consegue. E o que é que aconteceu nas primeiras peças? Foi que... eu não me interessei se alguém fazia ou fazia, eu queria era fazer, que queria era bem feito, eu queria era fazer e que aquilo corresse tudo muito bem. Depois, ali... já estava... tava tão assim... desmotivada que eu faço o meu, quem quiser fazer faz, quem não quiser não faz. Foi essa parte que... veio... pronto... quebrar um bocadinho aquele ri... aquele ritmo que tinha porque, se eu tivesse enfrentado, a aí lá está mais uma vez culpo-me a mim porque eu devia ter enfrentado da mesma maneira que enfrentei as outras. E não ter feito... não ter... ai não fazes? Também não faço. Atão, se aquela pessoa não faz é porque se calhar não consegue ou porque não lhe apetece fazer mas se a mim me apetece, se eu quero, eu faço. Pois... acordei tarde também... e depois outra coisa... foi a mi... a partir do dia que também... que eu... me libertei mais foi quando, na Chocoleitura, foi a partir daí... que eu me... Que me libert...é... que me libertei mais porque então até aí estava assim um bocadinho muito retraída em termos de leitura e isso. Mas a partir daí pra frente senti que... que me soltei... ai, então foi uma paródia (risos) ... que me soltei mais.

O que achou quando olhou a primeira vez para história da Chocoleitura?

Eu gostei da história. Eu gostei. Só que eu então o que é que eu posso fazer nesta história? Fiquei assim um bocado atrapalhada mas depois, quando nos deu as fotocópias, eu ia pra casa e lia. E pronto, aquilo ia-me começando a soar mas nos primeiros tempos fiquei assim um bocadito atrapalhada por causa da voz... Como é que eu colocava a voz, como não colocava, o ter de falar mais alto porque a ideia... nós temos uma ideia que a criança tem de ser

assim... é... e que não devemos levantar a voz e ali não... ali naquela altura vai contra aquilo que nós pensamos... que é aquelas alturas que nós podemos levantar a voz e não sei quê. E foi também a partir daí mas eu gostei da história. Gostei das histórias todas... ah... mas a sério, gostei mesmo das histórias todas. No entanto, tá tudo bem guardadinho (risos). Ah... mas... foi a partir mesmo daí que as coi... que eu comecei a...

Isso foi depois da ida à biblioteca. Quando ouviu a primeira vez na biblioteca, o que é que achou?

Achei engraçado. Quer que lhe diga o que é que achei? Não vai levar a mal. Pensei: olha outra maluca (risos). Pensei: Olha, a Elisabete já sabia que a mulher era assim, cá pra mim dão-se as duas muito bem, olha... mas foi... foi o que eu pensei.

E de repente viu-se na Chocoleitura. O que é que pensou?

Olhe, pensei que... tava ali uma oportunidade para pormos em prática aquilo que tínhamos vindo a aprender. E... lembro-me que a senhora lá da biblioteca tinha-nos dito que às vezes que tínhamos de interagir com as crianças pra elas não ficarem... não dispersarem muito. E eu pensei: bem, então aqui olha podes fazer tudo, berrar, faz tudo o que tu quiseres (risos), tas aqui à vontade. Tens aqui esta canalha toda, tas à vontade, berra, grita, faz o que tu quiseres. E ajudou...a...a nossa ida à biblioteca nesse as... no aspecto da história ajudou bastante. Na minha maneira de ver ajudou. E depois não é só isso, é que lá na biblioteca elas têm mesmo muitas histórias, mesmo em exposição e tudo, uma pessoa pode ir e consultar. Lá está, a nossa... a minha maneira de ver uma biblioteca mudou completamente, ai foi... e depois foi uma biblioteca tão gira que... mudou ainda pra melhor porque se nós tínhamos ido a primeira vez à Biblioteca Amarela, ui, nem digo nada. Fugia a sete pés lá daquilo. (risos)

E3**2008-02-02**

Eu sou a Lúcia. Ahhh... tenho 50 anos, sou casada. Tenho duas filhas, uma com 21 ano e outra com 33. Tenho um neto também (risos), com 11 anos e moro em Dragoeiro e... ando a tirar o curso de Acção Educativa B3, que é pra... ficar com o 9º ano, se chegar lá a isso e como auxiliadora, auxiliar de crianças.

Então, e como é a Lúcia como pessoa?

Eu como pessoa sou bondosa, sou amiga do meu amigo e... aquilo que tenho também gosto de dar, eu dou tudo. Dou tudo. O meu marido às vezes é assim andas-te a matar p' aí e pra quê? E eu digo "Deixa lá homem, antes quero dar do que pedir", é isso que eu lhe digo. É, é, mas é verdade o que eu digo. Dou, dou. E... pronto... a minha vida mais ou menos...

Tem 50 anos, portanto. Já há muito tempo que tinha deixado a escola. Tinha estudado até que ano?

Até ao 6º ano. Ahhh... eu saí da escola acho que tinha 11... 11 anos.

Então por que é que deixou a escola?

Porque nessa altura era só obrigatório até ao 6º ano e só continuava quem tivesse possibilidades de estudar. A minha mãe, como nós éramos muitos não nos podia pôr e estudar.

Tinha muitos irmãos?

Éramos 10 irmãos, éramos uma família muito numerosa.

Era muito complicado. Então, o que é que fez depois?

Deixei a escola, fui trabalhar pra uma fábrica de madeiras. Com 11 anos. Eu fazia os 12 em Agosto e no fim das aulas de Junho fui trabalhar para a fábrica de madeiras.

Aqui na zona?

Ah... que era nas Figueiras que já fechou. Que era nas Ameixieiras, quem vai pra Pinheiro. E... depois daí saí e fui pra uma fábrica de refrigerantes, ahhh... tinha 13 anos. Ahhh... trabalhei lá, nessa fábrica, até aos 14. Depois o meu marido, ai o meu marido não, o meu pai embirrou, que veio cá de França, que não queria que eu lá andasse a trabalhar, tirou-me. Fui trabalhar pra uma fábrica de estofos, fazer sofás. Trabalhei lá um mês porque eu tinha 13 anos e o encarregado queria que eu agarrasse num meio sozinha à cabeça. Agarrei, fui pô-lo ao chão e parti-lhe um pé. Ele queria pôr-me de castigo e eu vim-me embora. Disse-lhe “faça as minhas contas que eu vou-me embora”. Porque... eu acho que uma criança de 13 anos não era para agarrar um sofá sozinha, naquele tempo, mas pronto. Ahhh... vim-me embora, tornei a ir pra fábrica de refrigerantes. Trabalhei lá mais uns anos. Depois...sa... casei-me...

Com que idade?

Com 16 anos. Com 16 anos e meio casei-me. Já ia grávida da Andreia. Ahhh.... Depois voltei pra fábrica das madeiras, onde andei a 1ª vez.

Mas enquanto ainda estava grávida ou depois?

Ahhh... estava grávida quando saí dessa fábrica de refrigerantes voltei pra essa fábrica de madeiras, que foi a minha primeira. Ahhh... trabalhei 4 meses, descobriram que eu andava grávida e mandaram-me embora.

Mas na altura não falou, não disse que estava grávida?

Não. Estava no início da gravidez. Eu não disse nada só que depois houve uma pessoa que deu com a língua nos dentes e por 3 dias que eu não agarrava os meus direitos nessa fábrica porque eu cheguei a ir ao Sindicato a Marmeleiro. Mandaram-me embora, vim-me embora. Depois passado o tempo tive a Andreia. Ahhh... tive em casa um tempo, até a Andreia ter 7 meses mas andava o dia fora nas terras. Andava o dia fora nas terras, a minha mãe, que Deus tem, ia comigo, ia levá-la às terras que era mais perto pra lhe dar o peito porque a Andreia foi criada ao peito até aos 16 meses. E... e quando ia pra terras pra longe os patrões emprestavam-me a bicicleta porque eu não tinha bicicleta.

Não eram terras dos seus pais? Ia trabalhar para fora?

Trabalhar pra fora pra ganhar o dia, ganhar o dia. E depois.... Ahhh... quando a Andreia tinha 7 meses a minha mãe foi à França e o meu pai veio. Sem a minha mãe saber. Quer dizer, foi um desencontro. Deixei a minha Andreia com uma vizinha e fui trabalhar pra uma fábrica de azulejo. Nesse tempo chamava-se a Estrelícia, hoje é a Girassol, que é ali nas Ameixieiras de Pinheiro também. Trabalhei lá 7 anos. Saí porque fui ter com o meu marido à Venezuela.

O seu marido estava na Venezuela. Mas estava há muito tempo?

Ahhh... o meu marido estava lá há 3 anos. Mas no meio desses 3 anos veio cá duas vezes, veio ao fim de 16 meses lá estar e depois veio outra vez ao fim de 16 meses porque o pai estava muito mal, onde o pai depois acabou por falecer. Veio no Natal e o pai acabou por falecer, porque era pra ir eu mas eu pedi pra ele vir porque o pai estava muito mal. Depois estive na Venezuela 7 anos, depois vim da Venezuela...

Tinha que idade quando veio da Venezuela?

Ah... tinha... ora bem... a Clarisse tem 21, ora bem eu vim quando a Clarisse fez os 2 anos. 20 anos. Ora... tinha 30... e um, salvo erro, pois tenho 51. Tinha 31 ano... ahhh... depois estive um tempo em casa. Depois...

Na Venezuela o que é que fazia?

Eu na Venezuela estive ao princípio meio ano em casa...ahhh... arranjei trabalho mas o meu marido não me deixou trabalhar. Porque diz que não era nenhum preto pra ganhar pouco dinheiro (risos). Depois fui pra um edifício, limpar um edifício de doze andares, de consérge, que lá chama-se consérge. Tinha casa, água, luz, tudo de graça, e ainda me pagavam. Morava nesse mesmo andar, era um rés-do-chão. E tinha doze andares. Limpava o edifício de alto a baixo todos os dias, cuidava do jardim, regava o jardim, eu é que cuidava de tudo. E ainda tomava conta dos filhos lá dos donos dos apartamentos porque não tinham... às vezes o

meu marido perguntava se aquilo era alguma creche. Por isso é que eu tive... lidei sempre com crianças. Chegou a um ponto que havia uma criança do 4º andar que não queria os pais, que me queria só a mim porque na minha casa havia comida, na casa deles não havia. Era complicado. Era complicado e, então, a criança assim que descia de elevador, a minha porta era a primeira a quem socorria. E era ele e a irmã. Coitadinhos, eu tinha muita pena deles. Dava-lhe de comer, pronto. É como eu digo, aquilo que tenho não é meu... ahhh...aquilo que eu tenho tenho lutado muito pra ter as coisas mas quando é partes de dar eu dou. Sou boa de coração. Ah... depois, nessa consérge estive aí... 3 anos... 3 anos. Tive que sair sem ninguém saber porque não me queriam deixar sair de lá. Eu...

Mas porquê que saiu de lá?

Saí porque fui pra uma padaria. Ahh... nessa consérge lá o chefe, que não sei como é que se chama aqui, ahh... disse-me que se era por causa do aumento de ordenado que ma dava porque não queria que eu saísse de lá, porque eu era uma das consérge que estava muito bem vista lá no meu edifício porque eram 5 torres, os cinco edifícios. Onde de um lado há um e quatro, dois daqui e dois dali, e havia assim aqui no meio. Ah... ele não queria que eu saísse. Se era por causa do ordenado que ele me paga... aumentava-me o ordenado. E eu disse “não, não é...” Ele chamava-se William, o senhor. E eu disse que não era por causa do ordenado, que o meu marido tinha encontrado uma padaria e que íamos pra uma padaria. Fui pra essa padaria, só tivemos lá um mês.

Mas trabalhou com o seu marido nessa padaria?

Trabalhei. Porque nós fica... Não foi trabalhar, compramos, ficamos com uma parte. Ficámos com uma parte dessa padaria, só que depois o dono da padaria estava pra Portugal e o pai dele é que ficou lá no lugar dele. E o pai dele devia ser daquelas pessoas que estava habituado a tracaleiar os portugueses. E então... ahhh... nós tínhamos dado 50 mil bolivares de entrada inicial, como se diz aqui. Ahhh... e quando o filho chegou diz que não vendia a padaria. Nós ainda não tínhamos os papéis todos feitos e eu disse-lhe que tava tudo bem, ele não queria a padaria não

havia problema nenhum. Podia vender, nós ficávamos com o dinheiro, dobrava-me o sinal e a padaria que era dele e que éramos amigos na mesma. O senhor era daqui, perto de Castanheiro. Depois... o pai dele queria ver se nos tracaleava de verdade. Eu agarrei e disse ao meu marido que ficava no lugar dele e que ele fosse chamar o advogado a Maracai. O meu marido foi falar com o advogado que é italiano... ahhh... intimou-os pra eles lá irem e não quiseram. Então foi o advogado deles. E depois, um dia, o advogado deles apareceu lá que queria falar com o meu marido e o meu marido disse "Ah, não sou eu que falo consigo, é a minha esposa". E eu falei com ele e ele disse-me que da vez de estar do lado deles... mas o filho nunca foi contra, o filho estava sempre de acordo connosco, o pai é que estava sempre pra trás. Depois o advogado, eu falei com o advogado disse-me que sim, que estava do meu lado, que em vez de estar do lado deles que estava do meu lado, que eu que tinha toda a razão. Ahhh... ahhh... então depois propus-lhe as condições ao advogado dele, disse-lhe "olhe, nós saímos daqui, ele dá-nos, ou bem, o dobro do sinal que nós demos... ahhh... nós ficamos no apartamento que era por cima da padaria, ficámos aqui também... ahhhh.... E...como ele nos pode ajudar, como eu estou desempregada e o meu marido, perdemos o nosso trabalho, vai ajudar-nos a pagar a renda da casa, até nós conseguirmos trabalho. O... o filho e o advogado que sim, o mal... se ele quiser o mal então fazemos assim... ele vai-me pagar a renda da casa, vai-me pagar o ordenado que eu estava a receber na consérge, vai pagar o ordenado ao meu marido que estava a ganhar de... de pedreiro e paga-me a renda da casa e paga-me o sustento. Porque eu saí... foi uma proposta que nos puseram, nós fomos. Ora, a proposta esta feita, não tenho culpa do pai vender a padaria sem o filho ser sabedor. Pronto. Então o filho entrou em acordo comigo. Disse que sim, que estava tudo bem, que estava de acordo. Então enquanto não arranjámos outro negócio, ajudou-me a pagar a renda da casa. Vinha buscar pão, sumo ou leite à padaria, que era por baixo, e ele não me levava dinheiro. O pai ficava muito mal por ele não me levar dinheiro. E depois no fim o pai disse-me "Ah, eu pensava que estava a lidar com garotos e estou... ainda estou a lidar com gente que ainda sabe mais do que eu". E eu disse-lhe "olhe, você pra me enganar ainda tem de comer muitas rasas de sal porque eu sou nova mas este é irmão deste e você a mim não

me engana. Pode ter enganado muita gente mas a mim não me engana”. E ele ficou danado comigo. Cada vez que eu lá ia à padaria ficava zanga... ficava assim... a olhar muito sério pra mim. Pronto. Daí arranjámos... metemo-nos noutra sociedade (risos) que foi um desastre mesmo. Ahhh... fomos pra outra padaria mas fomos mais para o interior da Venezuela. Estivemos aí... vivemos num apartamento três casais com os seus filhos. T6 pra dois, que era de dois espanhóis essa padaria. Foi... foi difícil pra mim, 3 casais no mesmo apartamento com filhos, cozinhávamos na mesma, estávamos no mesmo salão a comer. Ah... depois nós pensávamos que essas pessoas eram como nós, que eram pessoas... não tinham nada a ver connosco. Disse ao meu marido “ e tão pertinho da gente. Pertinho de Laranjeira, pertinho de Laranjeira “. Ahhh... um dia, a mulher entrou em conflitos comigo, não sei porquê. Eu ia pra entrar, na entrada da porta, ela bateu-me com a porta na cara, sujeita a aleijar-me. Eu vim pra cima... pimba, casquei-lhe. Casquei-lhe (risos). Depois o marido dela veio pra cima, viu o correio, porque ele dizia a todo o mundo que nós éramos empregados, que o meu marido era empregado e custava-lhes a ouvir, se eu tinha tanto como você na padaria, tinha entrado com x, ora somos sócios não somos empregados. Ela na rua dizia que éramos todos empregados dela, não sei quê. E eu dizia “tá bem, somos empregados. Não há problema nenhum”. Só que quando ela começou a dizer coisas à minha frente, que eu não gostei, cai-lhe em cima. Porque era a única coisa (risos) que tinha cair era essa, tinha que ser mesmo. Depois, o meu marido estava na caixa, ela só busca problemas... ahhh... comigo ou com a outra sócia era quando o meu marido estava a dormir ou quando estava o marido da outra ou quando o marido estava preso na caixa. Porque... eu.... Ahh... o senhor fulano de tal nunca se punha preso na caixa porque então ele é que era o chefe, ela é que dizia que ele é que era o chefe. Então ele veio pra cima que era pra me bater. E eu andava a limpar o salão, chama-se salão à sala lá, e ele... eu agarrei no aragá, que é o coiso de limpar e pimba, dei-lhe com ele na cabeça porque ele vinha pra me bater. Ele deu-me um murro. E eu agarrei dei-lhe outro. (risos) Depois ele agarrou e ia pra me bater outra vez, dei-lhe uma mordidela nas costas que lhe rompi a camisola e fiquei com estes dentes a doer. O meu marido veio pra cima porque, como as empregadas eram contra eles, e ela disse “Ó Manel, vá lá cima senão o Puro mata a Lúcia, o Puro

mata a Lúcia”. O Puro acho que é o velho lá lhe chamam. Contam, como aqui chamam. Então o meu marido diz que lhe deu um murro e assim ficou com um olho à Belenenses. Eu vou dizer uma palavra muito feia que não devia dizer. Eu sei dizer que ele nesse dia andava com umas calças à tirlé no tempo que andava com umas de ganga eu tinha-o matado. Pus-lhe as mãos no sítio... não digo mais... ele fartava-se de gritar pra eu o deixar. O meu marido “deixa o homem, deixa o homem”. Eu não... estava cega, eu estava cega. Eu digo, nessa hora matava-o. Porque lhe agarrei nas partes íntimas... e se ele trazia umas calças tirlé eu matava-o mesmo, Elisabete. Eu estava cega, eu nesse dia... quer-se dizer... depois agarrou... fui à Guarda porque a Guarda lá é contra o homem bater numa mulher e então queriam-no prender. Queriam-no prender... ahhh... o meu marido retirou, disse que não, que não valia a pensa estar a prendê-lo porque... ahhh... em primeiro eu já fui à Guarda, a Guarda veio buscá-lo e a mulher não queria que ele fosse. Queria que a gente, o meu marido e o outro sócio, fechassem a padaria porque o marido não estava, não tinha nada que estar a padaria aberta. A Guarda lá, que é muito rigorosa, disse que não tinha nada a ver com isso porque estavam dois sócios na padaria não era preciso fechar. E ele estava na hora dele de descanso. Depois, ele apareceu lá a fazer queixa de mim e a Guarda ainda o queria mesmo... como é que eu digo, são severos mesmo com os homens que batem nas mulheres... ahhh... mandaram-no calar, que em primeiro estava a senhora pra falar que não era ele. E depois quando ele agarrou e começou a falar e disse que eu lhe tinha mandado com o aragá na cabeça eles disseram “a senhora devia era tê-lo matado”. Que eu que o devia ter matado... ahhh... que não era avaria nenhuma um homem bater num homem, agora um homem bater numa um... numa senhora não era... isso não era avaria nenhuma. Ahh... depois o meu marido foi lá ter comigo... ahhh a Guarda veio buscá-lo e ficou o outro sócio mais a empregada a vigiar a esposa. Ele... começou a falar, eles queriam-no prender mas eu disse que não, que era melhor resolver as coisas doutra maneira que assim que já não dava. Porquê? Porque eu vi-os muitas vezes a roubarem-nos. E o meu marido estava na caixa, o outro sócio estava a dormir e ele chamava a mulher à oficina. Eu do meu quarto tinha uma janelinha que dava pra essa oficina e eu via-os a roubarem. Tanto que eu pus-me assim num pauzinho. Porque eu

dizia ao meu marido “vai ver as contas. Olha que ele anda a roubar-nos, apanha-te a dormir ou apanha-te aqui na caixa e o Sousa a dormir e ele chama a mulher e eu vejo ele a dar dinheiro à mulher”. Tu estás tola e mais não sei quê. O meu marido dizia que qualquer dia me mandava pra Portugal. Então mandas-me pra Portugal mas não quero saber mais de ti porque tu não estás a acreditar naquilo que eu digo. Depois como ele me viu assim a ficar magra, agarrou um dia disse pra gente tirar um domingo cada um e no domingo dele que esteve de folga, o meu marido mais o outro, eu e a esposa do outro viemos pra padaria, que ele não autorizava que a gente trabalhasse na padaria, e o meu marido foi ver e realmente... estava lá... o desfalque. É triste a gente chegar a esse ponto porque se estamos no estrangeiro estamos todos com a mesma... com a mesma situação e acho que é feio andarem-se a roubar uns aos outros. Ahhh... depois então daí começámos com conflitos. Então o marido disse à Guarda que íamos resolver a situação doutra maneira e então ele correu meio mundo pra lhe emprestarem dinheiro pra ficarem com a padaria, pra ser ele o vencedor e ele não teve ninguém que lhe emprestasse um tostão. Um bolivar. E nós foram-nos oferecer à padaria dinheiro para comprar lá a parte dele. Comprámos a parte dele, ficámos lá. Entrou lá um cunhado meu, que já morreu, agora já é ex-cunhado, mais a mulher, foi a burriedade que nós fizemos foi lá meter família. Depois entretanto fiquei grávida da minha filha mais nova e vim a Portugal e vendemos a nossa parte a eles. E depois regressei à Venezuela, tinha a minha filha mais nova 4 meses. Aos dois meses fui com ela à França. Fui à França porque ela estava cá a passar férias. Levei-a. Ele tinha 2 meses fui à França, tive na França um mês. Cheguei aqui, o meu marido telefonou pra Venezuela pra um compadre meu e então ficámos com a padaria só pra nós. Trabalhei lá muito. Cheguei a pontos que me apetecia agarrar, que ainda tinha a mala feita, e vir embora porque eu dormia numa divisão pior que os ... enquanto não arranjei casa. Eu dormi aqui no chão num colchão, eu tinha mobília da outra casa mas não tinha casa pra meter e não a podia ir buscar. Eu não tinha vendido a minha mobília, estava em casa dessa sócia e... tinha sofás, tinha camas, tinha tudo. E então lá buscar ao menos os colchões. Dormia no chão. Dormia eu, o meu marido, a minha... a Clarisse no meio e a Andreia do lado. E dormia um venezuelano por trás de nós com umas cortinas... com

uns lençóis ao meio. Foi difícil, eu tinha de lavar roupa em cima da tampa da sanita. Só que a roupa não andava suja. Era só passar o sabãozinho e já está. Mas... difícil. Chorei muito, na segunda vez chorei muito. Da primeira quando fui já tinha a casa posta, o marido tinha a casa toda posta. Não custou tanto, mas depois, desta segunda vez, quando eu fui fiquei contente de estar sozinha porque trabalhava pra mim... ahhh... não tinha cá sócios a mandar em mim nem tinha cá sócios a meter o nariz. Mas foi triste, pelo menos dois meses enquanto estive à espera de um apartamento, que uma senhora saísse pra Cuba. Uma cubana que ia sair pr' os Estados Unidos. Depois daí correu-me a vida bem, graças a Deus. Trabalhei muito mas mesmo assim ganhei dinheiro pra esta casa. Foi aí que eu ganhei dinheiro pra esta casa. Ahhh... daí, depois... Ahhh... tive aí só nessa padaria, estive aí um ano e pico, foi um ano e pico. Fui pra lá tinha a Clarisse 4 meses e vim no dia que a Clarisse fez 2 anos. E foi aí que eu ganhei nessa padaria, sozinha mais o meu marido e a minha e as empregadas, que eu tinha empregadas, lutei muito, trabalhei muito, cheguei a pontos que eu não tinha tempo de fazer comer. Tinha que pedir comer ao restaurante, pra nos levar comer. Comíamos na padaria, nem tempo tínhamos pra ir a casa. Só depois mais tarde então é que o meu marido ficava com a minha filha e eu ia a casa fazer o comer. Deixava esta (Clarisse) sozinha no salão a ver televisão e ia pra padaria porque era como daqui a lá cima à capela. Nós chegamos à padaria. Deixava-a sozinha no salão a brincar e lá ia eu à carreira pra padaria, pra vir o meu marido almoçar, almoçar mais a minha filha e o meu marido descansava e a minha tomava conta dela e eu estava com as empregadas. Foi difícil que no dia dos meus anos, o meu marido fez 30... não sei se foi 32 anos, eu tenho fotografia disso tudo, o meu marido teve um acidente. O meu marido veio à padaria, não me disse que tinha tido o acidente, só disse aos empregados que quando acabasse o pão me dissessem a mim pra fechar a padaria. Eu cheguei lá dentro e perguntei o que se passava e eles disseram “o senhor disse que quando acabasse o pão pra fechar a padaria”. Não vamos fechar padaria nenhuma, vamos fazer pão. Fui lá chamar uns rapazitos que eram os donos da... da... do local do negócio. Fiz pão, forneci pão, se foi vender pão foi nesse dia. Eu nunca tinha posto um pão ao forno, com o palim. Eu dizia ao meu marido “ensina-me”. “Ah, pra quê? Tens o forneio, tens assim...” “ Eu nunca tinha posto um

pão ao forno com o palim... eu nunca tinha... enrolado o pão na máquina, eu fiz isso tudo. Mandei a minha filha chamar as empregadas... a empregada da tarde, pus a da manhã e da tarde, que eram como minhas filhas, que estavam sempre dispostas a ajudar-me em tudo. Tenho muitas saudades dessas empregadas, digo, tenho. Eu não eram empregadas, eram filhas pra mim. Porque eram umas meninas que eu tudo lhe pedia tudo faziam mas também se elas me pedissem tudo lhes fazia, dava-lhe muita coisa, muita, muita coisa mesmo porque sabia que tinha... era uma mãe solteira e tinha muitas dificuldades e ajudava-a em tudo, dava-lhe muita coisa... ah... mas elas pra mim era umas filhas, não eram empregadas, eram filhas... ahhh... deixei ficar a minha filha mais velha ao balcão, esta (Clarisse) gatinhava lá por o chão entre as nossas pernas e a gente a despachar. Era verdade. Passe muito. Ela ia pró pé dos padeiros e quando chegava cá pra fora vinha cheia de farinha, parecia uma padeira a gatinhar. Ela espatifava-me com tudo debaixo do mostrador, que tudo o que lá havia ela tirava-me tudo pra fora. Mas ela tava entretida, o que a gente queria era despachar as pessoas porque os venezuelanos não têm paciência como nós os portugueses para estar à espera que nos atendam. É... não me atendes vou pra outra, não é? Ahhh... eu amassei pão mais o... o padeiro, eu passei o pão na ma... na encevadora, eu pesei pão, eu meti pão ao forno e se foi vender pão foi nesse dia e o senhor ainda está à espera do pão porque não sei o que é que se passou... o meu marido quando chegou de... porque foi um cliente nosso que foi de encontro a ele. O cliente assumiu todas as responsabilidades. E era um carro novo que nós tínhamos – um Toyota Corola – tínhamos o tirado há 8 dias do stand (risos). Era automático, o meu marido comprou automático pra mim por causa de eu me habituar lá às estradas, porque era mais fácil andar a meter as mudanças. Quer-se dizer, o meu marido chegou, a padaria estava a trabalhar, não se fechou a padaria... fechámos eram 9h e tal, fiz um almo... um jantar prós empregados todos que colaboraram comigo. Fomos todos pra minha casa jantar, tenho fotografias que podem comprovar que não estou a mentir. E... depois então, eu comecei a ver a situação da Venezuela a ficar muito crítica, não era o meu marido que sabia era eu porque eu é que ia às compras, eu ia aqui, eu ouvia falar, eu lia o jornal, eu ia pra aqui e ia pr' acolá e isto vai dar uma crise... Apareceu um rapaz madeirense que queria... tinha vendido

a parte dele, uma parte lá em Pal... na Venezuela e ele queria entrar em sociedade connosco. E eu disse ao meu marido “sociedade não. Vende-se a padaria e vamos embora enquanto é tempo”. E ele disse “tu estás tola? Então agora que isto está...” E estava... uma padaria que... quando nós fomos pra lá estava arruinada, estava a fazer dois sa... não fazia um saco de pão de farinha, nós saímos de lá estávamos a fazer sete sacos de pão de farinha por dia. Não era brincadeira nenhuma. E não era só pão que nós vendíamos: era fiambre, queijo, mercearias, vendia... era como se fosse um supermercado. E... tava a vender muito bem, mesmo bem bem. Houve lá uma... uns portugueses tinham uma padaria à frente de nós e fizeram-nos muito mal mas não conseguiram fazer mal nenhum porque houve pessoas que me avisaram. Eu tentei dar as voltas. E até tiveram uma vez um cliente que bateu lá na patroa por serem tão maus pra nós... eram uns infringidos de primeira. E eu disse ao meu marido “cada qual mete-se na sua vida, metemos-se na nossa e eles quando vierem cá pedir alguma coisa emprestas e tu quando precisares vais comprar”. Pronto. Era assim que nós fazíamos porque eles só iam lá pra ver o ambiente, entende? Ahh... havia clientes de lá que começaram a desistir de ir lá iam pra nossa e eles ficavam danados. Ficaram sem clientela. Porque a padaria estava mesmo... quando nós ficamos... estava mesmo em baixo, estava mesmo arruinada. Nós levantámo-la, em pouco tempo levantámo-la... graças a uns espanhóis que nos ajudaram muito, que nos explicaram certas coisas... ahhh... foi a quem eu vendi as minhas coisas todas. Vendi. Não trouxe o dinheiro. O rapaz foi muito sério e mandou-me o dinheiro mais tarde. Quando pôde mandou-me o dinheiro. Então, como eu comecei a ver as coisas muito mal comecei a dizer ao meu marido pra vender a padaria a esse madeirense, que o melhor que nós fazíamos era vir pra Portugal porque aquilo estava lá mal. E nós viemos em Outubro e aquilo rebentou em Fevereiro. O meu marido disse “eras bruxa ou alguém te disse” (risos). E eu disse “não, ninguém me disse. Como eu agarrava no carro... porque eu na... eu tinha a carta mas andei muito tempo com medo de conduzir e um dia 13 de Maio foi Nossa Senhora que me iluminou e peguei no carro com esta e corri a Venezuela quase toda o dia inteiro, que não apareci ao meu marido. E eu assim “é hoje que tenho andar”. Andei com ela. Quando cheguei o meu marido todo preocupado “onde é que tu

andaste?” A passear, fui ver uns amigos, longe quilómetros. Eu fiz alguns duzentos e tal quilómetros nesse dia pra trás e pra frente porque acho que foi a Nossa Senhora que me iluminou que eu tinha que agarrar no carro. Eu ia a qualquer lado a conduzir mas com o meu marido ao pé. Eu sozinha não era capaz de conduzir porque lá era muito mais difícil de conduzir do que aqui, é pior do que o Amendoeira. Pronto. É pior ir à Amendoeira porque não vou a conduzir, pra Laranjeira vou mas pra Amendoeira não. Pra Amendoeira não vou. A gente às vezes engana-se. Ahhh... lá quando uma pessoa metia pisca punha-se ali fora, pronto. Lá era assim. Não, andei, andei muitos quilómetros nesse dia. Nesse dia saí de manhã e só vim ao fim da tarde. Deixei a padaria, era o dia da Nossa Senhora de Fátima, foi o dia... havia festa... só vim ao fim da tarde porque sabia que esse dia, durante o dia, era de pouco movimento. Ao fim da tarde, como era festa foi até à meia-noite, trabalhar duro depois, aí foi, foi. Mas digo-lhe, tenho muito boas recordações da Venezuela e se não fosse dar o que deu eu não tinha vindo pra Portugal. A minha terra seria a Venezuela mesmo.

Então, e depois de ter voltado fez o quê?

Depois quando eu voltei estive dois meses em casa sem trabalhar. Depois trabalhei meio ano no Malmequer, como operadora caixa e repositora. Ahhh... Depois saí ao fim de meio ano. Tive um tempo de... no desemprego mas foi coisa de quê... não chegou a três meses porque eu trabalhava em part-time, no Malmequer, foi o que me apareceu. Depois, ahhh... eu saí e daí fui trabalhar novamente pra fábrica de refrigerantes, onde trabalhei de solteira. Ah... trabalhei lá 18 anos.... 16 anos. Ao fim de 16 anos a fábrica fechou. Fechou... vim pró desemprego. Só estive 2 meses, foi quando apareceu então esta oportunidade...

Então, como é que soube do curso?

Eu soube do curso... foi a Dra. Patrícia...da instituição.

Já a conhecia?

Conhecia porque o meu neto tinha estado no ATL lá. E então já tinha-me inscrito lá também. No ATL. Nunca me chamaram. Ahhh... depois a Dra. Patrícia então como soube destes cursos por o... 8 dias... por o Natal, antes dois dias do Natal ela telefonou à minha filha a perguntar se ela conhecia alguém que tivesse o 6º

ano e se queria inscrever para uns cursos que ia haver na Junta de Freguesia de Alfarrobeira. A minha filha disse que sim, que ela tinha o 6º ano mas que estava feito na Venezuela e que eu também tinha e se podia... se podia ter... se podia fazer a inscrição. Ela disse que sim. Fui fazer a inscrição e fui seleccionada. Éramos algumas 30 e tal mulheres, fomos 14 seleccionadas.

Eram só mulheres?

Eram só mulheres. Só mulheres. Fomos 14 seleccionadas. Eu achei graça por ser seleccionada porque sou a mais velha do grupo. Eu creio até que me seleccionaram derivado à minha filha, eu andar... como mãe e filha, andar mãe e filha na mesma... no mesmo curso. Foi isso que me levou a crer.

Como é que se sentiu perante a possibilidade de voltar a estudar?

Não. Gostei, gostei. Até disse pró meu marido... o meu marido assim “então tu vais mesmo?” Vou, vou estudar, vou ser novamente uma criança a estudar na escola (risos), tanto que quando eu chego a casa, o meu marido assim “então estudanta, como é que estás?”

E o que é que o seu marido achou?

O meu marido não acha nada (risos), olhe, acha graça porque eu chego a casa, quando é por exemplo o... pronto, eu digo as dificuldades que eu sinto mais eram TIC porque nunca tinha agarrado num computador, não sabia o que era mexer num computador. Ahhh... do Inglês porque eu nunca tive aulas de Inglês. Pronto. As minhas dificuldades maiores... penso eu. Pronto. Em Português sei ler muito bem, sei escrever muito bem, que é raro dar erros mas sei que não aplico muito bem as pontuações. Pronto. Mas pronto, pró meu nível de sabedoria naquilo que eu aprendi na escola primária, eu creio que há pessoas que escrevem muito pior do que eu e... a nível de Matemática há muitas coisas que eu sei. Há outras que eu não sei. há muitos anos que eu não dava Matemática. Eu pra contas não há ninguém que me engane, ou de máquina, ou de caneta ou de cabeça eu vou lá... ahh... o meu problema é... era na escola os problemas que os fazia de cor. Nunca era capaz de explicar à minha professora o que é que eu estava a fazer. Porque ela

gostava... tanto que quando eu fiz o exame do 4º ano e do 6º ano em Castanheiro, ahhh... a minha professora avisou os professores que eu que ia ao quadro... se me mandassem fazer alguma coisa que eu não que não explicava, não era capaz, que eu ficava muito nervosa. Eles também não pediram pra explicar. Chamaram-me ao quadro, fiz o problema e mandaram-me assentar. Que estava bem, pronto. Mas eu não queria fazer o 6º ano, não queria porque eu queria trabalhar porque via as dificuldades da minha mãe em casa. Porque eu comecei com 9 anos a andar o dia fora nas férias, grandes. As férias da Páscoa, que era o tempo da sementeira das batatas. E eu ganhava nessa altura 50 escudos por dia. E as mulheres ganhavam 40. Ficavam todas zangadas com os patrões por eu ganhar mais do que elas, mas também eu fazia mais trabalho do que uma mulher de 40 anos ou 30 porque eram preguiçosas e eu como criança trabalhava bem. Tanto que o patrão chegava ao fim até me dava às vezes mais 50 escuditos e eu ficava toda contente. Mas também ia ao domingo, ia ao domingo, ia nas férias trabalhar pras terras quando deixávamos as batatas pra juntar ao sábado, íamos ao domingo prp patrão e ele dava-nos o almoço e ficávamos todas contentes e o patrão também. Pronto... ahhh... naquele tempo era assim... Hoje está mal mas naquele tempo também estava mal. Acho que ainda era pior. Porque eu também digo, eu acho que tá bem que hoje em dia todo o mundo estude mesmo quem tem... e não tem possibilidades mas também ta a estragar muita juventude porque antigamente, no meu tempo era assim, tinhas possibilidades estudavas senão ias trabalhar. Hoje também se estraga muita juventude.

Então, mas não a assustou um bocado “vou estudar depois destes anos todos”?

Não... eu... pra mim foi uma... como é que eu hei-de dizer... não me assustou porque eu nunca tive medo à escola. Nunca tive medo à escola e foi uma... uma aventura.

Então e como era o facto de ir com a sua filha? Saber que ia estar com a sua filha no mesmo curso durante

este tempo todo?

Fiquei contente porque íamos as duas e vínhamos as duas e estamos aqui as duas perto uma da outra.

Então e depois deste ano, que está praticamente no fim, houve alguma coisa que tivesse mudado na sua vida, houve alguma alteração?

Não. O curso ficou... pronto... uma coisa que eu fico a saber é como lidar com crianças porque a minha mãe teve 10 filhos e nada disso é como é hoje em dia. Nós fomos criados uns com os outros. Não havia cá creches... não havia cá ATL's. A minha mãe ia o dia fora, também nós ficávamos nas mãos de Deus... ah... os meus irmãos mais velhos, que já faleceram, esses aí é que nos tiravam o vestido, lavavam e tornavam a vestir. Faziam o comer eles. A minha mãe ia trabalhar e a gente é que fazia o comer. Depois eles começaram a crescer e começámos nós a fazer aquilo que eles faziam. Pronto... ah... a minha mãe ensinou-nos pra vida porque éramos muito pobres, pronto a pobreza... hoje há pobreza mas naquele tempo havia muito mais e hoje eu creio que também há pobreza derivado à cabeça das pessoas porque hoje se o homem trabalhar e a mulher trabalhar eu creio que não há pobreza. Porque eu sempre pensei dar às minhas filhas, até penso que as estrago com isso, dar às minhas filhas aquilo que a minha mãe nunca me pôde dar....nunca. Porque a minha mãe comprava 25 tostões de rebuçados e dava um a cada um, daqueles de meio tostão e a gente ficava todos contentes. Mas o estudar acho que é bom, nunca é tarde pra aprender. Aprendi coisas neste curso que nunca... que não sabia. Aprendi muita coisa, não digo que fixo muito na cabeça certas coisas porque eu já passei por muita coisa na vida desde que me casei e a minha cabeça tem andado assim um bocadito fraca, tanto que tomo uns antidepressivos, tomo uns medicamentos pra me acalmar derivado a uma depressão muito grande que o meu marido apanhou. E problemas que nos fizeram muito mal na nossa vida desde que nós comprámos esta carrinha. As pessoas têm inveja... tem inveja de quem trabalha.

Tendo em conta tudo aquilo que fez no curso

esperava algum dia ter
feito aquilo que fez,
imaginava mais ou
menos como é que
podia ser?

Eu pensava... quando fui para este curso pensava que era como nós na escola. Só dar Português, Matemática, Inglês, TIC, essas coisas todas. Não sabia o que era Cidadania, não sabia o que era temas de vida, não sabia o que era Inglês, não sabia o que era TIC... pronto, não sabia o que era nada disso. Eu ia com aquela expectativa da escola ser a escola como eu... Tipo do ensino da escola. Tanto que ainda hoje falam que realmente me impressionou muito este... este tipo de... de actividades porque eu nunca tinha feito. Digo a verdade, porque digo mesmo, porque há 30 e tal anos que eu andei na escola, há mais de 30 e tal anos, e não se faziam as coisas que se fazem hoje.

Que balanço faz do
curso?

Faço um balanço positivo e digo a todas as pessoas que tenham a possibilidade de tirar um curso, que sejam seleccionadas, que vão, que lutem pra frente, que não olhem à idade. Eu também não olhei à idade... ahhh... depois de lá andar é que eu vi certas coisas que já não era pra minha idade mas... pronto.... fazer certos trabalhos manuais que eu nunca tinha feito. Aprendi. Não sabia fazer e agora já sei fazer. E hoje digo se houver pessoas que não tenham o 9º ano que vão, que vão. É.... É bom... é bom... conheci novas pessoas e conheci novas actividades

E em relação ao grupo
em si, com quem
trabalhou, com quem
esteve um ano inteiro?

Sabe que em todos os grupos onde trabalham mulheres há sempre problemas. Não são todos iguais... ah... eu já trabalhei com mulheres em muito sítio e não tive problemas. Quando trabalhei no Malmequer não tive problemas com ninguém. Eu trabalhei com mulheres na fábrica de madeiras, não tive problemas com ninguém. Eu trabalhei na fábrica de azulejo, nunca tive problemas que até era auxiliar encarregada, eu era auxiliar encarregada porque quando a encarregada faltava eu é que a substituía, numa fábrica muito boa. Ahhh...a nível de colegas

nunca tive problemas com colegas e éramos muita mulher a trabalhar naquela fábrica nesse tempo. Hoje não porque já trabalha mais a nível de robots. Metade das mulheres vieram pra rua, nunca tive problemas. Hoje encontrámo-nos seja onde for, ainda no outro dia encontrei uma colega que trabalhou lá comigo. Aquilo a gente abraçou-se, éramos... somos muito amigas, éramos muito unidas, muito amigas. Cada qual trabalhava na sua secção mas éramos todas unidas. E neste curso são. Há rivalidades entre umas e outras.

Acha que isso é em relação a todas as pessoas ou umas mais do que outras?

Mais umas do que outras... mais umas do que outras. E... cada qual tem o seu feitio, tem a sua maneira de ser, temos que respeitar. Só que eu... a minha mãe ensinou-me que sempre temos de nos respeitar uns aos outros. Foi isso que a minha mãe sempre me ensinou, não falar da vida dos outros, que é a coisa que eu mais... Rivalidade... é assim, nem tu és mais do que eu nem eu sou mais do que tu. Ah... nem eu ser mais do que tu nem tu seres mais do que eu porque cada qual tem o seu saber, cada qual tem a sua maneira de ser, o seu feitio especial, não é? E... porque se aquela fez eu também quero fazer ainda melhor do que ela.

Há sempre aquele espírito de competição, mas não era uma competição saudável?

Ah... a competi... a competi... a competi... a competição saudável pronto, eu não tenho, como é que eu hei-de dizer... eu não tenho inveja se a Elisabete sabe mais do que eu ou se aquela sabe mais do que eu pois a minha cabeça não é igual à delas. Há cabeças que têm mais possibilidades de aprender do que outras. Há pessoas que tem mais possibilidade de aprender, por exemplo, o meu marido tem uma boa cabeça... tem uma boa cabeça.... Ele sabe. Eu até disse “olha tu é que devias ter ido tirar o 9º ano”. É, o meu marido tem muito boa cabeça. Aliás, ele estragou muito a cabeça derivado aos medicamentos que ele tomou mas ele teve muito boa cabeça. Olhe que o meu marido... ah... na primária a professora chamou a minha sogra pra ele estudar e passou dois anos num, com a boa cabeça que ele tinha. Foi pena ele não

estudar porque a minha sogra também não tinha possibilidades. Também era 12 filhos... eram 15 mas três... agora são 8 mas os outros morreram abortos e eram crianças pequenas que morreram, bebês. Pronto.

Então e agora relativamente ao módulo de Linguagem e Comunicação. O que é que achou daquilo que fez durante um ano?

Ai Elisabete... daquele módulo de Linguagem e Comunicação aprendi muita coisa, como ler histórias, sabê-las apresentar, que não sabia como era. Ah... no início foi um desastre total. Hoje já faço mais ou menos mas se daqui a mais uns dias ou mais uns meses que eu andasse fazia melhor. Eu sei que eu fazia melhor. Ao princípio... Eu sei. No princípio era a vergonha de umas com as outras, não sabíamos com quem estávamos a lidar (risos). Era mesmo vergonha. Ah... depois mais tarde... porque tínhamos medo das críticas... eu pelo menos tinha medo das críticas. Mais das colegas do que da formadora. Ah... eu sei que ao princípio a gente fez mal porque se acanhámos... pronto, eu falo por mim. Acanhei-me um bocado mas depois na segunda acho que já fiz um bocadinho melhor. Na terceira já fiz melhor ainda e hoje penso que se andasse mais uns meses na formação me soltava mesmo a fazer melhor. Soltava mesmo a fazer.

Então, de tudo o aquilo que fez ao longo desse ano em relação ao módulo de Linguagem e Comunicação onde é que se sentiu mais à vontade? O que é que gostou mais de fazer?

Ah... eu acho que foi nas histórias que me senti... mais tarde à vontade. De tudo um pouco. Mesmo algumas coisas que eu às vezes não compreendia, mas perguntava. Mas tudo um pouco. Fiquei a saber certas coisas. E às vezes à noite ainda estou ali a rever. Ainda ontem à noite estive a rever, tenho aqui a pasta, com tudo o que a Elisabete... as histórias e isso tudo. Estive aqui a rever isso tudo. E pronto são coisas que nos vai sempre lembrar

na vida, não é?

No início do curso disse que quando era mais pequena não lhe contavam histórias.

Não, a minha mãe não tinha esse hábito. Nem nunca contei histórias às minhas filhas. A minha mãe nunca nos contou depois veio a filha e eu ainda era uma criança praticamente que se pode dizer assim. Também nunca lhe contei e depois a Andreia também foi pra França tinha 16 meses. Com os meus pais porque eu andava a trabalhar e nesse tempo não havia creches como há hoje. E ela passava meio ano em França e outro meio cá em Portugal. Depois veio esta, o meu tempo era o que estive na Venezuela. E depois ela também foi criada pelos meus pais, foi criada por uma irmã minha e trazia à noite. E o meu trabalho como era... era sair doutra fábrica, chegar e muitas vezes trabalhava até às 7h, 8h, 9h e 10h na fábrica. Ao sábado era agarrar-me ao quintal. E... não tinha tempo... não tinha tempo. Eu gosto muito de ler. Eu digo, se eu tivesse mais tempo mesmo eu gosto muito de ler.

Mas o que é que lia?
Revistas? Jornais?

Eu... eu... é mais se for a uma padaria ou a um café tomar um café eu tenho que ir buscar o jornal para ler. Livros por exemplo, quando o meu neto entrou... quando ela foi pra escola na 1ª classe eu tinha que ler os livros todos. Eu tinha que ler os livros todos, eu tinha que ler os livros. Mesmo agora o meu neto anda na escola, eu tenho que ver os livros dele. Agora no 6º ano, como ando aqui neste não tenho visto mas gosto muito de ver, de rever os livros da escola.

Mais nesse sentido?
Agora a nível da leitura, acabou há pouco tempo “as palavras que nunca te direi”.

Não. Só agora é que eu comecei a conhecer esses livros.

Gostou da experiência?

Gostei mas é assim... eu gostava... eu sou uma pessoa que é assim... gosto de agarrar numa coisa e ir com ela até ao fim. Não gosto de andar com ela por partes. Ah... como eu, se começar a

fazer limpeza à minha casa a fundo eu tenho que começar e disser assim em três dias tenho que acabar, tem de ser acabado. Agora eu ler um livro hoje, uma folha ou duas, depois daqui a oito dias tornar a agarrar já não sei, tenho de começar outra vez ao princípio. Depois leio 4 ou 5, já não tenho tempo pra ler. Tenho de voltar outra vez ao princípio. Assim não.... Ah... este... comecei a lê-lo, já tornei a voltar ao princípio e tenho de tornar a voltar ao princípio. Eu até queria lê-lo antes de acabar o curso mas a Elisabete já vai acabar. Eu creio que agora quando nós formos para o estágio já é mais gratificante... é este. Já comecei a ler duas vezes. Eu creio, Elisabete, que como vamos para o estágio, já não temos aquela coisa de estar a estudar... eu creio que agora que depois que venha... que eu venha o estágio, mesmo que agora tenha mais trabalhito, que agora começa a sementeira das batatas e isso, mas também tenho o mês de Fevereiro todo. Já não vou para o eido, fazer nada, pró quintal... o trabalho maior do quintal é depois de Março pra frente. Eu creio que depois quando chegar do estágio já eu à noite leio. Eu estou com curiosidade de ler este e este também. As colegas dizem que no fim que choca.

Mas acha que dá vontade para continuar a ler?

É assim... eu gosto de ler só que havia de ter mais tempo pra ler. Se eu vivesse num apartamento eu tinha mais tempo pra mim. Agora uma pessoa tem uma casa destas, não é, dá muito trabalho e o quintal que eu tenho... por isso é que estou morta que a Andreia comece a fazer casa lá em baixo que fico com metade só (risos). Vai ver que não tenho tempo e o tempo que tenho também preciso descansar porque já não sou nenhuma criança. Não sou nenhuma cota ainda mas já não sou nenhuma criança. Como eu digo, eu comecei e trabalhar muito nova. Eu tinha 9 anos quando comecei a trabalhar nas terras. Não é fácil porque se hoje em dia dissermos aos nossos filhos não acreditam nisso. Isso é doutro tempo. Eu só digo "oxalá que não voltemos a esse tempo". Está muita terra a monte e a pessoa se quer comer, da maneira que isto está tem que semear. Mas... eu digo, se tivesse um apartamento tinha mais tempo. Eu vinha da fábrica às 5h30, chegar a casa não chegar 6h menos um quarto. Eu ia pra eira até às 8h/8h30. Muitas vezes... Nós nunca lanchámos. Eu e o meu marido nunca lanchámos. Eu às 8h tinha que ter o jantar na mesa. Jantava e

muitas vezes com a luz do holofote ia apanhar feijões à noite. Enquanto eu puder não vai ficar a monte. Por isso é que eu digo, o meu tempo é pouco. Ora se eu tivesse mais tempo eu gostaria de ler.

No início disse que nunca tinha entrado numa biblioteca.

Não. Nunca.

Agora que já entrou em três, isto um espaço de meses, entrou em três bibliotecas. O que achou?

Eu acho muito bem. Foi uma experiência boa. Não imaginava o que era uma biblioteca. Sou sincera. Hoje ao entrar na biblioteca Rosa, acho que é uma biblioteca muito linda, está muito bem organizada. Não falando da Verde, que foi uma maravilha. Gostei muito. Agora aquela que nós fomos... Não sei, pronto, não me cativou. Não me cativou mas pronto, era uma biblioteca como as outras só que não cativa tanto as pessoas como a Verde e a Rosa. E nunca mais fui à de Castanheiro ainda porque, como eu digo, não tive tempo ainda. Ahhh... ahhh... se eu tivesse um sábado à tarde, ahhh... os sábados estão sempre ocupados. Hoje estou aqui, estou consigo. Depois da Elisabete ir embora vou ao cemitério, depois tenho de pôr a roupa a lavar.

Disse que não gostou muito da biblioteca Amarela mas que a Verde... O que é que gostou mais na Verde?

A Verde era muito cativante. A nível pessoal, a nível da organização que estava eu gostei muito, a maneira como o rapaz nos recebeu, o jovem foi muito simpático...ah... a que nos esteve a ler o conto. Era simpática mesmo. Estava ali uma biblioteca bem dividida, pronto, eu gostei. Gostei muito.

Desde o início das sessões começámos a trabalhar à volta da leitura, a forma de contar histórias e fomo-lo

fazendo de forma diferente, fomos introduzindo coisas novas. Começámos por introduzir os objectos, começámos por ir fazendo as coisas lentamente. Entretanto vocês viram, assistiram a duas sessões de contos em duas bibliotecas diferentes, na Rosa e depois na Verde. Aprenderam alguma coisa de novo, foi uma forma diferente de contar. Juntando isto tudo o que é que a Lúcia tem a dizer?

Tenho a dizer que se fosse hoje a começar a contar histórias que as contava de outra maneira porque já vi a maneira como elas as contam. Foi fantástico. Por isso é que eu digo que se hoje começasse o princípio do curso a fazer... e soubesse isto tudo já não era este acanhamento do princípio (risos). Não era não, Elisabete, isso lhe garanto. Não era esse acanhamento.

Mas por que é que estava assim no início?

Porque nós não nos conhecíamos umas às outras. Não era medo, era aquele acanhamento, aquele bocadinho de vergonha. Vão fazer pouco de mim lá pra fora da figura que eu fiz.

Como é que se viu a representar? Como é que se sentiu?

Foi difícil, foi estranho pra mim porque nunca tinha representado. Quer-se dizer, eu nunca tinha representado, só tinha representado uma vez na escola primária e foi cantar em coro, agora representar...representar peça de teatro nunca tinha feito. Olha a minha figura... depois de cota fazer estas figuras (risos). Mas foi gratificante, foi engraçado. E esta então de porquinho gostei muito.

Acha que cresceu em tudo aquilo que

aprendeu? Agora falamos só do módulo de Linguagem e Comunicação.

Foi uma experiência boa porque na escola nunca fiz nada destas coisas assim. Eu via fazer o 9º ano como se fosse estar fechada numa sala como as crianças estão no ciclo. Como as crianças hoje estão na escola. Agora não me via a fazer estas coisas. Nunca tive medo de nada, enfrento sempre tudo com boa cara, com cara alegre.

E4**2008-02-04**

Passado meio ano depois da minha filha ter nascido é que eles apareceram em casa. Tenho tentado mudar a cabeça do meu marido. O que ele diz é “eles já te fizeram sofrer mais, agora é que eles não te vão fazer sofrer mesmo, agora eu não vou deixar”. Só que é assim, a minha filha adora os meus pais. O problema está aí. E eles adoram a garota. Eu também não quero que a minha filha sofra como eu sofri. É assim, o mal que eles fizeram foi a mim, não foi a ela. Portanto... eu também não vou tirar o prazer que ela tem de estar com os avós por aquilo que eles me fizeram sofrer. E é assim a vida...

Mas sente que o seu pai agora está mais calmo?

Está. Está porque eu, de vez em quando... depois eles tiveram outro filho e nem um nem outro são escravos de casa. Por que é que eu que sou filha tenho? Embora sejam dois rapazes, está certo. Mas eles saem, entram à hora que querem...

Mas acha que pelo facto de não ser filha dela e ser rapariga...

Sim. Agora, de vez em quando vou-lhe dizendo “não fazes estes o que fizeste comigo. Porquê? Sou diferente? Achas que fizeste bem?” E ele não diz nada. Se está em pé vai-se embora porque agora vê que fez mal. Um dia cheguei a dizer-lhe “um dia quando tu precisares como eu precisei, eu faço o que tu fizeste e aí tu vais sofrer e ver o que é precisar de alguém e não ter ninguém”. Eu também lhe disse “na hora que eu mais precisava de um pai não tive”. E agora o que ele não fez à filha quer fazer à neta. Mas o meu homem não deixa e acho bem porque quem era filha era eu não era ela e era eu que precisava dele na altura porque não tinha mais ninguém.

O seu marido sente-se revoltado com isto tudo?

Ainda ele agora está melhor, mais calmo. Eu namorava, já estava casada pelo civil e tinha hora de saída, hora de entrada. Se não entrasse àquela hora já não entrava. Aliás, eu já disse e torno a

dizer, já casei com 22 anos mas acho que... até um certo tempo eu sentia-me bem em casa, eu tinha tudo para estar bem mas eles começaram-me a fazer a vida negra, negra mas mesmo negra. E gosto dos meus irmãos, eles pra mim são meus irmãos.

Como é que eles vêm isto?

O mais velho já tem 25 anos. Coitado. Na altura não dizia nada porque era garotito e ele queria fazer o que a mãe mandava. Acho bem. A mãe dizia pra ele não falar pra mim e ele não falava. Agora as coisas vão indo melhor. É assim... Mas estou sempre com o pé atrás porque nunca sei quando é que eles vão recomeçar.

Depois de ter tido a sua filha esteve a trabalhar?

Depois de ter tido a minha filha... ainda estive um ano em casa, depois fui trabalhar pra mesma fábrica. Trabalhei lá três anos. Ao fim dos três anos o contrato acabou e eles mandaram-me embora. Depois fiquei em casa 18 meses e foi quando abriu aqui o curso.

Como soube do curso?

Soube através da Catarina. A gente já se tinha ido inscrever a um curso em Nespereira, que ia sair de Cozinha, e então vou tentar. Estar em casa... vou-me inscrever a ver se sai. Entretanto, a Dra. Carla chamou-me e disse que já não ia sair pra frente. E a Catarina deve ter sabido deste e foi-me dizer se eu queria vir inscrever-me. Olha, vou. Vou tentar

Então, o que é que achou na altura? Voltar a estudar?

Foi muito confuso. Por um lado estava contente mas sabia que ia ter muitas dificuldades (chora. Silêncio).

O que a levou a tirar o curso?

Ter o 9º ano, tentar ter alguma coisa... (Silêncio)

Depois, quando se inscreveu estava à espera de algo assim? Tinha uma ideia diferente do curso?

Não sabia de nada o que era isto, era tudo novo. Senti muitas dificuldades.

O que é que mudou na sua vida depois deste curso?

Ainda sinto algumas dificuldades, pronto... mas ainda serviu pra alguma coisa, pelo menos... pra esquecer algumas coisas, pra aprender outras.

Vir para o curso ajudou-a a não pensar tanto na sua vida como pensava quando estava em casa?

Sim. Foi... (chora. Silêncio). E é assim, mesmo depois de eu estar casada, eles tentaram sempre rebaixar-me, que eu nunca ia conseguir ter nada.

Mas não lutou para conseguir ter as coisas? Estava sozinha?

Não, graças a Deus tinha um homem espectacular, um marido espectacular. Até hoje, já estou casada há 9 anos, nunca sei o que é levar um estalo, assim como o meu pai queria. Consegui algumas coisas graças ao meu marido e aos meus sogros que me têm ajudado muito. Há uns anos atrás começámos a tratar dos papéis pra casa e eu disse ao meu pai... aliás eu não sei porquê... o meu homem diz que eu sou muito bobinha... quando a mostarda me chega ao nariz eu posso explodir mas sou muito fraca (Chora... silêncio). Eu disse-lhe que ia começar a fazer uma casa e ele disse: "faz a tua que eu já tenho a minha".

Mas antes de fazer a casa estava a morar onde?

Eu ainda estou a morar na casa da avó dele. A gente queria ir pra um apartamento, só que pelo apartamento na altura que nos casámos já queriam 45 contos, em contos ainda, de renda. Não é que a gente não pudesse pagar mas ao fim do mês tem de ser paga, luz e tudo o resto. E pronto... a avó dele como tem uma casa, não é destas modernas, é à lavrador porque eles eram lavradores, mas não falta nada lá dentro. Então a avó disse: "Vocês em vez de irem pagar renda de casa, eu estou aqui sozinha, fazem-me companhia e eu não vos quero nada. Já tenho 70 anos, as limpezas já não posso fazer como fazia, fazes à tua moda como se a casa fosse tua". E eu disse: "você diz quanto é ao

fim do mês que a gente paga”. Ela disse que não (chora. Silêncio), para a gente guardar para a nossa casa. E assim fomos fazendo, o dinheiro que íamos pagar para a renda, todos os meses, púnhamos de parte. E foi assim que a gente foi conseguindo juntar dinheiro para a casa. O meu sogro deu-nos o terreno. A gente queria comprar terreno, só que o terreno não tinha poço e custava-nos seis mil contos. A gente até tinha dinheiro para comprar o terreno, sobrava-nos pouco depois para fazer a casa. E depois como vamos fazer? E eu disse-lhe: “não, não quero comprar o terreno. Os meus pais não têm terrenos. O que a gente pode fazer é falar com os teus pais porque eles já deram um terreno ao teu irmão, porque eles têm muitos terrenos, e se ele deu um terreno ao teu irmão quando ele precisava, o que o teu pai pode fazer é dar-nos um terreno. Na vez de nos dar o terreno mais tarde nas heranças é agora que a gente precisa. Não é daqui a 20 ou 30 anos.” E então fomos falar com o meu sogro e com a minha sogra e eles disseram: “escolham o que vocês quiserem. O que vocês quiserem é vosso”. Eu fiquei tão contente que eu disse: “Olhe, eu aceito aquele que me der” porque eu nem tinha capacidades para pedir o que eu queria. Ele mora aqui e do outro lado tem um terreno e ele disse: “olha, queres ser minha vizinha?” e eu disse “eu já disse, o que você me der eu aceito.” Ele disse: “na segunda-feira fico cá em casa”, ele é construtor, “depois podem ir comigo? Temos de ir lotear o terreno, porque é muito grande, para poderes construir a casa”. E assim foi. Ele começou a tratar dos papéis, pagou tudo o que era despesas de loteamento. Andamos a ver, mais ou menos, o estilo da casa. Eu escolhi uma casa muito simples, quanto mais simples melhor. Eu queria era um buraco pra me pôr. Os papéis entraram na Câmara como se fosse casa feita pra ele. Tanto que as janelas da casa estão viradas para o pátio dele porque a planta veio como se a casa fosse pra ele. Começámos a fazer a casa no ano passado, na altura em que eu entrei para o curso e graças a Deus hoje já está no telhado. Mas tem sido muito complicado. Antes disso também tivemos um pequeno atraso porque (chora...pausa) o meu marido esteve muito mal. No ano que a gente pôs, há dois anos atrás, a planta na Câmara, o meu marido chega-me a casa e diz: “tenho qualquer coisa na vista”. E eu disse-lhe: “vai lavar a vista porque pode ser qualquer limalha”. Foi lavar e disse que não saiu. E eu disse: “vamos ao médico”. Ele disse: “deixa estar, isto não me dói, vai

passar”. Depois ele disse que o que via era uma sombra na vista. No outro dia foi trabalhar mas à noite disse-me “isto não desapareceu, eu tenho que ir ao médico”. Então, vim com ele aqui a Macieira, ao SAP, e por sorte apanhamos a médica de família. E diz a médica pra ele “não vejo nada. Você vai para Castanheiro”. Fui para Castanheiro, o que eles viram e não viram eu não sei porque não me disseram nada. Só sei que ele foi directamente para Laranjeira. Foi para Laranjeira, de ambulância. Eu fui com os meus sogros. Estivemos lá até às 4h da manhã. Eram 4h30 quando me chamaram para dizer que ele tinha que ficar, que provavelmente o que ele tinha era um quisto. Que era um quisto que lhe estava a fazer aquela impressão na vista. Mas eu senti que não era um quisto, que havia qualquer coisa... mas... entretanto ele ficou. No outro dia fui lá. Foi no sábado. Ele ficou de sexta pra sábado e eu fui lá no sábado. Fui falar com o médico para ver o que ele realmente dizia e ele continuou a dizer-me que era um quisto. Ele dizia-me que era um quisto mas eu não sabia se havia de acreditar se não havia de acreditar. Achava aquela história muito... estranha. Dizia: “não se inquiete, isto é um quisto e vai passar. Vá-se embora que ele está bem”. Mas aquela história do quisto não acreditava. Posso ser burra mas não... ele veio passar o Natal e quando veio passar o Natal e quando veio passar o Natal apanhou uma infecção com um cateter, o braço começou a apanhar uma infecção. E o médico chamou-me à parte e disse: “olhe, o seu marido vai ter que ser operado”. E eu: “mas ser operado a quê? A um quisto?” E ele: “é que não é um quisto, é um tumor. Não queria inquietá-la. Só que tenho de lhe dizer a verdade porque como apanhou a infecção no braço a operação vai ter que ser adiada.” A operação era de grande risco...foi adiada mais 15 dias. Depois, o médico aconselhou-lhe a pôr gelo. O gelo em vez de fazer melhor fez pior porque coseu de tanto frio. Depois... tenho uma tia que trabalha lá no IPO de Laranjeira que me disse: “dizes ao médico que isto não precisa de gelo, precisa é de água morninha porque o gelo coseu essa parte”. E assim fez. E aquilo passados dois dias rebentou pra fora. Uma semana depois foi operado. Foi operado no dia 16 de Janeiro. Graças a Deus correu tudo bem. Fomos agora na segunda-feira a Laranjeira, tenho que ir com ele porque ele esquece-se um bocado das coisas... e a médica... a primeira consulta que ele fez depois da operação... fez radioterapia dois meses e depois da radioterapia fez quimio por

comprimidos. E todos os meses ele vai buscar a quimio para fazer cinco dias durante o mês. E a primeira vez foi sozinho. A médica disse-lhe pra em tal dia “venha para vir buscar outra vez a quimio”. Esqueceu-se. Ele nem me disse nada. Não trouxe papel nem marcação nenhuma. Esqueceu-se. A consulta foi em Julho, em Agosto não foi, que se esqueceu. Em Setembro chama a médica: “então, o seu marido não apareceu para vir buscar a quimio?”. “Ó Sra. Doutora se era para vir buscar eu não sei. eu não soube de nada.” E ela passou-me um raspanete e por que é que eu não tinha ido. Como eu estava a trabalhar... como ele não trabalhava alguém tinha de trabalhar. E ela disse-me:”a partir de hoje que ele venha sozinho, nem que tenha consulta, ele não é atendido. O seu marido não tem as células todas e ele esquece-se muito, o que tem de fazer é vir com ele.” Fui a primeira vez pedir a credencial para ir com ele porque tenho muito medo de ir a conduzir. E ele também não se pode enervar muito e depois com aquela confusão de carros começa-se a enervar e eu tenho medo, pronto. E a agente social que o acompanha disse “a gente vai tratar dos papéis para você vir na ambulância”. Só que a minha médica de família aqui não queria passar a credencial para eu ir com ele. Expliquei-lhe a situação mas ela não queria. E ela disse “se a médica de lá lhe passar um papel em como é obrigada a ir com ele...”. Ela estava a achar que era só porque eu queria ir, mas se ele pudesse ir sozinho muito bem. Eu cheguei a Laranjeira e expliquei à médica o que se passava e que a minha médica não queria passar a credencial para acompanhar o meu marido sem ela justificar o porquê. Ela pensa que eu quero vir passear para Laranjeira. Se nunca lá pusesse os pés era melhor. Ela passou-me uma carta. Agora passa-me as credenciais para eu poder ir com ele e quinta-feira fomos lá. Oito dias antes tinha tirado uma ressonância e a médica começou a dizer que se passava ali alguma coisa, não estava a entender o que se passava na ressonância. Pronto... (pausa) ... e ela disse “não se inquiete mas aqui há qualquer coisa. Vamos chamar o Doutor que o operou para ver se ele vê o que é que se passa aqui. Vá ter com ele que ele está a trabalhar”. Fomos lá. A gente nem tinha consulta nem nada. Bati à porta e perguntei se podia falar com ele. E ele disse que sim. Disse-lhe “ a médica diz que se passa aqui qualquer coisa”. Ele viu e reviu, viu e reviu e disse “o que eu vejo aqui é que está tudo bem. A médica não devia estar bem porque fui eu que o

operei e sei como deixei as coisas e aqui não vejo nada. Mas venham cá esta quinta feira porque como já não o vejo há muito tempo... ". e pronto... fiquei mais descansada. Mas não foi muito fácil... (pausa) ... é assim...

Vamos falar de coisas mais agradáveis. Vamos voltar à formação. Em que aspectos é que sentiu mais dificuldades?

A nível de escrita. Em Inglês, Matemática. Aliás, foi por isso eu chumbei na escola.

Durante este ano desenvolvemos actividades em que teve de ler, de escrever. Isso assustou-a?

Ainda sinto dificuldades. Mesmo com as dificuldades que ainda tenho ajudou. Ajudou a acreditar mais em mim, ter confiança e fazer.

Já alguma tinha feito peças de teatro? Como se sentiu?

Muito, muito mal. Muito nervosa porque nunca tinha feito nada disso. De repente ver-me num teatro, no papel doutras pessoas a fazer, assustava fazer com outras pessoas porque me fui fechando em mim própria.

E depois de ter feito, como é que vê aquilo que conseguiu fazer?

Por isso mesmo quero ver os vídeos para ver as minhas figuras tristes (risos). Pelo menos com nervosismo, com medo. No início não queria acreditar naquilo que estava a fazer mas depois comecei a gostar.

E em relação ao Momento da História, que fizemos desde o início do ano, como se sentiu na primeira vez?

Não disse que não. Agora é que vou ter de ler, vou ler isto de

patas ao contrário (risos). É que não foi nada direito. Eu falo por mim, eu sei as dificuldades que tenho e não foi nada... nada mesmo...

E as histórias que contou ao longo do ano?

Eu por exemplo acho que... eu acho que o curso devia era começar daqui pra frente porque agora já me estava a começar a sentir mais à-vontade a ler, talvez com dificuldades ainda mas mais à-vontade do que no início. Eu acho que o curso devia estar a começar. Já ter passado este e continuar agora o que começámos. Acho que agora estávamos a entrar no ritmo.

Costuma contar histórias à sua filha?

Costuma mas antes de contar já tenho de ter lido pra mim. Se eu ler a história sem ter lido antes há certas palavras que não consigo dizer e estou ali...o francês está muito forte. E às vezes vejo certas palavras, e não sei porquê e se é normal ou se não é, vejo-as em português mas imagino-as muito mais depressa em francês do que em português.

Então e voltando ao elemento da história e das peças de teatro, foi ver três bibliotecas. Já tinha entrado em alguma?

Aqui em Portugal não.

Mas lá em França já tinha?

Sim, sim! Na escola.

Tendo em conta aquelas que já conhecia da escola, o que é que imagina que era uma biblioteca, como é que imagina? Imaginava aquilo que viu? Imaginava uma coisa diferente?

Aquilo que eu já tinha visto, imaginava... sim, mais ou menos. Organizado, mais ao menos por...

E gostou das bibliotecas que visitou?

Gostei muito. Mas a que eu gostei mais foi daqui a de Pinheiro. Acho mais aconchegante, não sei...não sei. aqui não conhecia nenhuma mas...

E das horas do conto a que assistiu?

Gostei mais de Pinheiro. Sim. A maneira da pessoa contar, o à-vontade que ela pôs... Não sei...

Acha que aprendeu com as histórias que ouviu?

Sim aprendi, quer-se dizer... na maneira como elas contam, senti ali a vontade que elas punham pra nós... a vontade que elas tinham de contar... porque já não éramos criancinhas nenhuma, éramos adultos mas mesmo assim ela não fez diferença entre adultos... ah...pronto... gostei muito. Eu é o que eu disse, o curso devia estar a recomeçar outra vez porque daqui pra frente... acho que... ainda superávamos mais...

No final de Dezembro, vocês tiveram o cartão da biblioteca. Como é que se sentiu?

(sorrindo) Contente. (risos). Contente porque é assim... primeiro acho que tivemos uma sorte que acho que mais ninguém vai ter (risos) Em ter um cartão e nem sequer lá pertencer, não é? Mas... também graças a você porque não fomos só nós (risos). Você é que lutou também pra isso. Também não descansou enquanto não o viu (risos).

Então, acha que quando a sua vida estiver mais calma, depois da atribulação que tem sido nos últimos tempos, acha que vai usufruir do cartão da biblioteca? Vai lá levar a sua filha?

Sim. Acho que a minha filha não deve sair muito a mim. Não sei a quem é que ela vai sair, se é ao pai, se é aos tios mas a mim de

certeza que não é. Que é estranho, não é estranho... eu até fico contente porque eu não tinha aquilo que ela tem hoje. Ainda na sexta-feira fomos ao Lírio e a parte onde ela se dirigiu e se a gente não a tira de lá, ela não sai de lá é os livros. Eu disse “eu já estou aqui a ver outras pessoas... ah... mas pronto”. E diz o meu marido “então, vem ou não vem?”. Vai fazer as compras que a tua filha não quer sair daqui e eu não a vou deixar sozinha. Tem apenas 6 aninhos, não vou... e viu e reviu e viu e reviu. E ainda lhe trouxe três livros e eu disse “prontos, já estou como a minha professora, pronto, daqui a pouco é só livros lá porque não há vez nenhuma que vá às compras que ela... ela ainda não sabe ... já começa a juntar as palavras... mas eu acho que as letras e as imagens encantam-na.

Ou seja, acha que ela se vai sentir bem na biblioteca?

Sim. E já tenho o meu sobrinho, ele procura os vídeos, ela procura os livros. E a minha cunhada perguntou-me por que é que ela não procura os brinquedos? Uma criança com seis anos normalmente, já com deveres da escola e tudo... mas ela é muito agarradinha aos deveres. Ela chega e faz os deveres... ah... vai para o seu quatinho e faz os deveres e enquanto faz os deveres nem sequer vem comer, que eu acho ... errado... e mais ela que é comilona. Depois... prontos... ainda bem que ela é assim porque se fosse ao contrário...

Mas já lhe conta histórias desde que ela é pequenina?

Sim, sim. Com muitas dificuldades. Desde pequenina. Mesmo que ela não percebesse o que se passava na história, mesmo com as dificuldades que eu tinha a ler mas ela sempre gostou muito... tanto o padrinho ... o padrinho perguntou-lhe o que é que ela queria para o Natal e ela disse “ó padrinho, ou roupa ou uma história”. O padrinho ofereceu-lhe um livro de histórias, aquele livro grosso de histórias. Acho que das prendas todas que ela teve foi a que mais adorou. E essa história já me lembra uma história que nos contou que o menino só queria livros e ninguém lhe dava livros.

Entretanto, temos aqui ao nosso lado a Centileia.

Ai a Centileia.

A Sofia começou a ler.

Qual foi o livro?

Não sei. Eu comecei a ler mas nunca o acabei.

Mas porquê? O que é que a assustou?

A dificuldade de perceber o que eles queriam dizer. Depois, a parte que eu li eles iam pra frente, depois já vinham outra vez pra trás. E eu.... Ai ai ai que já não estou a perceber nada disto. Espera. E depois também um bocadinho de falta de tempo. Como a gente anda agora a fazer a casa aos poucos, quer dizer só se faz aos sábados e durante os fins dos dias no Verão. Chegava a casa e pousava as minhas coisas que levava daqui e vestia outra roupa e ia pra obra e vinha 8h30/9h e depois era fazer comer, dar banho à menina e depois pô-la na cama. Eu às vezes bem que ainda pegava no livro mas o livro adormecia a par comigo. E nunca consegui. Não é que eu não goste de ler, não tenho muito tempo para ler e... não sei ... eu leio histórias à minha filha... eu vou deitá-la e ela pede-me. Eu conto-lhe... vou contando a história até ela adormecer mas assim que ela adormece arrumo o livro, fica aí que eu já não leio.

Mas acha que o facto de ler não a vai ajudando depois a adquirir algum vocabulário ou a ultrapassar dificuldades de escrita? Mesmo na oralidade?

Eu penso que sim. Pode ser que daqui pra frente eu vou ficando mais calma, no meu cantinho... Eu ando numa pressão muito grande. E depois pronto... fazer a casa e assim... vamos fazendo conforme vamos tendo porque a gente pra pedir um empréstimo ao Banco ele é recusado por causa da doença do meu marido (chora). Por um lado sinto força mas por outro... com tudo isto quem tem muitas forças é ele. Quando ele foi operado, fui vê-lo e ele disse “olha, se vens p’ aqui pra chorar, fica em casa, tá?”. E eu disse “espera”. Mas quem havia de estar triste era ele e não eu. Mas tudo o que aconteceu com ele, tudo o que se passou com ele, ele nunca... se ele se sentiu nele próprio eu não sei, não posso ver tudo mas a ponto visto, nunca, nunca, nunca, ainda está pra vir o dia que ele demonstre. E tanto foi operado numa segunda-feira, fui

passar o dia de terça com ele. Na quarta fomos lá, tanto que ele foi operado na segunda e nesse dia fui com os meus sogros e os meus pais. E eu disse, olha a gente vai mas ele está com a anestesia e não está em condições de ver. Não, estava acordado, muito espertinho, muito contente. Perguntei aos médicos se tinha corrido bem. Disseram que sim. Que nunca tinha visto um paciente tão corajoso como ele. Tanto que na quarta-feira os médicos... ele tinha um drene... e os médicos, o médico que o operou, mais três médicos e as enfermeiras disseram “você vai começar a aprender a andar porque foi uma grande operação e você vai começar a aprender a andar”. Levantou-se, levantaram-no, sentaram-no na cama e disseram-lhe para ver como ele reagia, se ele estava tonto, se sentia tonturas. Ele disse que quando se levantou assim de repente se sentiu um bocado tonto. Depois, foram com ele para o corredor e os médicos e enfermeiros todos à volta dele e ele já começou a andar. E o médico disse “Aqui está a acontecer algum milagre!” porque é muito, muito raro o paciente andar no primeiro dia. Ele andou, foi até ao fim do corredor, já veio pra cima sozinho. Sozinho isto é, a par com ele mas afastados. Viemos embora. No outro dia telefonaram. E eu disse “Então, estás melhor?” E ele disse “já estou a tomar banho, já fiz a barba e tomei banho”.

“Ah? Mas foi alguém contigo?”

“Não, pra quê?”

“Vê lá se cais”

“Estou bem”

Chegamos à noite, fui falar com o médico que disse “Você tem um marido espectacular, não sei como é que ele tem tanta força.” E eu disse “olhe, nem eu” (risos). Tanto que na sexta-feira eu fui para o trabalho e o telefone tinha 15 chamadas e eu “ai 15 chamadas. Meu Deus, o que é que se passou?” Lá fui eu às escondidas telefonar. Diz-me o médico “Você já viu as chamadas que eu chamei?” Ainda por cima estava a trabalhar nas máquinas não podia “olhe sim, o que é que se passa?”. Ele disse-me “olhe, era pra vir buscar o seu marido”. E eu disse “mas ele já vai sair?”. E ele respondeu “ele não está aqui a fazer nada.” Fui falar com o patrão e disse-lhe que tinha de ir buscar o meu marido a Laranjeira. E ele disse pra ir e fui. Numa semana, nem uma semana recuperou, foi operado na segunda e na sexta veio pra casa. Só que depois ele disse-me se ele tinha alguém pra estar com ele em casa. Eu disse que trabalhava mas a avó estava por

casa. Ele perguntou que idade tinha a avó. Eu disse 71.... 73. E ele disse que a avó não tinha capacidade pra estar ao pé dele. “Você vai ter de ficar pelo menos, pelo menos um mês de baixa”. Pronto, um mês de baixa... quando entrar venho pra rua outra vez... e assim foi. Como eu já estava a acabar os três anos eu sabia que eles não punham ninguém efectivo. Foi complicado. A vida... não sei se é complicado pra toda a gente mas pra mim não tem sido nada fácil. Nada mesmo. Mas não sei... vai-se andando... aos poucos.

Estava a dizer há pouco que tinha uma enorme dificuldade por causa do Francês. Acha que isso também a prejudicou, de certa forma, na actividade do livro em branco, para escrever as histórias?

Sim. Eu sei que escrevo mas... eu dei a ler ao meu marido e ele disse que não percebeu a história (risos). Ele disse que percebia o que eu queria dizer com a história mas que a história não estava bem escrita.

Acha que a falta de hábitos de leitura conjugado com a forte influência do Francês a prejudica?

Sim. Tanto que quando eu escrevo alguma coisa, que eu estou um bocado insegura, que eu sei que estou a escrever mas não sei se está mais para o Francês, se está mais para o Português. E eu mostro-lhe. E ele, às vezes, pronto, corrige. Ainda bem que ele é bom porque eu sou um zero à esquerda. Mas ele corrige-me os erros. Ainda bem! (risos) No outro dia mandei uma mensagem à minha cunhada, à que teve o bebé ontem, e ele respondeu-me pra trás “mas o que é que tu queres dizer com isto?” Tornei a ver a mensagem e ai, como é que a rapariga vai perceber, metade Português e metade Francês como é que ela ai.... (risos). Passo cada vergonha!

Pensando neste ano de formação e reflectindo sobre tudo o que fez, como é que se sente?

Eu gostei muito de sair, de fazer as peças. Agradeço a todas vós porque nunca nos deixaram de parte, sempre nos trataram com cabeça por cima. E vamos fazer e tem de ser feito, encorajaram. Eu acho também que isso tudo ajudou muito pra nos dar forças, não nos deixou ir abaixo. Não nos deixou ir abaixo. Eu falo por mim.

No primeiro dia em que tiveram o módulo de Linguagem e Comunicação disse-vos uma série de coisas. Como é que sentiu?

Eu pensei... eu nunca vou conseguir fazer isto.

Porquê?

Sei lá. Porque eu não sabia muito bem como é que as escolas aqui decorriam, os cursos. A dificuldade que eu sentia, como eu já disse. Assustei-me. Aquela sensação de recomeçar a escola, vamos ter de enfrentar certas coisas e eu não sei nada, e tenho dificuldades e ao par das minhas colegas sou um zero à esquerda. E certas atitudes de algumas colegas aqui também não ajudavam muito. Eu cheguei a dizer à Daniela numa reunião que a gente teve aqui, finais de Março, estava prestes a querer sair daqui. Eu já me sentia com dificuldades, e sei que as tenho, eu sei que lia mal e tenho dificuldades a ler mas... é assim... e ouvir certas pessoas por trás a dizer “não sei onde é que aquela andou a aprender ou não sei o que é que ela faz, não sabe ler”. Eu sei que tenho dificuldades, queria fazer melhor mas eu não consigo ir pra frente. Sentia-me... não consigo fazer o que elas fazem... porquê? E muitas vezes até chorava... mas pronto. Agora é que o curso devia estar a começar porque agora, daqui pra frente, uma pessoa já tinha o à-vontade.

Então, e depois de ter passado um ano e de tudo o que fez?

Gostei do que fiz. Se calhar, poderia talvez... se não tivesse tanto medo e insegurança pra certas coisas, talvez poderia ter feito

melhor. Penso que sim, se não tivesse tanto esta coisa de mim própria e não consigo... e as outras vão-se rir de mim.... talvez se não fossem estes pormenorzitos todos que, às vezes, a gente pensa que não é nada, e ficam ao fim e ao cabo por ser tudo, talvez conseguisse fazer melhor.

E em grupo? Como é que correu?

Foi um bocadinho complicado. Mas...

E5

2008-02-04

Eu sou a Joana Ferreira. Tenho 33 anos. Sou divorciada, tenho um filho. Estou a viver em comunhão de facto com o meu namorado. Ah... estou a tirar um curso de acção educativa B3. Espero encontrar depois um trabalho na área das crianças, me dar bem com o trabalho. Ah...Sou de tamanho alto... alto...médio. Sou morena, de olhos castanhos. Sou bem constituída (risos). Ah...

Como pessoa como é a Joana?

Como sou... como sou... penso que sou uma pessoa humilde, uma pessoa que gosta das coisas como são, direitinhas. O que é e o que não é, não é.

É uma pessoa crítica?

Muito crítica também. Gosto de... pronto...ahhh... sei lá... sou amiga do meu amigo. Ah... como é que hei-de dizer... sou um bocado vingativa quando é preciso (risos), quando me fazem mal sou um bocadinho vingativa

Mas no sentido negativo? É capaz de ser mesmo má?

(silêncio) Má, má, má não mas como se costuma dizer é um prato que se serve frio. Não posso ... não estou a falar na questão de violência nem nada. Como eu digo sou amiga do meu amigo mas quem me fizer mal também não se há-de ficar a rir de mim. Se não for agora é mais tarde mas pronto, não há problema. Não tenho muitos inimigos (risos). Não tenho assim problemas neste aspecto.

Há quanto tempo é que a Joana deixou a escola?

Ai... deixei a escola em 90 e ...em 91, em 1991.

E fez até que ano?

Tinha 15/ 16 anos.

E completou o quê? 6º ano? Fez mais?

Eu estudei em França. Acho que aqui dá equivalência ao 6º/ 7º ano.

Nasceu em França?

Eu nasci em França, fui criada em França. Fiz a minha escolaridade toda em França, o meu primeiro emprego foi em França.

A fazer o quê?

Trabalhei seis anos numa padaria pastelaria. A vender e fiquei a tomar conta da...

Mas depois de ter saído da escola?

Depois de ter saído da escola. Fiz uma... um... com é que hei-de dizer... não é um estágio... apprentissage ... não sei como é que se diz em Português...Embora eu não tive... não tive o meu diploma porque era um bocadito... a escola pra mim era um sacrifício.

Era uma formação prática, profissional?

Era mas tínhamos depois um diploma. Na prática, no trabalho nunca tive problema nenhum, agora na teoria nunca dei muito... nunca fui muito boa aluna. Sempre tive muitas dificuldades. Depois também tinha uma irmã que me ensinava... era tudo à bruta e em vez de aprender recuava no tempo. Tinha medo e não conseguia aprender em condições. Embora os meus professores diziam que eu tinha muitas capacidades mas... com receio, com medo, sei lá...

Acabava por não conseguir evoluir?

Não. Agora aqui fiquei muito surpreendida. Comecei a estudar aqui... um ano aqui no centro... ah... aqui no curso e gostei. Gostei porque pronto... o pouco português que eu sabia ler, escrever muito pouco, mas o pouco que eu sabia foi o pai de uma amiga minha que nos ensinou em França. Era português, ia lá passar muitos fins-de-semana a casa deles e na brincadeira pra jogar com as filhas e comigo íamos jogar aos professores e ele era português e era tudo português. E assim brincávamos e foi assim que a gente aprendemos a ler o português.

Mas os seus pais não falavam consigo em português?

Falavam português, falavam sempre em português, nós é que respondíamos sempre em francês. Eu falava pros meus pais em

Mas costumava vir cá de férias?
francês e eles em português.
Eu vinha cá de férias todos os anos. No início era muito complicado a fala porque eu estava habituada a falar francês, embora eu entendia perfeitamente o português. Mas...

Sentia dificuldade a falar?
A falar tinha muitas dificuldades, muito mesmo. Depois pró final do mês é que me sentia mais à-vontade. Depois voltava sempre à mesma estaca zero.

Então, e teve esse emprego depois de ter saído da escola. E depois?
Depois encontrei o pai do meu filho.

Em França?
Em França. A minha namorava com ele... com o irmão. Eram duas irmãs para os dois irmãos. E a minha irmã então e o meu cunhado apresentaram-me ao irmão e depois ele nunca mais me largou e pronto. Namorámos à distância porque ele era camionista cá em Portugal e ele vinha de 15 em 15 dias ou semana... prontos... ou todos os fins-de-semana consoante os trabalhos onde é que ele ia. E a gente namoramos à distância, ao telefone, ao fim de semana ele vinha a casa dos meus pais. E namorámos assim um anito. Foi um ano. Despedi-me do meu trabalho.

Que idade tinha na altura?
Tinha 22 anos. Vim cá, casei-me. Casei-me... não correu bem. Mas são coisas que acontecem e pronto.

Então, e quando veio para Portugal o que é que fez? Conseguiu arranjar emprego?
Não. Nos primeiros tempos andei com ele nos camiões porque ele era muito desconfiado. Ele era muito desconfiado, não me queria deixar sozinho em casa. Andava com ele nos camiões... vida de cigano. Pra mim era uma vida de cigano porque a gente queria-se lavar... a gente queria... enfim... não tinha condições. A gente

fazia comida no camião, a gente comia no camião... pronto. Não gostei desta vida....ah.... Cheguei a uma altura...

Durante quanto tempo andou nos camiões?

Um ano mais ou menos. E depois era assim, uma pessoa que está ao pé a conduzir chega a um ponto... dorme... não tem mais nada pra fazer... a conversa já está toda em dia. Aquilo que ele vê eu vejo e pronto... e chegámos a um ponto que a gente já não tínhamos conversa, já não tínhamos nada.

Acha que o facto de ir com ele acabou por prejudicar também a vossa relação?

Não. Ele já era assim mesmo. Acho que...o problema dele... ah... eu entre aspas culpo a mãe... a mãe porque é assim... nós tínhamos tudo pra estarmos bem e ele se me tinha tratado bem eu ainda hoje estava com ele, sem dúvida nenhuma. Ah... porque é assim... ele tem um sinal na face e apanha assim um bocado do lábio... um gioma como chamam. Ele sempre teve um complexo disso e ele contava-me muitas vezes e chegou a contar à psicóloga também... ah... que a mãe dele quando às vezes o via chegar da escola, que ele ia pra escola, quando via o filho a chegar da escola, se fosse preciso entrava na casa de uma vizinha ou desviava o caminho pra não se encontrar com o filho. Desprezava assim um bocado o filho. Parece que tinha vergonha do filho. E o filho muito se revoltou por causa disso, revoltou-se com muita gente do facto de ele ter a mancha que tem na cara. E eu muitas vezes dizia-lhe “tu tens este sinal mas tens de pôr na cabeça que se me casei contigo assim como tu és é porque eu gostava de ti e não tenho vergonha de ti. Se eu tinha vergonha de ti não te apresentava nem à minha família nem andava contigo aí na rua nem me casava contigo”. Mas mesmo assim isto nunca... ele nunca se pôs...

Acha que por ele ter esse problema, de se sentir dessa forma e o facto de vocês também terem tido um namoro à distância acabou por não conhecer muito bem

essa faceta dele?

Ai eu não conheci muito bem, não. Ah... pra já era uma pessoa muito desconfiada de tudo e de todos. Pra já da mancha dele, qualquer pessoa que olhava pra ele ficava logo desconfiada e ia pedir explicações às pessoas sem as conhecer de lado nenhum. E depois do facto de trabalhar numa padaria/ pastelaria, me dar com muita gente, falar com os clientes – homens e mulheres – ter de... apanhar uma certa confiança com as pessoas... já tive problemas com ele por causa de ter falado... falado... um à-vontade assim com as pessoas...

Não se sentia mal por ele estar sempre a reprimi-la pelo facto de a Joana falar com as pessoas, quando não fazia absolutamente nada de mal?

Sim, eu sentia-me muito mal. Sentia-me muito mal. Mas depois pensava, eu pra mim, pensava que era talvez normal ele ser desconfiado porque estávamos longe um do outro e que talvez depois de casado que mudava. Mudou pra pior (risos). Mas pronto...

Então e depois daquela fase em que andou com ele no camião, o que é que fez?

Fazia-lhe companhia. Às vezes implicava comigo porque estar ali ou não estar ali era a mesma coisa porque estava sempre a dormir. Chegava a um ponto que a gente... Implicava com tudo.

Mesmo estando perto, mesmo estando longe tinha sempre uma razão para implicar consigo?

Sempre. Na casa por exemplo, quando fazia o comer. Fazia o comer...a gente... eu faço assim... eu quando faço o comer, faço... descasco as batatas e deixo tudo na banca mas depois quando o comer está-se a fazer arrumo as coisas em ordem. Não, ele queria que descascasse as batatas, lixo. A polpa de tomate frigorífico e pronto, queria sempre tudo direitinho. Tínhamos uma pedra de mármore na cozinha. Não podia cortar nada em cima,

nem o pão nem nada. Implicava mesmo por tudo e por nada. E ele se... a casa de banho... urinar... não podia pôr o autoclismo abaixo porque era um desperdício de água e só ele é que pagava tudo e não sei quê. E eu só estragava, só desperdiçava... enfim. Depois... era uma pessoa que me rebaixava muito. Psicologicamente. Sozinha e à frente das pessoas também. E pronto...ah...

Então e depois como é que decidiu arranjar emprego?

Depois cheguei a um ponto fartei-me dos camiões porque é assim, ele implicava mesmo com tudo. E a gente é normal, a gente estar ao lado do condutor e nós temos olhos pra ver, olhar pra paisagem, pras pessoas que estão no carro e pra não sei quê. Eu não tenho culpa se são homens ou mulheres nos volantes. E às vezes olhava pra homens... olhava... olhava por olhar, né? Não olhava com segundas intenções mas pronto. Pra ele era com segundas intenções. E... perguntava se conhecia o homem de algum lado e não sei quê. E pronto, pegava por tudo e por nada. E eu cheguei a um ponto... chega. Ou eu paro e fico em casa ou tu deixas os camiões. Eu procuro um trabalho também... porque eu estava mesmo farta daquilo. Entretanto.... Ele viu que a gente... que eu não queria mais ir com ele... e tinha dito que não ia mais com ele. Fui pra casa dos meus pais enquanto não arranjava alguma coisa ou enquanto ele não decidiu deixar os camiões. E acabou por deixar os camiões. Foi pras obras e eu trabalhei... fiquei mais ou menos um mês em casa, depois entretanto mês de Julho e Agosto encontrei na Câmara de Sobreiro duas horitas de limpeza por dia – era das 7h às 9h. E aproveitei porque o que eu queria era sair de casa, espaiecer e deixar de ver aquele... de espaiecer, de ver pessoas e falar com pessoas. Aproveitei e então trabalhei pra Câmara. Ah... depois entretanto no final de Agosto, uma cunhada minha telefonou-me a dizer que estavam à procura de pessoal para a Misericórdia de Sobreiro e apresentei-me logo ao outro dia a seguir. Não, até acho que foi na mesma tarde. Telefonou-me à tarde e foi na mesma tarde que eu fui. E apresentei-me e fiquei lá a trabalhar 6 anos pra Misericórdia de Sobreiro.

E gostou do que fez?

Gostei. Gostei e tenho muitas saudades.

Trabalhou com idosos?

Trabalhei com idosos. E estive na parte das crianças também. Mas era mais à base da limpeza na parte das crianças. Trabalhei com idosos, trabalhei por turnos pró final, apoio ao domicílio. Fiz de tudo naquela casa. De tudo mesmo e tenho saudades (risos). Tenho saudades porque eu dava-me com todos e eles também apoiaram-me bastante na que... tanto na altura que o meu pai faleceu... tanto na altura que me divorciei também, que me separei do pai do meu filho.

Ou seja, quando se divorciou estava a trabalhar em Sobreiro?

Estava. Estava e ajudaram-me, apoiaram-me bastante também porque eles sabiam a situação que tinha. Eles às vezes viam-me chegar ao trabalho ou tinha marcas ou então chorava. E por tudo e por nada, as pessoas olhavam para mim e começava a desatinar a chorar. E as pessoas... sempre fui uma pessoa assim muito... eu não sei se era bom se era mau... mas acho que pra mim era, foi bom porque desabafava com as pessoas, embora nem sempre desabafava com as pessoas certas.

Mas sentia-se mais aliviada quando desabafava?

Sentia. Sentia. E eu desabafava lá com umas colegas e foi uma colega minha que depois que me pôs a mão em cima e me aconselhou. Uma amiga dela que era advogada e foi daí que apanhei coragem.

Então e depois saiu de Sobreiro porquê? Terminou o contrato?

Não. Fui eu que me despedi. Despedi-me porque depois quando me separei do pai do meu filho fui pra casa da minha mãe em Alfarrobeira e estava com o carro do meu e o carro do meu pai era a gasolina. Gastava metade do meu ordenado só em gasolina pra ir pró trabalho. E... entretanto divorciei-me ou pelo menos saí de casa... não, saí de casa em Junho de... de 2001. E... acho que ainda fiquei mais um ano e meio a trabalhar lá, não tenho bem a certeza. Acho que foi. Em Janeiro, Fevereiro de 2002 entretanto

procurei trabalho mais perto da casa da minha mãe aqui de Alfaroqueira. Encontrei em Carvalho, em Til.... em Til (risos), no lar de Til, em Carvalho. Foi num lar de idosos também... ah... trabalhei dois anos no apoio domiciliário também. Gostei muito.

E depois saiu porquê?

Saí porquê... saí por duas razões...principalmente por uma: não me dava bem com a minha colega. Ah... tenho uma colega... estou a falar disto, não sei se estou a fazer bem ou não mas pronto (risos). É assim, a minha colega era uma pessoa muito imperialista, muito... só ela é que podia fazer, só ela é que sabia, não deixava oportunidades de a pessoa se evoluir nem de se aproximar. No início ela fez-se muito minha amiga e ao fim e ao cabo só me apunhalava por trás.

Estava a sentir que estava a ser rebaixada, mais uma vez?

Digamos que não tinha o valor do meu trabalho. Estava sempre a rebaixar-me. Por exemplo tinha alturas que a nossa patroa dava recados a ela para ela ir fora e pra me comunicar que tinha de sair pra eu fazer o trabalho dela e saía e não me dava os recados. Chegava a um ponto que as pessoas vinham ter comigo “então tu não vens fazer o trabalho?”. Eu dizia que não ia adivinhar se a minha colega não me dava o recado. E revoltei-me muito com ela também. Tive muito... depois...ahh... sei lá... falava pra mim na frente dos idosos de uma maneira agressiva e os idosos sentiam logo. Eles também diziam que não gostavam da maneira que ela falava pra mim. Pronto. Revoltaram-se um bocado contra ela quando eu disse que me ia embora. Tenho um que até chorou bastante. E tive muita pena dele também. A gente afeiçoa-se às pessoas e é um bocado complicado. Mas pronto.

Então e depois? Depois desses dois anos?

Depois destes dois anos... ah... despedi-me então de Carvalho e fui trabalhar pró Carlos, com o Carlos. Tinha aberto há pouco tempo uma firma de construção civil. Só que ele não tem carta de condução. Tinha comprado uma carrinha mas não tinha carta de condução.

Mas já o conhecia?

Já tava com ele. Já namorava com ele há uns dois anos. Já

morava com ele mesmo. E... então ele precisava de alguém para tratar dos papéis, pra ir ao contabilista, pra ir buscar material quando era preciso, conduzir a carrinha, levar pessoal. E então como ele via que eu não estava bem, sempre todos os dias ao chegar do trabalho ele via mesmo na minha cara que eu não estava bem, que o dia não me tinha corrido bem. Ele fartou-se de me ver assim porque ele viu mesmo que ... e às vezes desabafava com ele e ele dizia que não merecia... dizia que eu não merecia passar aquilo que ela me fizesse. E ele então disse "Tu vais-te despedir. Vou fazer uma carta de... vou pedir à contabilista para fazer uma carta de despedimento. Vais-te despedir e vens trabalhar pra mim". E assim foi. Trabalhei 6 meses só que correu mal. Correu mal porque... há muito trabalho na construção civil o problema é que os pagamentos não aparecem, não vêm. À custa da firma endividámo-nos mas pronto, a gente há-de pagar, aos poucos. A gente há-de pagar. Aos pouquitos. Mas pronto. Ahh... ele entregou a carrinha porque não deu... não deu...ele acabou por... eu despedi-me entretanto, ele despediu-me porque entretanto a Dra. Patrícia ligou-me pra vir cá neste curso. Eu nem pensei duas vezes. Disse logo que sim. Aliás, mal a Dra. Patrícia me tinha ligado telefonei pra ele e disse-lhe pra ele me fazer logo a carta de despedimento que eu precisava da minha carta de despedimento que já não queria trabalhar mais pra ele.

Então e como é que se sentiu? Agora vou estudar em Portugal. Nunca estudei cá, não faço ideia. Vou para um curso. O que é que me espera?

O que é que me espera. O que é que eu pensei. Hum... Podia ser bom pra mim porque pra já a gente não tem estudo. Acho que hoje em dia uma pessoa que não tem estudo também não tem nada, que é mesmo assim. E acho que era uma carta boa que podia apostar... ah... porque pra há valori.... valor... como é que é... pronto... sentia-me melhor comigo mesma, saber um pouco mais...

Sentia essa necessidade?

Sentia. Sentia porque na altura às vezes queria preencher cheques, principalmente quando queria preencher cheques. Na

altura fazia-me muita confusão. Às vezes tinha de pedir pra preencher porque não sabia. E às vezes era um bocado humilhante. Uma pessoa... assim... uma rapariga nova com 33 anos que não sabe preencher cheques é um bocado complicado. As pessoas ficam a olhar pra nós e pronto. Mas pronto... não, gostei. Foi muito bom.

Então e o que é que imaginava quando lhe disse um curso de formação de adultos? Qual era a ideia que tinha do que poderia ser este curso?

Não fazia ideia nenhuma. Não fazia. Não fazia ideia nenhuma

O que é que o seu filho achou?

Ai é bom. Foi bom (risos).

Gostou da ideia?

Gostou. Gostou. Ele ajudou-me bastante. No início... dava-me os livros dele pra fazer cópias. “Ó mãe, já lavaste a loiça vamos fazer cópia, anda lá que eu ajudo-te. Eu dito e tu fazes”.

Já estava no curso? Já depois de ter entrado?

Já depois de ter entrado. Antes nunca me tinha dado assim muito...

Mas sentiu que, de certa forma, o seu filho estava ali a apoiá-la e ajudá-la a ultrapassar as dificuldades?

Sim. Ainda hoje apoia-me muito.

O que é que este curso veio mudar na sua vida?

Talvez um futuro melhor. Mais segurança.

Acha é uma pessoa mais segura? Acredita mais naquilo que é capaz de fazer?

Em certa forma penso que sim. E espero depois ter o diploma na mão. Pelo menos o suficiente. Eu fiz esforço. Eu lutei (risos). Não,

eu lutei. Fiz um esforço. No início custou-me um bocadinho ler. Fiz um esforço e cheguei a ler três livros. Ah... no inglês também esforcei-me bastante. Nessa altura tive muitas dificuldades no inglês.

Por causa do francês?

Também. E mesmo assim nunca tive inglês. A gente não sabe, não tem noção do inglês. É muito complicado. E a gente... ler ou ver uma coisa que a gente não sabe a mim revoltava-me muito. Tanto que uma vez chateei-me com a Gabriela e saí da sala. Não fiz o que ela me tinha mandado porque não sei o que estava a fazer. Fazer uma coisa que a gente não sabe como há-de fazer, com o há-de escrever prefiro não fazer nada. Depois mais tarde tive uma discussão... uma discussão... fui ter com ela, pedi desculpa e expliquei as minhas dificuldades. Depois conversamos as duas e a partir daí agarrei-me mais. Tive dois 4, não é brincadeira nenhuma (risos). Não. Foi muito bom.

Então, e tendo em conta o módulo de Linguagem e Comunicação, pensou o que é que eu espero daqui, o que é que eu vou fazer? Tendo em conta que acabava por ser um grande entrave, tinha aquela dificuldade do francês, a forte influência do francês em si, quer na oralidade quer na escrita. Não praticava, não escrevia assim tanto e sempre sentiu aquela grande dificuldade. Não pensou “o que é que eu faço agora? Como é que eu vou...”

Ainda sinto. Ainda sinto grande dificuldade na escrita... e principalmente na expressão... Estou melhor. Sinto-me melhor... até na escrita sinto-me mais... antigamente começava e escrever e parava pra pensar mais nas... frases ou na... na... agora não.

Sinto-me mais segura, embora eu saiba que ainda faço erros mas o reler apercebo-me. Pelo menos alguns, não digo todos. Mas alguns consigo-me aperceber.

Acha que aquilo que foi fazendo, as actividades que fomos desenvolvendo contribuíram para melhorar... para essa evolução?

O objectivo foi pra isso, pra melhorar (risos). Penso que tudo em geral correu muito bem

Acha que se tivesse sido mais teórico a tinha ajudado mais ou que não era por aí que ...

Ah... teoria é capaz de me fazer falta mais um bocadinho. Precisava de mais teoria, precisava. Sei lá. Eu pra mim sinto que preciso muito mais de teoria do que... há muito coisa ainda que me trava. Se não praticarmos... eu estou consciente disto: vamos começar agora o trabalho, se Deus quiser, agora em questão de escrita, leitura... estas coisas... não digo que vamos parar porque até... eu penso por exemplo que se for na área das crianças... ahh... sou capaz de ir mais à biblioteca pra ir buscar mais actividades. Como agora fui à biblioteca a semana passada pra ir buscar actividades... manuais... eu sou capaz de ter mais tendência pra biblioteca pra procurar alternativas pra fazer com as crianças e ver alguma coisa. Mas questão de escrita... nem sei se vou conseguir fazer os relatórios, se vou conseguir me exprimir. O meu mal é não conseguir me exprimir. Tenho de dar a ler a outra pessoa pra ver se está bem ou não.

E em relação ao módulo ainda, fizemos uma série de actividades uma delas foi o "Momento da história". Lembra-se da primeira vez que leu? Que contou uma história?

Ui. Que horror! Lembro-me perfeitamente.

Como é que se sentiu?

Ah... baixa, muito baixa. Senti-me muito baixa.

Mas pelo que estava a fazer?

Não porque eu queria ler e bloqueava, bloqueava. E bloqueava principalmente nas palavras pequenitas. Eu sempre... em francês também sempre foi assim. Eu sempre bloqueava nas palavras pequenitas. E aqui era a mesma coisa. E depois eu queria ler depressa e quanto mais depressa mais devagar.

E ao longo do ano, o que é que foi acontecendo?

Ao longo do ano melhorei, sinto-me melhor. O meu filho também diz que estou melhor na leitura.

Contava histórias ao seu filho quando ele era mesmo pequenino?

Desde pequenino não. Acho que comecei mais a contar desde que entrei no curso. Acho que sim.

E ele foi notando essa evolução?

Foi. Foi e ele até diz que... o meu filho é como eu, muito crítico, se está bem se está mal.

O seu filho é o seu lado crítico?

Sempre. Sempre. Aliás é ele que, quando tenho alguma dúvida que seja coisas do dia-a-dia, que seja uma coisa importante, eu sempre fui uma pessoa muito aberta... o meu filho falo pra ele como se fosse um adulto. Embora de uma maneira diferente, não é? Tenho de lhe explicar as coisas e, às vezes, quando tenho uma decisão pra tomar, "não sei o que é que hei-de fazer, ajuda a mãe. Vê lá o que tu achas que é melhor pra mãe". E agente naquela conversa conseguimos... ele ajuda-me às vezes a tomar a decisão.

Ou seja, ele notou que começou a haver uma evolução em si,

começava-lhe a contar de forma diferente.

Sim, sim.

Gostou dessa mudança?

Eu penso que sim porque às vezes ele está deitado, estou sentada ao pé dele, e conto-lhe a história. E quando são personagens assim mais maus ou uma coisa assim que surja de repente se for preciso eu salto-lhe em cima (risos) e o garoto fica assim a olhar pra mim. Não, mas... eu penso que ele gosta.

E aqui em sala acha que foi evoluindo até...

Evolui, embora ainda não a 100% porque ainda tenho alturas que principalmente, apercebi-me na última leitura... estava muito nervosa. Tremia por todos os lados. Tinha as pernas ... Credo. Tremia por todos os lados. Um calor...

Acha que esse nervosismo acabou por afectar um bocadinho?

Talvez. Talvez... porque eu queria fazer a coisa bem e... foi uma altura que comecei bem e depois atrapalhei-me um bocado, depois comecei um bocadinho melhor mas... quer dizer... naquela... ah... penso que está melhor na questão da expressão... talvez da pontuação talvez... falta um bocadito mas mesmo assim...

Acha que... já que falamos no “Momento da história” podemos relacionar com a Hora do Conto. Acha que os dois contos que ouvimos nas duas bibliotecas, quer na Rosa quer na Verde, a ajudaram a ver uma outra forma de pegar numa história?

Gostei muito. Gostei muito da maneira que contaram a história. E quero ver se levo lá o meu filho sábado, se não for este um sábado para ouvir as histórias, é uma outra forma, diferente.

Vê-se a contar histórias assim como aquelas a que assistiu?

Eu tento. Eu tento às vezes pró meu filho mas temos de conhecer muito bem a história. Tenho que... não digo que não sou capaz de conseguir mas pra isso tenho que ler e reler, reler, reler e conhecer muito bem a história. Sinto-me perdida. Foi o que me aconteceu. Embora... apesar de ter lido no outro dia à noite e até de manhã o nervosismo veio atrapalhar. Queria apresentar bem e afinal... (risos) embora pronto...eu sei que já li pior por isso estou mais contente.

Então, além de ter lido algumas histórias e ter assistido também à leitura de algumas histórias em duas bibliotecas, conheceu... teve também a oportunidade de conhecer três bibliotecas. Já conhecia? Já tinha entrado em alguma biblioteca?

Não. Nunca.

Nem em França?

Em França já.

Da escola?

Da escola e duma outra também, de uma Câmara.

Então já tinha ideia do que era uma biblioteca ou era diferente?

Tinha. Tinha mais ou menos. Tinha, só que há muitos anos que não entrava numa biblioteca. Não. Era só mesmo as estantes com os livros e a gente escolher.

Mas imaginava que havia a hora do conto e uma série de coisas?

Não.

Então e como é que se sentiu de repente uma biblioteca tem isto tudo?

Eu gostei muito. É cativa... pelo menos falo por mim, falo por mim... cativa mesmo pra gente ir lá e... e pronto.

Mas já lá foi uma série de vezes?

Já. Depois de ter o cartão? Ui... já.

Como é que se sentiu quando recebeu o cartão?

Ai fiquei tão feliz! (risos) E o meu filho também! (risos). Acho que ficamos os dois. Ele por ter o cartão, eu fiquei feliz por ter o cartão pra mim mas acho que fiquei mais feliz por causa dele também.

Mais uma oportunidade para poder ajudar os dois? O seu filho gosta muito de ler?

Ui. Gosta muito mesmo. É mesmo... não sai a mim não. Ainda bem.

Mas acha que ele a pode ajudar nesta parte, de continuar a melhorar a própria leitura?

Eu penso que sim.

Já foi buscar livros para si?

Já mas é mais à base de trabalhos, e consulta. Tanto que eu já estou a fazer uma abelha. Eu vi e gostei muito da abelha e estou a experimentar a fazer.

Além disto, nós fizemos ainda peças de teatro. Já tinha experimentado?

Já. Quando era miúda. Da idade do meu filho, pouco mais velha que o meu filho. Ah... o meu sonho era se actriz e eu estava inscrita lá em França. Os ATL's cá chamava-se lá um clube. E eu quando era miúda estava inscrita num clube e então a gente ia naqueles... pronto... aquilo havia de manhã, a gente podíamos ir de manhã até à noite, a gente podíamos ir à hora que a gente queria. E tinha assim uma parte de teatro. E eu gostava daquela parte de teatro, pronto. E depois, entretanto a vida... fui crescendo... a vida foi mudando... deixei os clubes, deixei... comecei a trabalhar e depois nunca mais... Deixei o meu sonho... acho que as crianças têm vários sonhos e isso fazia parte de um

sonho. Depois queria ser veterinária, queria ser tudo e mais alguma coisa. E pronto. Nem uma coisa nem outra (risos).

Então como é que se sentiu agora?

Ai agora foi um bocado... meu Deus...agora de grande fazer figuras assim (risos) ... foi um bocado complicado. O resultado acho que foi bom mas sinceramente acho que não me estava a ver a fazer teatro, mais infantil. Custou-me um bocadito. Custou.

Mas não se viu na personagem?

Não. O que eu achei é que era uma coisa muito infantil e senti-me ridícula a fazer as figuras de que... de Sonso.

Sentiu que as crianças iam criticá-la ou se fossem adultos a ver pudessem criticar?

Talvez os adultos, mais os adultos.

Mas à partida eram histórias para crianças...

Claro mas não sei... mas o meu filho gostou muito de me ver (risos). E os meus sobrinhos também, que foram ver e gostaram muito. Mas pronto...

Mas sentiu mais isso nas primeiras ou ao longo das peças que fez?

Todas. Todas. O Pai Natal era mais disfarçado também... a história era mais disfarçada, era mais... Não se via tanto a cara. Era diferente mas... custou um bocadito e depois tinha um texto pra aprender do Pai Natal, embora conseguisse. Graças ao meu filho consegui. Todos os dias à noite não falhava. Todos os dias à noite. Lavar a loiça, "ó mãe, o teatro". E às vezes era um sacrifício. Depois ralhava comigo "depois não te queixes, se te enganas não te queixes". E então... E depois quando me enganava ralhava comigo mesmo

Os papéis inverteram-se?

Exactamente. Completamente. Mas era muito giro (sorriso). Mas pronto... mas o meu filho também me deu apoio. Ai meu Deus do

Céu vejo tanta coisa que eu tenho pra ler. Ó mãe eu vou-te ajudar, vais ver que vais conseguir.

Mesmo a nível de dificuldades linguísticas que tinha em determinadas palavras inicialmente, tinha dificuldade em dizer... ele também ajudou nesse aspecto?

Ui as palavras... é mas há palavras que mesmo assim... sempre a matutar na mesma há palavras que não... não consegui pronunciar-las como deve ser e às vezes metia as coisas do singular no plural e ao contrário...ah... ainda hoje faço isso sem me aperceber. Acho que já veio mais o francês do que vem agora. Agora já não sei falar francês, que é diferente. Agora... apercebo-me agora... ainda há dias estava a falar com um casal amigo ao telefone e tive de pedir pra passar à minha irmã porque já não conseguia falar. Eu queria falar em francês e já há muitas palavras que eu tenho de ficar muito tempo a pensar. Porque a gente esquece.

Ou seja, há muita influência do francês na forma como escreve mas, às vezes, sente dificuldade em algum vocabulário para conseguir falar em francês?

É porque e a gente não pratica... eu falo por mim, não pratico e o pouco francês que eu pratico é ao telefone com as minhas irmãs mas há certas palavras que não consigo dizer e digo logo em português. Falo metade português, metade francês. E... apercebo-me nestas alturas... às vezes quero dizer uma coisa e digo outra. Elas fazem pouco de mim e depois acabo por falar em português porque não estou pra me chatear. Tenho que melhorar muito... ah... mas pronto.

Além disso ainda fizemos outra coisa que está aqui ao meu lado na parede.

É a Centileia.

E foi a Joana que deu o nome à Centileia. Como é que se sente?

(risos) Ai até me sinto orgulhosa, sou madrinha da Centileia (risos). Por acaso até ficou muito bem o nome.

Então, e depois de ter dado o nome à Centileia como é que se sentiu ao ler os livros?

Eu li o livro *Não há coincidências* da Margarida Rebelo Pinto.

Mas leu porque havia a Centileia porque tinha de lá colocar uma roda?

Eu li este livro porque tinha de o ler porque tinha de pôr uma roda na Centileia. Eu gostei do livro, pronto. Custou-me no início a pegar... pra mim era uma seca ler.... Mas depois fui começando...

Não tinha esse hábito?

Não, não. Eu só li dois ou três livros antes de começar a ler aquele também e... depois também não tinha uma ideia do estilo de livro que eu gostava porque tem de ser... ou gosto ou não gosto. Embora este gostei... parei um bocado mas gostei do livro. Ah... depois li também a *Estrela de Joana* e gostei muito.

Foi também para pôr a roda?

Não, este livro tinha que o ler por curiosidade mesmo. E *A Lua de Joana* também foi curiosidade. Falaram do livro mais ou menos e eu também fiquei com aquela curiosidade. Uma tem que lá estar. Mas depois a gente ouve assim certos livros não sei quê... a comentar e fiquei naquela curiosidade.

Acha que isso também a ajudou a ir adquirindo algum vocabulário

Ajuda. Claro que ajuda. Até na leitura sinto-me mais segura. Ao ler leio mais rápido... leio mais... pelo menos na minha cabecinha, em voz alta ainda travo um bocadito.

Acha que se continuar a ler vai ultrapassar outras dificuldades?

Acho que sim. Tenho que ter é livros pra ler. Agora já não tenho desculpa.

Outra coisa que nós

fizemos... começámos com aquela história do “livro em branco e as letras atrevidas”. Lembra-se?

Sim. Sim.

E a partir desse dia surgiu a ideia de fazer um livro em branco. E para juntar a este livro em branco, passado pouco tempo, surgiu o erro criativo. Pegamos nos vossos erros e vamos lá questionar estes erros para construir uma história. Como é que se sentiu?

Oh meu Deus, escrever agora uma história com estas palavras... foi um bocado complicado, foi umas dores de cabeça mesmo. Foi, foi. mas conseguiu-se. Eu consigo fazer as coisas só que tenho que ter aquela luzinha assim Tlim. A partir daí é que me vem tudo... mas foi... conseguimos. Gostei mais da do “despertador barulhento”. Achei mais engraçada pra crianças. O “R do sr Pires” também foi muito giro

Divertiu-se a escrever as histórias?

Sim, sim.

Tendo em conta todo este ano e que a Joana é uma pessoa muito crítica, qual é o ponto da situação que faz? O que tem a dizer acerca deste ano?

Foi um bom ano. Acho que foi um ano muito bom, muito positivo pra mim. Ah... a minha autoconfiança, conheci pessoas novas... ah... na questão de estudos foi muito bom pra mim e repito. Faço questão disso (risos). E as actividades também... fiz coisas que nunca pensei que era capaz de fazer.

Então e trabalhar em grupo? Trabalhar com este grupo em especial?

Acho que era um grupo bom, embora há sempre desavenças, não é? Mas acho que foi um grupo bom e que trabalhamos todas. Embora trabalhar só com mulheres não é fácil. As mulheres são terríveis (risos). Mas pronto, acho que foi uma boa equipa. Conseguimos muita coisa.

Estava à espera de conseguir alcançar tanta coisa no espaço de um ano?

Sei lá. Não sei. Mas correu bem. O balanço é positivo. Completamente.

E5**23-11-2007**

Fui vítima de violência doméstica. Estive casada 5 anos. Namorei 1 ano e meio com o meu ex-marido e ele já era desconfiado, quer dizer, eu estava em França e ele estava cá em Portugal. Ele era camionista e nós namorámos à distância, por telefone, ele ia de 15 em 15 dias, a gente via-se ao fim-de-semana. Mas ele sempre foi desconfiado. Para mim, eu gostava dele, e lembrei-me assim “é a distância que o faz desconfiar, quando a gente casar... vou para Portugal, caso com ele e vai mudar”.

Ah... no dia do casamento... em Junho vim de vez para Portugal e casei em Agosto. O meu pai nunca quis que eu casasse com ele... nunca deu muita confiança... o meu pai nunca confiou muito nele. Casei na mesma. Como diz o ditado o amor é cego e é verdade. Casei-me e no dia do meu casamento o meu pai chorou muito. Chorei muito também pelo facto de ver o meu pai a sofrer por eu casar e ele não querer. Não vi o meu pai durante o casamento, no restaurante. Ele levou-me ao altar e depois foi-se embora. Entretanto, no salão quando estávamos a dançar o meu cunhado, como é natural, veio convidar a noiva para dançar. O meu marido, que já era meu marido nesta altura, não me deixou ir porque não admitia que eu saísse do pé dele e mais neste dia tinha de ficar ao pé dele. Fiquei muito frustrada e pensei “mas onde é que me fui meter?”. Já estava casada, já era tarde quando abri os olhos. Fui para um canto e chorei, fiquei mesmo triste no dia do meu casamento.

Casei em Agosto e fiz anos em Novembro. Os meus pais estavam a comer em casa no dia dos meus anos e ele saiu fora, disse que ia comprar tabaco, e lá apareceu com um bolo e duas garrafas de espumante e os cunhados atrás dele. Fiquei feliz, fiquei contente. Lembrou-se dos meus anos. Comemos, bebemos um copito enquanto comíamos a primeira fatia de bolo e eu perguntei-lhe “queres mais bolo?” e ele respondeu-me assim “esta gente está-te a fazer muito mal”, mas com um ar muito agressivo. Fiquei nervosa porque os meus pais estavam por perto e fiquei incomodada mesmo, fiquei logo a tremer. Não gostei da atitude dele porque ele falou mesmo agressivo. Eu fumava naquela altura. Peguei num maço de tabaco – o maço de tabaco estava cheio – ele agarrou-me na mão e esmigalhou-me o maço de tabaco todo na mão. Magoou-me bastante. Eu chamei-lhe estúpido. O meu pai viu o caso mal parado e foi-se embora. Fiquei triste e nervosa ao mesmo tempo. E comecei a discutir com ele à frente dos meus cunhados. Agarrou-me no braço, levou-me à sala e deu-me tantas, tantas que nunca tinha levado – foi a primeira vez que levei na minha vida. Nem o meu pai nunca me tinha dado assim. Os meus cunhados, na confusão, meteram-se. Eles não admitiam que ele pusesse a mão assim em mim. Magoaram-no no joelho. No outro dia tive que levá-lo a ele ao hospital por causa do joelhinho dele. Ele nem se preocupou comigo, se eu estava bem ou se não estava. Estava toda dorida mesmo mas levei-o.

Ah... depois, entretanto, mais tarde, tivemos uma outra discussão. A gente chegou a um ponto que... chegou de manhã e vai ele assim pra mim “quando chegar à noite não te quero ver a ti nem às tuas coisas”. Assim fiz porque sempre fui bem mandada. Levei as minhas coisas, chamei o meu pai, ele nem cama tinha pra dormir. Mandou-me embora, fui-me embora. Até foi um alívio. Ai (suspiro). Ele foi à casa, à noite, dos meus pais, a chorar “perdoa-me, eu falei da boca pra fora, eu amo-te”, assim aquelas palavrinhas, não sei quê. Tive pena dele, voltei pra casa naquela noite. Pusemos as mobílias no sítio, montámos as mobílias. Estava a fazer o comer, mandou-me assim umas bocas muito mal... disse-me assim umas coisas... tinha-me arrependido, mais uma vez, de ter voltado para ele. Eu já estava lá, tinha lá as minhas coisas, não ia sair.

Uma vez, mais tarde, o irmão dele também veio a casa, estavam a falar de carros, uma conversa banal entre irmãos, e eu pus-me na conversa como qualquer pessoa. E ele não admitiu que eu me pusesse na conversa de homens que eles estavam a falar entre homens e eu não tinha nada a falar. Eu não gostei muito da resposta dele e... ele deu-me um estalo. Eu estava a fazer arroz naquela altura. Agarrei na panela de arroz e mandei-a ao chão. Não lhe acertei nos pés por pouco. Ele agarrou-me outra vez e deu-me tantas, tantas, tantas no quarto... estava grávida naquela altura. O irmão nada fez. Fugi de casa. Ele foi atrás de mim, ele queria levar-me a casa dos pais e eu disse que não. Não admitia que ele me tocasse. Foi a casa e eu fui em direcção – eu morava em Sobreiro – e fui em direcção a Alfarrobeira a pé. Ah... ele telefonou aos meus pais e disse ao meu pai “olhe, a sua filha está a caminho de casa. Se quiser ir buscá-la vá buscá-la mas também não deve ser preciso porque deve ter alguém à espera dela” porque ele metia-me amantes em tudo que era lado. Entretanto, fui trabalhar na Misericórdia de Sobreiro, na altura. Os meus pais tinham de ir para França, para levar a minha sobrinha. Eu tinha medo de ficar sozinha em casa dos meus pais, tinha medo que ele fosse à casa. Pedi 15 dias sem vencimento aos meus patrões e eles autorizaram porque eles sabiam a situação, dos problemas que tinha em casa, porque sempre fui uma pessoa que sempre me abri, sempre falei. As minhas colegas... às vezes chegava ao trabalho e estava na copa e chorava e as minhas colegas perguntavam o que se passava e eu desabafava. E sabia mais ou menos a minha situação e então deram-me os 15 dias sem vencimento. Fui pra França. Ele pensava que eu tinha ido pra França para fazer um aborto e fiz-lhe crer que sim, que ia fazer o aborto porque eu já não podia mais.

Quando eu voltei ele insistiu, não me largava, insistiu e eu disse que voltava pra ele com uma condição: que ele fosse a um psiquiatra porque pra mim a atitude dele não era normal. Aquele homem era mesmo doente, a desconfiança dele era uma doença mesmo. E ele também tinha um sinal na cara e era um homem com muitos complexos e acho que era isso que também estava a afectá-lo e alguém tinha de olhar por ele, fazer alguma coisa, por nós também.

Voltei. Ele foi ao tal psiquiatra, como falou. Foi a três consultas. Correu tudo bem. Tive o meu

filho. Tivemos o nosso filho. Ele assistiu ao parto. Foi um lindo momento. Entretanto, chegou outra consulta que ele tinha de ir e eu disse “olha que tens a tua consulta a aproximar-se, não te esqueças”. E ele disse “tu é que precisas de ir a um psiquiatra, eu não sou maluco”. E tudo começou outra vez... começou outra vez a ... acabou-se a medicação também... depois ele chegou a um ponto que não tomava mais a medicação e tornou-se outra vez agressivo.

Ah... entretanto, o meu pai faleceu. Faleceu e a minha mãe ficou sozinha aqui em Portugal. Eu estava em Sobreiro e eu não podia dar o apoio que eu queria. A minha mãe deixou-me o carro do meu pai e pagava-me as despesas todas do carro. Dava-me o dinheiro da gasolina para ir ter com ela porque ela não sabia ler e para ir ter mais com ela. Tive o carro quê? Um mês, dois, nem tanto e mesmo assim foi muito. Ele obrigou-me a entregar o carro do meu pai porque ele não admitia que eu fosse à casa da minha mãe. Porque ele dizia-me assim “sei lá se vais à casa da tua mãe ou onde é que tu vais. Tens uma recta muito comprida para o Carvalho”. Ele obrigou-me a entregar o carro, tive de entregar o carro à minha mãe. A minha mãe... ela sofreu e eu também sofri muito porque se a minha mãe precisava de apoio era a única filha que ela tinha cá. A minha mãe telefonava e já aconteceu ele atender o telefone e ela desligava na cara porque ela ficou muito magoada com ele, com a atitude que ele teve. Uma vez ele atendeu o telefone e a minha mãe desligou. Ficou furioso porque ele dizia que era um amigo meu. (Pausa)

Peço desculpa... mais tarde telefonava assim às escondidas pra minha mãe, no trabalho... outra vez bateu-me, estava com o meu filho ao colo. Tinha um ano o meu filho. Deu-me um estalo. Discutimos. Não sei porquê, não me lembro. Mas a gente discutia por tudo e por nada. Tudo o que eu fazia era mau... na cozinha, eu não podia cortar o pau em cima da pedra da banca, em cima da pedra da cozinha. Se eu fazia comer com a polpa de tomate, tinha de me servir da polpa de tomate a guardar imediatamente no frigorífico. Pronto, tudo servia para implicar. Eu, então, estava com o meu filho ao colo e bateu-me. Caí com o meu filho. O meu filho chegou a um ponto que mal ouvia a voz do pai chorava. Fui para o quarto acalmar o menino. Eu a chorar e a tentar acalmar o meu filho. Tinha aqui uma bola da cama, deu-me um estalo, sujeito que o meu filho batesse com a cabeça. Pousei o meu filha na cama e ele bateu-me mesmo... bateu-me muitas vezes. Mas puxou-me pelo cabelo, deu-me pontapés, murros, fiquei mesmo muito marcada.

Desta vez decidi fazer queixa porque o meu filho estava no meio, sujeito a fazer mal ao meu filho. E eu não queria... não queria que o meu filho fosse criado neste ambiente dos pais... ele não merecia isto. Foi então naquela altura que fiz a queixa. Quis fugir com o meu filho. Ele pôs-me fora de casa. Chamei o meu irmão. Levou-me então à GNR. Fui fazer exames no hospital. Dormi na casa da minha mãe naquela noite mas no outro dia voltei para casa porque o meu filho estava sozinho com aquele animal. Embora eu sei que ele não fazia mal ao menino. Ele sempre gostou do miúdo. Mas eu não queria que ele ficasse sozinho com o menino. O menino não merece ter o pai que tem. Ele é mesmo mau. Voltei pra ele... voltei

para ele... voltei pra casa por causa do meu filho. Eu disse-lhe a ele “eu fiz queixa à polícia” e ele “tu fizeste quê? Tu não vales nada. Não fizeste queixa nenhuma”. Eu disse “agora a partir de hoje sempre que me tocares vou logo à GNR”. “Ah, isso deve ser os teus amigos”, não sei quê. E assim estive 10 meses. Ao fim de 10 meses é que ele recebeu o tal papel, a tal notificação para se apresentar à GNR. Só nesta altura é que ele se apercebeu que eu tinha feito mesmo queixa. Mas nestes 10 meses foram os piores 10 meses que eu passei porque cheguei a um ponto... eu só me sentia bem no trabalho ou em casa sozinha com o meu filho. Quando ele metia a chave na porta... mal sentia a chave na porta já ficava com as pernas a tremer. Já... fiquei mesmo com medo. Depois tinha medo do dia em que ele ia receber o papel, como é que ia ser. Eu falei aos correios para não pôr a carta no correio, para ver se podia pôr na loja para ela me entregar a carta, que era para eu estar preparada para poder pôr a carta no correio e naquele dia eu fugir quando recebesse a carta. Infelizmente, isso não aconteceu. Ele recebeu a carta 10 meses depois, dia 11 de Junho. Chegou a casa aflito, ele apercebeu-se mesmo que eu tinha feito queixa. Já era uma mulher, ele viu mesmo que era uma mulher naquela altura. E ele disse-me assim “ou tu tiras-me esta queixa amanhã quando eu chegar ou vais fazer outra mas não sei em que estado vais ficar”. Fiquei com medo dele. Disse que sim, para o acalmar “não te preocupes, eu tiro a queixa. Isso é passado. Eu tiro a queixa. Vais amanhã trabalhar. A primeira coisa que eu faço amanhã é tirar a queixa”. Ficou confiante. Eu como já estava muito afectada psicologicamente, ele sempre me rebaixou, eu não era nada pra ele, eu não queria viver esta vida porque o meu filho não merecia isso, então ele foi trabalhar, eu arrumei o que pude arrumar. Telefonei para o meu trabalho a dizer que... não podia ir trabalhar porque já tinha recebido o papel para ser presente à GNR e que não tirasse, se ele estivesse em casa podia-me fazer mal a mim e ao meu filho e então tinha de fugir mesmo.

Chamei uma colega minha de trabalho e então levou-me a casa. A minha mãe não sabia de nada. Quando cheguei a casa da minha mãe não estava em casa. Chegou da feira e ficou muito surpreendida de me ver e com as malas todas. E eu disse “olha mãe, é desta vez mesmo, eu saí de casa mesmo”. Antes desta vez já tinha saído três vezes. Esta foi mesmo a quarta e foi de vez. Cheguei a casa da minha mãe toda a tremer, até gaguejava. A minha mãe via mesmo que eu estava em pânico. A minha madrinha estava com ela, tentou-me acalmar. A primeira coisa que eu fiz foi telefonar à GNR de Macieira, a explicar o meu caso, que eu tinha fugido de casa e que eu tinha medo que o meu ex-marido, o meu marido naquela altura, que quando viesse tinha medo da reacção dele. E eles disseram “Não se preocupe porque não deixe passar da porta pra frente. Se ele passar a porta do jardim telefone que a gente vai aí”. Telefonei à minha advogada porque entretanto tinha entrado em contacto com uma advogada porque eu cheguei a perguntar acerca da APAV, como é que eu podia fazer porque eu queria fugir. Só que ela não me aconselhou a fazer por causa da minha mãe porque a minha mãe já sofria com a minha situação e se fosse para uma casa destas não podia mesmo... ela não tinha com quem comunicar, não podia telefonar nem... pronto. Foi o que a minha advogada me informou, foi assim. Então, como a minha mãe estava a sofrer e ela estava sozinha fui pra

casa. Telefonei pra minha advogada, disse que tinha saído de casa e ela deu-me os parabéns pela coragem que eu tinha naquela altura e disse-me a mesma coisa que a GNR me disse. Se houvesse alguma coisa para ligar à GNR, que eles vinham logo, para não o deixar entrar a porta pra dentro. Chegou-se à noite... custou-me muito passar aquele dia... custou imenso, via os minutos, os segundos a passar, custou mesmo muito... chegou-se à noite, ele tentou abrir o portão, chamou-me. Eu abri a janela do quarto da minha mãe e eu disse-lhe “a partir de hoje acabou. Já que eu não sou mulher, não sou nada há-de ver se eu sou mulher ou sou alguma coisa. Agora se queres ver o teu filho, faz como eu. Procura um advogado. Eu vou lutar para o menino ficar comigo porque ele não merece o pai que tem. E foi nesta altura que ele entrou mesmo na realidade que o tinha deixado de vez. Ainda tentou dar a volta. Não conseguiu porque ele foi longe demais e os tratos que ele me deu, psicológicos e físicos, eu não os merecia. Nem eu nem qualquer outra mulher. Mais tarde consegui o poder paternal. Ele foi-se embora porque entrou mesmo na realidade que não tinha hipótese de voltar. Pôs-se no álcool, endividou-se, pelo que ouvi falar mais tarde. Ele foi-se embora para a América. Ele pediu para tirar a queixa. Eu tirei a queixa porque eu queria ver o homem o mais longe possível. Já não o vejo há cinco anos. Graças a Deus...que esteja lá muito longe que eu estou muito bem com o meu filho. Estou bem agora, graças a Deus.

E1**2008-03-03**

Senti-me assim mesmo... eu não é querer estar-me a... eu tentava fazer as coisas... assim como fui logo mandar fazer a minha roupa. Tentei entrar logo e quer-se dizer...depois vem assim um balde de água fria mas eu tenho consciência que também levei por culpa de outra. Mas também se calhar tive culpa em alguma coisa. Mas foi ali... e depois da maneira como a Elisabete falou, como olhou para nós e depois a sua tristeza. Ah... mexeu, tanto que eu disse... quando nos disse que se tinha afeiçoado a nós e que havia aquela proximidade, aquilo magoou-me um bocadinho... não são simplesmente formadores. Há formadores e formadores.

Se não tivesse falado convosco...

Não tinha melhorado nada, tinha ficado tudo na mesma. E conforme diz o velho ditado há males que vêm por bem. Tanto que da próxima vez já correu melhor. Embora com um deslize meu, que peço desculpa mas não consegui-me conter (risos). Mas acho que já correu melhor.

Acha que se pode falar de desmotivação? O que terá acontecido no grupo para estar no estado em que estava. A Beatriz diz que as pessoas não ligavam grande coisa?

Porque... eu vou-lhe dizer porquê. Porque as pessoas também meteram na ideia e por parte de alguns formadores, não vou mencionar nomes, mas meteram na ideia que a história era longa, que a história era muito pesada para crianças pequeninas e depois deixaram-se estar todos ali...

Mas as duas histórias?

Não. Mais a dos animais. Até mesmo a Carolina começou tão bem e ela própria desmotivou. Quem estava desmotivado começou a desmotivar. Eu também cheguei a um ponto que disse “não, assim

não dá”. E depois era assim, eu falar para depois me apontarem o dedo...mas houve uma sessão da Gabriela que eu disse não, não leio mais e se é para estar a fazer esta figura então acabou-se. Aí é que eu senti... prontos... e estavam mesmo... acho que interiorizaram que aquilo nunca ia dar certo e pronto... foi o que foi.

Então, e como é que se sentiu, falando agora mais concretamente do cinema de animação? Falando da história com todos os contratempos, como se sentiu a fazer essa actividade só?

Eu gostei. Eu gostei. Até a história em si. Eu gosto... eu gosto dela, só que lá está, para crianças pequeninas a gente já teve a experiência... Tanto que eu gostei tanto que eu sempre pensei que fôssemos a Nogueira... e eu a insistir com a Inês, com a nossa formadora, para levarmos a peça dos animais. E ela até disse “Lá dá resultado porque a festa é para adultos”. Mas lá está, eu gostei, eu senti-me bem. No cenário só pinte porque a Constança não queria ninguém por perto porque a desconcentrava. Mas gostei. Houve ali uma separação na preparação do grupo. Houve uma separação e eu não me quis envolver muito e então afastei-me um pouco de alguns preparativos. Mas, de resto...

Mas acha que se, em vez de um cinema de animação, a apresentação tivesse sido feito de outra forma tinha sido diferente?

A caixa também não era muito funcional e depois, logo no primeiro dia, as pessoas que estavam com a caixa também não estavam a funcionar muito bem (risos). Mas mesmo nos ensaios...Muito poucas vezes conseguiam motivar-me... muito poucas mesmo.

Disse que “o curso além de me ajudar de muitas maneiras ajudou-me noutros aspectos”.Especifique.

1. Monetariamente. E o outro assim a crescer, sei lá. Mesmo eu a nível... deixa cá ver... já me está a fazer corar... no relacionamento com as pessoas, eu vivia muito a minha vida, não tinha grandes relacionamentos. Relacionava-me pouco com as pessoas, o meu à-vontade, a nível também de... de módulos... também... e as actividades que nós fizemos... só isso... o contacto com as pessoas...ah... só isso ajudou-me imenso (risos).

Disse que a primeira leitura que fez foi a *Lua de Joana*. E depois mudou para Nicholas Sparks. Porquê esse autor e não outro?

E agora viciiei-me nele. Porque a minha filha já me trouxe... ah... porque ela gosta muito da... também leu a *Lua de Joana*... e gosta muito da autora, e então trouxe-me a *Cruz vazia*, acho eu. Eu comecei a ler mas aquilo não...não me interessa nada. Só que como eu tive aí o último livro do... mas eu já me lembrei... eu vou buscar... se calhar posso requisitar mesmo em nome da minha filha. E faço ali uma tramóia. Como o tive mais tempo tenho aqueles dias de penalização e não posso levantar no meu nome. Eu fui lá avisar só que de qualquer maneira tem aqueles dias de penalização. Mas o da minha filha mandei-o logo assim pra trás porque não...comecei e não... nem interessa a ninguém. Mas pronto, viciiei nele, no Nicholas.

Então, mas por que é que começou com Nicholas Sparks?

Pela nossa formadora Daniela. Começou a falar logo nesse livro e começou a relatar um bocadinho da história. E ela disse “li-o num domingo inteiro. Foi num domingo que li o livro, não consegui parar” (risos). Então, a Carolina, a nossa colega, tinha dito que tinha o livro. Então como ela trouxe aqueles livros para a sala, para quem quisesse, eu peguei logo nesse livro. Gostei imenso e depois fui lendo os livros dele e gosto muito.

Então vai gostar muito do último.

Saiu agora? Como se chama?

Uma escolha por amor. Mas não lhe

conto a história. O livro tem duas partes e quando chegar ao final da primeira parte não sei se vai conseguir parar. Eu lembrei-me logo da Beatriz, a Beatriz não consegue parar.

Ai meu Deus (risos). Porque até ainda nem requisitei nenhum mas já me lembrei... porque é assim...eu tenho esta hora morta de almoço, como almoço lá, e não venho a casa porque não compensa, tenho aquela hora.

Entretanto disse que a nível de incentivos para a leitura para as suas colegas “mais incentivo do que o que eu dei? Eu contava-lhe, relatava-lhe o livro todo e dizia tu vais gostar”. Acha que o facto de contar a história toda, contar tudo o que acontecia era a melhor forma para cativar?

Pois... se calhar não. se calhar havia de ter levantado um bocadinho o véu e ter-me calado caladinha.

Da forma que eu acabei de fazer consigo?

Exactamente. Eu não encontro o livro na biblioteca, agora vou encontrá-lo onde? (risos). Agora diga-me (risos). Numa livraria? Num hipermercado? Por exemplo, o que aconteceu com a Manuela. Ela até se empolgou, nem sei se ela terminou o livro. Ela disse que faltava muito pouco e ela gostou, pelo que ela contava. Ela até nem começou a ler... o que eu lhe tinha dito porque ela comprou dois livros. Eu pensei... eu já lhe relatei o livro, ela começou pelo outro. Ela estava a gostar, uma vez diz que eram 3h da manhã e estava a

ler. Não sei o que é que lhe deu...não sei.

Mas acha que desta forma consegue despertar mais a atenção e a curiosidade para ir...

Não... não. Da forma como eu fiz relatar...levantar o veuzinho? Ai... aí sim. E depois basta dizer que eu vou gostar e depois sou muito romântica e depois disso...já sei que vou adorar.

Quando refere que conta histórias às suas filhas menciona que já diz alguns disparates. Que tipo de disparates? O quer dizer com isto?

Por exemplo, no meio da história já não é o ler. Já faço por exemplo um som, já imito uma voz assim mais grossa, já faço aquelas coisas que eu não fazia.

Mas acha que isso são disparates na verdadeira acepção da palavra?

Não, não. Disparate foi o que eu disse (risos). Não é disparate nenhum. É bom para elas porque se nota a diferença. Por exemplo, já não se distraem logo da história, já estão ali mais com atenção. Acho que isso já ajuda mais e não é disparate nenhum (risos).

Diz, entretanto, que gostava muito de ir com as suas filhas à Hora do Conto.

Ainda não fui, infelizmente.

Inscreveu as suas filhas na biblioteca?

A mais velha já estava pela escola. Foi pela escola. Eu também não sabia. Porque eu quando fui levei os documentos das duas e ela disse-me “não, nós já temos cá esta menina inscrita”. Tanto que ficou a Soraia com o mesmo número mas deram-lhe um cartão novo e fizeram um novo cartão para a Miriam.

A propósito do espaço da Hora do Conto diz que também não era assim muito...

...acolhedor porque era assim um espaço muito aberto e depois

aquelas mesas acho que não encaixavam muito bem. Também não sei bem ao certo o que é que elas preparavam lá, não é? Mas assim a sala logo à primeira vista não chamava a atenção, independentemente de como elas contavam a história.

Por que é que a Biblioteca Rosa chamava mais a atenção?

Pela decoração, pelo espaço mesmo em si. Acho que não tinha nada a ver uma com a outra... totalmente diferente.

Disse também que contar histórias para as suas filhas e contar histórias no curso é totalmente diferente. Porquê?

Porque eu com elas... lá está... estava mais à-vontade e no curso sentia aquela... não tinha tanto aquele à-vontade e depois ...

Por que é que não tinha à-vontade?

Não sei, talvez porque... lá está... pensar no que os outros iriam pensar.

Por que é que se preocupava com isso?

Não sei. É a tal coisa da minha cabeça que...

Mas a Beatriz sempre foi muito de se preocupar com o que os outros vão dizer...

Sim. Agora nem tanto. Agora nem tanto (risos), mas isso preocupava-me. No... no... inibia-me, não era uma questão tão de me preocupar assim... ficava assim um bocadinho inibida. Não sei... não me sentia assim com aquela à-vontade, coisa que agora para o fim já... eu devo confessar que no início de contar mesmo a história era... ainda sentia assim qualquer coisita mas depois de me soltar... depois de soltar e assim... corria melhor. Sentia-me assim mais solta, mais leve. Aquilo já me saía mais...

Mas de que forma é que as suas colegas a inibiam?

De que forma... sei lá. Os olhares... ah... depois as expressões... ah... nós a contar as histórias temos algum contacto visual e aí acho

que algumas mexia comigo. Enquanto que nós olhávamos para uma certa pessoa e víamos até aquela cara de gosto de que até está a gostar do que está a ouvir e quando olhávamos para outras não, era aquele semblante pesado, como nem estou aí. Aí já mexia comigo.

Mas mexia mais essa pelo nado negativo do que as outras?

Ah... agora não... eu desliguei-me um bocadinho e já não, já me sentia bem. Podia ser só um ou dois rostos mas já me sentia... ou um riso, ouvir um riso... já me sentia muito bem. Mas ao princípio era... era um bocadito...

Disse, relativamente à actividade de Natal, “aquilo não me cheirava lá assim muito bem. Foi tudo muito à carreira, foi uma pressão enorme”. Porquê? Isto já quando fala da peça em si.

O cinema da animação foi o que foi. Aquela pressão e o ambiente que se gerou à volta da pressão. Vou falar por mim, teve a ver com o espaço; os miúdos não estavam com a mínima atenção; depois, começaram “aquele já está a dormir”; aquele está a não sei quê; já adormeceu um. Quer dizer... houve ali...a peça de Natal não correu assim muito bem porque houve ali muita atrapalhão. Mas acho que teve muito, muito a ver o espaço, era muito reduzido. E a pilha de nervos em que estava e o clima... havia ali qualquer coisa que não... o grupo estava dividido em dois. Se falássemos, como nos foi pedido muitas vezes pelos formadores, o grupo desmanchava-se por completo. Apesar de dividido em dois o grupo estava muito bem

E2

2008-03-03

Na primeira entrevista disse que tinha feito a escola primária toda numa escola.

Onde?

Em Pessegueiro Quando eu saí da 4ª classe e fui para o 5º ano não havia escola em Pessegueiro. Só havia primária. Fiz o 5º e o 6º. Depois, aí era só mesmo ciclo, só dava para fazer o 5º e o 6º. Depois fizemos... fui... os meus colegas iam quase todos para Pinheiro e então eu pedi à minha mãe se podia ir para Pinheiro também, fazer o 7º ano. Foi quando depois deixei de estudar. Depois, entretanto, abriu a escola – a EB 2... ai... EB2,3, até ao 9º – em Pessegueiro. Foi depois então que no 8º ano fui para o Pessegueiro, por causa de... prontos... já havia lá escola, não havia justificação para eu ir para... para longe. Depois, quando fui fazer nocturno foi no liceu do Limoeiro porque a escola do Pessegueiro não tinha...foi lá que fiz algumas unidades do 9º ano. Quer dizer... do 9º... aquilo não é que fosse do 9º, eu fazia as que faltavam. Aquilo tinha lá muitos números e então nós fazíamos as que faltavam. Assim, coisas engraçadas quando fomos buscar os papéis (risos).

Referiu que tinha duas irmãs? Quais são as habilitações das suas irmãs?

Uma tirou um curso que era de três anos só que dava até ao 9º e, então, era de Práticas Administrativas, julgo eu, não quero estar em erro, porque o trabalho dela é... ela é administrativa agora. Trabalha com contabilidades, faz a parte dos recursos humanos, é... eu acho que é...A minha outra irmã deve ter o 6º ano, acho eu. Eu acho que sim, porque ela... é... eu acho que é isso. Porque ela voltou a estudar à noite lá mas não sei o que é que...não sei.

Lá onde?

Em França. Ah, porque a minha irmã mais velha não está cá,

está em França. E agora esta minha irmã está a fazer... inscreveu-se no Centro Novas Oportunidades e está a fazer o 12º. Ela hoje veio cá para eu lhe emprestar o dossier do RVC porque ela tem de fazer um, só que não é assim tão parecido com o nosso. Tem de escrever mais do que aquilo que... fotografias e essas coisas. E...

Disse anteriormente que talvez por ser a mais nova era mais difícil levarem-na, mas que, de certa forma, era uma pessoa acessível. Em que sentido?

Ai, não me lembro do contexto da conversa mas...

Disse e cito “Mas acho que por ter sido a mais nova, a mais mimada, tenho a mania que é mais ou menos tudo à minha maneira”.

Ah! Sim. É assim... ah... eu fui a mais nova... apesar da situação com a minha mãe não ser assim das melhores...mas eu era muito mimada, quer pelo meu pai... a minha irmã Sara quando deixou a escola... mas elas deixaram porque quiseram... mas quando ela deixou a escola, ela ficou em casa a aprender costura. Coitadinha! A minha mãe puxava as filhas todas para a costura. E então... ah... ela é que tratava de mim e ela... acho que ela tratava de mim tipo uma filha porque ela é que me ia levar á escola, é que me vestia, essas coisas assim. E eu acho que ela... mimava-me muito aí. O meu pai também me mimava muito e a minha mãe, quando as coisas corriam bem, também me mimava muito (risos). Mas era só quando as coisas corriam bem. Ah... e eu acho que estava sempre muito habituada a... eu... por exemplo, eu queria isto e a minha mãe dizia-me que não e eu pedia ao meu pai e o meu pai dizia que sim. Pronto. E então as coisas eram mais ou menos como eu queria, até eu ver que não podia ser tudo como eu queria. Por exemplo, eu hoje tenho a noção, e às vezes quando estou em casa penso... eu falo muito das minhas ideias, do que eu acho, do que não acho e quase sempre a tentar que a minha opinião prevaleça. Aceito as ideias dos outros, muito bem, mas tento sempre que... tipo eu

é que sei ... isto não é para se dizer... pronto. Mas, acho que quando há alguém que bate assim mais de frente comigo, tipo olha mas então...se eu até acho que a ideia é boa e tudo a... pronto... vou mas também fico cá com a minha (risos). Mas, acho que sou uma pessoa muito acessível porque eu gosto muito de me dar bem com toda a gente e então basta-me dizerem-me “olá” e eu “olá” (risos). Faço logo um relatório, por isso é bom que as pessoas não me digam olá. Mas... é assim... gosto muito de... ai, de falar... mas acho que se alguém me disser assim “olha, preciso disto ou daquilo”, eu estou logo pronta a ajudar. Até que seja uma pessoa que eu nem goste muito. Eu levo a coisa para o outro... penso tentar de outra forma, como por exemplo agora...infelizmente tenho este problema da minha sogra... eu tive alguns problemas com ela... e eu agora... eu acho que não sou rancorosa, mas às vezes ponho-me a pensar... mas eu não... eu não sou rancorosa mas eu tenho medo que eu não esteja a ser capaz de ajudar o quanto eu devia ajudar. Tipo: aconteceu-me aquilo, eu não te vou ajudar. Eu não gosto de ser assim mas tenho medo que, neste momento, esteja a acontecer um bocadinho isso. Porque, por exemplo, eu e a minha mãe... antigamente nós não nos dávamos bem e a partir do momento em que... depois houve a minha separação...e a partir daí comecei a dar-me... essa parte já contei tudo. Agora se a minha mãe precisar de alguma coisa, se a minha mãe...vai ao médico, isto ou aquilo, eu estou sempre “olha mãe isto, olha mãe, aquilo” ou a minha mãe a mim. Eu esqueci. E agora a minha sogra fez-me passar por situações menos boas, sofri...não é o sofrer... talvez o dês... não sei se se pode chamar sofrer, mas pronto, passei por maus bocados e eu tenho medo...O Pedro namorou muito tempo com uma rapariga e eu acho que vem daí. Às vezes parece-me que é disso, mas às vezes também me parece ciúmes. Compreende?

Pelo facto de o Pedro lhe dar mais atenção a si do que a ela?

Se calhar. Eu não quero ser injusta mas eu acho... já me passou muitas vezes... pela cabeça porque... por exemplo, quando íamos almoçar ou jantar, às vezes estavam sentados nos sofás e eu tenho muito a mania... quer em casa... em

casa de pessoas que não tenho confiança não mas em casa dos meus pais eu tenho muito a mania e sento-me nesta parte. E... ela... por exemplo, o Pedro sentava-se e eu sentava-me aqui... e ela “não se sente aí. Está quase em cima do Pedro pra quê? Sente-se... tem ali tanto sofá”. No entanto, ela tratava-me por você. Ah... quando namorava e mesmo agora ela trata-me por você. Raras são as vezes que ela me trata por tu. Depois, ao almoço ou ao jantar, o meu sítio nunca era... se eu esperava que todos se sentassem para depois no fim eu me sentar eu nunca ficava ao pé do Pedro... ou... pronto... quando nós estávamos juntos ela nunca queria saber muito... ah... de nós. Era...e depois, por exemplo...eu ou o Pedro estávamos a falar, estávamos em discórdia de alguma coisa e ela intercedia a favor dele. Assim situações...

Acontece o mesmo com os outros filhos?

O outro que está cá não tem namorada. Mas ela não tem o mesmo apego por esse que tem pelo Pedro. Os outros estão no Canadá. Mas eu... mas lá está... eu acho que também não estou em posição de... de julgar porque posso também já ser eu a falar, não é? Porque, às vezes, por mais que uma pessoa queira ser justa não...não consegue. Mas no ano passado eu conheci o outro irmão do Pedro, que é mais novo, e a mulher. Ela, primeiro, já não a trata por você. Não a trata. E ela é... a rapariga é mais nova do que eu e ela não a trata por você. Depois...ah... fala com ela... ela também fala, conta-me as coisas da vida dela e tudo mas... ah... é outra coisa. É outra coisa porque ela... ai o Luís, a Carla isto...já... como é que eu lhe hei-de explicar...eu vejo que ela fala com eles com entusiasmo e comigo não acontece. E o que é que eu acho...o Pedro sempre lhe deu muita atenção... eu costumava dizer que o Pedro é o mais atinado da família. Ah... ele sempre lhe deu muita atenção e tudo o que ele tinha era pra ela. No entanto, que quando ela tirou a carta, o Pedro é que comprou o carro pra ela e nessa altura ela andava a fazer um seguro pra uma filha, quer dizer...não podia pagar o carro dela e podia fazer o seguro. E agora o Pedro já não é tanto assim...o Pedro agora tem responsabilidades, tem a casa dele... o Pedro já não é tudo pra ela e eu acho... não sei se será isso se não será mas eu acho que a senhora não... e pronto, na altura do

casamento, ela tratou-me com muita indiferença e depois, não sei se é por mal se é da minha cabeça, acho que o Pedro ia um bocado por o que ela lhe dizia. O Pedro não é muito de discutir mas se eu ponho a minha ideia, ele põe a dele, então não está bem a ver (risos). Lá está... pronto.... As coisas à minha maneira... e então...passei um bocado... a altura do casamento, que era previsto uma pessoa andar feliz e tudo passei um bocado... um mau bocado nessa altura. Mas eu acho que ela não... e depois... lá está, eu tenho medo de não fazer o suficiente. Compreende? Mas eu não sou rancoro... olhe, eu nem sei. eu própria estou confusa. Eu tenho um bocado... é... e depois... é assim... eu aos meus pais... os meus pais... é que... eu olho e vejo assim...ah... os meus pais, os nossos pais já passaram por a vida e nós agora se precisarmos, os nossos pais dizem “nós estamos aqui” ou... não é sempre assim, mas pronto, quando aparece alguma coisa que seja necessário na vida. Depois, ali na casa dele não, é ao contrário. Os filhos é que têm de pôr a mão aos pais. E isto faz-me muita confusão porque se nós estamos no início da nossa vida nós não podemos... nós não podemos estar...olha e se... olha e se é preciso... não podemos estar assim. E eu vejo que os meus pais não fazem determinadas coisas e que até nos ajudam e que ali não. Eles tentam passar uns por cima uns dos outros e que... não tem respeito. Não é o respeito... sei lá... é que... é um bocadinho confuso. E o meu medo agora, isto tudo por causa da pessoa acessível, o meu medo é... eu estar a fazer uma coisa que eu não quero fazer, é não estar a ajudar... o que se fosse a minha mãe eu ajudava. Compreende? Mas eu tenho a noção. Eu acho que se fosse a minha mãe, sinceramente, eu ia todos os dias ao hospital. Sou sincera, eu acho que se fosse a minha mãe eu ia todos os dias ao hospital. Eu acho que se fosse a minha mãe... não sei... eu... levava-lhe todos os dias qualquer coisa, queria que a minha mãe estivesse o melhor possível. E eu não consigo ali. É que... eu sei que... eu sinto-me má pessoa por isto, acredite que sim, e muitas vezes penso nisto sozinha mas... eu não consigo. Já tentei... olhe... ah... ela esteve uma semana no hospital, foi a semana que começámos o estágio e tudo, eu não a fui ver. Fui no sábado. Eu não acreditava que ela tinha um cancro, eu achava que ela estava a mentir e tudo.

A sério. Eu achava que ela estava a mentir, que era só pra lhe chamar a atenção e depois eu tentei falar com a enfermeira porque ela não nos dizia coisa com coisa. E depois quando eu falei com a enfermeira e no sábado falei com o médico... pronto, a partir daí as coisas mudaram. Eu nesse dia, eu saí do hospital e disse “não, eu agora vou ajudá-la” e vim pra casa e recolhi revistas, recolhi lã para o cachecol e tudo para a manter entretida e depois, à noite, eu cheguei lá e ela já me dizia que ia morrer, que... que lhe ia acontecer o que aconteceu à irmã, que já nem ia para tratamento nem nada. Pronto, aí eu arranjei logo alguém que a ajudasse a compreender aquilo que ela realmente tinha só que depois, com o passar do tempo, ela não ia correspondendo às nossas, se calhar às minhas expectativas. E depois eu... fui egoísta porque um dia vim do hospital, chateada com o Pedro e disse “não, agora vamos parar, vamos pensar porque isto não está... a... a ser vida nenhuma”, mas eu sei e tenho consciência que, neste momento, ela é que estava a precisar. Eu fui egoísta. Egoísta do ponto de... que não podíamos estar a ir todos os dias para o hospital. Ela neste momento, eu tenho consciência... ela está estabilizada... a... ela está em tratamentos... uns dias corre bem, outros corre menos bem mas eu acho que se fosse a minha mãe eu ia todos os dias. Acho que se fosse a minha mãe eu telefonava todos os dias e... uma vez eu telefonei-lhe, porque ela ia fazer os tratamentos... era suposto ela começar a uma segunda-feira. E eu telefonei-lhe e eu estive dez minutos com ela ao telefone. Ela no fim perguntou-me assim: “mas eu estou a falar com quem?”. Porque eu disse-lhe assim... perguntei-lhe dos tratamentos e ela disse: “ai não comecei hoje porque se enganaram e só começa amanhã” e eu disse-lhe assim: “ah, é que nós estávamos preocupados”. E ela: “ah, mas eu estou a falar com quem?”. Quer dizer, eu estive com ela dez minutos ao telefone... fiquei a bater mal.

Mas acha que tem essas atitudes egoístas, como refere, por causa das reacções que ela teve?

Eu acho que sim também. É saturante a... é assim... eu ponho-me no lugar do Pedro, ouvir que a minha mãe tem um

tumor, que está avançado e que ainda por cima é maligno, pronto. A... o Pedro pra ele foi um choque e uma vez... nesse dia que nós viemos chateados do hospital, eu vi... olhe, foi na altura do dia dos namorados, porque eu vim e ele estava à minha espera para ir e eu disse que não ia. E ele foi sozinho. Foi no dia antes do dia dos namorados e ele foi sozinho. A... e depois ele disse-me que ... eu perguntei-lhe por que é que ele tinha ido... depois, no outro dia, perguntei-lhe por que é que ele tinha ido e ele disse-me que tinha medo de não ir e ao outro dia a mãe dele já não estar lá e já não a poder ver. E eu compreendi... mas... pronto, também lhe expliquei que nós não estávamos a ter a nossa vida de uma forma normal. E, então, de lá para cá temos... às vezes, vamos dia sim dia não, ou se há alguma coisa menos boa nós vamos todos os dias, pronto, mas temos estado assim... a levar as coisas... por exemplo, ao sábado e ao domingo, ela à tarde tem a visita do marido, do outro filho, dos outros familiares, nós vamos à noite porque temos os cartões e... vamos nós à noite. Mas... eu acho que não estou a fazer tudo que... não sei. aí não estou a ser tão acessível, não? Aí estou a contradizer-me, mas lá está, na maioria das vezes, a... eu... eu... as coisas até podem correr mal com alguém mas se a pessoa precisar de mim eu tento ajudar, eu... muitas vezes, muitas vezes não mas algumas, às vezes nem que me prejudique a mim um bocadinho mas tento ajudar. Acho que sou muito acessível e até mesmo de uma pessoa chegada... de uma pessoa que eu não conheça deixar chegar a pessoa até mim. Acho que não sou daquele tipo nariz empinado, não vai chegar até mim, deixo as pessoas normalmente chegarem até mim. Eu já cheguei a pensar: "será que eu também estou com ciúmes e está cada uma a puxar para cada lado?" (Risos). Mas, eu acho que... é as duas coisas mesmo porque ela coloca mesmo uma barreira.

Nunca conversaram sobre isso?

Não. Não dá. Porque... a senhora... ela é assim...ela sofreu muito na vida dela, o marido dela não era uma pessoa nada fácil e ela sempre teve os filhos a protegê-la. E então ela... eu acho que ela já fez dela a "coitadinha", que nós estamos com ela, não há mundo lá fora. Há ela, a lamentar-se da vida dela

toda, do que lhe está a acontecer, do que não está. Pronto. A... e isso acho que é... não sei... e depois acho que ela exagera. Como, por exemplo, nem a enfermeira nem o médico lhe disseram que ela ia morrer, nem que não ia começar tratamentos nenhuns. Esta conversa não houve mas ela disse que houve. Ela não ser... sei lá...e depois eu penso assim... ó meu Deus, se calhar isto é efeitos secundários dos tratamentos e eu estou aqui armada em parva. Mas diz coisas que, por vezes, não correspondem muito bem à realidade. Depois, ainda faz a situação mais negra do que o que ela é. Eu acho que ela se prejudica a ela própria para chamar a atenção das pessoas. Eu acho que é isso também porque eu estive lá na quinta-feira e ela estava um bocado mal. E uma senhora da cama ao lado disse-me: “Ai, ela esteve a vomitar, os medicamentos saíram-lhe todos” e eu perguntei se tinha chamado a enfermeira. Mas não chamou a enfermeira porquê? Porque ela não faz nada. Disse-lhe pra comer, ela disse que não queria. Eu cortei-lhe... tirei-lhe os talheres... passei-me... ela estava com aquela cara... eu passei-me... tirei-lhe os talheres da mão, cortei-lhe o bife e disse-lhe “agora coma” (risos). Disse ao Pedro pra ficar com ela e fui à enfermeira e disse-lhe que ela tinha vomitado. A enfermeira veio, deu-lhe novo comprimido e disse-lhe assim:”eu disse-lhe que você ia ter enjoos, agora vai tomar um comprimido e vai esperar um bocadinho. Só depois é que vai voltar a comer. Entretanto, ela tomou o comprimido. Eu descasquei-lhe a maçã. Ela tomou o comprimido e começou a comer a maçã e eu disse que a enfermeira tinha dito para esperar. Ela disse que só estava a comer a maçã, que não fazia mal nenhum. Depois pôs-se a comer a sopa e começou a... Deus que me castigue, mas sinceramente pensei que ela estivesse a fazer de propósito, porque começou tipo a engasgar-se. Estas situações enervam-me... quando nós estamos ali, predispostos a ajudar, e as pessoas não colaboram... e eu acho que estas situações todas que... é este acumular de situações que não me fazem fazer tudo. Mas, por outra altura, eu tento fazer tudo. Não sei, é uma confusão. Eu não sou rancorosa... farto-me de dizer que não sou rancorosa mas se calhar sou, se calhar até é o contrário daquilo que digo (risos). Porque... há situações... por exemplo... o meu cunhado...já me prejudicou um bocado e eu

hoje falo pra ele, se for preciso alguma coisa eu ajudo. E eu sempre cá estou pras pessoas e só neste caso é que eu estou a bater de frente não sei porquê.

Falando do seu cunhado, conseguem ter uma relação minimamente...

Não tão como havia antigamente mas conseguimos. Ainda hoje ele veio cá a casa. Estiveram cá e eu falei... falei, estávamos a falar... pronto... a contar histórias da minha semana de lá...de eu chamar crica a uma miúdo... pronto. E eles falam da vida deles e... assim como era antigamente, que eu estava toda a tarde com a minha irmã...Mesmo ele dantes mandava-me... quando a minha irmã fazia anos ou quando era o dia dos namorados, como ele é camionista, ele mandava-me ou mensagem ou ligava-me:"olha Carolina, fazes-me um favor? Ou vai comprar isto à tua irmã ou... vai mandar entregar umas flores". Pronto. Agora também já não há isso. Já não faz isso há muito tempo. Mas, se calhar a... a minha vida agora... não tenho a disponibilidade que dantes tinha. Porque, por exemplo, se eles nos convidam para jantar nós vamos, se eu os convidar eles vêm... o Natal, já passamos todos juntos... já... já conversamos... o Pedro já conversa com ele e tudo. Mas já não há...

A dada altura na primeira entrevista disse que o seu cunhado deixou de falar para si, deixou de ir a sua casa, deixou de falar para a sua mãe.

A casa dos meus pais, foi.

Nessa altura, como é que a sua irmã via esta situação?

Eu deixei de falar com a minha irmã, quer dizer, não deixei de falar com a minha irmã. Isto foi assim: eles saíram... nesse dia... ele disse "se o Pedro l entra cá, eu nunca mais cá entro" e eu disse "então, estás..." porque os meus pais não lhe disseram nada e eu estava ali toda...né? Os meus pais tipo ali do meu lado e eu disse que então o Pedro ia entrar. Então, ele saiu e a minha irmã saiu com ele. Eu aí estive uma altura sem falar com a minha irmã mas não foi muito tempo. Não sei

precisar mas se foram duas semanas foi muito. Não ia mesmo a casa dela, não falava, não telefonava. E eu uma vez mandei uma mensagem à minha irmã a perguntar até quando é que nós íamos ficar sem falar e ela disse que aquilo que se tinha passado com o Pinto não era com ela, que se eu não falei foi porque não quis. Então, depois, uma vez encontrámo-nos e... pronto... continuámos a falar. Ela vinha à minha casa, eu ia à casa dela. À minha casa, quer dizer, à casa dos meus pais. E íamos aqui, íamos acolá, não com tanta frequência porque... eu tinha um namorado... A... depois... eu já não me recordo muito bem como é que depois eu comecei a falar com ele... eu acho que depois uma vez nos encontrámos e falámos sobre a situação, até que depois... a... pronto, falámos do que tinha acontecido e ele disse que não foi por mal e pediu desculpa ao Pedro e depois... foi aos poucos. Depois, uma vez, a minha mãe convidou a minha irmã para ir lá passar o Natal, disse que já chegava... pronto, e então... porque o Pinto não falava com a minha mãe mas a minha irmã falava e ia lá a casa e tudo. Mas, depois, então começou também a haver uma aproximação de todos, que é mesmo assim.

Na altura, quando a Carolina casou, como é ele reagiu?

Quando... isto foi assim: nós pensámos, eu e o Pedro, em casar, mas entretanto quando começámos a pensar já tinha dito à minha irmã. E começámos a ver padrinhos. O Pedro dizia que não queria... porque era assim... eu já não me recordo... eu queria levar como padrinho o marido da Constança, pronto, era assim. Porque era a pessoa que... porque nós... eu não sei se falei quando falámos em casar... a... tirámos a ideia daquelas coisas espampanantes e muita gente e tudo. Então, o que é que fizemos? Seleccionámos as pessoas que nós gostávamos e que achávamos que gostavam de nós e que nos queriam ver bem. Fizemos a nossa lista por aí e depois... os padrinhos tinham de ser pessoas que nós realmente gostássemos. Foi assim. E então eu queria a minha irmã porque... pronto... a minha ligação com a minha irmã é grande mas havia aquele senão por causa do meu cunhado, de mim, do Pedro, havia isso. E então o que é que eu pensei? O marido da Constança então porque, normalmente, mulher

leva homem e homem leva mulher. E eu então pensei no marido da Constança. Depois, o Pedro pensou num amigo dele, na namorada do amigo dele. Eu já não me recordo porquê... e lá está (risos) ... eu tenho de levar sempre a minha porque eu não queria que fosse a rapariga. Ah! Porque a ligação entre nós e... que não era assim muito grande. Eu acho que foi por aí, não tenho a certeza. E falei-lhe na minha irmã. E depois pensei “olha, era giro então, levarmos os dois casais: a Constança e o Tiago, a minha irmã e o Pinto”. E, então, trocámos porque ele não queria... ele não queria dizer ao Pinto “olha queres ser...”. Então eu disse” tu ficas com a Constança e o Tiago e eu fico com a minha irmã e o Pinto”. E fomos falar. Eles aceitaram logo. O meu cunhado no dia do casamento pediu-me desculpa pelo que tinha feito... a... mas disse-me uma piadinha tipo... agora vê lá se te portas bem, desta vez, foi tipo assim. E eu acho que eles viveram muito aquele dia, como nós, apesar de ter posto um bocadinho à parte a minha irmã nos preparativos. Senti que pus, mas a minha irmã... eu sempre senti que a minha irmã quis muito participar, no entanto que ela queria-me vir cá buscar a casa, que ela... eu senti que ela queria participar. E, então, eu acabei também por deixar ela participar no...Mas, a pessoa que esteve sempre ao meu lado foi a Constança, sempre. Na prova do vestido e tudo, na escolha, no dia da escolha foi a Constança. A... eu uma vez levei a minha irmã e a minha irmã nem sim nem não. Só me disse que era giro, mais nada. Mas aí eu acho que a culpa foi um bocadinho minha porque eu acho que pus um bocadinho a minha irmã de parte. Mas a minha irmã sempre teve vontade de participar. Eu acho que a pus um bocadinho de parte e eu acho que não foi por mal porque eu estava em formação. As coisas que eu fazia eram normalmente a partir das 5h30 e a Constança estava sempre disponível e a minha irmã não. Só saía às 6h30. Eu acho que foi por aí, não que tivesse sido de propósito porque na altura que eu vi que a minha irmã... porque a minha irmã disse-me:”olha, eu gostava de te levar” e então eu... eu disse à mi... porque até aí era para ser a... o marido da Constança que me ia levar e tudo. A...levar quer dizer... para o restaurante. Mas, depois, eu também achei que estava a ser... e então falei com a Constança... e não, olha, a minha irmã, no entanto que a

Como é que se sentiu a preparar tudo isto para o casamento?

minha irmã veio, ajudou-me a vestir, foi ao cabeleireiro comigo e tudo. Pronto... aí... e depois...a... lá eu vi que a minha irmã estava contente, o marido também. Pronto... depois aí... depois correu tudo muito bem.

Ai, foi muito giro (sorriso) ... apesar de ter sido um bocadinho difícil porque na altura de entregar o convite à minha sogra e tudo foi um bocadinho difícil. E... “sofri” um bocadinho mas... a... muito giro porque eu pude fazer... eu fiz tudo...porque eu realmente... eu queria. E então sentei-me com o Pedro, sentámo-nos a conversar, a escolher, a... e é isto, é aquilo... nós realmente escolhemos... foi o casamento mesmo a sério porque eu escolhi o vestido, seu escolhi tudo... a mesa, a decoração... falei com o se... falámos com o senhor... realmente eu fiz tudo. Eu escolhi tudo e aí nessa parte eu senti-me muito feliz, mesmo muito feliz (sorriso).

Então, e no dia do casamento, como é que se sentiu?

Nervosa (risos) e feliz também. Primeiro de manhã foi uma confusão enorme. Fomos buscar o bolo e o bolo não estava como nós queríamos, estava horrível. O bolo estava simplesmente horrível! Mais feio não podia estar. A minha cadela tinha comido a gravata do noivo. Quer dizer... o dia de manhã do casamento foi um bocadinho assim...muito confuso. De manhã tivemos de ir comprar uma gravata pra ele e um colete porque depois não conseguíamos encontrar nenhum gravatão que desse no colete que ele tinha... tivemos de ir comprar. O bolo... quando fomos buscar o bolo ficámos com uma cara de melão a olhar para o bolo, que aquilo não lembrava a ninguém. Depois fomos a correr ao senhor do restaurante pedir “por favor, faça alguma coisa a este bolo”. O homem ficou com uma cara ainda mais de parvo a olhar para nós. Tipo, o que é que aconteceu ao bolo? A...pronto... depois eu fui à minha vida, o Pedro foi à dele e foi muito giro. Depois... a...no cabeleireiro enervei-me porque a rapariga deixou-me pra último... pra último, par último porque como a cerimónia ia ser à tarde ela não me queria estar a preparar cedo... cheguei a casa era quatro menos vinte e cinco. O

casamento era às 4h. A rapariga... a...a rapariga... a juíza não tolerava muito tempo de espera e então não imagina... a correria, depois a minha irmã chegou e tudo. Mas foi muito giro, mesmo muito giro (sorriso). As pessoas que nós gostávamos estavam lá. O Pedro também estava muito nervoso, segundo o que toda a gente me disse ele estava muito nervoso. Foi muito, muito, muito bonito. O bolo, tivemos de aguentar com aquele bolo. Ah pois! Só que o rapaz foi porreirinho, pôs aquilo às escuras pra ninguém ver o bolo (risos). A... mas foi um dia muito... a...acho que não fui tão feliz no dia em que vim pr' aqui como no dia do meu casamento. Foi muito giro (risos). Foi mesmo muito giro. E depois eu olhava e víamos toda a gente que... que nós víamos que estavam felizes por nós, menos a minha sogra. As pessoas estavam felizes por nós, pronto, houve ali umas partes que eu fico um bocado triste por não ter corrido... porque era previsto estar um dia bonito e na altura que eu entrei começou a choviscar um bocadinho. As mesas que eram pra estar lá fora, o bufet, tiveram de ir lá pra dentro; o churrasco já teve de ser feito lá dentro. Então, eles iam e traziam quando era pra ser feito tudo ali ao ar livre. Pronto. Depois a música que eu queria, quando fosse pra entrar, não sei o que é que aconteceu ao CD – evaporou-se –, tivemos de arranjar outro CD à pressa, com outra música. Mas foi tudo muito giro. Foi um dia... inesquecível mesmo.

Voltando um pouco atrás, em relação ao seu primeiro casamento, disse que se casou com 17 anos. Era menor de idade. O que teve de fazer?

O meu pai teve... os meus pais tiveram de ir... porque é... há aquela parte quando se vai ao Registo Civil que se formos menores, os pais têm de assinar lá... é tipo as testemunhas, que eles dizem que é as testemunhas. E os meus pais tiveram de ir... assinar.

Falou que os seus pais tinham emprestado dinheiro ao seu marido.

Pois tinham.

A única solução para isto foi casar? Não foram colocadas outras opções?

Isso foi uma das causas também... a... a outra causa que se calhar não falei, também não me recordo, a... foi a liberdade, que eu não tinha e que os meus pais me tinham dado um bocadinho porque eu namorava e, então, eu achava que se casasse também ia ter a liberdade pra fazer o que eu quisesse, pra ir onde eu quisesse.

Mas, a certa altura, disse que já não gostava dele, que já não queria casar.

E não, porque depois, o casamento estava marcado pra Agosto, eu não queria casar pouquinho tempo antes, não queria. E porque depois eu já não queria e... uma confusãozita. E depois, entretanto, a minha irmã intercedeu a favor dele, os meus pais já começaram também... pronto... assim uma confusão e então pensei "vamos casar, deixa lá isso".

Mas foram colocadas outras opções para resolver essa situação do dinheiro?

A minha mãe... porque depois a minha mãe... que nessa altura do caso não caso, não quero, não gosto, a minha mãe disse-me que agora já era tarde pra eu estar a pensar assim porque... a minha mãe... eles tinham-lhe emprestado dinheiro, se a gente se chateasse eles nunca mais viam o dinheiro e... pronto, foi ali criado também uma série de situações que eu me senti que... não podia andar pra trás. Quer dizer, podia, né? E depois pronto... também a minha irmã intercedeu a favor e...

E o seu pai?

O meu pai... é assim... o meu pai... ele sempre me deixou muito a...decidir, eu decidir. Só que havia certas alturas em que o meu pai já não tolerava... certas coisas e... pronto... eu tinha um bocado de receio do meu pai dessas partes. E então, eu tentava fazer as coisas de forma que eu achava que o meu pai... pronto. O meu pai sempre disse que era nova, só que... pronto... naquela altura uma pessoa quer... porque... a minha mãe é que é um bocadinho mais materialista, o meu pai

nem tanto. Mas, a... pronto... eles também já tinham andado a gastar dinheiro e já tinham emprestado o dinheiro e eu achava que, de certa forma, ia andar pra trás...pronto... que o meu pai não ia ver isso bem visto também, apesar do meu pai sempre me deixar um bocadinho... à-vontade. O meu pai nunca quis interferir muito nas minhas coisas. Pronto, é assim, quando tinha de ser tinha de ser, não é? Mas ele nunca foi muito de dizer...não façás, faz, eu é que mando. Nunca foi muito assim.

Os seus pais emprestaram-lhe dinheiro antes ou depois do pai dele falecer?

Antes... depois... espere lá... o senhor faleceu em Dezembro. Ai, eu não me recordo já, mas acho que os meus pais emprestaram-lhe o dinheiro depois. Na parte do Dezembro... foi, foi porque ele faleceu em Dezembro. Eu acho que foi depois que os meus pais lhe emprestaram o dinheiro.

Mas por que é que foram os seus pais a emprestar-lhe o dinheiro? Ele não tinha mais a quem pedir?

Porque ele não queria contar à mãe os problemas que estava a ter a nível... a nível financeiro no talho. Não queria contar. Falámos e os meus pais...e depois quando casámos e tudo, a dívida foi paga.

Quais são as habilitações dos seus pais?

Ai, coitadinhos dos meus pais (risos). O meu pai tem a 4ª classe, a minha mãe também.

Disse que a sua mãe trabalhava como ajudante de cozinheira. E o seu pai?

O meu pai é assim...o meu pai trabalho no rio. Há uma empresa que trabalha com químicos, com... olhe, não sei explicar muito bem mas o que eu percebo é assim. Eles fazem transporte de químicos ou lá o que é que é numa ria. Então, tem tubagem por baixo dessa ria. E, então, eles têm de...a... têm mergulhado... porque é assim...aqui... pelo que eu percebo, às vezes, do meu pai a conversar, de tanto em tanto espaço tem uns painéis onde há um controlo daquilo e, então, eles têm de levar... eles têm mergulhadores pra ir lá baixo,

têm os engenheiros que fazem a manutenção, e o meu pai faz o transporte desses... dos mergulhadores, dos engenheiros que é preciso porque... pra eles andarem a... a ver lá aquelas...

Mas referiu a certa altura que o seu pai foi para a Alemanha.

Foi. Porque era assim...o meu pai é um senhor muito inteligente... tou a brincar (risos) ...a... o meu pais aqui há muitos anos atrás, andava eu... deixe-me pensar...eu acho que era pr' aí na escolinha ainda... que o meu pai saiu, foi na altura em que saíram aqueles barcos, não era... era cargueiros... cargueiros, acho que é assim que se diz, pronto...e o meu pai tinha andado, quando na altura de mais novo andava ao bacalhau, andava nos navios ao bacalhau e era... eu acho que é imediato que se diz... é o capitão e depois é uma pessoa que fica ao lado dele. Pronto. E o meu pai andava assim. Entretanto, depois o meu pai foi conhecendo muita gente assim a... e surgiram... sugeriram ao meu pai de passar, e mesmo deixar os barcos de bacalhau, e passar para esses barcos... esses barcos... que voltava... era mais ou menos as mesmas condições que ele tinha. Então, o meu pai fez. Entretanto, os meus pais fizeram a casa e isso tudo e o meu pai deixou essa vida de ir...de ir pró mar... foi mais ou menos... eu lembro-me que desde que depois na escola primária as minhas irmãs ainda falam que o meu pai ia, mas depois do ciclo... quando mudei pra minha casa nova, o meu pai nunca mais foi ao bacalhau. E, então, o meu pai trabalhava no rio. Tinha os barcos dele, depois a... ele conhecia muita gente e então arranjaram pessoas pra trabalharem tipo pra apanha do berbigão, da amêijoa... o meu pai... uma pessoa... o comprador dizia: "olhe, preciso, sei lá, mil quilos pra amanhã" e o meu pai arranjava as pessoas pra lhe arranjam os mil quilos pr' amanhã. O meu próprio pai também ia. Pronto, e o meu pai andava assim. Entretanto, depois surgiu um trabalho na Alemanha por causa do meu cunhado, o meu antigo cunhado que ele andava nas obras e que queria ganhar mais dinheiro. E, então, falaram com o meu pai pr'o meu pai ir pra Alemanha, se o meu pai queria ir a... eu não sei explicar muito bem o que é que o meu pai lá fazia

porque o meu pai nunca trabalhou nas obras, eu sei que o meu cunhado trabalhava nas obras mas eu não sei explicar muito bem. Eu penso que o meu pai ia pra lhe tomar conta da casa, sabe? Pra organizar os homens... eu não tenho muito bem... porque o meu pai aqui arranjou uma equipa e levou-os pra lá, foi assim. Pronto, e foi aí que depois o meu pai... esteve lá uns tempos, depois o meu cunhado desistiu, não queria mais ir, o meu pai então veio... pronto...depois aconteceu aquilo...mas depois, entretanto, um senhor disse dos barcos de bacalhau veio fazer uma proposta ao meu pai pró meu pai ir pró Alasca e o meu pai foi pró Alasca. Esteve no Alasca um ano. Por causa disso, reuniu também uma turma e foram pra lá e o meu pai... eles trabalhavam e o meu pai... era por causa do bacalhau, não sei quê, pronto... o senhor tinha lá uma firma e então, o meu pai reuniu uma data de homens e foram. E o meu pai é que tomava a anotação... não sei se é a anotação... mas do que é que fazia, do que cada um fazia, os quilos pra depois receber e tal... a... e pronto. Mas o meu pai já trabalha pra esta empresa de agora há muito tempo, só que quando ele arranjava estas viagens ficava o meu tio. Só que eles às vezes... às vezes há manutenções que é preciso que tem de se trabalhar de noite e tudo, tem de ser estar disponível, e o meu tio nunca... por exemplo, ao fim-de-semana o meu tio não queria ir, à noite o meu tio também não queria ir. Houve uma altura em Agosto que o meu pai... quinze dias... o meu pai quase não vinha a casa porque tinha mesmo de... tinha rebentado um cano ou lá o que é que foi e o meu tio então não ia. E, então, agora o meu pai... também já se... a idade dele já não...

Que idade tem o seu pai?

Ai. Cristo! Espere aí. O meu pai acho que tem 53 anos... não tenho a certeza.

E a sua mãe?

52. O meu pai vai fazer 54 e a minha mãe 53. Eu não tenho bem a certeza mas eu acho que é. Anda por aí: 51, 52, 53.

Na última entrevista disse também que fez o 7º ano, esteve dois anos na costura e, depois, entretanto, foi

fazer o 8º ano. Qual foi a atitude dos seus pais? Foi a Carolina por si que decidiu?

Fui, fui porque depois arranjei um namoradinho, aqueles namoricos...a...e ele estudava. E ele disse-me por que é que eu não ia estudar, nanana, pronto...e eu também queria e falei com os meus pais. O meu pai, desde sempre, eu por ele ia ...e a minha mãe mais ou menos. Mas depois o meu pai contornou a situação e deixaram-me ir.

Disse que não gostava da sua professora de matemática, segundo palavras suas “nunca gostei da mulher mas depois gramei-a três anos”. Porquê?

Oh, porque olhe, não tinha cara de simpática, tinha cara de bebedolas a mulher. Ela era alta, ela impunha-se... tinha de ser, não é? Mas ela impunha-se muito. Sabe como é que é, a malta nova não queria muito saber daquilo pra nada. Eu não percebia nada daquilo e não gostei dela, não gostei e depois ela, uma vez, deu-me uma cachaporra na cabeça e ainda menos gostei (risos). Eu não gostava mesmo nada dela. Ela era alta... olhe, ela era feia, tinha cara de bebedolas, eu não gostava da mulher.

Mas não conseguia motivá-la?

Não. Não. Também não, também era uma professora que não levava a lado nenhum aquilo. Coitadinha! Depois tinha uma voz irritante. A mulher não era nada...não gostava nada dela.

Disse ainda “era do estilo “ai eu hoje não me apetece ir”. “Ai a mim também não”. Então não vamos”. Mas não havia nenhuma disciplina, não havia nada que as cativasse? Por que é que vocês faziam isto? Não gostavam? Não queriam estudar? Porquê esta atitude?

É assim... eu sinceramente não... acho que... não sei... não me lembro mas nós éramos do estilo íamos e não queríamos saber da escola. Chegávamos à escola e casa. Mas, não tínhamos assim nenhuma disciplina que... tínhamos de ir assim à directora de turma quando era, isso tínhamos de ir, né? Mas, de resto, não havia assim... não queríamos mesmo saber daquilo pra nada.

Mas não gostavam dos professores? Ou não gostavam das matérias?

Eu acho que era mesmo da nossa cabeça. Não dava pra nadita porque, depois, quando nós já estávamos no limite das faltas, quando eu já não podia faltar mais, era o segundo período, eu consegui ainda passar. Passei, marrei que nem uma doida e passei. Por isso até... se eu quisesse até conseguia, não é? Mas eu não sei por que é que nós optámos por aí. Também era aquela coisa, se calhar, os nossos pais não nos deixavam muito sair depois ao fim-de-semana e não sei quê e a gente, se calhar, tentava... mas é que a gente nem ia pra lado nenhum... ficávamos em casa, na minha casa. A minha mãe ia para o trabalho e a gente tunga. Se calhar também era mais isso, não sei. Não sei por que é que nós éramos assim. Sinceramente não sei. Se bem que as aulas também não eram grande coisa, mas pronto.

Disse que no 9º ano a Georgina começou a namorar com o marido dela e que ele tinha um amigo. Mas, mais à frente, disse que conheceu o seu ex-marido quando andava ainda no 8º ano.

Sim, porque nós passamos no 8º... ai, deixe-me ver... espere lá... nós... deixe-me pensar... eu fui pró 9º e depois eu desisti no 2º ou no 3º período. Eu desisti em Maio acho eu... Fevereiro Março... nós começámos o 9º pr' aí em Setembro, deve ter sido por essas alturas que eu comecei... que eu conheci o João... deve ter sido pr' aí porque eu lembro-me que a Constança... foi... quando a gente andou naquela coisa de

falta às aulas e não sei quê, não sei quantas, foi quando o marido dela começou a mandar bilhetes pra ela parar onde ele trabalhava pra ele a conhecer. Por isso foi mais ou menos aí porque depois ela só saía se eu também saísse porque era uma cumplicidade, dos pais e não sei quê. Foi mais ou menos isso.

Disse que saiu da escola para trabalhar, para poder casar, e que o seu pai não queria porque o seu pai sempre foi muito...mas deixou em aberto esta ideia. Como é que é o seu pai?

O meu pai? (risos) Naquela altura... sabe, quando andamos na escola e nós "ai, o meu pai é melhor que o teu e não sei quê", eu tinha o meu pai acima de tudo. O meu pai pra mim era tipo Deus no céu e o meu pai na terra porque o meu pai sempre foi muito meu amigo mesmo. Qualquer coisa que eu tinha era... era o meu pai. Nessa... na altura que eu tinha qualquer... assim... na altura de namorados e isso, o meu pai a... eu falava com o meu pai. Era assim, o meu pai é que me aconselhava. A minha mãe não era muito fácil. A...se calhar a minha mãe e eu, não estou a dizer que a culpa é só dela. A... o meu pai... o meu pai sempre foi muito meu amigo, arranjava sempre maneira de me dar o que eu queria, de me deixar fazer o que eu lhe pedia, o meu pai sempre... mas também olhe que...também castigava.

O seu pai deixou de lhe falar quando não terminou o 9º ano?

O meu pai... porque o meu pai é assim...quando eu quis ir estudar outra vez o meu pai falou comigo e disse-me que era importante, que eu não podia levar a vida toda assim... a...e quando eu disse ao meu pai que queria deixar... que queria deixar de estudar o meu pai não aceitou muito bem porque... pronto, devia estar ali em causa tudo, não é? A minha mãe... quando eu disse à minha mãe que queria estudar a minha mãe não... não... não queria muito e o meu pai é que fez lá as coisas pra que a minha mãe dissesse então vais e pronto. E

depois eu acabei por deixar o meu pai na mão, não é? E o meu pai não gostou muito e pronto, foi assim umas discussõezitas lá em casa porque ele queria que eu acabasse pelo menos o 9º ano. As coisas correram um bocadito mal... em casa... mas pronto.

Casou pela primeira vez e referiu que estiveram juntos quatro anos, numa situação em que só moravam juntos. Quem é que fazia as coisas em casa?

Era assim... a casa dos meus pais...era... cá em baixo tem uma sala, tem o quarto dos meus pais mas agora e que eles mudaram, recentemente mudaram lá pra baixo porque o quarto tem uma casa de banho, uma cozinha, tem a outra cozinha e tem a garagem. Depois, tem as escadas e lá em cima tem os quartos, uma sala e uma casa de banho. A casa não dá pra fechar, pra ficar primeiro andar e segundo andar porque lé em cima não havia cozinha. E então era assim: a minha mãe fazia o comer, não é? Pra mais um, pra mais dois. A minha mãe lavava a roupa... claro que eu, às vezes, ajudava a minha mãe, quando me apetecia (risos). A minha mãe dizia "Carolina, tens de fazer isto. Ó Carolina é uma vergonha. Faz Carolina isto, faz aquilo. Ó, tu fazes o comer. Ó Carolina..." , a minha mãe puxava por mim mas coitada da senhora. Só gastava o latim dela. Mas pronto... tipo organizávamo-nos em casa, sabe? Tipo, ao fim-de-semana fazia a limpeza, pronto, era assim essas coisitas.

Quando casou a primeira vez, disse que casou e foi de férias. Para onde?

Lá pra cima pra... Amoreira.

Quem é que escolheu?

Eu. Ai foi. Escolhi as férias. Ah pois! Foi para... espere aí... foi para Freixo... por pr' aquela parte tipo Freixo, Amoreira, é não é? Foi isso, foi. Espere aí... Ulmeiro. Pronto, foi aí. E foi por aí. Eu só queria era passear (risos), só queria passear e pronto. Vida boa e não queria que me chateassem a cabeça. Uma irresponsabilidade, mas pronto.

Mais à frente disse que a

sua sobrinha tinha ido viver lá para casa porque a sua irmã se tinha separado, entretanto, e tinha ido para França trabalhar. Por que é que a sua sobrinha ficou cá?

Porque a minha irmã... essas coisas agora... a minha irmã foi pra lá trabalhar pra casa de uma... duma... não, ela foi pra casa... ela ficou na casa de uma senhora... amigos lá e não tinha condições pra ter a Ana lá com ela. Então, a Ana só ia quando acabasse a escola cá, acabasse o ano lectivo, e, entretanto, nesse espaço a minha irmã tentava arranjar uma casa para elas as duas. E pronto, foi... foi isso que aconteceu. A minha sobrinha também queria muito ir para lá e tudo. Depois a minha irmã conseguiu trabalhar lá na clínica, houve o contrato e essas coisas todas, conseguiu arranjar uma casa e a Ana foi pra lá. Agora está lá.

Entretanto, quando referiu que começou a dormir com a sua mãe, nunca mais usou aliança. E o seu marido?

Ele usava. Eu acho que sim... eu acho que ele usava... não sei... eu acho que sim. Não me recordo. Sei que já mais para o final não mas quando ele ainda pensava que eu... que eu ainda voltava atrás acho que usava. Não me recordo muito bem mas acho que sim. Eu não.

Disse que a sua irmã e o Pedro trabalhavam na mesma firma. Que tipo de firma?

Ah, é onde eles trabalham hoje. É...aquilo é de tubagem de... eu não sei como é que se chama...eles fazem redes de gás... restaurantes, nas casas, gás natural. Trabalham com gás natural. O Pedro faz instalação também de aquecimento... pronto, essas coisas assim. E ... ele faz a ligação dos aparelhos a... pronto, essas coisas, e a minha irmã trabalha na parte administrativa.

E que habilitações é que o Pedro tem?

O Pedro tem o 9º ano. E depois teve de tirar uns cursos por

causa de trabalhar neste...a própria firma fez os cursos... faz estes cursos periodicamente pra eles porque há, por exemplo... o Pedro tem de assinar os papéis, não é? Das obras e essas coisas assim e para assinar esses papéis tinham de ser pessoas credenciadas, ou lá como se diz. Pronto, e ele então teve de... tirou logo uns cursos no antigo trabalho dele mas agora neste também já tirou o resto que lhe faltava.

Referiu também que para o seu pai não havia meio-termo, ele era de um extremo ao outro. Se a situação não estava bem era logo castigo.

Ih! O meu pai?

Que tipo e castigo?

Era tipo castigar-me... por exemplo, lembro-me... sabe que, na sua terra deve ser igual, uma vez por ano há festa nas terras, nos sítios... uma coisa que me marcou porque achei injusto foi que nós... houve uma vez uma festa... eu andava na costura e a festa era sexta, sábado, domingo e segunda e à segunda-feira à tarde havia um...um baile e eu pedi aos meus pais pra ir. E por incrível que pareça eles deixaram. Não me deram hora de eu ir, deram-me hora de eu estar em casa... não sei se era às 6h, se era às 7h que eu tinha de estar em casa. E então... porque eu queria ir à noite... eu à hora que eles marcaram estava em casa. Até um bocadinho mais cedo. Não ia à costura nesse dia mas...a... os meus pais acederam. Só que, entretanto, nesse dia, a... um senhor, um amigo do meu pai tinha ligado lá pra casa porque era preciso uma encomenda urgente pró final... não me recordo se era pró dia a seguir, se era pró final da semana, não me recordo... que era preciso uma encomenda grande de berbigão. Que era para dar o recado ao meu pai, para o meu pai reunir as pessoas para fazerem a encomenda. E não estava ninguém em casa pra atender. Pronto...a festa começava... julgo que era às 4h mas... eu fui mais... fui eram 2h30 ou 2h, já não me lembro. Mas os meus pais não me tinham dito que eu tinha hora de ir, só tinham dito que eu tinha hora de vir. E, então, o senhor fartou-se de ligar para casa e ninguém atendeu. Quando eu

cheguei às 7h, o senhor tinha ido à procura do meu pai, encontrou o meu pai e falou com o meu pai. O meu pai estava muito danado comigo e pôs-me de castigo e à noite não fui à festa. Mas achei injusto porque até tinha cumprido a hora que o meu pai me tinha dito, só que como o homem ligou e não estava ninguém em casa o meu pai castigou-me. Pronto. Ou tipo, eu se mentisse ao meu pai, pronto, se o meu pai me apanhasse a mentir ou assim, quando eles descob... ele castigava-me, tirava-me o que ele via que eu queria o meu pai tirava-me. Tirava-me ou castigava... pronto. Não deixava e normalmente funcionava (risos). Os castigos do meu pai funcionavam melhor que os da minha mãe. A minha mãe era porrada, o meu pai não. Por isso é que...pró meu pai ou estava tudo muito bem ou então a coisa corria mal, mas ele cortava o mal pela raiz. Pronto, ele era um bocadinho assim.

Disse, a propósito das confusões com o seu cunhado, que a sua irmã metade sabia, metade não sabia.

Eu acho... a impressão que eu tenho é que a minha irmã algumas coisas não sabia e ainda hoje algumas coisas não sabe. E... porque é assim... uma vez, quando eu andava na escola, o meu cunhado andava atrás de... sempre a ver, nessa parte da Constança e assim e ele andava sempre a ameaçar-me. Se eu... pra eu ir pra escola, mais isto, mais aquilo. E eu, uma vez cheguei a casa e a minha irmã... à minha irmã... porque tinha ido pra Constança, foi assim uma coisa, tinha ido pra Constança e ele foi atrás de nós e descobriu. E eu danada disse à... ele disse à... ele disse que ia dizer à minha mãe e eu danada cheguei à casa e disse à minha irmã. E o meu cunhado...a... depois...fez com que a minha irmã ficasse chateada comigo. E eu a partir daí disse que nunca mais ia dizer nada à minha irmã. E, então, as coisas todas que ele fazia eu não contava à minha irmã. Só depois nessa altura em que o... de... de... pronto...d ele me telefonar... dessas coisas é que eu contei algumas coisas à minha irmã. Mas, a maior parte das coisas que ele fazia eu não contava. Quando ele, por exemplo, andava atrás de nós ou quando ele a... mandava mensagens ou isso eu não

contava. Ou quando por exemplo a... houve uma vez que eu estava no café à noite e ele passou mais um amigo e depois foi dizer à minha mãe. Eu não contava isso à minha irmã. Só depois quando a minha mãe disse que ele tinha estado a chamar o meu pai pra ir eles irem ver onde é que nós estávamos e isso é que eu mandei a mensagem e isso e a minha irmã deve ter... também veio mas... falámos daquele dia só. Eu disse que se queria andar atrás que andasse atrás do irmão ou assim mas não falei porque eu achava que ele ia arranjar maneira... ia arranjar uma maneira de virar a minha irmã contra mim porque arranjava. Ele falava as coisas à maneira dele e ele arranjava maneira da minha irmã ficar contra mim.

Durante quanto tempo trabalhou a recibos?

Ai, não me recordo mas... eu acho que foi pr' aí quase um ano... não... porque depois... não me recordo. Mas espere lá... sei que foi no início de um ano. Ai mas ainda foi algum, não tenho a certeza se foi... não chegou a um ano.

Quando foi estudar à noite, disse que se inscreveu em algumas cadeiras mas que depois deixava. Porquê?

Deixava porque foi naquela fase em que eu não andava bem. Eu tentei ir aprender a nadar, que até... gostava de... e também deixei... parecia que nada...era assim... parecia que eu queria tudo e que depois não queria nada, depois que tinha não... não dava valor, não queria. Eu acho que tudo porquê? Porque... eu tentava arranjar tempo... pra...se lá... pra... pra não estar em casa... pra... está a compreender? Eu tentava arranjar coisas, se calhar, pra não estar em casa. Mas...andava assim um bocado e depois saturava-me fácil. O curso é a primeira vez que tou a levar alguma coisa do princípio ao fim.

Disse a esse propósito, e cito, “nunca pensei que houvesse alguém que reparasse se eu não fizesse. Nunca pensei que ... ahh...o simples facto de eu fazer isto

ou aquilo deixava alguém contente”.

Porque... era assim... eu... aque...aqueles anos da minha vida foram um bocado... eu não queria saber muito de ninguém e achava que, no fundo, também não queriam saber também muito de mim, que... eram do tipo... queriam era mandar, que eu fizesse isto ou aquilo mas não... não queria... e isso... e eu lembro-me, por exemplo, de andar na escola e se trazia alguma coisa pra casa, lembro-me que a minha mãe nunca dava muito valor. O meu pai sim, a minha mãe não. Nunca dava muito valor a...pronto, nunca tinha assim grande... o que quer que eu fizesse nunca tinha grande interesse pras pessoas e agora, ó pá, notei que nós fazermos ou não fazermos que havia sempre alguém que notava. Se não fizessemos por que é que não fazíamos e achei isso... parece que estava ali alguém que realmente se importava com aquilo que fazíamos ou não fazíamos. Mesmo na escola as pessoas não... não... os professores, é um bocadinho a realidade das coisas, eles também têm muitos alunos, eles têm... prontos...não querem muito saber se faz ou não faz. Eles estão ali pra cumprir aquilo, à excepção de uma única professora que eu tive de matemática, que ainda hoje falo com ela, quer dizer, hoje já não temos tanta ligação porque a vida muda, não é? Mas... sempre foi uma professora que me puxou muito pra eu fazer, até porque nas aulas dela eu ainda fazia alguma coisita. Mas foi pouco tempo porque ela era uma professora substituta. Mas... pronto... nunca houve muito aquela coisa se se faz, se está bem feito, se está mal feito, não. E aqui não, foi diferente. As pessoas diziam que tínhamos de fazer, esperavam que fizéssemos e diziam: “ai, olha está bem feito. Até está bem ou não. Podes fazer melhor”. Pela primeira vez, pronto, tínhamos ali alguém que nos dava... valorizavam aquilo que fazíamos. Por menos que fosse, valorizavam sempre o que estava feito. Não era como das mais vezes que uma pessoa estava...habituada. Fazia... olha fiz, está feito. Pronto, aqui foi diferente. Se calhar daí a motivação ser... ter sido tanta porque foi... é a primeira vez que eu começo alguma coisa que tem princípio, meio e fim (risos). Ainda não chegou ao fim mas está quase. Mas... é a primeira vez mesmo. Em 26 anos de vida...ó meu Deus

(risos).

A propósito da Biblioteca Rosa, disse: “Já tive a... pronto, a ver e a organizar com a minha irmã que é pra depois irmos lá. Indo duas nunca é assim tão suspeito”. Suspeito porquê?

Porque é assim...por exemplo... nós vamos a uma biblioteca, nota-se bem quando uma pessoa não está tão à-vontade num sítio a... do que, por exemplo, se eu for sozinho noto-me, se calhar, mais acanhada, se calhar não vou em busca ou qualquer coisa assim do que se for sozinha... sei lá...se for acompanhada, se calhar, não tenho tanta vergonha de ir ver ou de ir perguntar ou...e se for sozinha se calhar tenho, né? Eu acho. E a minha irmã também está à-vontade nisso de bibliotecas, a minha irmã está mais à-vontade. E assim eu sei que não faço figuras más.

Disse, entretanto, “comecei os Arraiolos, que era à noite”. Resolveu fazer o curso de Arraiolos porquê?

Porque a minha irmã fez, porque... nós costumávamos fazer, só que... a...a minha irmã comprou umas revistas e começou a fazer. Porque a minha irmã é uma pessoa muito activa, é tipo você ligadinha à ficha. Pronto. E, então, ela...a...comprou uma revista e com a ajuda de uma amiga ela começou a fazer. E eu comecei... eu aprendi com ela. Pronto. Só que entretanto há coisas que uma pessoa não faz bem e ela descobriu, descobriu quer dizer, lá onde ela mora é que havia uma senhora que fazia cursos de Arraiolos. E então ela inscreveu-se e disse que era porreirinho, se eu não queria ir. E pronto, então eu fui. Achei engraçado e fui. Tá a ver?

Mais à frente, a propósito da leitura, disse que quando estava em casa dos seus pais, que chegava, sentava-se e lia, lia, lia e que costumava fazer isso na sala. Agora diz que vai mais

cedo para a cama e vai para o quarto e lê. Mudou o seu sítio de leitura? Onde é que se sente mais...

Ah! Sabe porquê? Acho que não tem assim nada de especial porque o Pedro vem pr' aqui ver televisão e, então, eu se estiver com um barulho... eu gosto quando estou a ler estar sossegada. Eu costumo dizer quando estou a ler é os bocadinhos que eu tiro pra mim porque gosto de estar sossegada. Gosto de ler, se tiver vontade de chorar, olhe, choro. Se tiver vontade de rir, rio. E, às vezes, pra me sentir mais dentro do livro, às vezes leio um bocadinho em voz alta. Pronto, e é... procuro um sítio onde eu possa estar sozinha e um bocadinho à-vontade. Pronto, como na casa dos meus pais eu estava lá em cima e praticamente sozinha... os meus pais ou estavam a ver televisão lá em baixo ou qualquer coisa, estava lá em cima sozinha. E então não sei... não ia pró quarto porque pronto... estava na sala, estava à-vontade. E aqui não acontece muito isso porque ele está na sala e eu então vou pró quarto (risos). Mas, às vezes, quando estou sozinha, às vezes vou pró quarto, às vezes fico aqui. Assim sozinha, também fico aqui.

Falando em relação à sua sobrinha, referiu que “a miudita sempre gostou muito de histórias, de contos”. Onde é que ela foi buscar esse gosto?

A minha irmã Sara oferecia-lhe, quando ela era minorquita, oferecia-lhe muitas histórias, muitos livros. Depois aqueles livros que é a minha primeira Bíblia com as ilustrações, as historinhas; depois, ela quando começou a ir pra pré, havia aqueles livros da *Anita*, depois a minha irmã ia-lhe dando, quer a mãe quer a minha irmã, iam-lhe comprando os livros. A minha sobrinha... a minha sobrinha tem lá em casa um montão de histórias mesmo dela.

A sua irmã Sara sempre foi passando...

Sim, de uma certa maneira é, a minha irmã Sara é que põe lá aquela gente toda assim... (risos).

Falando já do curso, referiu

que trabalhar com mulheres
era complicado. Porquê?

É... olhe, porque acho que... tentam... é assim.... eu acho que no trabalho normal não acontece isso...a competição, não é? Mas nunca tentam... nunca querem ficar atrás umas das outras. Depois, se vêem que estão um bocadinho a ficar atrás, têm de arranjar qualquer motivo pra coisa já começar a correr mal. Depois a... porque se uma pessoa diz... nós não somos todas iguais e, então, implica-se por tudo. Eu acho que os homens não é tanto assim mas, se calhar, são, sei lá eu. Mas é que, implica-se por tudo. Porque se disse, implica-se porque se disse; se não disse, implica-se porque ela não disse. Se se fez assim, implica-se porque fez assim; mas se fez assado, implica-se porque ela fez doutra maneira. Acho que é assim um bocado complicado, que reparam... se calhar as mulheres conhecem-se bem umas às outras, bem quer dizer...de um modo geral mas...e sabem como é que podem atacar umas às outras. E pronto. Há umas que têm uma maneira de ser mais... sei lá... assim mais... mais firme que outras e depois quase que há batatada. Mas é complicado, ainda continuo a dizer que é complicado.

Falando já das actividades
de Natal, falou sobre a
história da preservação das
espécies. Como é que se
sentiu a fazer o cinema de
animação?

Eu achei a história muito gira, no entanto que eu pensava que a história nem era sua. Achei-a muito gira. Só que... era a situação que ali estava. Eu achei a história gira e até achei que... agora acho que... agora tenho a ideia que podíamos ter feito, se calhar... ter dado mais de nós. Porque a história era engraçado, os miúdos podiam ter ali aprendido uma série de... de coisas porque é mesmo. Mas... acho que não demos o tratamento e...como é que eu hei-de explicar... acho que não fizemos o suficiente para que pudéssemos ter gostado e agarrado mesmo a his... a preser... o cinema de animação. Porque eu gostei de fazer a caixa e isso... eu gostei muito. Mesmo nos ensaios... os primeiros, eu diverti-me, diverti-me mesmo a fazê-los. Só que ali havia qualquer coisa que não

deixava nós... trabalharmos todas em conjunto.

Mas o que é que havia?

Eu sinceramente não sei porque chegou a uma altura que eu comecei a vir... o meu interesse começou a vir... tipo pra baixo. Cada vez me ia interessado menos dos ensaios e tudo...e, sinceramente, porquê eu não sei. Acho que havia ali qualquer coisa que não estava a funcionar em termos de grupo. Porque... é assim... os primeiros ensaios... eu achei que correu bem. De tanto que eu fazia uma figura, ó meu Deus, mas achei que correu bem. Só que... depois achei que não corria assim. Começámos a andar a ensaiar e eu achei que não havia ali entrega de toda a gente. Eu acho que foi isso que começou a desmotivar também. E depois era... a entrega não era muita e depois começámos a ouvir que não estava bem, que se tinha de ensaiar mais. E cada vez eu ia-me sentindo mais frustrada, até que...deixei mesmo as coisas irem mesmo... tipo vrummm, por ali abaixo.

Disse que “andava assim... nunca mais passa o tempo... ai isto nunca mais acaba e depois quando tivemos lá aquela conversa e tal e eu... não, isto tem de ser assim, bora a dar o litro”. O que é que mudou, se é que mudou, neste espaço de tempo?

Porque foi assim... isto foi depois da conversa que eu falo, foi aquela depois de termos ido à instituição. Porque eu não gosto de desapontar ninguém e quando sinto que as pessoas colocam certas expectativas ou que esperam alguma coisa e depois eu não correspondo, eu fico... chateada comigo própria. E, sinceramente, é assim, eu ali eu não sei... foi à medida que... eu nos primeiros ensaios, por exemplo, quando leu a história eu gostei. Mas pensava que estava a ler uma história que não era sua. Pronto, pensei que estava a ler-nos uma história. No final, quando disse que aquela era a história que ia ser... achei a história gira. Depois, aquela parte do casting e tudo, achei isso muito giro. Os primeiros ensaios achei giros, só que eu não sei se já vinha numa desmotivação,

não sei, que foi daquela parte em que... eu comecei a sentir que as coisas ali... alguma coisa ali não estava a funcionar bem. Então pensei... mas pra quê que eu hei-de estar aqui? A fazer...a ensaiar porque...se metade delas não querem saber? Então, comecei a vir... depois os ensaios, cada um começou a ser pior do que o outro. As expressões das formadoras não eram nada as melhores... depois diziam “temos de melhorar, temos de trabalhar, temos de não sei quê”. A motivação veio a... começou a acabar.

Mas acha que não fazia sentido aquilo que os formadores diziam, tendo em conta a desmotivação que existia?

Agora sei que fazia, mas na altura... eu achava que não fazia sentido.

Também porque estava desmotivada?

Exactamente porque eu agora sei. E depois houve aquela conversa... porque eu sentia-me naquele dia... acho que foi uma segunda-feira, não? Quarta? Já não me recordo. Foi no dia 17 de Dezembro. Quando nós fizemos e acabámos, as vossas expressões todas, mesmo que vocês quisessem fazer uma expressão de “correu bem”, ninguém conseguia porque vocês estavam todas com uma expressão... de tirem-nos daqui. Mais ou menos assim, estavam com uma expressão um bocadinho, um bocadinho não, tinham a expressão toda de quem não tinha gostado, de que não tinha corrido bem, não estava bem. Pronto. Depois, a Joana disse que não tinha visto o trenó e a manta, quando eu tinha posto uma coisa ao lado da outra e ela disse que não tinha visto nada disso. Foi assim uma série de situações... eu fiquei pra minha vida. Eu estava possuída. Depois, eu a... eu vi naquela nossa conversa que nós a tínhamos desapontado, que tinha colocado aquelas expectativas todas em nós e que nós, pura e simplesmente, não quisemos, não quisemos que tivesse corrido bem. E pronto, foi daí que eu pensei que também não era justo porque quem tinha tido o trabalho todo tinha sido você, a Daniela, tinham tido o trabalho de preparar as coisas e que não era justo nós... é assim, vocês estavam ali para dar valor ao nosso

trabalho mas nós não estávamos a dar valor ao vosso. Foi por isso que eu pensei: “não, isto agora na Biblioteca Rosa tem de correr bem” e foi isso que mudou, que eu achei que a... se havia ali alguém disposto a acreditar em nós, que acreditou, que nos deu montes de possibilidades de fazermos coisas diferentes e... que dava valor à mínima coisa que nós fazíamos, nós também tínhamos de dar valor e fazer as coisas... fazer com que as coisas corressem bem. E pronto, e foi isso, foi uma série de coisas que uma pessoa juntou e que... Em Pinheiro eu gostei e achei piada a alguns contratempos que houve, como aquela do cenário eu ter ficado sentada... achei piada a isso pronto (sorriso). Mas, eu acho que se não tivesse havido aquela conversa, as coisas não tinham... não tinham corrido bem. Não tinham corrido bem porquê? Porque...eu falo também pela minha parte, eu ia tipo vou dizer o que tenho a dizer e acabou. E essas coisas assim. E não ia correr bem de certeza porque eu não ia querer... não me ia entregar, não é? E como falo eu, se calhar algumas das minhas colegas também não. Falo, por exemplo, da Beatriz... eu acho que algumas colegas nossas foi muito diferente do que foi lá no ATL. Mas, por exemplo, eu tenho a consciência que... fui eu que falei naquele dia e tudo, muita gente devia querer falar e não falou. Tá a compreender? Por isso é que muitas vezes lhe digo que o que é à frente é o que tem de ser atrás e o que é atrás tem de ser à frente. Se achámos que está mal, temos de dizer o que achamos que está mal. Eu achei que essa conversa foi apropriada, se calhar não foi da forma que devia ter sido, tipo a... como é que eu lhe hei-de explicar...não chegar ao limite. E depois também foi um descarregar de situações, por exemplo, falei muita coisa consigo que não era consigo, que era com a Daniela que devia ter falado. Foi ali um juntar de situações que não se devia... não devia ter acontecido. Mas aconteceu antes de termos ido à Biblioteca Rosa, o que já foi muito bom porque se íamos para Pinheiro como tinha corrido em Macieira quem nunca mais punha os pés lá era eu. Mas pronto.

E em relação à adaptação
da história de Natal
“Ninguém dá prendas ao Pai

Natal”?

Eu gostei. Eu sempre gostei muito dessa história também, mas eu gosto de tudo. Eu gostei muito dessa história e achei que também correu bem. E até achei que as colegas estavam assim... interessadas e tudo porque é uma história... eu gosto muito de histórias e... gosto, sei lá. E achei que aquela era gira. Gostei de ser o narrador, os cenários e tudo. Eu achei muito bonita essa história. Por acaso achei, ternurenta.

Acha que as suas colegas e a Carolina estavam mais entusiasmadas com esta do que propriamente com o cinema de animação?

Eu achei... eu acho... eu gostei das duas mas são diferentes. Pronto, são diferentes. Mas gostei das duas. Mas eu acho que, se calhar, estar por trás do cenário é que foi a parte mais complicada, porque as crianças não nos viam e nós não víamos ninguém, no cinema de animação. Eu achei que isso aí foi complicado. Por exemplo, essa história se tivesse sido com tempo, nós podíamos ter arranjado tipo pró lobo, vamos supor, umas orelhas, um rabito, assim coisas que caracterizassem em nós o animal, eu acho que isso ia ficar muito mais engraçado do que ficou. E acho até que as crianças iam prestar mais atenção. Foi o que achei.

De uma forma geral, acha que o curso contribuiu, de alguma forma, para ajudar a criar ou a desenvolver hábitos de leitura em algumas das suas colegas?

Ai, sei lá (risos). Não sei. Sei lá... é assim, olhe...a... quando se começou a falar na leitura e isso eu...a... disse os livros que tinha, levei os meus, os da minha irmã, emprestei a toda a gente. Trocava impressões de livros que já tinha lido, com algumas colegas. Se calhar, um bocadinho. Não sei. Nunca tinha pensado nisso, mas, se calhar, um bocadinho porque elas até leram alguns livros meus, por exemplo, a Joana... levei os meus livros que eu tinha, alguns da minha irmã. Por exemplo, a Beatriz, eu falei-lhe naquele *As palavras que nunca te direi* e essas coisas. Ela achou piada, depois já comprou o

livro. Quer dizer... não sei mas acho que... um bocadinho.

E quando falava com elas sobre os livros, o que é que lhes dizia para as entusiasmar?

De uma forma geral, por exemplo, *As palavras que nunca te dissei*, julgo que começámos a falar no filme, foi assim qualquer coisa, e depois eu disse que o livro não era muito como o filme e que conseguia puxar-nos mais pra dentro do livro do que o próprio filme. E também lhe falava da gente... de ao ler... umas alturas ríamos, outras chorávamos, outras tínhamos vontade de ler mais e... não sei... nós partilhávamos assim informações umas com as outras, não sei de daí algumas... comecem a ler se não... não sei... mas, olhe, falávamos. Mas nunca tinha pensado nisso, realmente.

Uma última questão. Disse que com 18 anos tirou logo a carta de condução. Mas quem pagou a sua carta?

Ah pois! Fui eu. (risos) Eu tirei a carta muito rápido. Eu não tenho a certeza mas que andei pr' aí um mês, um mês e qualquer coisa no código, pedi logo exame. No entanto que a senhora tinha-me dito se eu não queria esperar mais um bocadito e eu disse que não. Tirei a carta, depois comecei logo a condução. Depois, quando o instrutor viu que eu estava... marcou-me exame, deixando algumas aulas, caso eu chumbasse e foi assim. (risos). Eu gostei muito. Não, a sério. Pra mim ter tirado... ah, não, afinal já é a segunda coisa que eu começo e acabo porque a carta eu comecei e acabei (risos). Mas gostei, por acaso era uma coisa que eu queria pra mim, era tirar a carta. E hoje não me arrependo, muito pelo contrário. Claro, dá jeito.

E3**2008-03-15**

A Lúcia disse, logo praticamente no início da outra entrevista, que eram 10 irmãos e que eram uma família muito numerosa. No meio destes 10 irmãos onde é que encaixa a Lúcia? Era a mais nova? A mais velha?

Não. Eu já era... o meu irmão, a minha irmã... a Rita, o meu irmão Alfredo... eu sou a 6ª...não... claro... sou a 6ª...porque é... a minha irmã Rita, o meu irmão Alfredo, o meu irmão José, a minha irmã ...Lara, o meu irmão Tiago e a minha irmã Manuela. Eu já sou a 7ª. A minha irmã Maria a oitava, a minha irmã Fernanda a nona e o meu irmão Armando o décimo.

Quantos rapazes e quantas raparigas?

Cinco, cinco. O meu pai soube trabalhar (risos). Não... espere lá... não éramos cinco, cinco nada. Era o Alfredo, o José, o Tiago e o Armando. Eram quatro rapazes e seis raparigas. Assim é que era.

Que idade tem a mais velha?

Essa já está debaixo da terra há muitos anos. Morreu com cinco aninhos.

Então não chegou a conhecê-la?

Não.

Que diferença de idade tinha da mais velha?

Eu sei lá. Essa a minha... essa não era a mais velha. O mais velho era o meu irmão Alfredo que tinha agora 62 anos. Também já faleceu. Morreu com 22 anos, num acidente na França. E se ele tinha 62, a que morreu tinha 60 anos porque nós temos diferença de dois anos uns dos outros. Dois anos, dezoito meses, somos todos assim. Eu tenho 50. A minha irmã Maria fez agora 48 em Outubro. Eu faço 51 em Agosto e ela

faz 49. Somos todos assim, temos diferença de dois anos uns dos outros.

Disse que chegou a trabalhar numa fábrica de refrigerantes. Tinha 13 anos e que trabalhou nessa fábrica até aos 14.

Sim.

Mas depois diz que o seu pai veio de França e que a tirou de lá. Mas entretanto diz que foi trabalhar para uma fábrica de estofos, a fazer sofás, e que trabalhou lá um mês porque tinha 13 anos. Mas tinha dito que tinha trabalhado até aos 14 na fábrica de refrigerantes.

Então aí houve engano porque eu entrei na de madeiras com 11 anos e depois com 12 anos a fazer 13 – a fazer 13 anos ou 12? – eu fui para a fábrica de refrigerantes. Ah... Depois o meu pai tirou-me e fui para aí mas só trabalhei um mês. Ainda tinha 13 anos. Só depois de ter saído de lá é que fiz ao 14. Isto foi quê? Em Maio... por aí. Eu fazia os 14 em Agosto por isso ainda tinha 13 anos.

Disse que o seu pai veio de França. Ele era emigrante?

O meu pai estava... era emigrante... estava na França.

Mas a sua mãe estava cá e o seu pai estava lá?

O meu pai estava lá e a minha mãe estava cá connosco. A minha mãe só foi para a França depois de eu ser casada e tinha a Andreia 16 meses quando a minha mãe foi para França, que levou a Andreia com ela para a França.

Então, por que é que levou a Andreia?

Porque nesse tempo não havia amas como há hoje nem havia creches como há hoje.

Mas por que é que a Andreia não estava consigo?

Porque eu estava empregada e não tinha quem ficasse com ela. Ia meio ano para lá e vinha meio ano para cá. E depois cheguei a ir lá eu ter com ela (risos).

Disse que quando estava a trabalhar na fábrica de refrigerantes alguém “deu com a língua nos dentes” e por três dias não agarrou os seus direitos nessa fábrica. E que chegou a ir ao sindicato. Que sindicato?

Fui o sindicato de indústrias de madeira porque depois não andava na dos refrigerantes, andava na de madeiras. Quando saí da fábrica de refrigerantes voltei para a fábrica de madeiras. Quando saí estava no princípio de gravidez. Fui para a fábrica de madeiras estava grávida de três meses. Mas não fiquei na fábrica de madeiras... faltavam dois dias para passar esse tempo... dois ou três dias para eu acabar esse tempo... alguém deu com a língua nos dentes e eu perdi os direitos todos.

Disse quando a sua mãe foi para a França o seu pai veio sem a sua mãe saber. Foi um desencontro. Como é que isso aconteceu?

Porque a minha irmã, a que é freira, veio cá e levou a minha mãe sem o meu pai saber. E o meu pai veio cá porque o meu irmão José, que faleceu, tinha fugido à tropa e nesse ano, em 74, houve aquela coisa dos emigrantes que tinham fugido à tropa podiam voltar a Portugal sem problemas e o meu irmão ouviu isso no rádio e no outro dia fugiu para cá sem dar satisfações a ninguém. O meu pai veio com ele. O meu pai não sabia que a minha irmã tinha vindo para cá também.

Então, e por que é que a sua irmã levou a sua mãe sem o seu pai saber?

Porque a minha irmã O meu pai era um bocadito... bebia e depois chegou a uma época que a minha irmã já não aguentava. E a minha irmã pediu licença e veio cá.

A sua irmã estava onde?

Estava em França também. Nessa altura ainda não era freira. A minha irmã nessa altura tinha 18 anos, 19 ou 20. E o meu pai estava a viver com ela. Ela é que foi à frente para a França e depois é que chamou o meu pai e o meu irmão. Ela foi com 16 anos, com os meus tios. E daí é que ela chamou o meu pai para lá para ver se tinha melhor... pronto, se ele endireitava um pouquinho e se ele começava a endireitar mais a vida porque éramos muitos. E então ela levou-o para lá.

Tinham muitas dificuldades?

Tínhamos. E então ela levou-o para lá mas ele começou a beber lá também e ela já não aguentava e veio buscar a minha mãe para ver se a minha mãe o acalmava. Só que foi a minha mãe para lá e ele veio para cá (risos).

Depois refere que deixou a Andreia com uma vizinha e foi trabalhar para uma fábrica de azulejo. Mas na altura em que a sua mãe foi para a França deixou a Andreia cá?

Sim. A minha Andreia só foi para a minha mãe, para a França quando a minha mãe foi para lá mesmo.

Mas deixava-a o dia inteiro com a vizinha?

Era o dia inteiro. Depois quando vinha ia buscá-la. Vinha a casa ao meio-dia, dava-lhe peito. A fábrica era acolá quem vai para Pinheiro. Eu ia de bicicleta.

Já estando na Venezuela diz que, quando quer comprar aquela padaria, onde acabou por ter todos aqueles problemas, tinha dado 50 mil bolívares e quando o filho chegou não queria vender. Mas afinal quem é que queria vender? O pai ou o filho?

O pai queria vender a padaria ao filho sem o filho saber por causa do filho sair de lá porque o filho andava só metido em "putas". E o pai queria-lhe tirar isso. Ele vendeu mas o filho

chegou e disse-lhe que não, que a padaria era dele e que não vendia. Pronto.

Queria fazer negócio sem o filho saber?

Era.

Disse ainda “Nós ainda não tínhamos os papéis todos feitos e eu disse-lhe que tava tudo bem, ele não queria a padaria não havia problema nenhum”.

Ele queria a padaria, ficava com ela. Não havia problema nenhum. A padaria era dele. Era dele e era minha que já lhe tinha dado algum, não é? Pronto, não havia problema nenhum. Também não lhe ia estragar a situação ao rapaz, ele não queria vender. Eu se quisesse já não saía de lá mas uma vez que o rapaz queria, também não queria fazer a vida impossível ao rapaz. a padaria era para ele, era dele, era o sítio que ele escolheu. Só queria que me desse a minha nota, mais nada. Padarias não faltavam nesse tempo.

E como é que a Lúcia foi parar à Venezuela? Porquê a Venezuela?

Porque o meu marido foi para lá.

Por que é que resolveram que era a Venezuela?

Porque eu tinha comprado ali a casa velha e nessa altura dei duzentos e setenta e tal contos por ela e não tinha o dinheiro todo para ela. E o meu marido ouviu um rapaz que estava lá na Venezuela, veio cá, endrominou o meu marido para ir e ele foi. Mas também chegou lá e ao fim de quinze dias abandonou-o. Aí está (risos). O meu marido teve que se desenrascar sozinho. É muito difícil a vida.

Refere depois que foram para outra padaria, mais para o interior, e que alugaram um apartamento “Estivemos aí... vivemos num apartamento três casais com os seus filhos, T6 pra

dois, que era de dois espanhóis”. O que é que era de dois espanhóis?

Os apartamentos eram dos espanhóis e a padaria também. E enquanto não fizemos os papéis eles viveram num apartamento e nós, os três casais, vivemos noutra.

Mas de onde eram estes três casais?

Nós éramos daqui... eu era daqui de Dragoeiro, outro era de Medronheiro e esse tal era de Cerejeira. Esse de Cerejeira foi o que me fez a vida negra.

Diz que “ela começou a dizer coisas à minha frente, que eu não gostei”. Que tipo de coisas?

Então, dizia que o meu marido e eu éramos empregados dela. que nós não tínhamos nada, que quem mandava em nós era ela e o marido e eu não gostei. Eu tinha dado o meu dinheiro, eu era a par com ela. Como é que o meu marido era empregado dele e eu também? Se a Elisabete entra com 20 mil contos e eu entro com 20 mil contos somos sócios. Nem eu sou sua empregada nem você é minha empregada. E ela andava a dizer a todo o mundo que nós éramos empregados dela. Que é isso? (risos) Ali não era empregados para ninguém, ali somos iguais. É ou não é? Pronto. Era a isso que eu queria chegar.

Falou dos três casais. Mas quem é que fez o desfalque?

Foi esse de Cerejeira.

Refere ainda a propósito deste senhor “que ele não autorizava que a gente trabalhasse na padaria”.

Porque nós quando se juntámos que comprámos a padaria, que entrámos na padaria, antes de entrar ele dizia que nós íamos todas lá trabalhar. Quando entrámos na padaria ele não quis que eu, nem a outra, nem a mulher dele porque a mulher dele nunca trabalhou.

As mulheres é que não podiam trabalhar?

Não podiam trabalhar. Os maridos trabalhavam. Quer-se dizer, a mulher dele ... por não querer que a mulher trabalhasse também não queria que nós trabalhássemos.

Por algum motivo?

Não sei. Nunca descobri por que é que foi e então dizia “não, eu vim para cá foi para trabalhar não foi...” e o meu marido, então para não haver problemas, então disse “tu ficas em casa também e a outra também”. Só que eu não estava disposta a estar em casa, que eu não nasci para estar em casa.

Então, na altura a Lúcia não tinha trabalho?

Não. Tinha deixado o trabalho que tinha na consergeria e fui para a padaria para estar à boa vida. Eu ia com ideias de ir para a padaria para trabalhar.

Mas sendo sócios por que é que só ele é que mandava? Tinha uma quota maior?

Não. Era igual. Ele já tinha estado numa padaria e o meu marido e o outro era a primeira vez. E para não haver problemas eles deixaram ele fazer só que eu depois comecei a ver que aquilo não estava bem e comecei a chamá-los a atenção. Se ele mandava eles também mandavam. A quota era igual. Se a mulher dele não queria trabalhar, nós queríamos trabalhar. E daí é que começaram os problemas.

Disse, mais tarde, depois de toda aquela situação que ele correu meio mundo para lhe emprestarem dinheiro para ficar com a padaria. Depois de toda aquela situação ele queria ficar só com a padaria?

Ele queria ficar só com a padaria. E nós sem sequer foi preciso sairmos da padaria. Foram lá espanhóis, foram lá portugueses e ofereceram-nos dinheiro. E ele teve que sair porque não conseguiu, ninguém lhe emprestou dinheiro. A padaria ficou para mim, para outro sócio e para um cunhado meu que já morreu lá na Venezuela. Ficou na mesma para três. Ele foi mesmo obrigado a vender. O tribunal obrigou-o. Lá não é bem tribunal. O advogado mete-se ao meio e vai como o chefe da polícia... aquilo não é bem como aqui. E deu a volta logo para

ele sair de lá. Ou saía... ou comprava ou vendia.

Também saiu do apartamento?

Saiu passado um mês. Teve que sair.

Disse “foi a burriedade que nós fizemos foi lá meter família. Porquê? Está a falar do seu cunhado?

Sim. Do meu cunhado e da minha cunhada. Ela era irmã do meu marido e ele era o marido dela. Ele acabou por morrer na Venezuela. Foi lá e morreu lá. Estava cá, veio para cá e depois foi lá para ir buscar a filha que tinha de uma venezuelana e uma mina que ele perfurou e morreu lá um mês depois de lá estar. Chegou lá à Venezuela já estava a apanhar doutro (risos). Ele pensava que a venezuelana estava lá à espera dele como a gente aqui está à espera. Ah... a maior burriedade dói porque a minha cunhada punha ao marido (faz gesto de cornos) e então andavam sempre à guerra um com o outro e aquilo dava mal aspecto. E nós para não haver barulho saímos.

Quando estava grávida da sua filha mais nova veio a Portugal. Durante quanto tempo?

Quatro meses.

Veio sozinha ou com o seu marido?

Vim à frente com a minha Andreia e depois veio o meu marido cá ter, passados três meses.

Mas na altura o que é que o seu marido fazia? Tinham vendido a padaria, não é?

O meu marido ficou lá para tratar dos papéis para passar.

Disse depois que regressou à Venezuela. Passado quanto tempo?

Quatro meses.

Mas voltou porquê?

Porque tinha lá as minhas coisas.

Voltou com o seu marido?

O meu marido foi à frente. O marido foi passado... eu estive um mês e pico na França, depois vim e ele foi de caminho, foi passado dois meses. Fomos todos à França antes de ele ir para a Venezuela. Estive eu, o meu marido, a minha filha mais nova, a Andreia e os meus pais.

Quantos anos é que os seus pais estiveram na França?

Os meus pais estiveram... sei lá... não sei a minha mãe se esteve quinze anos... não sei bem... o meu pai esteve mais tempo mas o meu pai não sabia falar nem nada. O meu andava era como ajudante de pedreiros.

E a sua mãe?

A minha mãe estava em casa, era doméstica.

Da segunda vez que voltou à Venezuela disse que dormia numa divisão. De quem era essa divisão?

Olhe, era um armazém. Dividia ao meio com lençóis e dormia aqui mais o marido, a minha Andreia e a pequenita. E do outro lado dormia o... o... o padeiro que era nosso empregado. Era um armazém aparte da padaria até eu arranjar casa.

Mas como é que conseguiu?

Foi o meu marido. Era dos donos da padaria.

Quando está já na padaria, no dia em que pôs o pão ao forno, disse que deixou ficar a sua filha mais velha ao balcão. Porquê ao balcão? O que é que ela fazia ao balcão? Que idade tinha na altura?

A Andreia tinha 11 anos. Ficou ela à frente do balcão mais as empregadas. Eram duas empregadas. Primeiro era só uma, depois mandei chamar a outra. Estavam a vender o pão, a atender o público e eu fui para dentro mais dois fazer o pão (risos).

Disse posteriormente que começou a ver que a situação da Venezuela estava a ficar crítica. Quais

os sintomas desta situação?

Aquilo estava a ficar muito mal devido à situação que havia... as pessoas comentavam muito que aquilo estava a ficar mal... é como aqui em Portugal, as pessoas começam a ver e a dizer isto está muito mal, as coisas estão a aumentar e cada vez está a ficar pior e na Venezuela também ouvia este e ouvia aquele e eu antes que aquilo arruinasse, que depois arruinou mesmo, nós viemos embora. O dia em que a Ana fez dois anos foi o dia em que eu regressei.

Falando agora do curso e mais concretamente do grupo, disse que havia rivalidades entre umas e outras. Que tipo de rivalidades? O que a levava a sentir essa rivalidade?

Havia rivalidades entre as colegas, umas queriam ser mais do que as outras. Mas isso há em todo o lado, onde há muitas mulheres juntas...mas também entre os homens, não é só nas mulheres.

Referiu ainda que o seu marido até tinha uma boa cabeça e que ele é que devia ir tirar o 9º ano. Que habilitações tem o seu marido?

O meu marido tem a 4ª classe.

E os seus pais? Que habilitações é que tinham?

O meu pai não sabia ler nem escrever. A minha mãe tinha a 3ª e a 4ª de admissão que lhe chamavam nesse tempo. A minha mãe dizia que era um exame que faziam na 3ª e que depois na 4ª era a admissão. Não me pergunte porque não sei o que é, não entendo, não sei explicar. Sei que a minha mãe tinha uma boa cabeça, tinha. A minha mãe era uma mulher que sabia... a tanto que ela me ensinou no 6º ano... ela é que me ensinava. A minha mãe sabia muito... a minha mãe era uma mulher...

Como é que a sua mãe cuidou de vocês todos quando o seu pai estava em

França?

A minha mãe cuidou de nós todos... já eu andava na fábrica, já andava a ganhar para a casa. E a minha mãe também andava o dia fora, nas terras a ganhar algum. Era assim a vida.

Voltando à formação, a Lúcia disse que se tivesse mais tempo gostava de ler. Tendo em conta a leitura, construímos a Centileia. Foi pelo facto de existir uma Centileia que a Lúcia resolveu ler?

Não. Gostei. Incentivou-me e olhe que, às vezes quando não tenho que fazer, agora ocupo-me dos idosos, mas o livro anda comigo na carrinha, quando vejo que os idosos estão ali naquela madorna, eu se não tenho que fazer – tenho o cachecol. Mas agora vem também as batatas para sachar, vem o milho para semear, o feijão para semear, agora começa... mas pronto, eu dou volta a tudo.

Então não foi por termos criado uma Centileia que a Lúcia resolveu ler?

Não. Eu gosto de ler mas tenho de ter o tempo para eu ler. Eu gosto muito de ler. Se eu tomo o café na pastelaria eu tenho de agarrar o jornal para ler.

E o que é que achou da Centileia?

Achei engraçado. Foi uma iniciativa linda. Só foi pena todas não terem contribuído para a Centileia estar maior porque havia meninas que diziam que liam que liam mas nunca lá vi nada que elas lá pusessem (risos). É dizer a verdade (risos). Porque eu tenho uma vida muito mais activa do que muitas meninas na sala mas ainda consegui lá pôr uma rodinha na Centileia.

Em relação ao Momento da História, disse que “não era medo, era aquele acanhamento, aquele bocadinho de vergonha. Vão fazer pouco

de mim lá pra fora da figura que eu fiz”.

Ao princípio sentia vergonha, não sei porquê. Era a mais velha. Sentia-me infe... não sei porquê sentia-me inferio... em... no meio das raparigas novas sentia-me como mãe delas porque quase todas podiam ser minhas filhas (risos). Sentia-me pequenina ao pé de vocês todas. Sentia-me pequenina porque pronto... era isso mas mais tarde já comecei... não, agora posso...

E como é que se sentia quando a leitura era feita pela formadora?

Sentia bem porque a formadora sabia ler e sabia explicar bem.

Como se sentiu a fazer as últimas peças de teatro, no Natal?

Foi muito diferente das primeiras porque já tinha uma luz a brilhar porque já sabia fazer melhor do que a primeira vez. Da primeira vez nunca tinha feito.

Mas tinha a ver também com as personagens que representava?

Não. A personagem a mim não me fez diferença nenhuma. Também nunca tinha feito um teatro, nunca tinha ido ao palco e estado ali em frente a pessoas. Agora foi muito diferente, já estava... desta última sentia-me mais à-vontade.

O palco intimidava-a?

Não era o palco em si. Era olhar para as pessoas cá em baixo (risos). Para quem nunca representou e para quem nunca esteve em frente a público era um bocadito diferente, não é? Tanto que mesmo os grandes dizem isso, o que fará agora nós que nunca representamos. No início senti insegurança.

E4

2008-04-03

Como é a Sofia? Fale um pouco sobre si.

Sou casada, tenho uma filha. Sou meiga, por vezes as pessoas abusam. Não sei (risos). Não sei... sou alta, um bocadinho para o gorduchinho. Ah... sei lá como é que eu sou. Sou como sou (risos). Não me sei descrever.

Conte-me como foi a sua infância.

Ai. Complicada. Muito complicada. Como eu já tinha dito, devo ter nascido, não é? Faleceu a minha mãe aos dois meses, tinha eu dois meses. Depois fiquei com os meus avós paternos. Os meus avós criaram-me, segundo eles dizem, porque não posso afirmar... mas segundo eles dizem, até aos 3 anos. Aos 3 anos o meu pai decidiu vir-me buscar para me criar, junto com a outra mulher que ele tinha e com quem se tinha casado.

Mas o seu pai não estava cá?

Não. Assim que a minha mãe faleceu arranjou a outra senhora, que é a mulher dele hoje, e foi para França e deixou-me com os meus avós. Aos 3 anos, na idade dos meus três anos lá resolveu vir-me buscar.

E os seus avós maternos? Nunca teve qualquer relação?

Não, nunca quiseram saber. Os meus avós paternos criaram-me, eles depois vieram-me buscar aos 3 anos. Não sei se foi 3 anos certos, se foi mais ou se foi menos. Digo 3 anos porque é o que eu ouço dizer. Meteram-me na escolinha, que se chama aqui creche, infantário. Fiz a minha escola lá até aos 7 anos, fiz até ao 2º ano. Depois, vim para Portugal. Comecei aqui de novo o primeiro, o segundo...

Mas veio nessa altura para Portugal porquê?

Porque eles quiseram vir para Portugal. A razão porquê não sei. Viemos para Portugal, comecei aqui a escola. Mas eu não sabia falar português... a minha língua era a francesa. Eles falavam português mas a minha língua era a francesa. Eu cheguei aqui e português nada. Fiz o primeiro, o segundo ainda assim assim. No terceiro ano chumbei três vezes. Escola fantástica (risos). Chumbei três vezes e no ano em que eu ia passar para a quarta passei mas não passei porque nesse ano levaram-me outra vez para França. Aos 12 anos foram outra vez para França. Cheguei a França e francês chapéu. O francês já tinha esquecido, pois. Fui para uma escola aprender a falar, escrever. Andei um ano nessa escola só mesmo para aprender o francês. Mas como já era... como tinha uma idade já... uma idade... para entrar para a escola normal...normal isto é... continuar a escola normal...

Mas cá em Portugal tinha feito até ao 3º ano? Não lhe davam equivalência?

Não porque eu não ia conseguir seguir os outros porque eu não sabia falar francês. Então fizeram-me uma proposta para eu ir para um curso... que se chama aqui... metade trabalho, metade escola...

Profissional?

Sim, um curso profissional. Tinha costura... tinha escolhido a costura e fiz... tinha na mesma matemática, francês, essas coisas todas mas ao mesmo tempo tinha umas horas de prática. Pronto... fiz o curso... ao fim do curso fomos a exame. A costura correu muito bem, francês correu muito bem, chumbei a matemática por dois pontos. Depois era para recorrer a matemática mas os meus pais decidiram vir embora. Por isso é que eu nem sequer tive...

Quanto tempo demorou o curso?

Não sei se foram dois ou três anos. Já não sei muito bem. Já tinha 20... 18 anos quando os meus pais decidiram voltar. Nem tive... equivalência total no curso, só a frequência. Pronto, voltámos para cá. Arranjei trabalho aqui, quando chegámos aqui.

Foi fazer o quê?

Fui ali para a fábrica, para a... que se chama Gerbera, em

Damasqueiro. É uma fábrica de louça. Depois andei lá seis meses... tinham-me dito se não faltasse nenhuma vez durante seis meses que já ficava efectiva. Por grande azar tive um acidente de mota e depois tive de ficar de baixa durante quinze dias. Ao fim dos seis meses mandaram-me embora. Depois fui para uma fábrica que se chamava Trombeteira, também era de louça. Andei lá dois anos. Ao fim de dois anos casei-me, com 22 anos.

Mas já conhecia o seu marido há muito tempo?

Como é que o conheceu? Há dois anos.

Aliás, o meu marido já o conheço desde pequenino (risos). Andámos... o pouco tempo que eu andei cá na escola em Portugal ele andou comigo. Só que eu não gostava muito dele. Não gostava dele porque ele era do piorio. Eu não sei como é que fui gostar daquele homem (risos). Ainda hoje lhe digo "ainda hoje não sei como fui gostar de ti". Eu não gostava mesmo nada dele, mas pronto. Não era mau, era uma pessoa rebelde. Hoje sei bem a quem a filha sai (risos).

Mas como é que se voltou a cruzar com ele?

Porque a gente éramos vizinhos. Aqui sempre fomos vizinhos e depois os meus pais gostavam muito dele e pronto... mas não foi questão dos meus pais gostarem ou deixarem de gostar. Acho que mudou como pessoa e depois a gente também muda... de idades ...

Ele é mais novo ou mais velho que a Sofia?

Voltando ainda à sua infância, como é que era a relação com os seus pais? Mais novo. Fez agora 30 anos. Faz hoje oito dias.

Má... (pausa)... a minha infância com os meus pais até aos meus 17/18 anos ... as coisas já não eram as melhores mas ainda se ia andando porque mesmo assim a minha mãe, enquanto não teve o meu irmão que vem a seguir a mim, eu acho que era tudo pra ela porque não tinha mais ninguém. Aliás, não tinha filho nenhum dela ainda. Tinha-me a mim... era fi... penso eu que me considerava como filha mas não era

Que idade é que ele tem? dela, dela pronto...Depois que nasceu o meu irmão, o que vem a seguir a mim...

Tem 29. Não... vai fazer 29 para Dezembro, tem 28 agora. Temos 3 anos de diferença. Quando nasceu o filho dela, dela própria, senti... não sei se foi um bocado por ciúmes, se foi uma ideia, se foi verdade, mas senti que ela me pôs um bocadinho...de lado. Pronto. Eu também era pequenina, talvez por causa disso resenti-me mais um pouco. As coisas foram indo e eu ... sempre fiquei com aquela mágoa porque ela ia dar um beijo a filho e não me ia dar um beijo a mim ao deitar. E eu acho que nisso uma criança sente. Naquela altura era uma criança e sentia isso. Pronto... depois as coisas foram indo... e veio o outro.

Que idade é que a Sofia tinha?

Eu ia fazer 18 quando nasceu o mais novo. Então daí... pra ela já não era mesmo fi... pensou eu que já não era filha, era mais tipo empregada porque ela trabalhava mais o meu pai, tá certo, não digo o contrário. Mas... eu é que tinha de fazer o trabalho de casa, eu é que tinha de cuidar do mais novo, eu é que tinha de dar banho ao mais novo... pronto, eu praticamente era mãe do mais novo, sem ser mas era. Depois... pronto... eu já com 18 anos queria sair com as minhas colegas ou com os colegas, não podia porque ... pronto... tinha que estar em casa a fazer o que ela queria... a passar a ferro ou a fazer o comer ou... Quando viemos para Portugal, foi quando eu conheci o meu marido, já não era nenhuma bebé... começámos a namorar. Só que eles começaram a ver que eu estava a querer começar a levantar asas, a querer fazer a minha vida, a namorar ou... pronto... naquela altura não pensávamos em casar mas pronto... na ideia deles se eu namorava era porque... pronto...E eles começaram a repreender-me de tudo... de sair...

Mas a Sofia trabalhava nessa altura?

Sim. Eu trabalhava. Ganhava na altura cinquenta contos e tinha que dar os quarenta ao meu pai, pagava quarenta contos ao meu pai e se não lhos dava ele ia buscar ao banco.

Mas porquê?

Porque era para a ajuda da casa. Ele dizia que era para a ajuda da casa. E eu ficava com dez contos para o mês para mim... para pôr gasolina na motorizada porque comprei uma motorizada com o meu dinheiro. Com o dinheiro que eu estava à espera que viesse de França porque eu vim ele não veio logo. Ainda demorou um tempo.

Mas estava à espera de dinheiro de França de...?

Do tempo que eu trabalhei lá a guardar crianças. Não era muito mas ainda deu para comprar a mota... ainda me custou cento e quarenta contos na altura. E é assim a vida... depois... pronto... eu comecei a namorar... namorei ainda dois anos e meses. Depois chegou a altura que a gente decidimos casar porque as coisas já iam muito más. Aliás, eu não sei se me casei... mas penso que sim... eu casei-me mais para sair de casa. Não é porque eu não goste dele, pelo contrário, damonos muito bem. Acho que foi a melhor coisa que eu fiz. Mas, às vezes eu acho que a gente... pra mim correu bem, graças a Deus correu bem mas, às vezes... eu acho que há essas hipóteses e corre mal.

Então, o que é o que seu marido, seu namorado na altura, dizia desta atitude dos seus pais?

Dizia... o que é que ele dizia? Dizia que não era justo. Tanto que ele uma vez propôs-me ir viver lá pra casa mas eu disse que lá pra casa sem estar casada que não ia porque tanto podia dar bem como podia dar mal. Não... nunca fui. E depois... pensou-se em casar e eu disse ao meu pai que tínhamos pensado em casar e ele disse: "ó minha filha tu casa mas não contes comigo para nada". E eu fiquei... pronto... não tenho dinheiro, como é que eu vou casar? Eu tinha algum mas não dava para nada. E eu disse-lhe, fui falar com o meu namorado e disse-lhe: "olha, o meu pai não me vai ajudar em nada. Como é que eu me vou casar?". Ele foi falar com os pais e os pais disseram: "não te preocupes, nós pagamos a parte que é dele mas pagamos a tua também". Eu naquela altura não... pronto... acho que não reagi mas fui para casa a chorar e disse: "não, eu não quero que eles paguem a minha parte porque hoje a gente dá-se bem, amanhã a gente não sabe e

eles podem vir a atirar isso à cara”. Eu disse para o meu marido: “seja como for eu não vou levar a família toda porque não posso mas a mais chegada. E vou levar até ao dinheiro que eu tiver para pagar”. Levei cem pessoas, ainda paguei setecentos contos na altura. O vestido de noiva foi a irmã da minha mãe que mo pagou. Aliás, pagou tudo o que era...

Mas da sua mãe...

Mas mantinha uma relação Verdadeira. Mãe, mãe.
com ela?

Com essa minha tia? Sim. Mas ela não está cá, está na América. Foi ela que me pagou tudo... o que era... sapatos... pronto. Tudo o que era da noiva. Tanto que os meus pais não sabiam. Os meus pais... aliás, ela adiantou-me o dinheiro, pôs-me o dinheiro na minha conta... na conta do meu namorado para eu pagar o vestido, para eles pensarem... porque eles não se davam. O meu pai não se dá com a cunhada. Aliás, que era cunhada porque a minha tia, não sei se disse bem ou se disse mal, mas o meu pai também acho que foi... porque a minha mãe faleceu no dia 24 de Novembro e diz que dois dias depois já estava na casa desta, desta que é a minha... pronto, ele também tinha 17 anos na altura.

Quando casou?

E a sua mãe tinha que Sim. Ele esteve um ano com a minha mãe.
idade?

Era mais velha do que ele. Viveu com ele um ano e faleceu aos 20 anos. Dizem que foi um problema do parto. Para dizer se é realmente assim não sei porque...

Não soube logo, só se é realmente assim não sei porque...
passados uns anos é que soube que...

... aquela mulher não era minha mãe. Aos 9 anos. Foi um choque. Foi um choque porque eu... ainda gosto dela mas gostava muito dela porque... pronto... eu acho que é normal um filho gostar da mãe, não é? O meu irmão entrou para a escola e logo tinha de entrar numa zaragata nesse dia que entrou para a escola. Logo no primeiro dia e logo um dos primos. E a irmã mais velha disse... eu fui desembaraçá-los e a irmã do outro miúdo disse-me: “não vale a pensa estares a defendê-lo porque ele não é teu irmão”. E eu disse “o quê?”.

Como é que ela sabia? “Claro que não. A tua mãe que está lá em casa não é tua mãe, é só mãe dele”.

Mas isso foi cá em Portugal? Por conversas dos pais, penso eu. Não sei. Eu não sabia. Ela já sabia. Atirou-me aquilo à cara, alguma coisa ela sabia. Eu saí da escola a correr e os meus pais estavam para sair com as vacas, com as carroças cheias de estrume para ir para as terras.

Foi cá em Portugal. E depois eu fui para casa. Eles estavam mesmo para sair para ir levar lá o estrume lá à terra e eu disse ao meu pai: “então, olha lá, a Clara disse-me assim, assim que a mãe não é minha mãe. É verdade?”. E ele ...meteram a vaca para dentro... nem me respondeu...meteram a vaca para dentro, tiraram a vaca da carroça e meteram-se os dois a falar comigo e o meu pai disse-me assim: “é verdade sim senhor, ela não é tua mãe”. E eu disse: “e então, a minha mãe?”. Foi então quando ele me disse que a minha mãe tinha falecido. Eu desatei a chorar, fugi, andei muito tempo sem falar... falava mas não era um falar meigo, era um falar talvez de má, não sei. Falava mas magoada. Pronto. Depois as coisas foram indo. Eu perguntava-lhe porquê, como é que foi mas penso que naquela altura as coisas não... eu não percebia muito bem o porquê de ter acontecido o que aconteceu. Conforme o tempo foi passando, eu fui perguntando aos meus avós paternos. Também perguntei o porquê de eles não me terem dito. Eles disseram que eu era ainda muito pequenina, que não ia perceber o que se tinha passado. Eu também disse: “eu preferia ter sabido directamente da vossa boca do que vir a saber assim duma coisa de... de nada... de uma brin... de uma guerra de miúdos e vir a saber isso”. E pronto, eles disseram que como eu era muito nova não ia perceber o que se tinha passado... eles lá sabem se fizeram bem, se fizeram mal. As coisas nunca... complicado.

Quais as habilitações do seu pai?

E qual é a profissão do seu pai?

Tem a 4ª classe e ela também. Tem os dois a 4ª classe.

O meu pai já fez tanta coisa. Não tem uma profissão... ele em França trabalhou numa fábrica de vidros, de cortar vidro... eu

E ela? sei lá o que é que o meu pai já fez. Trabalha com máquinas, com tractores... eu sei lá o que é que ele já fez...

E o seu marido fez até que ano? Ela em França trabalhou num restaurante. Não na parte de cozinha de fazer comer mas na parte de lavar a loiça. E aqui também.

E qual é a profissão? Acho que até ao 9º.

Os seus irmãos chegaram a estudar? É serralheiro.

Entretanto, a Sofia diz que o seu marido estava mais calmo, menos revoltado. Refere ainda que tinha uma hora de saída e uma hora de entrada. Casou primeiro pelo civil... Sim, o meu irmão que vem a seguir a mim tem o 12º, que é o César e tem 28 anos. E o mais novo, que vai fazer agora 15 em Abril, está ali na Escola Agrícola. Está a tirar um curso. O César está a trabalhar. Trabalhava nas obras mas não teve assim muita sorte. Ele trabalhava já há bastante tempo para o patrão e aleijou-se e quando foi a ver para ficar de baixa ele não tinha caixa. Então decidi que... também lhe disse: “tens o 12º ano, não necessitas de andar nas obras”. E então ele arranhou trabalho noutro lado.

Então, de 21 de Maio a 1 de Agosto continuou a morar com os seus pais? Sim, sim. Eu casei-me pelo civil no dia 21 de Maio, civil só, aquele civil de 3 meses e casei-me no dia 1 de Agosto pela Igreja.

Sim, sim. Estava casada mas sei lá... o meu medo de as pessoas falarem... não sei também... não sei porquê. Ele também queria que eu fosse para casa dele e os pais queriam que eu fosse para casa dele. Eu acho que quis aguentar até ao fim na casa dos meus pais para também... já era falada porque... os meus pais andavam sempre ao barulho comigo e

não me deixavam sair. Então, acho que para não ser ainda mais falada... acho que...

O seu pai foi ao seu casamento?

Foi. Aliás, na véspera, eu casei-me no dia 1 de Agosto e no dia 31 de Julho, disse-me que não ia ao meu casamento e que era bem feita que o meu homem me batesse todos os dias. Felizmente até hoje não sei o que é isso. Graças a Deus. Amanhã não sei mas até hoje não. Ah... não sei o porquê que o meu pai me disse aquilo. Eu acho que os meus pais não queriam que eu me casasse. Queriam que eu estivesse ali a servir de empregada em casa. Acho que não queriam que eu saísse de casa, no meu pensamento. Não sei qual é o pensamento deles, qual foi nem me interessa. Mas eu para mim penso que foi isso. E depois eles pensavam assim: "como também não vou ajudar a fazer o casamento tu vais parar por aqui e vais ficar em casa". Mas aí acho que eles enganaram-se um bocadinho porque eu levei a minha hist... eu levei o meu casamento avante. E os meus pais nunca pensaram de eu levar a história avante. Ah... tanto que eu trabalhei muito... tinha, não sei se eram 300 ou 400 contos na altura na minha conta... não era nada. Eu trabalhei. As pessoas, quando fui entregar o convite da minha parte, perguntaram-me se eu queria dinheiro ou prenda. Também só foi a família mais... e muita família ficou "chateada" ou triste de não os convidarem mas eu não tinha hipótese. Porque, era o que eu dizia ao meu marido: "eu se vou convidar... eu praticamente tenho três famílias"... a do meu pai, a da minha mãe verdadeira e a desta que me acolheu na família como se eu fosse filha dela. As pessoas... certas pessoas ficaram tristes ou chateadas mas era o que eu dizia, eu não ia levar a família toda porque eu não tinha posses. O meu pai não me ajudou num cêntimo. Eu levei 100 pessoas. Eu sei que 100 pessoas não é nada, mas foi o que eu pude, até onde eu vi que podia pagar. Porque depois as pessoas me perguntavam se eu queria dinheiro, se queria prenda ou coisas para a casa. Eu casa não tinha porque... pronto, não tenho, não tinha na altura. Eu sempre disse, se puderem eu prefiro dinheiro. Eu era sincera e as pessoas também sabiam que os meus pais não me iam ajudar a pagar

Depois de ter casado os seus continuaram a falar-lhe?

o casamento. Toda a gente, das 100 pessoas, toda a gente me deu dinheiro. E com o pouco que eu tinha e com o pouco que me deram das prendas consegui pagar o restaurante, a minha parte, e ainda fiquei com 200 contos. É assim a vida dos pobres (risos).

Mas continuava a visitar os seus pais?

Não. Não continuaram a falar. Aliás, eles falavam. Falavam mas não era aquele falar de... estarem contentes de que a filha se casasse, era aquele falar de maus, pronto. Depois, o meu marido ficou magoado com o que eles fizeram. Ele não me proibiu de lá ir, porque eu acho que ele também não tem o direito de fazer isso, mas não gostava muito que eu lá fosse.

Como é a sua relação com os seus irmãos?

Eu continuava a visitar os meus pais porque foi sempre o que eu disse: “eu já perdi a minha mãe, não quero perder o meu pai”. Aliás, o meu pai já me fez sofrer muito mas eu já perdi a minha mãe, não queria perder o meu pai também. Pra mim... ele magoou-me muito... com palavras que ele disse e certas coisas que fez... mas é o que eu digo, a gente também... também tem de saber perdoar e eu não queria perder o meu pai. E além disso, o que me fazia mais ainda ir lá a casa era o pequenito.

Ótima. Sempre foi. O problema foi esse. O que me puxava ainda mais era a relação com os meus irmãos, o mais pequeno. Como eu disse... eu praticamente só não o tive mas praticamente eu é que o criei. E então ele é que me puxava para lá ir (sorriso). É assim... Depois disso tudo, ele não queria muito que eu lá fosse porque eles enchiam-me a cabeça de tudo e mais alguma coisa e ele disse-me: “olha, quanto menos vezes lá fores menos eles te chateiam e também é uma maneira de eles sentirem a tua falta, verem a falta que tu lhes estás a fazer”. O meu pai, uma vez, foi lá perguntar por que é que eu não ia lá a casa e eu disse: “olhe não vou porque cada vez que eu lá vou é o barulho que é. Tás-me sempre a mandar coisas à cara e porque assim porque assado, que não devia ter casado”. Pronto. Ele chegou a pontos de me dizer que me

ia deserdar daquilo que ele... daquilo que ele tem, do pouco que tem ou muito, não sei, que me ia deserdar das coisas. Eu fiquei, olha, o que é que eu ia dizer “se quiseres deserda-me, quero lá saber”. Mas também lhe disse: “o que é da minha mãe tu não me vais tirar, a parte da minha mãe tu não ma vais tirar”. E ele foi-se embora todo zangado. Foi-se embora e nunca mais lá veio. Nem lá veio nem eu lá fui. Depois, o meu pai foi para a Bélgica. Ela ficou e ele foi para a Bélgica.

Mas foi trabalhar para lá?

Sim. Sim. Foi trabalhar para lá. Eu engravidei da minha filha. Tanto tempo depois de ter casado é que nasceu a sua filha?

Tanto que nasceu a minha filha...

Um ano. Aliás, não. No dia que fiz um ano de casada soube que estava de bebé, de três semanas. Tanto que quando a neta nasceu ele não estava cá. Depois o meu marido dizia-me: “agora, se eles não vierem ver a tua filha, a nossa filha, tu lá não vais mostrá-la”. Eu tive muitos problemas porque ele não queria que eu fosse lá com a filha, ele não queria que eu fosse lá mostrar a filha. Ele é que tinham de se rebaixar a vir vê-la. As coisas foram indo, a menina foi crescendo. Ele, uma vez, antes de baptizar a menina – foi baptizada com quatro meses –, ele veio pedir se podia ir buscar a neta. Eu disse: “olha, por mim está tudo bem mas eu não dou ordens, não sou só eu que dou ordens, ela também é filha dele”. Ele em primeiro disse que não, que a menina estava bem em casa. Depois deixou. A partir daí as coisas começaram a melhorar e depois também ia-lhe fazer vendo que quem tinha a sofrer era ele porque a menina começou a agarrar-se a eles, a gostar deles e eles à menina. E depois eu comecei a dizer: “olha, é melhor a gente começar a esquecer”, perdoar porque esquecer não se esquece. Tem de se ir perdoando. E as coisas foram melhorando, tanto que hoje não tem nada a ver.

Acha que a sua filha acabou por mudar toda a situação?

Sim. Eu acho que se não houvesse esta pequenina não... não ... não tinha conseguido. Ela ajudou muito.

Disseram-lhe que tinha aberto este curso e a Sofia resolveu inscrever-se. Como

é que o seu marido encarou esta nova situação da Sofia?

Ele nem disse nada, não disse nada de especial. Eu é que... ele é que aliás encorajou-me muito a vir porque eu queria vir mas ao mesmo tempo eu sabia os problemas que ia ter. Muitas dificuldades a ler, escrever e ele dizia: "vais aprender mais alguma coisa de português porque tens muitas dificuldades mas se não fizeres bem fazes mais mal". Ele encorajou-me muito.

E a Sofia sentia essa necessidade?

Sentia... aprender mais qualquer coisa porque a português... lá não foi nenhum. O pouco que eu escrevia de português era das aulas daqui, o pouco que tive aqui, o pouco que lia. Eu lia mal, mesmo mal (risos) ... é uma vergonha.

Disse na primeira entrevista, a propósito da sua filha Não sei a quem é que ela vai sair, se é ao pai, se é aos tios mas a mim de certeza que não é".

Ai não sei não.

Porquê?

O pai gosta de ler. É estranho mas é verdade. (risos) Eu gosto que ele leia para mim.

Mas, então, por que é que a Sofia...

... não leio para ele? Ele começa a dizer que eu não dou uma para a caixa.

O que é que ele lhe costuma ler?

Às vezes eu estou a ler a história à filha e ele diz: "tu não estás a ler nada em condições. Dá cá que eu leio". E a gente põe-nos as duas ali e ele a ler. Eu gosto, gosto de ouvir ele a ler... tem aquela... tendência para... eu acho que é preciso mesmo ter muito gosto para ler. E eu gosto de o ouvir a ler (risos).

Voltando à formação e ao início disse que, comparada com as suas colegas, se

sentia um zero à esquerda.
Porquê num nível tão baixo?

Mas não sabia as dificuldades que as outras tinham. Porque eu sabia as dificuldades que tinha.

Refere ainda que certas atitudes de algumas colegas não a ajudavam muito. Que tipo de atitudes? Talvez não mas eu sabia aquelas que eu tinha.

... macaquinhos na sua cabeça? Quando eu lia por exemplo, eu sentia que estavam sempre naquele... ou pressentia... eu sei que se calhar já era ...

Mais à frente refere que, tendo em conta todas essas situações, chegou a pensar desistir, largar isto tudo. Por que é que não desistiu? O que é que a levou a não desistir? Sim. Eu sentia-me a ler. Para já leio mal para mim, então ler mal para as outras pessoas... não.

Por que é que eu não desisti? Porque eu cheguei-me a abrir com a Carolina, com a colega, e ela disse-me que eu ia fazer mal, que eu não podia ligar ao que as outras pessoas diziam. E logo daí em seguida tivemos uma reunião com a Daniela lá em baixo. E eu disse à Daniela que estava a pensar desistir do curso e ela disse-me a mesma coisa que a Carolina, que eu ia fazer mal, que não tinha nada que ouvir as colegas e seguir para a frente. Eu disse que tinha problemas, dificuldades. E ela disse: “mas continua, tu tens de continuar”. Eu acho que tanto a Carolina, colega, como a Daniela deu-me um bocado de coragem para continuar. Tanto que a Daniela agora quando foi ter comigo, agora na... no princípio de Março, eu cheguei... eu cheguei depois ao pé dela e ela disse que eu era a pessoa... era outra pessoa que não era na sala. E porquê? Eu disse que me sentia muito mais à-vontade onde estava, as pessoas, a

Não se sentia à-vontade na atenção com as pessoas. sala?

Mas em relação a todas as pessoas do grupo? Dentro da sala.

Acha que essa minoria podia influenciar mais do que as restantes? Não. Só certas pessoas, uma minoria do grupo.

Disse que em grupo foi um bocadinho complicado mas... e deixou este mas em aberto. Complicado em que sentido? Podiam ter estragado o que eu podia ter perdido. Mas não estragaram porque eu ouvi os conselhos das outras pessoas. Também gostei da Daniela dizer que não parecia a pessoa que estava em sala. Eu sentia como naquilo que era meu, como se eu já conhecesse as pessoas... há muito tempo. Foi espectacular.

Disse que em grupo foi um bocadinho complicado mas... e deixou este mas em aberto. Complicado em que sentido?

Trabalhar em grupo? Nem... trabalhar em grupo... eu gos... gostava de trabalhar em grupo com certas pessoas mas com outras pessoas não era muito agradável de trabalhar. Sentia-me um bocado como se não valesse nada estar ali. Só elas é que sabem, só elas é que sabiam e desta maneira é que é melhor, não é a tua. Uma pessoa chegava a pontos que estás calada que estás melhor. Não falas, não dizes asneiras, o melhor é estares calada.

Então, e este grupo em geral? Trabalhar com este grupo nesta formação como é que foi?

Como é que se sentiu na Chocolateira? Tirando algumas foi bom. Gostei de trabalhar com o grupo (risos). É verdade.

Então porquê? Por ter a ver com a leitura? Nervosa. Perdida. Descontrolada mesmo.

Eu acho que sim. Eu tinha de interpretar e talvez não

interpretava os gestos na altura que devia ser. De querer fazer melhor chegava ao ponto de não conseguir fazer nada. Tanto que cheguei ao ponto daquela situação...foi horrível... eu estava mesmo descontrolada (lágrimas). Enfim.

Acha que o nervosismo é que a levou a isso tudo?

Não sente necessidade, no dia-a-dia, naquilo que vai fazendo, não apenas na formação mas naquilo que tem de fazer diariamente, da leitura? Acha que se lesse mais, se tivesse o hábito de ler isso a podia ajudar?

Eu acho que sim. Foi, de certeza.

Eu acho que sim, tanto que há certas palavras que às vezes leio, papéis, que tenho de perguntar ao meu marido o que é que aquilo real... se são palavras que eu conheço em geral... agora aquelas palavras mais... que querem dizer aquilo que eu penso mas eu não conheço a palavra em si eu tenho de ir ao meu marido "olha, o que é que isto quer dizer? É isto?". Sinto-me um bocado... perdida, tanto que os papéis, é ele que gere os papéis. Eu ajudo mas ele é que está...

Se acha que o hábito de ler a podia ajudar por que é que...

... não leio mais? Eu acho que é por falta de tempo também. Eu acho que é isso, falta um bocadito de tempo. É tanta coisa para levar para a frente que temos de levar essa... O bocadito de tempo que estou mesmo ali a ler ou a fazer ler a minha filha... acho que é só mesmo... agora tento ler mais um bocadinho, tento ler, ajudar a ela a ler. Às vezes até tenho medo de estar a ler mal e ela esteja a... interpretar mal, a perceber mal aquilo que eu estou a dizer. Tenho medo de a prejudicar a ela por eu... quando o pai chega digo para ver se ela realmente está a perceber aquilo que estou a ler. Eu tenho medo. Como eu tenho problemas, dificuldades de estar a prejudicá-la a ela. Eu vou primeiro, sou sempre a primeira que estou em casa (risos), depois vai o pai. Tento fazer assim.

Acha que pelo facto de o seu marido gostar de ler e a

Sofia de o gostar de ouvir
contar as histórias à sua
filha, tenta escapar-se um
bocadinho para não ler a
história?

Acha que se fosse a Sofia a Talvez. Às vezes é.
ler conseguia exercitar
mais...

E ultrapassar essa ...a leitura.
dificuldade?

Mas continua a ter Talvez.
insegurança em relação a
isso?

Sim. Menos qualquer coisa mas ainda tenho. Menos que há
um ano atrás mas ainda tenho. Não vou dizer que já estou
perfeita porque não estou.

E5

2008-03-15

Vamos começar pelo início daquela primeira entrevista. Disse que estava divorciada e que tinha um filho. Com que idade?

Sete anos.

Depois disse entretanto que estava a viver em união de facto com o seu namorado. Há quanto tempo?

Há quatro anos, vai fazer quatro anos. Três anos e meio.

Há quanto tempo é que se conheceram? Como é que se conheceram?

Como é que a gente se conheceu? A gente já se conhece há muitos anos... ahhh... a gente já tínhamos namorado... ahh... tinha eu 16 anos.

Quando estava em França ainda?

Não, eu estava cá a passar férias e a gente conhecemo-nos. Namorámos 2 anos, assim em férias de verão...Depois, entretanto.... A gente separou-se, separou-se quer dizer... por causa da minha irmã que foi um bocado intriguista...

Mas não queria que vocês namorassem?

Ela nunca gostou dele e ele nunca gostou dela também. E então houve assim umas histórias e eu fui pela cabeça da minha irmã e então rompi com ele e deixei de falar com ele durante 12 anos. Ele foi emigrar pra Alemanha, eu entretanto casei-me, não sei quê, pronto. E deixamos então este meio tempo, 12 anos sem falar um com o outro.

Então como é que

voltaram a falar?

Ah... foi na altura que tinha deixado um outro rapaz... tinha apanhado um outro rapaz com outra rapariga em flagrante. Não vi nada mas ele estava a levar a rapariga a casa dele e eu fiquei tão passada... pronto... eram 5h da manhã, estava a chegar da discoteca e estavam lá os dois – o Carlos e estava lá outro rapaz. E o outro rapaz estava... já tínhamos rompido há 15 dias atrás por causa de uma história qualquer...um palavrão, umas palavras que ele me disse que me magoou bastante e uma coisa que nunca perdoei. E daquela raiva de tê-lo encontrado ele a levar aquela gaja... a outra gaja não, a outra rapariga ahhh....pra casa dele eu fiquei perdida. Eu no caminho de casa encontrei o Carlos e um colega nosso, mas eu ainda não falava para o Carlos naquela altura. Eu saí do carro furiosa e eu “Vocês os homens são todos...”. Eu disse uns palavrões enormes de raiva mesmo e eu disse que eles mereciam ter um par de... chifres tão grandes, tão grandes que nunca mais pudessem levantar a cabeça e o outro rapaz disse-me “Vês, eu já te tinha avisado”. Pronto. E eu desabafei naquela altura com eles, eles estavam lá os dois e eu desabafei com o colega, ele estava lá e foi daí que a gente começámos a falar. O rapaz disse-me “Vês, eu já te tinha avisado que ele andava a enganar-te”, não sei quê. E pronto... as pessoas... eu sou uma destas pessoas que só vê pra crer e assim foi. E foi daí que a gente começámos a falar. Perguntou-me se não me importava de dar boleia ao Carlos pra casa dele e eu disse “Pronto, tá bem”. E ficámos na conversa até às 7h30 da manhã, no carro, à frente da casa dele. E pronto, foi daqui que depois começámos a falar e agente encontrava-se assim, entre aspas, às escondidas, e foi assim que começámos então a namorar.

Depois, mais à frente na 1ª entrevista, diz que estudou até ao 6º ano? Porque saiu no 6º ano?

Por que é que eu saí no 6º ano? Porque eu fiz uma... uma ...ah... uma formação profissional e depois fiquei a trabalhar até me ir embora pra aqui pra Portugal.

Na pastelaria?

Ou seja, saiu da escola para fazer esse curso

Sim. E depois fiquei a trabalhar até vir pra aqui pra Portugal.

profissional.

A Joana disse que nasceu em França, os seus pais eram emigrantes. Estiveram muito tempo em França?

Sim, sim.

A Joana nasceu lá. E os seus irmãos?

Mais de 30 anos. 35 anos talvez... não... ah ah... 35 anos talvez.

Quantos irmãos têm?

Os meus irmãos nasceram lá todos também.

Só raparigas?

Tenho 4 irmãos.

Mais velhos ou...?

Um rapaz e três raparigas.

Quais são as habilitações dos seus irmãos? Estudaram? Também deixaram a escola?

Sim, eu sou a mais nova.

Mais à frente diz que teve esse emprego depois de ter saído da escola e depois encontrou o pai do seu filho. Que idade tinha quando o conheceu?

Não têm muitos estudos também. Tenho uma irmã que tem mais estudos do que eu, do que nós todos, mas não tem assim muitos estudos.

Depois casou com 22, correcto?

Quando conheci o pai do meu filho? Tinha 20 anos talvez. Vinte, vinte e um.

O que é que diziam os seus pais desse namoro? Era um namoro à distância.

Exactamente.

Os meus pais acho que nunca concordaram muito porque ele sempre foi uma pessoa um bocado desconfiada. Mas como se costuma dizer o amor é cego e bem cego.

Disse que a sua irmã namorava com o irmão dele. Como é que a sua irmã via, já que não gostava na altura do Carlos?

Eu acho que foi até a minha irmã que me empurrou este pai do meu filho (risos). Ela foi bater à porta e disse “apresento-te aqui o meu cunhado”, não sei quê e depois foi a partir daí que o rapaz, o pai... que o Mário nunca mais me largou naquela altura. E depois eu também estava sozinha, talvez foi uma fraqueza também, uma fraqueza talvez que eu tive e pronto, deixei-me levar.

Entretanto casou-se com 22 anos. Os seus pais concordaram com o casamento?

Não. O meu pai... o meu pai não concordou nadinha, tanto que nas fotografias do meu casamento ele está nelas todas a chorar. Ele levou-me ao altar mas depois nunca mais ...

Foi contra vontade? Mas porque não gostava dele ou porque não queria que casasse?

O pá... porque não gostava talvez dele mas ele também não queria que eu casasse porque ele sabia... deu-me a impressão que ele tinha um pressentimento que eu não ia ser feliz com ele porque o meu pai, 15 dias talvez antes de eu me casar, ele foi à terra dele tirar informações sobre a família e um senhor no café disse assim “ai meu Deus, onde é que você foi pôr a sua filha”. E com estas palavras o meu pai ficou sempre... e depois na véspera também houve problemas por causa do fotógrafo, por causa dos convidados. O meu pai queria convidar pessoas e ele não queria, embora era... os meus pais é que pagavam mas ele não queria. Houve uma discussão qualquer entre o meu pai e o Mário. E ele não me queria levar. Tanto que ele na véspera à

noite disse-me que eu ainda estava a tempo de desistir.

E a sua mãe?

A minha mãe também disse-me o mesmo. Quer dizer... disse-me o mesmo...ela acho que também concordava com o meu pai mas do outro lado “ai meu Deus, já temos tudo pronto, temos os convidados, temos tudo”... pronto. E então acho que foi mais por causa disso que casei.

Disse depois que trabalhou com idosos em Sobreiro. E que eles a apoiaram bastante tanto na altura que o seu pai faleceu como na altura em que se divorciou. Foram dois separados? Foi praticamente na mesma altura?

Não. Foi um ano de diferença. O meu pai morreu em Março de 2001 e eu divorciei-me em 2002. Eu fugi de casa dia 12 de Junho de 2002. E só o divórcio foi em 2003 mas foi naquela fase de 2002/2003 que me deram apoio.

Saiu de casa mas continuou a trabalhar em Sobreiro durante um ano e meio?

Sempre com medo de o encontrar a caminho (risos). Tanto que naquela altura comprei mesmo um telemóvel de propósito por causa de... já com os números da GNR já gravado se ele me seguisse ou alguma coisa...

Depois saiu entretanto e em Fevereiro de 2002 foi trabalhar para o Carvalho. E o lar chamava-se Lar de Til?

Não, não é o Lar da Til. Tojeira é o nome da rua. O lar era o Lar das Sardinheiras.

Quando entrou para o curso o seu filho achou muito bom. Então e o Carlos?

No início... não. Quer dizer... achou...oh... Às vezes atirava-me... também com os problemas que ele tinha no trabalho... o trabalho corria-lhe mal e às vezes dizia que eu não fazia nada, que... que não... ó pá... não com concordava muito bem talvez, não reagiu muito bem no início. No final é que ele depois realmente viu que... parecendo que não... não fazia nada mas o que é certo é que eu é que ajudei bastante financeiramente. Mas pronto... Agora ele apoia-me para fazer o próximo para o 12º. Por acaso ele apoia-me mesmo, que acha bem porque afinal o curso fez-me bem. Mudou de ideias, pronto, e ainda bem. Eu gostei muito. E ele agora apoia-me para fazer o próximo se tiver oportunidade.

E o seu filho agora?

Quando falámos acerca do Momento da história, em que lhe perguntei se se lembrava da primeira vez que tinha contado uma história, a Joana disse que se tinha sentido baixa, muito baixa. Baixa em que sentido?

O meu filho também.

Mas acha que se sentia mal por si própria por não se conseguir expressar ou pelo que os outros pudessem estar a pensar?

A primeira leitura? Porque eu bloqueava. Queria fazer as coisas e bloqueava e quanto mais... quanto mais... como é que hei-de dizer... quanto melhor queria dar mais me corria mal. E senti-me mal.

Acha que isso ainda era pior?

Também.

Nessa altura ainda não se sentia suficientemente à vontade?

As duas coisas. Por mim por querer ler bem e não conseguir e também pela opinião dos outros.

Não. Agora ainda não estou bem, bem mas sempre estou

Disse também que o seu melhor filho gosta muito de ler. Como é que ele foi buscar este prazer pelos livros e pela leitura, uma vez que a Joana diz que não lê muito?

Se não tinha esse hábito de leitura em casa onde é que ele foi buscar esse hábito?

A partir de quando é que notou que ele tinha...

Quando fala das peças de teatro, diz que achou que era uma coisa muito infantil. Isto em relação às primeiras. Que se sentiu ridícula a fazer aquelas figuras, nomeadamente a fazer de Sonso. Diz que o seu filho adorou vê-la a fazer tudo isso. E o facto de o seu filho gostar tanto de vê-la, incentivá-la, trabalhar consigo em casa não a ajudou a ultrapassar esse medo?

Mas porque tem sempre medo dos comentários

Não faço a mínima ideia. Deve sair ao pai porque o pai era muito bom aluno e gostava de ler e aprender. Infelizmente os pais tiraram-no aos 11 anos da escola. E deve sair ao pai porque a mim não sai de certeza.

Não faço a mínima ideia.

Desde que ele começou a ler. Por exemplo, tomava o pequeno-almoço lia os cereais, lia o que estava lá escrito, no pacote do leite, tudo o que tinha, revistas, tudo o que lhe aparecia à mão para poder ler ele agarrava e lia. Qualquer coisa.

Não sei... não... talvez... não sei... talvez não. Talvez se tivesse de fazer outra sou capaz de sentir o mesmo medo.

que as pessoas possam fazer?

Acha que isso a influencia negativamente? É. Acho que sim, que é mais isso.

Mesmo sabendo que está a fazer as coisas bem? Dou muita importância àquilo que as pessoas pensam de mim.

Qual a diferença de idade do seu irmão mais velho? Talvez... sou uma pessoa que tem assim pouca... não tenho muita confiança em mim mesma. Sinto-me insegura. Tanto que antes de tomar alguma decisão importante eu peço sempre uma opinião a alguém, até ao meu filho. Ainda há dias perguntei-lhe o que é que ele achava se a mãe continuasse os estudos.

Acha que isso fez com que a Joana tivesse essa falta de confiança? O mais velho tem 10 anos de diferença. Da minha outra irmã tenho praticamente 8 e da outra 7. Eu sofri muito com eles tendo 7 anos de diferença (risos). Ela fez-me a vida negra (risos). Ai! Ela batia-me tanto. Então quando aprendi a andar de bicicleta foi um horror. Infelizmente foi ela que me ensinou. Eu levei tantas, tantas. Insultou-me tanto. Dizia que era uma burra e rebaixava-me. Esta minha irmã sempre me rebaixou muito. Ela prejudicou-me muito quando era pequenita.

Então, na altura em que se divorciou, o que é que os seus irmãos fizeram? Agora talvez não mas na altura que eu precisava mais de estudar, eu tinha medo dela, tanto que eu não me conseguia concentrar porque eu tinha medo dela. Os meus professores diziam que eu tinha capacidades só que ... ela é aquela que tem mais estudos... só que... chamava-me burra por tudo e por nada. Então, burra por burra fico burra. O meu pensamento era assim naquela altura. A auto-estima foi assim muito abaixo.

E a sua mãe? Foi o melhor que eu fiz. Apoiaram-me.... Apoiaram-me bastante. Disseram que eu nunca devia ter casado com ele.

Ai a minha mãe foi um alívio. Só tenho pena de não ter feito isso antes do meu pai...não sei porquê mas tenho um pressentimento... ó pá... pode ser uma ideia minha mas se eu o tinha feito na altura que o meu pai estava vivo talvez o meu pai... não digo que ele já não tinha morrido... mas era capaz de ter ficado mais tempo. Na altura que ele esteve muito doente eu dizia-lhe “Tens de ir ao médico pai, tu não estás bem”. Ele esfregava muito o peito e batia. A gente sabia que ele não estava bem. Só estava bem deitado. Eu dizia-lhe pra ir ao médico e ele dizia “Pra quê? O que é que eu estou aqui a fazer? Não estou aqui a fazer nada. Eu quando for para o hospital volto em quatro tábuas”. Tanto que ele falou e foi mesmo verdade. Ele foi para o hospital e voltou em quatro tábuas. Mas ele muitas vezes dizia que não estava aqui a fazer nada, porque o meu pai sofreu muito com o meu casamento. A minha mãe sofreu muito, tanto que a minha mãe disse que nunca tinha visto o meu pai chorar. Em 30 anos de casamento nunca tinha visto o meu pai a chorar, mas na altura que eu casei foi na altura que ela viu o meu pai a chorar. Ele chorou muitas vezes por causa de mim. O pai do meu filho chegou a falar mal para os meus pais... mesmo falta de respeito.

Como era a sua relação com o seu pai?

Muito boa. O pai do meu filho nunca aceitou bem a cumplicidade com o meu pai, tanto que nas discussões ele dizia-me “ou sou eu ou os teus pais”. E eu dizia-lhe “não me peças para escolher. Pais há só uns. Amor de pais é uma coisa, amor de marido é outro, amor de filho é outro”. Os meus pais sempre me ajudaram, os deles nunca nos ajudaram. Os meus pais fizeram coisas que nem os meus irmãos sabem. Mas ele foi sempre uma

Era mais velho que a Joana?
a pessoa de pensar só nele mesmo.

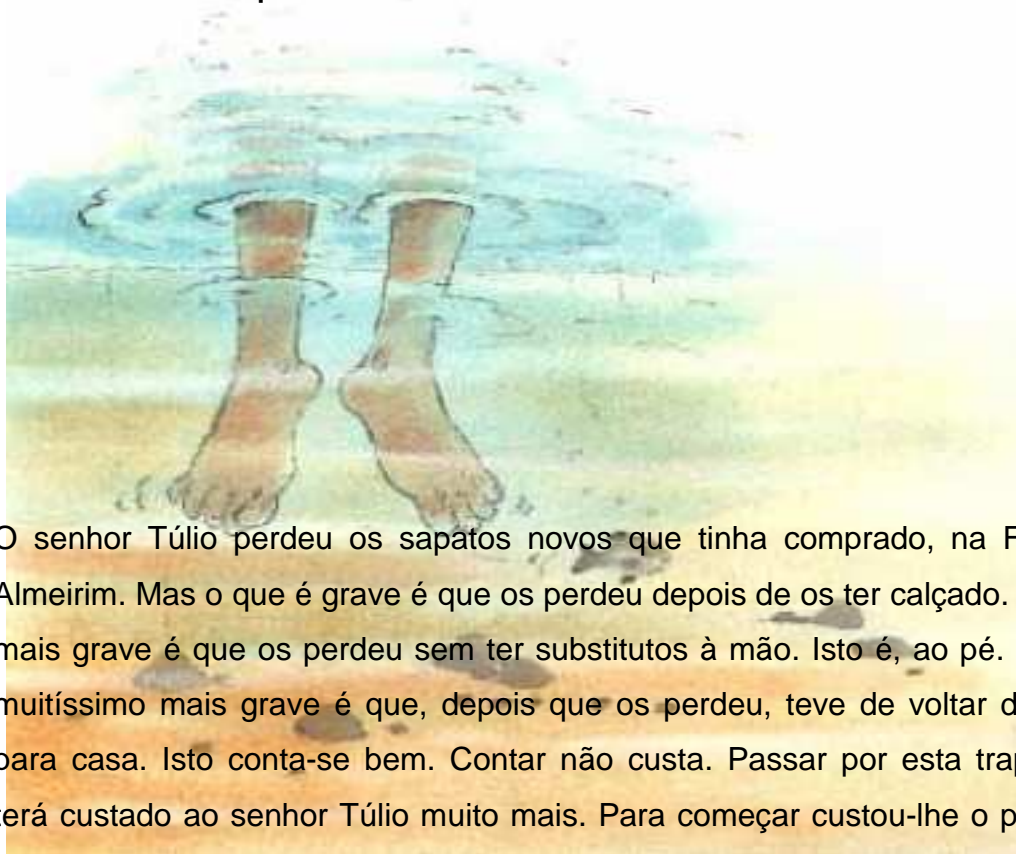
E o Carlos é mais velho do que a Joana? Era 7 anos mais velho.

É 3 anos...2/3anos.

OS SAPATOS NOVOS DO SENHOR TÚLIO

António Torrado escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou



O senhor Túlio perdeu os sapatos novos que tinha comprado, na Feira de Almeirim. Mas o que é grave é que os perdeu depois de os ter calçado. E ainda mais grave é que os perdeu sem ter substitutos à mão. Isto é, ao pé. E ainda muitíssimo mais grave é que, depois que os perdeu, teve de voltar descalço para casa. Isto conta-se bem. Contar não custa. Passar por esta trapalhada terá custado ao senhor Túlio muito mais. Para começar custou-lhe o preço de uns bons sapatos de carneira. Contento por tê-los comprado e farto dos sapatos velhos, há que tempos a precisar de dobradas meias solas, deitou-os para a boca de um contentor do lixo. Deste gesto, mais tarde, muito se arrependeria. Montado nos sapatos novos, foi à vida.

Cirandou por aqui e por ali, que uma feira tem sempre muito que ver, mas o raio dos butes, que a princípio lhe pareciam tão macios, começaram a morder-lhe os pés. À beira de um riacho, aliviou-se dos malditos, que lhe apertavam os joanetes, tirou as peúgas, arregaçou as calças, e foi refrescar os pés na aguinha corrente. Outros e outras, talvez aflitos como ele do afogo da carneira nova, tinham feito o mesmo. Depois, cada um, velho ou novo, sentado na relva, secou-se ao sol, feliz e a acenar com os dedos dos pés desencontrados, como que a fazer gaifonas à água do riacho. Bem bom.

Na altura de calçar-se, deu por que os sapatos afinal lhe estavam folgados. Teriam engelhado os pés ou crescido os sapatos?

O senhor Túlio não sabia explicar a situação.

– Oiça lá, ó parceiro: quem lhe mandou calçar os meus sapatos? – disse-lhe um sujeito de grandes calcantes descalços, junto dele.

O senhor Túlio pediu desculpa do engano e devolveu o seu ao seu dono. Mas os dele, onde parariam? Não pararam, andaram. Calçados por pés enganados, sem ser por mal, os sapatos tinham abalado de vez. Restava-lhe esperar que da confusão das trocas sobrasse para ele algum par, nem que muito usado. Mas não sobrou. Nem umas sandálias de plástico.

– Está visto que o tipo que os levou tinha quatro patas, o grande burro.

Ao senhor Túlio as indignações nunca duram muito. Como contei, no princípio, voltou para casa descalço. Mas a rir-se:

– Dantes, nem tamancos tinha. Eu era garoto e andava no pó, nas pedras e na lama, sempre de pés nus. Ganhei casco para a vida, foi o que foi. Mas, vai daí, depois, com o bom tratamento do calçado, os pés amoleceram. Pois quer e aprendam e saibam quanto custou, para que não se esqueçam.

De tudo o senhor Túlio tira proveito da lição e até os seus próprios pés ele gosta de ensinar.

FIM

Carta de José Jorge Letria

Caros amigos,

A paixão pelos livros e pela leitura é uma das expressões mais elevadas da condição humana, pois corresponde ao desejo de saber sempre mais e ao amor pela liberdade. Por outro lado, o mundo em que vivemos, repartido entre a pressa e o ruído, tem cada vez menos espaço e tempo para esse prazer que nos exalta e engrandece.

Por isso vos saúdo, como leitores e contadores de histórias, ciente de que esta actividade contribui e contribuirá para a vossa realização individual e colectiva e para o vosso enriquecimento intelectual.

Os livros não traem nem enganam. São amigos certos e leais, que exigem de nós disponibilidade de espírito e vontade de aprender sempre novas coisas, dentro e fora dos livros.

Numa sociedade onde se lê ainda muito pouco e onde a memória é um valor em perda, ler e contar histórias é uma forma de preservar esse património colectivo.

Um abraço do

José Jorge Letria

A abelha e a flor

Era uma vez uma abelha que tinha sonhado com uma flor muito bonita. Acordou e decidiu ir à sua procura. Procurou... procurou Procurou... Já cansadinha, pensou se o seu sonho se tornaria realmente realidade. Quase a desistir, olhou para o jardim e viu a flor do seu sonho. Contente, voou para cima dela, preparando-se para colher o pólen da flor. Nesse exacto momento, a flor disse:

- Ei! O que estás a fazer?

A abelha, surpreendida, respondeu:

- Mas, tu falas? Não sabia que as flores podiam falar!

- Mas claro que sim. Nós, as flores, somos muito inteligentes, falamos umas com as outras e até com os animais.

-Que bom! Tenho-me sentido tão sozinha... mas agora encontrei uma amiga... queres ser minha amiga?

- Sim, mas tens de ser muito meiga comigo, pois sou uma flor delicada.

- Não te preocupes, irei colher o teu pólen com muito cuidado.

- Ainda bem, andava a sentir-me muito pesada e já sentia algumas dores nas costas.

- Este pólen é para a minha produção de mel. Irá ficar muito bom! – disse a abelha.

- Depois tens de me trazer um pouco para o lanche e convido todas as minhas amigas.

- Não te preocupes, em breve virei visitar-te.

- Está bem. Fico à tua espera.

A abelha foi embora e, passado algum tempo, regressou.

- Olá minha amiga. Há quanto tempo não nos víamos... Como tens passado? – perguntou ela.

- Muito melhor! Desde que me tiraste o pólen tenho-me sentido bem.

- Trago-te um pouco do meu mel para poderes saborear.

- Que bom! Julgava que te tinhas esquecido de mim...

- Não, nunca me irei esquecer de uma flor tão bonita como tu!

Ficaram tão amigas que todos os anos, na altura da Primavera, a abelha lá vai levar o seu mel à flor, como gesto de gratidão pelo pólen que ela, todos os anos, lhe cedia. Afinal, só assim é que ela podia produzir o seu precioso mel.



A guardiã dos oceanos

Era uma vez uma mãe que tinha duas filhas. Carolina era a mais velha e trabalhava sem parar para ajudar a mãe. Cristina era a irmã mais nova, era tão distraída como preguiçosa, nunca ajudava a sua mãe.

Um dia, Carolina estava á beira do rio a fazer os seus bordados e, de repente, sentiu uma voz que vinha do meio do riacho. Era uma voz tão doce e meiga! Ela começou por se aproximar, molhou os pés e depois deu um mergulho.

Carolina sentiu que algo a puxava para baixo. Mas, quanto mais fundo ela descia, mais nítida se tornava aquela voz. Muito confusa e assustada, Carolina não parava de gritar e, a certa altura, desmaiou.

Quando acordou, ficou espantada ao ver que estava num sítio maravilhoso. Ela via peixes de todas as cores e plantas extraordinárias!

Subitamente, ouviu duas vozinhas, mesmo atrás de si:

- Depressa, segue-nos. A fada está á tua espera.
- Onde estou? – perguntou ela, logo de seguida – Quem são vocês?
- Somos os amiguinhos da fada – disseram os peixinhos.
- Anda! Vem! Estão todos à tua espera.
- À minha espera? Porquê? – a menina estava cada vez mais assustada e não entendia como conseguia respirar dentro de água.
- Olá Carolina! – disse uma voz que ela reconheceu como sendo a que tinha ouvido no riacho.

Quando a menina olhou para trás, viu uma linda sereia, muito colorida e brilhante.

- O que faço aqui? – perguntou a Carolina.
- Carolina, és uma boa menina e foste escolhida para seres a nova guardiã dos oceanos – respondeu-lhe a fada, muito serenamente.
- Como? Eu?! Não posso. Tenho de cuidar da minha mãe e da minha irmã.
- Não te preocupes, elas ficam bem. Agora só tens de pensar em ti e no que o futuro te reserva.
- Mas como é que fui escolhida?
- Tu és uma pessoa que sabe dar valor à natureza, à beleza da terra e do mar ... - respondeu a fada.
- Posso ver a minha mãe e a minha irmã pela última vez?

- Sim, minha querida. Podes vê-las sempre que quiseres.

De repente, abriu-se uma concha enorme e Carolina viu que a sua família estava muito feliz. Assim, Carolina seguiu a fada, muito contente por ter sido escolhida pois adorava o mar e tudo o que nele vivia.



O SONHO DO MENINO

Era uma vez uma aldeia, conhecida pela aldeia da Roupa Branca. Era um sítio, onde tudo parecia perfeito. Enquanto os pais trabalhavam fora, e as mães tratavam da casa e dos animais, as crianças brincavam com os amiguinhos à porta de suas casas. Mas, sempre que chegava a hora do recolher era a mesma história, o Joãozinho vinha triste para casa, porque todos os meninos tinham um mano para brincar dentro de casa, excepto ele.

Um dia, chegou a casa muito zangado, pois queria continuar a brincar mas já era tarde. Tristonho, disse à mãe:

- Ó mãe, estou tão farto de chegar a casa e não ter ninguém com quem brincar. Será que não posso ter um mano? Assim quando viesse para dentro tinha com quem brincar.

- Joãozito, tu gostavas mesmo de ter um irmão?

- Eu gostava muito! Eu até podia dividir os meus brinquedos com ele...

- Então... e se em vez de um mano fosse uma mana, ias gostar dela na mesma?

- Bem...! Se fosse uma irmã eu ia gostar, mas se fosse um irmão eu ainda gostava mais. Assim só brincávamos com a bola e com os meus carros, é que não gosto muito de brincar com bonecas...

- Eu e o papá temos de pensar nisso, agora vai fazer os trabalhos da escola.

Mal o Joãozinho sabia a notícia que os pais tinham para anunciar ao jantar.

No final do jantar, quando João ia sair da mesa, o pai disse-lhe:

- Não vás já embora! Senta-te que o pai e a mãe querem contar-te uma novidade.

- Oh pai! Tenho tanto sono! Pode ficar para amanhã?

A mãe resolveu meter-se na conversa e disse-lhe:

- Acho que é melhor ficares ... aposto que vais perder o sono...

- Então? Digam...O que é que há de novo?

O pai, com um largo sorriso, respondeu-lhe:

- Vamos ter mais uma companhia cá em casa.

- É um cão ou um gato?

– Nem uma coisa nem outra! Vais ter um irmão ou uma irmã. Só daqui a algum tempo é que saberemos.

– Que bom! Estou tão feliz! Quando é que ele chega?

– Sabes Joãozito, a mãe vai começar a ficar com a barriga maior, é o bebé a crescer dentro de mim. Quando a minha barriga estiver deste tamanho (e fez o gesto com os braços) o bebé está pronto para nascer - respondeu-lhe ela.

– Oh mãe, mas então ainda falta muito!...

– Vais ver que o tempo vai passar depressa.

Nessa noite, o menino quase não dormiu porque estava muito entusiasmado. No dia seguinte, na escola, contou a todos os seus amigos a grande novidade.

À medida que a barriga da mãe ia crescendo, o fascínio do João ia aumentando e a paciência também.

Um dia, quando chegou da escola, achou estranho que a mãe não estivesse à sua espera, como habitualmente.

– Mãe, onde estás?

Esperou... mas não houve resposta.

– Ó mãe! Mãe!

Até que ouviu uma voz, vinda do corredor, que lhe respondeu:

- A mãe não está! O bebé vai nascer e o pai foi levar a mãe ao hospital - disse a avó Joana.

Passaram três dias e o menino tinha tudo pronto para receber o bebé.

Finalmente, chegou o momento tão esperado pelo Joãozinho. A porta abriu-se e foi então que ele viu o pai, a mãe e ...o bebé. O Joãozinho, radiante, perguntou:

– Este é o meu irmão? É o André?! Ele é tão pequenino! Como é que vai brincar comigo quando eu chegar da escola?

O pai, com toda a paciência, explicou-lhe que o bebé ia crescer, mas ele ia poder acompanhar cada momento e que isso também era uma forma de brincar.

O Joãozinho estava radiante e o brilho nos olhos era tão grande, que olhou para a mãe e disse:

– Mãe, hoje sinto-me o menino mais feliz do mundo.

O Urso Rechonchudo sonha com chocolate

Era um dia especial no país dos brinquedos e a boneca Tina andava cheia de trabalho na sua barraca.

Chegou lá o Urso Rechonchudo e a boneca Tina perguntou-lhe:

- Não estás contente com o dia do chocolate?

O Urso Rechonchudo, muito contente, respondeu-lhe:

- É o meu dia favorito. Onde estão os chocolates?

- O Joãozinho foi buscá-los ao carro – respondeu ela.

O Urso Rechonchudo correu imediatamente para o carro do Joãozinho, enquanto sonhava com todos aqueles chocolates...Hummm

Quando chegou junto do Joãozinho, este perguntou-lhe:

- Tu gostas muito de chocolates, não é?

- Adoro! Gostava de tê-los todos para mim...só de imaginar estou com água na boca...que delícia! – retorquiu o Urso.

Quando ninguém estava a olhar, o Urso Rechonchudo pegou nos chocolates e fugiu. Foi esconder-se para comê-los, sem que ninguém o visse.

O Joãozinho, muito preocupado, foi ter com a boneca Tina e contou-lhe o que os chocolates tinham desaparecido.

A boneca Tina, espantada, afirmou:

- Coitado do Urso Rechonchudo! Vai ficar muito triste com essa notícia!

De repente, aparece o Sr. Polícia e o Joãozinho aproveitou para lhe contar o que tinha sucedido.

- Vamos ver se os encontramos, pode ser que quem os tenha roubado ainda esteja por aqui e o encontremos com os chocolates – disse o Sr. Polícia.

Entretanto, apareceu o Urso Rechonchudo e a boneca Tina gritou:

- Roubaram os nossos chocolates!!!...

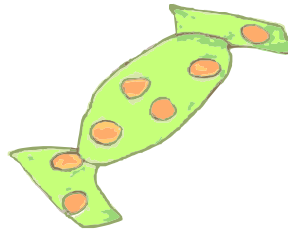
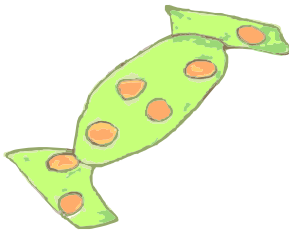
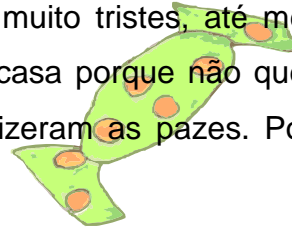
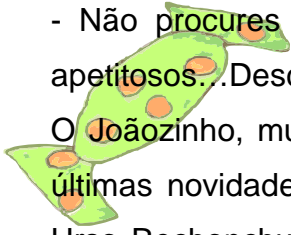
O Urso Rechonchudo ficou triste e fugiu para não contar a verdade. Porém, encontrou o Joãozinho e, muito arrependido pelo que tinha feito, disse-lhe tudo a coisa para confessar.

...lá o que tens para me contar, estou com alguma pressa. Tens de ir procurar os chocolates – afirmou o Joãozinho.

O Urso Rechonchudo, muito envergonhado, disse-lhe:

- Não procure mais os chocolates, eu comi-os. Não resisti, pareciam tão apetitosos...Desculpa...

O Joãozinho, muito triste e com as lágrimas a correr pela face, foi contar as últimas novidades à boneca Tina. Ficaram todos muito tristes, até mesmo o Urso Rechonchudo pelo que tinha feito. Foi para casa porque não queria ver ninguém. Entretanto, foram todos ter com ele e fizeram as pazes. Porém, o Urso Rechonchudo aprendeu a lição.



As nossas histórias... o erro criativo

- **“Nico dobra”** – Quem é o Nico? Onde vive? O que é que o Nico dobrou? Será que era algo assim tão difícil ou pesado? Seria um bico-de-obra?
- **“Espiriência”** e **“Turbolentas”** – O espirro chocou com a ciência? Onde? Porquê? Viveram uma experiência única? Mas, afinal, na experiência que realizaram usaram o turbo ou foram muito lentos? Que experiência fizeram afinal? Causou alguma turbulência? Onde foi realizada?
- **“ A flor da pele”** – Como é a flor que nasce na pele? Vem do interior do corpo? Em que pele nasce? Acontece em algum país especial?
- **“água ardente”** - O que tem essa água de especial? Saem labaredas dela? Onde é que podemos encontrá-la? Tem poderes especiais? Pode-se beber como a aguardente? Queimar-nos-á a garganta?
- **Pontuação** – Os pontos, as vírgulas e os primos fugiram. Ninguém sabe deles. Para onde terão ido? Será aberta uma investigação policial? Ou será melhor contactar um detective privado? Como ficarão os textos entretanto? Que grande confusão! Conseguirão as pessoas entender-se? Poder-se-á colocar a hipótese de rapto? Mas porquê?
- **“ fazer horas”**- Como e com quê se fazem as horas? Onde se fazem? Quem as faz?
- **“pulgar”** - O polegar tinha algum defeito ou gostava apenas de se misturar com as pulgas? Porquê? Para brincar? Para realizar outras actividades? Com quem? Como era o polegar? Onde vivia?

- “**flôr**” e “**côr**” - De que cor são as pétalas da flor? Por que é que precisam de ter um chapéu a protegê-las? Será por causa dos raios ultravioletas? Para evitar o cancro de pele? Onde paira esta flor? Está sozinha?
- “**Ouve**” e “**houve**” - O “h”, coitado, é surdo é mudo. Como tal, Anda aos encontrões. Às vezes cai, outras desaparece. Não aparece sempre nas alturas mais convenientes. Confunde se deve ouvir ou se deve existir. Como podemos ajudá-lo? Quem é que o pode fazer? Onde é que ela está? Como falamos com ele?
- “**Gotei**” - Gotei? De onde saíram as gotas? De que cor eram? O “s” parece não ter gostado e foi-se embora, quando se deparou com tal cenário? Como ou o que é que se pode fazer para que volte? Para onde terá ido?
- “**Noz**” – Será que somos realmente nozes ou nós é que temos um sabor especial? Será algum perfume? Ou seremos de outro planeta?
- “**milacurosa**” - A Bíblia fala-nos da multiplicação dos peixes. Também haverá multiplicação de letras? Será que elas dançam à noite? Por que é que estão trocadas? Terá sido com a pressa ao amanhecer? Ou será do sono? Terão dado alguma festa? Será algo miraculoso? Alguém terá assistido ao espectáculo? Quem? Aconteceu mesmo ou foi sonho?
- “ **voscar** ” e “**fiquecar**” - “Voscar” e “fiquecar” são novos stands de automóveis? Onde podemos encontrá-los? O que podemos lá ir buscar? A quem pertencem?
- “**espertador**” - Como é o despertador fisicamente? Será preguiçoso? Ou será esperto? Sentirá dor de cada vez que toca ou pulará de alegria? A quem pertence? Onde o encontramos?

- “**impulgadas**” - Afinal as pulgas também gostam de ler e há um enorme impulso para tal. Quem provocou tal encontro? Por que é que estarão tão empolgadas? O que estão a ler? O que descobriram? Onde lêem?
- “**Comprido**” – O dever que tinha de cumprir era assim tão comprido? Porquê? Media-se em km? Quem é que tinha de cumprilo? Alguém o ordenou?
- “**friado**” - A letra “e” levou muito a sério o dia e fez mesmo feriado. Para onde foi a letra “e” nesse dia? Como reagiram as companheiras?
- “**combarriga**” - O que terá comido para estar com uma dor de barriga destas? Será congestão? Quem está com essa dor de barriga? Onde é que tudo aconteceu? Quando?
- “**ovedesiam**” - A personagem estaria bêbeda? Ou terão sido as letras que beberam um pouco mais? O que beberam? Quem era a personagem? Será que as letras não tinham força para serem pronunciadas e não obedeciam? Quem queria pronunciá-las? O que pretendiam dizer?
- “**barrulho**” - De onde vem o barulho? Será assim tão estridente ou será que chega em eco? Quem consegue ouvi-lo? Quem o provocará?
- “**conosco**” - Dois amigos perderam-se? Onde? Ficou só um? Onde está o outro? O que aconteceu? Como se chamam? Por que é que não vêm connosco descobrir, ajudando nas buscas? Haverá aqui algum mistério? Quem organizou as buscas?

A água mágica

Há muitos, muitos anos, havia uma rapariga chamada Jade. Ela era belíssima como uma pedra preciosa mas andava sempre cheia de frio. Era muito friorenta!

A pequena aldeia onde vivia já não era visitada pelo sol há muito tempo. Fazia-se sentir um Inverno muito severo, deixando todos os seus habitantes roxos de tanto frio. Já nada estava a resistir àquele tempo, as pessoas congelavam mesmo debaixo de mil cobertores.

Certo dia, apareceu um viajante, que apregoava ter para vender água ardente que aquecia da cabeça aos pés qualquer ser vivo.

Jade tentava aquecer-se quando ouviu.

- Quem quer perder o frio e ganhar o calor?

Curiosa, Jade foi ao encontro do viajante e perguntou-lhe:

- Senhor viajante, que água é essa que consegue tirar o frio e dar o calor?

- É água mágica, menina! Só existe no Vale Encantado! – disse ele, muito sério.

- Que sítio é esse? Nunca ouvi falar! – retorquiu Jade, cada vez mais curiosa.

- Pois não. Só os grandes sábios como eu é que sabem da sua existência e como lá chegar.

Cada vez mais admirada, aquela linda rapariga olhou fixamente para a água e nela viu pequenas chamas de várias cores. Colocou a sua mão dentro dela e exclamou:

- Mas está água é fria! Como pode dizer que é ardente se eu não me queimei?

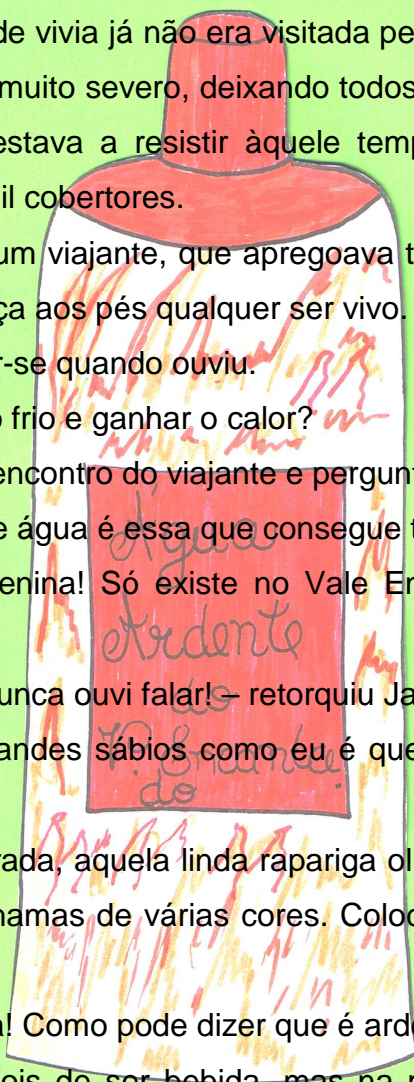
- Ela só aquece depois de ser bebida, mas na porção adequada, nem mais nem menos – respondeu-lhe o viajante.

- Sendo assim gostava de prová-la – disse Jade, um pouco desconfiada.

- Cuidado! Só podes beber umas pequenas gotas!

Assim que Jade provou a água sentiu um calor a invadir o seu corpo como se expulsasse todo aquele frio que nela vivia há já algum tempo. Feliz e quase sem palavras, disse:

- Não me sentia tão quentinha há muito, muito tempo.



- Foste a primeira a prová-la. Vai e conta a toda a tua família o poder desta água – referiu o viajante.

E assim foi. Espalhou por toda a família e amigos a boa nova, mas como pelo caminho se tinha esquecido do nome da água, chamou-lhe aguardente e assim ficou conhecida por todos naquela aldeia. Todos perderam o frio e ganharam o calor para todo o sempre.

A bruxa e a sua experiência

Num reino muito distante havia um castelo. Nesse castelo morava um príncipe. Nesse reino, numa casa no bosque, morava uma bruxa muito, muito feia, cheia de verrugas na cara e não só e ainda era gorda. Ela nunca saía do castelo para que não a vissem. Qualquer pessoa se assustava se olhasse para ela. Por isso, passava o tempo a fazer a fazer experiência para encontrar uma poção mágica que a tornasse bela.

Certo dia, descobriu um xarope que a tornava bela e elegante. Nesse dia começou a sonhar que podia ser amada pelo príncipe do reino, por quem se apaixonara há muito tempo.

Resolveu, assim, tomar o xarope para poder sair, finalmente, à rua. Qual não foi a sua surpresa quando descobriu que, nesse dia, o príncipe tinha organizado uma grande festa no castelo do reino. Ela arranjou o vestido mais belo e foi também à festa.

No momento que os olhos do príncipe se cruzaram com os deles, não mais se largaram. O príncipe tinha-se apaixonado também por ela. Convidou-a, até, para se sentar à sua mesa durante o jantar. Dançaram quase toda a noite. Sim, quase! A bruxa tinha-se esquecido, ou se calhar não sabia mesmo, que o xarope que fizera tinha um prazo de validade. Pensavam que era eterno? Não! Assim, a nossa história terminava aqui com a frase foram felizes para sempre. A história vai continuar. A bruxa esquecer-se de um ingrediente mágico – a perna de rã. Por isso, o xarope, além da validade, começou a deixar de fazer efeito mais cedo. Ela começou a sentir-se mal. De repente, olhou para uma das suas mãos e reparou que as verrugas estavam a voltar e as suas unhas estavam a crescer. Assustada, fugiu do castelo e começou a correr em direcção à casa do bosque.

Ninguém conhecia a mulher que dançara com o príncipe. Depois daquela noite, ele tinha ficado muito triste. Mandou os seus criados procurarem pelo reino, como aconteceu com a Cinderela. Só que nessa história havia um sapatinho de cristal. Nesta não havia nada.

A bruxa tinha-se escondido em casa, com as portas e janelas bem trancadas, não fosse aparecer alguém. Ela não percebia por que é a sua experiência não

tinha resultado, nem o que faltava no seu xarope de beleza, como lhe chamava,

Certo dia, estava ela encostada à sua janela quando ouviu um som vindo do lago – era uma rã a coaxar. Finalmente, percebeu que lhe faltava uma perna de rã. Só agora? Já tínhamos descoberto isso há tanto tempo...

Assim, podia voltar a ser bela e sair da sua casa. Talvez até voltasse a encontrar-se com o príncipe!

O príncipe que, entretanto, se tinha mesmo apaixonado por ela, tinham enviado os seus criados numa busca pelo bosque. Num desses longos dias de buscas, eles encontraram-na perto do rio que ali passava. Levaram-na, então, para o castelo.

O príncipe ficou radiante e decidiu, nesse mesmo dia, pedi-la em casamento. O casamento celebrar-se-ia no dia seguinte. Na verdade, a festa durou cinco dias e cinco noites.

Passados uns meses, o príncipe, que agora era rei, sonhava ter um herdeiro para o trono do seu reino. A bruxa não sabia que mais desculpas podia arranjar. Todos os dias, ao amanhecer, ela tomava o xarope para não ficar novamente feia e gorda.

Numa bela manhã de Primavera, decidiu ir à sua casa do bosque. O xarope estava a terminar e ela precisava de levar mais alguns frascos para os tempos que se avizinhavam. Contudo, a dada altura, apercebeu-se que alguém a seguia. Não viu quem era, mas para que ninguém desconfiasse, começou a apanhar flores. Quando estava mesmo perto de casa começou a cantar para distrair o criado do rei. Ele acabou por se distrair e ela conseguiu entrar em casa para se abastecer com o xarope que tinha feito com que o sonho dela fosse uma realidade. Nesse dia teve sorte. Mas o rei desconfiava de qualquer coisa e, numa das saídas da esposa, em vez de enviar um criado, deixou que ela saísse e caminhasse durante algum tempo. Depois, seguiu-a até à casinha no bosque e descobriu o grande segredo que ela escondera durante todo aquele tempo. A partir desse dia, nunca mais o rei quis saber dela ou de qualquer outra mulher do reino.

A fada Gotei

Há muitos, muitos anos havia uma fada chamada Gotei, que vivia numa floresta encantada. A fada era tão pequenina que mal se via, parecia mesmo uma gota de orvalho. Mas esta fada tinha algo especial... as suas asas eram transparentes e brilhantes como as gotinhas de orvalho, quando o sol se reflectia nelas.

A Rainha das fadas gostava muito dela porque Gotei era muito prestativa. Tudo o que a Rainha lhe pedia, ela fazia logo de imediato com imenso prazer e um grande sorriso.

Certo dia, a Rainha pediu a Gotei:

- Gotei, quero que vás ao nosso reino vizinho para anunciares que, no próximo mês, se irá realizar um baile no nosso castelo. Portanto, conto com a presença de toda a população, dos mais novos aos mais velhos.

Gotei partiu de imediato, entusiasmadíssima, porque adorava aventuras e tinha um longo caminho a percorrer. Pelo caminho encontrou alguns duendes, seus amigos de longa data. Eram três irmãos e todos lhe chamavam os Três S porque um era o Simão, o outro o Sérgio e o mais novo o Salvador.

Os irmãos estavam muito tristes e Gotei, sempre preocupada com os outros, perguntou logo:

- Então, amigos, por que é que estão tão tristes?

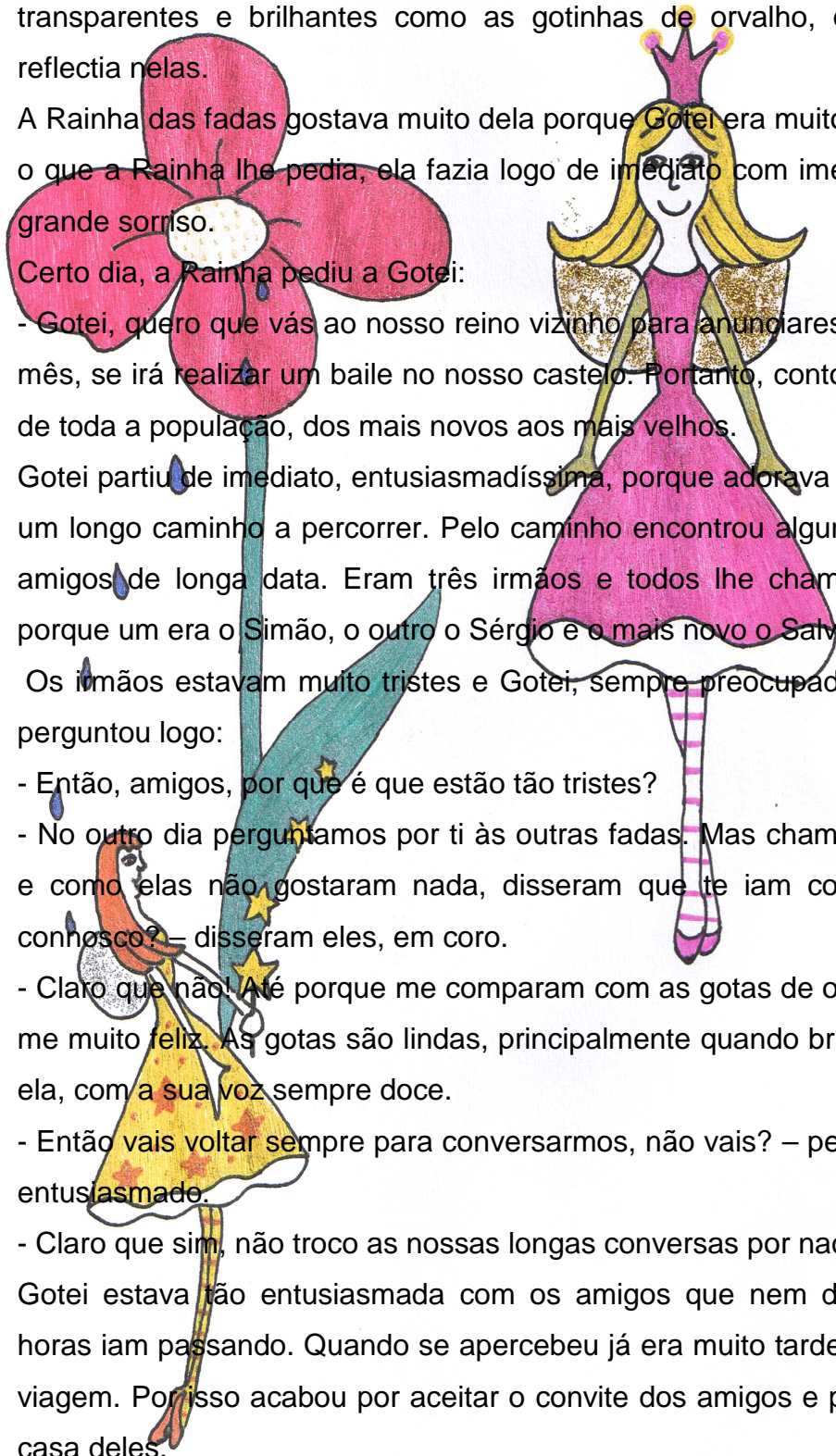
- No outro dia perguntámos por ti às outras fadas. Mas chamamos-te Gotinha, e como elas não gostaram nada, disseram que te iam contar. Estás triste conosco? – disseram eles, em coro.

- Claro que não! Até porque me comparam com as gotas de orvalho e eu sinto-me muito feliz. As gotas são lindas, principalmente quando brilham – exclamou ela, com a sua voz sempre doce.

- Então vais voltar sempre para conversarmos, não vais? – perguntou o Simão, entusiasmado.

- Claro que sim, não troco as nossas longas conversas por nada.

Gotei estava tão entusiasmada com os amigos que nem deu conta que as horas iam passando. Quando se apercebeu já era muito tarde para continuar a viagem. Por isso acabou por aceitar o convite dos amigos e passou a noite na casa deles.



A casa dos três duendes era muito bonita, construída no tronco de uma árvore frondosa, rodeada de muitas plantas e animais. Gotei gostava muito de ficar porque era tudo muito calmo e todos se ajudavam uns aos outros.

O sol já estava a querer nascer, lá longe no horizonte, quando o Salvador, o mais madrugador, resolveu acordar Gotei para que ela tomasse o pequeno-almoço e retomasse o seu caminho.

Gotei levantou-se, espreguiçando-se suavemente, e logo sentiu o cheirinho do chá de jasmim. Mas Salvador também tinha preparado pãezinhos, feitos com pétalas de flores e mel. Humm! Tudo o que fazia crescer água na boca de Gotei!

- Bom dia, Salvador, não te esqueceste daquilo que eu mais gosto de comer. És um grande amigo – disse ela, dando-lhe um beijo na face.

Salvador, muito envergonhado, corou. Afinal, Gotei é para ele muito mais do que uma amiga. Ele gosta dela de uma forma muito especial...

Entretanto, com todos aqueles odores deliciosos, os outros dois acordaram e completamente esfomeados.

- Olá, bom dia! Dormiste bem? – perguntaram quase em coro.

- Sim, dormi como um anjo. Agora tenho de retomar o meu caminho porque senão a Rainha fica muito preocupada.

- Vais voltar para nos fazeres uma visita, não vais? – perguntou Salvador, ainda com as suas faces bastante rosadas.

- Claro que sim, sempre que for possível – disse ela.

- Podemos ir ao baile que a rainha vai dar no castelo? – perguntou o Simão.

- Claro que podem. Aliás, devem mesmo ir porque assim posso retribuir-vos tudo o que fizeram por mim. Além disso, são os meus melhores amigos – disse ela com uma voz terna.

Gotei pôs-se a caminho e lá chegou ao reino vizinho. Transmitiu o comunicado da Rainha e deixou todos em alvoroço. As festas no castelo da Rainha eram sempre uma emoção, prolongavam-se pela noite. Normalmente, o sol, teimava em romper nos céus quando os últimos convidados se despediam e regressavam a suas casas.

No regresso a casa, Gotei veio por um caminho mais curto, para não demorar tanto tempo. Assim que a Rainha a viu, suspirou de alívio pois sabia que fora

da floresta encantada havia muitos perigos. Mas, na verdade, ela confiava em Gotei,



A Feira do livro

Lá em casa era todos os dias sempre a mesma coisa. A mamã fazia o jantar, o papá lia o jornal e, por cima dos óculos, dava uma espreitadela para a televisão e o mano estava na garagem a fazer barulho. Sim, porque afinal aquilo que ele chama de música eu acho que é barulho. E eu, aqui no quarto, a ler os meus livros de histórias de amor, de príncipes e princesas. Existem mesmo e até têm um final feliz!

A nossa família é a família Almeida. Somos quatro pulgas que temos todos os dias a mesma rotina, não acontece nada diferente!

Eu adoro ler, mas há muito tempo que não tenho livros novos. Quando peço à mamã que me compre um livro ela diz-me:

- São muito caros e tu já tens tantos... Lê os que tens.

O papá já nem paciência tem para mim e ao mano nem adianta pedir-lhe nada. Enfim...

Um dia destes quando vinha da escola, com as outras pulguinhas, a pulguinha Mafalda disse:

- Hoje vou ao teatro! O meu pai ontem chegou a casa com os bilhetes. A minha mãe não queria ir. Mas, quando o meu pai lhe disse que a peça era baseada no livro que ela tinha acabado de ler e que adorou, mudou logo de opinião.

Eu fiquei um pouco triste porque também gostava de ir, mas os meus pais nunca querem fazer nada diferente. Fui para casa e adormeci, no meu quarto, a ler o mesmo romance pela milésima vez. Comecei a sonhar.

Vinha da escola e, ao abrir a porta de casa, notei alguma coisa diferente. Não havia o barulho que o mano pulga fazia, a televisão estava desligada e a mamã não estava na cozinha. Entrei devagarinho na sala. Ninguém! Comecei a pensar onde estariam todos e, foi aí, que apareceu o papá e me disse:

- Anda Rita, despacha-te. Hoje vamos a uma feira que há no largo. Vais adorar! Sem mais demoras, lá fui eu. No carro estavam todos muito bem dispostos e, por isso, decidi perguntar: - Porque vamos à feira? O que vamos comprar?

A mamã disse-me para ter paciência porque já ia descobrir qual era a surpresa que me tinham preparado.

O mano, de repente, gritou: - Chegamos! Finalmente chegamos!

Eu, estarecida e deslumbrada, não contendo a minha alegria gritei: - Mamã, trouxeste-me à Feira do Livro. Obrigada!

Entramos e a partir daí tudo mudou. A partir daquele instante já nenhum de nós era o mesmo. Encontramos outras famílias pulgas. Conversamos, rimos, vimos muitos livros. O papá descobriu que podia ler algo interessante, além do jornal, o mano descobriu os livros de banda desenhada e já não descolou dali. Adivinhem, a mamã pulga andava nos romances. Estávamos todos muito empolgados e entusiasmados! Escolhemos os nossos livros, despedimo-nos das outras famílias amigas e viemos embora, passadas muitas horas desde que ali tínhamos entrado.

A viagem de regresso a casa foi fascinante. A mamã e o papá estavam empolgadíssimos com o que os amigos lhes tinham dito acerca de alguns livros e o mano já tinha começado a ler o livro que tinha comprado. Eu não podia estar mais feliz!

Finalmente chegamos a casa. O papá reuniu a família e disse: - A partir de hoje, durante uma hora por dia, vamos encontrar-nos no jardim das traseiras para nos deliciarmos a ler os nossos livros. Precisamos de tirar um tempinho para nós e, por isso, vamos aproveitá-lo da melhor maneira. Hoje descobrimos que existem livros para todos os gostos e não apenas histórias de amor, como a Rita tanto gosta. Por isso, família, a partir de hoje, o nosso momento de partilha será, todos os dias, às 20h no jardim.

E assim foi. Todos os dias, às 20h em ponto, era uma azáfama tal... todos com os seus livros nas mãos e prontos para a hora da leitura. Quando, de repente, oiço:

- Rita! Rita! Acorda, minha pulguinha querida! Vamos jantar. Faz-me um favor, vai chamar o teu mano que está na garagem.

Oh! Nãaaaaaa! Tudo não passou de um sonho! Parecia tudo tão real e estávamos todos tão felizes! Será que consigo convencer o papá a levar-me à feira do livro? Era bom, era mesmo bom!

Vou jantar. Aqui é agora a hora do nosso encontro!

Respirei fundo e, durante o jantar, perguntei ao papá se queria levar-me à feira do livro. Para meu espanto, ele disse que no dia seguinte iríamos todos fazer um programa. Imaginem onde! **À Feira do Livro!** Fiquei tão feliz... tão empolgada que acho que nem consigo dormir esta noite.

A flor que nasce na pele

Esta é a história de uma menina que todos conhecem – a Maria. Ela tem 9 anitos e é muito bonito, parece mesmo uma boneca de porcelana. Ela vive numa aldeia muito pequenina e modesta. Apesar disso, ela tinha muitos sonhos, mas um deles caminhava com ela desde há muito tempo – queria conhecer a cidade. Ela ouvia dizer que a cidade era grande, bonita e muito luminosa. A menina ficou ainda com mais curiosidade quando lhe disseram que a cidade se chamava Fontão. Será que a cidade grande tinha muitas fontes? A curiosidade da Maria ia crescendo ... crescendo crescendo...

Um dia, a tia Joaquina – a irmã mais nova da mãe da Maria – foi fazer-lhes uma visita. A Maria pulava de alegria! A tia, que estava de férias, ia passar uns dias ali em casa. Assim, podiam aproveitar um pouco! Numas dessas brincadeiras, a Maria reparou que a tia tinha um coração gravado no braço esquerdo. Ao ver aquilo ficou espantada e perguntou-lhe:

- Ó tia, o que é isso que tens na pele? Mudaste o teu coração para o braço?

- Não, minha linda! É apenas uma pintura. Porque? Gostaste? – disse a tia, sempre com a sua doce voz.

- Eu gostava muito que uma flor nascesse dentro de mim...

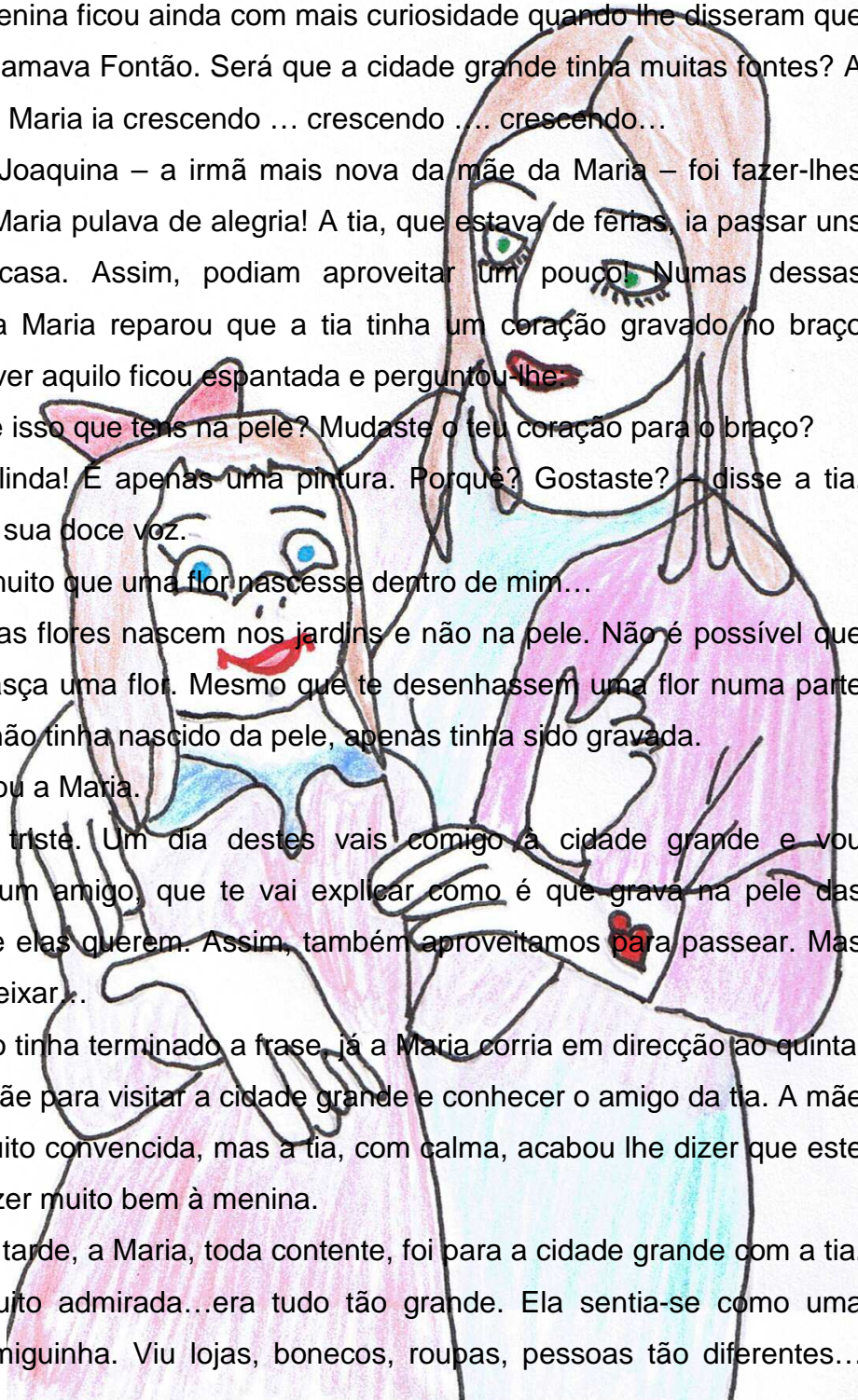
- Mas, Maria, as flores nascem nos jardins e não na pele. Não é possível que da tua pele nasça uma flor. Mesmo que te desenhassem uma flor numa parte do corpo, ela não tinha nascido da pele, apenas tinha sido gravada.

- Oh...- suspirou a Maria.

- Não fiques triste. Um dia destes vais comigo à cidade grande e vou apresentar-te um amigo, que te vai explicar como é que grava na pele das pessoas o que elas querem. Assim, também aproveitamos para passear. Mas só se mamã deixar...

Ainda a tia não tinha terminado a frase, já a Maria corria em direcção ao quintal para pedir à mãe para visitar a cidade grande e conhecer o amigo da tia. A mãe não estava muito convencida, mas a tia, com calma, acabou-lhe dizer que este passeio iria fazer muito bem à menina.

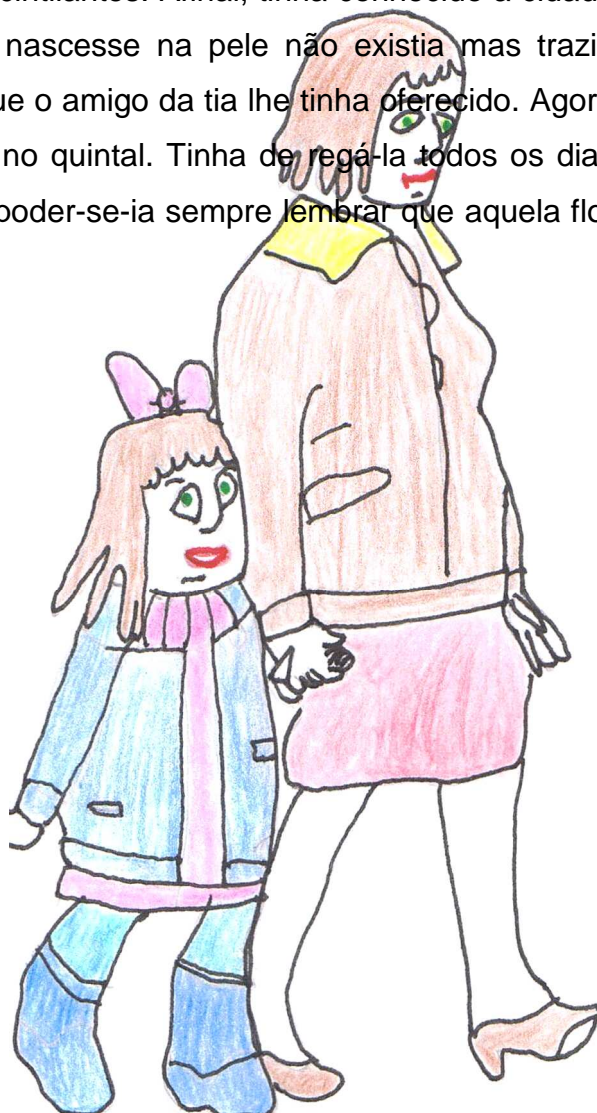
Uns dias mais tarde, a Maria, toda contente, foi para a cidade grande com a tia. Ela estava muito admirada...era tudo tão grande. Ela sentia-se como uma minúscula formiguinha. Viu lojas, bonecos, roupas, pessoas tão diferentes...



parecia um mundo completamente diferente do seu. Na sua aldeia era sempre tudo tão calmo... ouvia os passarinhos a chilrear, as vacas a mugir, os burros a zurrar, os patos a grasnar, as galinhas a cacarejar, até as cigarras a cantar e as rãs a coaxar.... Ali, na cidade grande, só ouvia o barulho dos carros e autocarros, cheios de gente que falava alto para se poderem ouvir uns aos outros. Apesar disso, ela estava a gostar imenso daquele passeio.

A tia, tal como prometera, levou-a a conhecer o amigo. Ele explicou-lhe tudo aquilo que fazia e como fazia.

Ao regressar à aldeia, Maria ia com um enorme sorriso nos lábios e os seus olhos brilhavam como duas pérolas cintilantes. Afinal, tinha conhecido a cidade grande! A flor que ela queria que nascesse na pele não existia mas trazia consigo uma linda flor, num vaso, que o amigo da tia lhe tinha oferecido. Agora tinha de tirá-la do vaso e colocá-la no quintal. Tinha de regá-la todos os dias para que ela não morresse. Assim, poder-se-ia sempre lembrar que aquela flor tinha vindo da cidade do Fontão!



A pontuação

Numa escola como tantas outras havia uma professora, que não era nada parecida com qualquer outra que tenham, algum dia, conhecido. Chamava-se Matilde e era uma senhora muito bondosa. Os anos já lhe pesavam mas continuava, todos os dias, a levantar-se mal o sol rompia no horizonte para ir para a escola.

Após tantos anos no meio da criançada, sabia que tinha de inventar sempre novas formas de dar as matérias. Ele gostava muito de ajudar os seus alunos e queria que eles soubessem aplicar muito bem as regras da língua portuguesa. Como os seus meninos trocavam, ou simplesmente não usavam, os sinais de pontuação, ela criou uma música. Assim que ficou pronta, ensinou-a aos seus meninos, como lhes chamava carinhosamente. Todos os dias, de manhãzinha no início da aula, ouvia-se na sala um coro de vozes que cantava, muito certinho:

Não levem a mal.

Quando a frase quer terminar

Sempre aparece

O ponto final.

Se um menino fala muito

E bem no meio da aula

Não pára de colocar perguntas

Que vamos fazer agora?

Usamos o ponto de interrogação.

Quando os meninos se admiram

E querem mostrar emoção

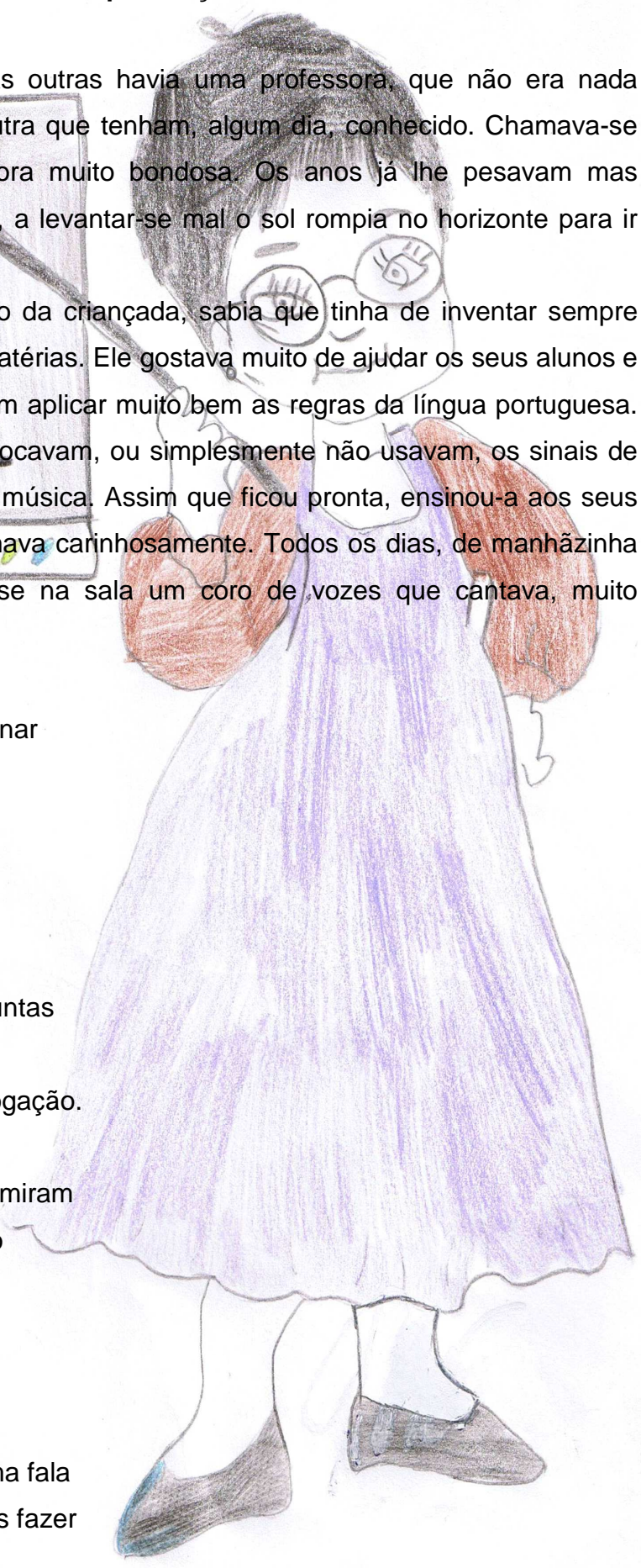
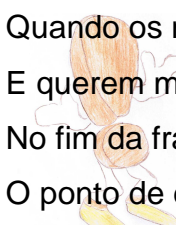
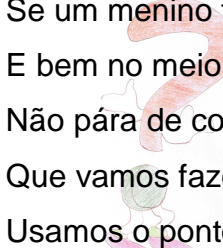
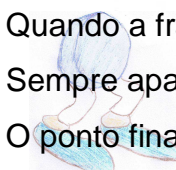
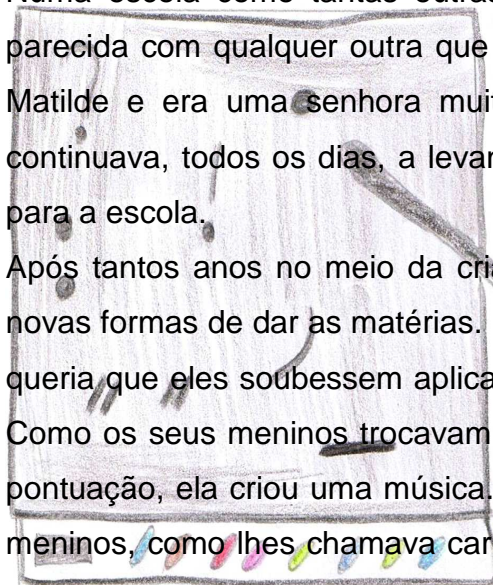
No fim da frase logo vem

O ponto de exclamação!

Ah!

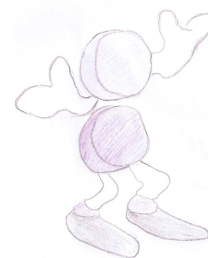
E quando uma citação, uma fala

E uma enumeração queres fazer



Quem vem lá?

Dois pontinhos bem no ar.



No diálogo devemos, logo, escrever,

Antes da continuação,

Um tracinho ou travessão,

Bem juntinhos



Se queremos retirar ou realçar

Uma palavra ou expressão

As “aspas” devemos pôr,

Não é da tua opinião.



Se uma pequena pausa

Queres fazer

Da vírgula não te podes

Esquecer.



Mas quando escreveres

E não disseres

Tudo aquilo que pensas,

Nunca deves esquecer:

Três pontinhos ou reticências ...



E se ritmo e melodia

Queres ter nas tuas frases,

Da pontuação

Não te podes esquecer!

Agora já todos perceberam como é importante usarmos a pontuação! Se nos esquecermos dela andaremos perdidos e não nos compreendem. Se acharem que é muito chato usar a pontuação, lembrem-se da minha história e da música da professora Matilde, vão ver que mudam logo de opinião.

Guardem esta história bem guardada porque pode ser uma grande amiga quando se sentirem a naufragar nos vossos textos.

A professora Eugénia

Olá amiguinhos! Chamo-me Eugénia, tenho quarenta anos e sou professora do ensino básico. Mas sou surda. Aliás, mais ou menos, por isso que vos vou contar uma experiência que tive há algum tempo atrás.

No último ano lectivo, no primeiro dia de aulas, entrei na sala e reparei que todos os meninos estavam nos seus lugares, à minha espera. Entrei, de cabeça erguida, como sempre, mas senti que todos aqueles olhares estavam fixados em mim... vinte e cinco crianças, acabadas de sair da escola primária. Eram, no fundo, pessoas de palmo e meio (pequeninas, quero eu dizer). O silêncio era total naquela sala, notava-se um certo nervosismo naqueles rostos. Alguém lhes tinha contado que eu era surda. Imagino a confusão em que estavam aquelas cabecinhas...

Então, com um grande sorriso, disse-lhes:

- Bom dia, meninos! Sou a vossa nova professora de Matemática!

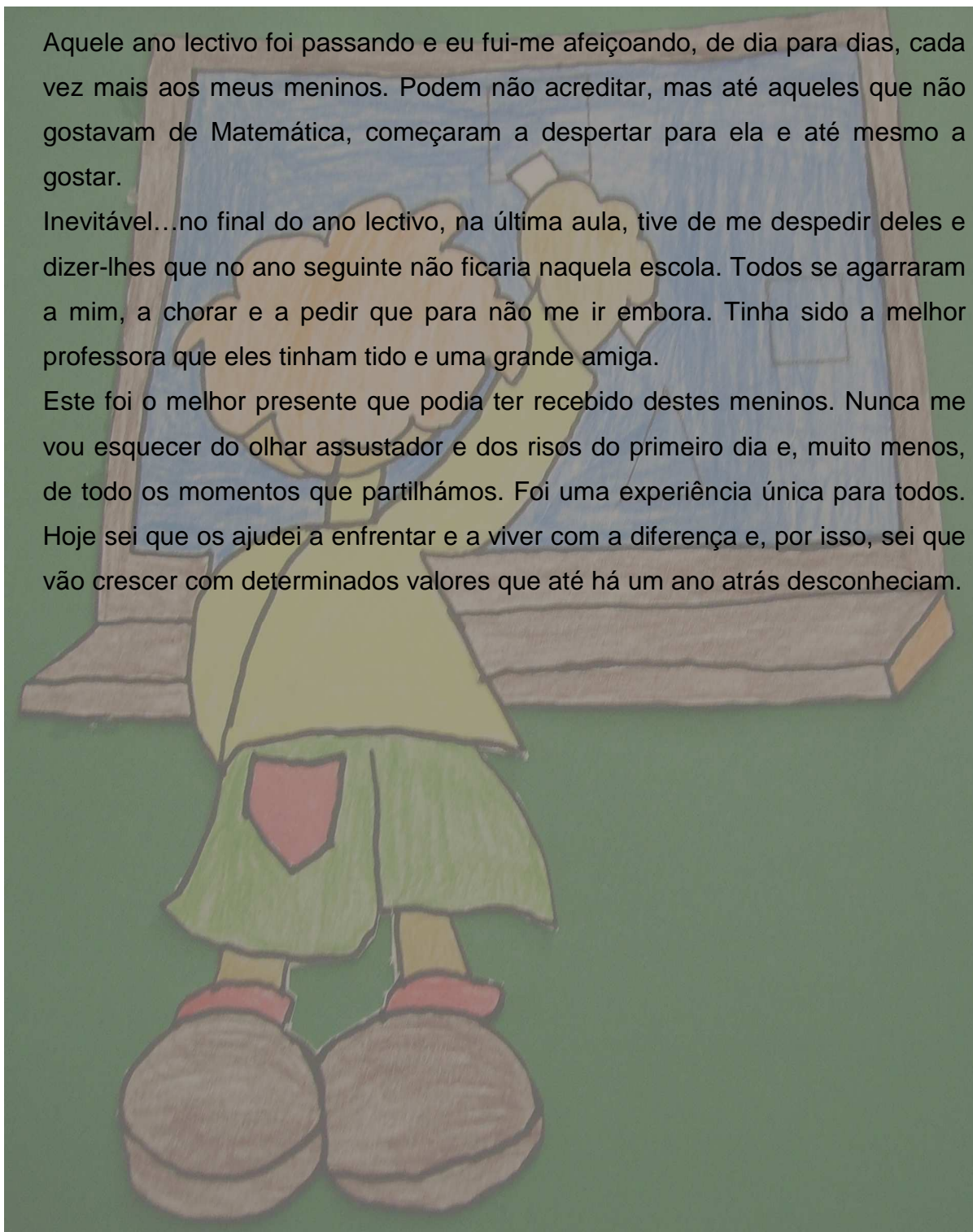
As crianças, admiradíssimas, olharam uma para as outras. Afinal eu sabia falar. Pois é, comecei a fazer terapia da fala aos quatro anos. Mesmo assim, sabia que não pronunciava muito bem algumas palavras. Nesse momento, gerou-se alguma turbulência, umas crianças riram-se enquanto outras ficaram um pouco atrapalhadas. Foi nessa altura que me senti muito triste, só me apetecia sair dali. Por que é que elas estavam a ser tão cruéis? Aos poucos começaram a acalmar. Aí percebi que eles iam acabar por se habituar à forma como eu falava e tudo seria diferente. Aproveitei, então, para lhes explicar como é que eu conseguia perceber o que eles diziam. Quando havia alguma barreira na compreensão daquilo que diziam, recorria à leitura labial.

Com o passar do tempo comecei a conhecer cada um daqueles meninos. Eram todos muito especiais. Mas, havia na minha sala uma menina, a mais gordinha, que falava muito e, todos os dias ao longo do ano lectivo, no final da aula vinham ter comigo para tirar dúvidas. Era uma menina que, no início do ano, não gostava muito de andar na escola. Não tinha muitos amigos mas, aos poucos, começou a gostar de estudar. Por isso, fazia questão de que me mostrar os seus cadernos, para que lhe desse a minha opinião. Ela era extremamente organizada!

Aquele ano lectivo foi passando e eu fui-me afeiçoando, de dia para dias, cada vez mais aos meus meninos. Podem não acreditar, mas até aqueles que não gostavam de Matemática, começaram a despertar para ela e até mesmo a gostar.

Inevitável...no final do ano lectivo, na última aula, tive de me despedir deles e dizer-lhes que no ano seguinte não ficaria naquela escola. Todos se agarraram a mim, a chorar e a pedir que para não me ir embora. Tinha sido a melhor professora que eles tinham tido e uma grande amiga.

Este foi o melhor presente que podia ter recebido destes meninos. Nunca me vou esquecer do olhar assustador e dos risos do primeiro dia e, muito menos, de todo os momentos que partilhámos. Foi uma experiência única para todos. Hoje sei que os ajudei a enfrentar e a viver com a diferença e, por isso, sei que vão crescer com determinados valores que até há um ano atrás desconheciam.



As guloseimas

Esta é a história de duas irmãs – a Júlia e a Maria. A Júlia era mais meiga e bonita. Tinha uns longos e loiros cabelos. A Maria tinha sempre um olhar triste e distante porque achava que o seu nariz e as suas orelhas eram demasiado grandes para o seu rosto. Como ela tinha o cabelo curtinho, os amigos até lhe chamavam Maria rapaz. Na verdade, ela dava-se muito bem com os rapazes e brincava mais com eles do que com as meninas. Mas também brincava com a irmã quando estavam em casa. Quando tinham algum tempo, gostavam imenso de brincar às escondidas. Divertiam-se a explorar todos os cantos da casa e do quintal.

Certo dia, andavam elas a brincar, às escondidas naturalmente, quando se lembraram que se podiam esconder atrás da porta da cozinha. Os pais nem sequer se iam aperceber porque elas quase nem respiravam, para não serem descobertas. Entretanto, os pais, que tinham ido às compras, entraram na cozinha.

- Podes arrumar estas compras? – disse a mãe.

- Claro. Vou pôr estas guloseimas neste armário, para que as meninas não descubram – disse o pai, enquanto arrumava os chocolates e outros doces.

Elas, estando escondidas atrás da porta, conseguiram ouvir o diálogo dos pais e ficaram, desde logo, a saber que eles tinham trazido reбуçados e chocolates. Agora iam escondê-los? Entretanto, os pais chamaram-nas antes de saírem novamente, para lhes fazerem os habituais avisos.

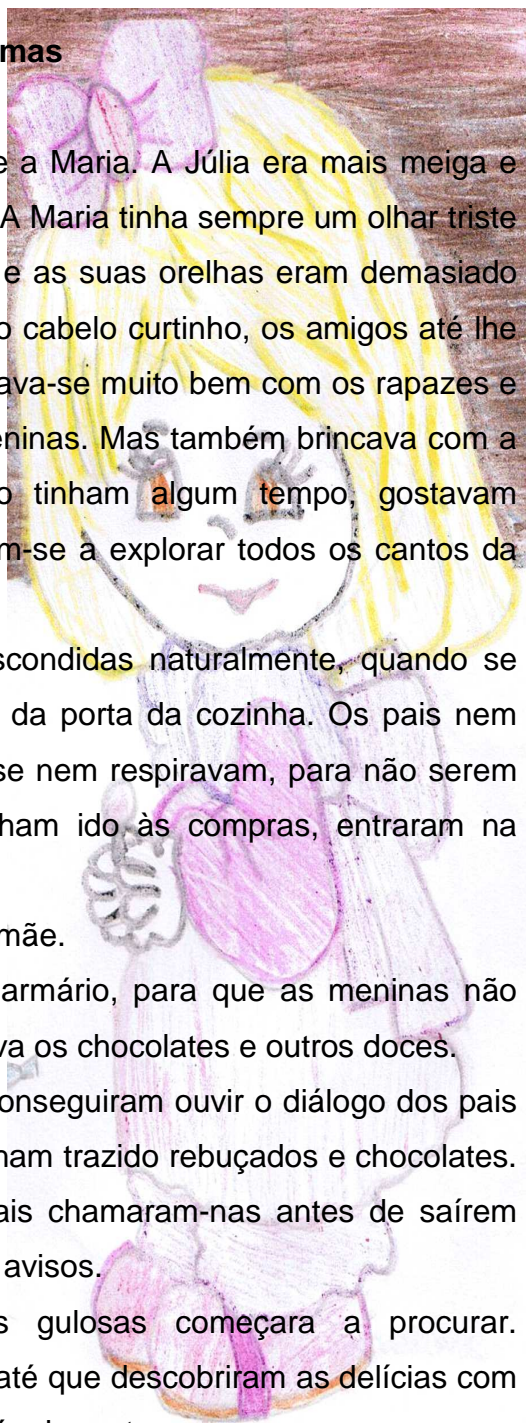
Mal eles tinham acabado de sair, as gulosas começara a procurar. Remexeram.... Remexeram... remexeram até que descobriram as delícias com que tinham sonhado enquanto estavam atrás da porta.

- Ufa! Não foi assim tão fácil. O papá escondeu muito bem as guloseimas. Mas nós somos imbatíveis – disse a Júlia a rir.

A Maria, traquinas como sempre, exclamou:

- Vamos comer até nos fartarmos. Deixamos os papéis muito, muito embrulhadinhos para que o papá e a mamã pensem que as guloseimas estão todas aqui!

Comeram... comeram...fizeram uma pequena pausa... e voltaram a comer. Estavam tão entusiasmadas, que não se aperceberam que os pais tinham



regressado. Eles, quando as encontraram, ficaram boquiabertos. O pai disse apenas:

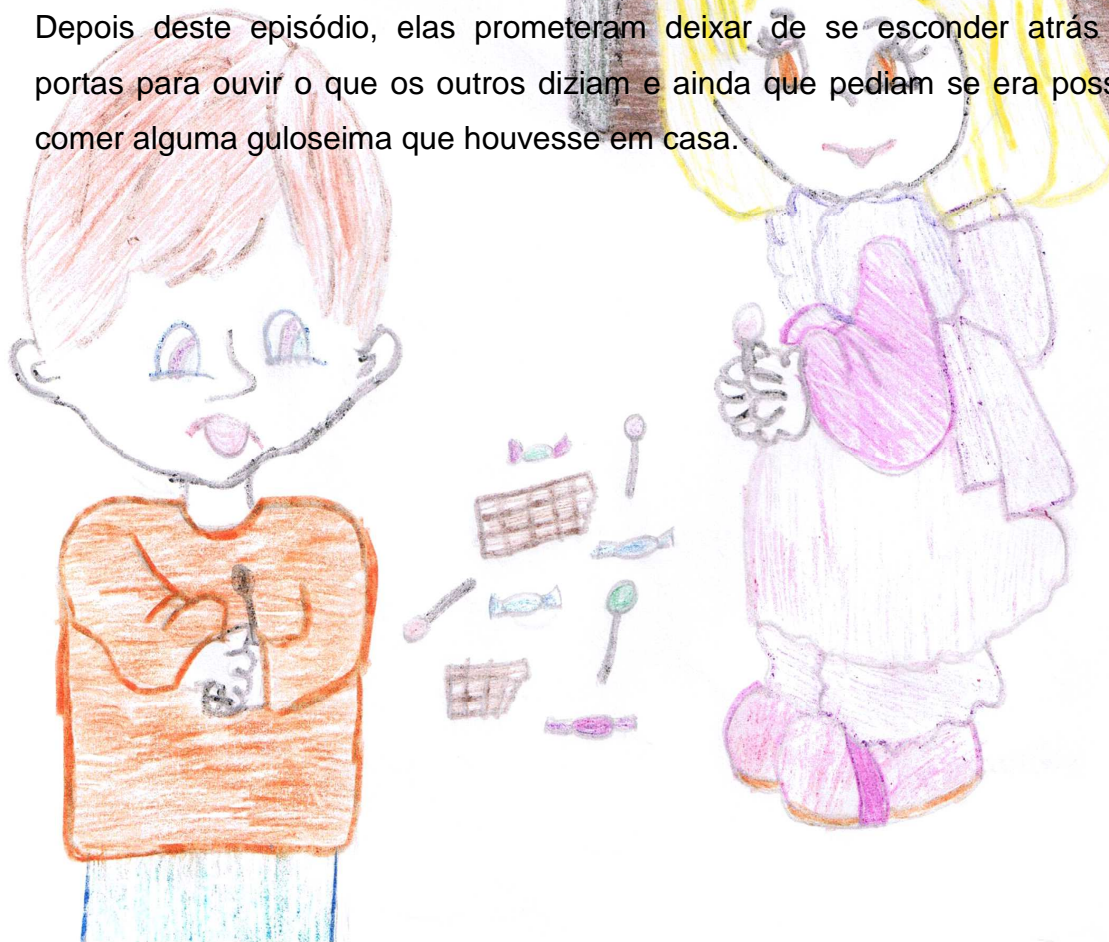
- Júlia! Maria!

Elas assustaram-se porque perceberam que tinham sido descobertas. Tinham-se distraído completamente com as horas. Agora tinham de ouvir a reprimenda que os pais lhes iam dar. Eles explicaram-lhes que comer muitas guloseimas podia fazer-lhes mal, principalmente de uma só vez. Os doces em excesso podiam causar vários perigos, a começar por uma dor de barriga, pelos dentes. Os doces deviam ser comidos com moderação. Elas até escutaram atentamente e perceberam que, naquele dia, tinham mesmo exagerado.

Durante a noite, viram-se para um lado... para o outro e era um tal sofrer... estavam ambas com dor de barriga. De manhã não conseguiam levantar-se da cama, mas não queriam contar aos pais, porque eles tinham razão. Mas a dor era tão forte que tiveram mesmo de se queixar.

- Pois, com tantos doces tinham mesmo de ficar doentes. Pode ser que aprendam a lição e enjoem de guloseimas – disse a mamã, sorrindo, mas preocupada ao mesmo tempo.

Depois deste episódio, elas prometeram deixar de se esconder atrás das portas para ouvir o que os outros diziam e ainda que pediam se era possível comer alguma guloseima que houvesse em casa.



O anão distraído

No bosque fantástico vivia uma família de anões. O papá anão chamava-se Sabichão, a mamã era a Maria. Tinham dois bonitos filhos anõezinhos – o Polegar, que era o mais novo, e o Traquinas, que era o mais velho.

Todos gostavam muito de cogumelos! Por isso, num dos fins-de-semana decidiram ir para o bosque apanhá-los.

A mamã Maria preparou um lanche muito requintado e papá Sabichão colocou no carro os baldes e as pás para a recolha dos cogumelos. Depois de tudo preparado, lá foram eles...

Quando chegaram à outra ponta do bosque, a mamã ficou a arranjar o espaço para o lanche. Entretanto, o papá anão não se cansava de dar alguns conselhos aos dois manos:

- Eu quero que andem sempre atrás de mim e não se percam. Cada um vai pegar num balde e numa pá. Vamos embora! Há muitos cogumelos à nossa espera...

A mamã Maria deu um beijo e cada um se desejou-lhes boa sorte. E lá partiram os três.

O papá Sabichão começou a cantarolar e o Traquinas, como sempre, acompanhou-o. E neste ambiente caminharam durante algum tempo. A certa altura, pararam e olharam para trás. O Polegar não estava junto deles! O papá ficou muito preocupado:

- Ó Traquinas, então e o teu irmão? O Polegar não vinha mesmo atrás de ti?

- Vinha, papá. Não sei onde é que ele se meteu...

Começaram os dois, de imediato, a chamar:

-Polegaaaaaar... Polegarzinho!

Onde te meteste, Polegarzinho?

E nada ... absoluto silêncio, ninguém respondia. Apenas se ouvia o balouçar dos ramos das árvores.

O Polegar era um anão muito bonito. Era rechonchudo, tinha umas bochechas muito vermelhinhas e uns olhos da cor da relva. Era um anão bonito de se ver mas tinha um defeito – era um pouco distraído e nunca tomava muito atenção a nada. Por isso, o papá anão estava tão preocupado!

Começaram a procurar por entre todas as árvores, em cima de todos os ramos, em todos os arbustos e ... nada do Polegar. Já estavam a desesperar! Até que ouviram um barulho ... parecia até que alguém se estava a rir! Correram na direcção daquele som e, qual não é o seu espanto quando vêem o Polegar numa brincadeira incrível com quatro pulguinhas. Ele ria-se perdidamente e ia falando com elas.

O papá, muito zangado, chamou o Polegar:

- Polegar! Anda aqui imediatamente!

O Polegar percebeu que o pai estava chateado. Baixou as orelhitas e foi ter com o pai:

- Sim, papá.

- O que andas a fazer? Não devias ter saído de junto de nós. Pensava que te tinhas perdido e estava muito preocupado.

- Desculpa papá. Eu vi estas pulguinhas a brincarem e quis juntar-me a elas. Pensei que enquanto apanhavam os cogumelos, podia brincar...

- Esse teu defeito de seres tão distraído tem de acabar. Um dia destes ainda te perdes realmente e nunca mais te encontramos. Agora vamos apanhar cogumelos. Já está a ficar tarde e a mamã pode ficar preocupada.

Voltaram eles, então, novamente a apanhar cogumelos...tinham um aspecto tão bom.... Mas o Polegarzinho andou sempre distraído, ou com as amigas pulgas ou com os bichinhos que iam aparecendo. Andava sempre na brincadeira, por isso acabou por não apanhar muitos cogumelos!

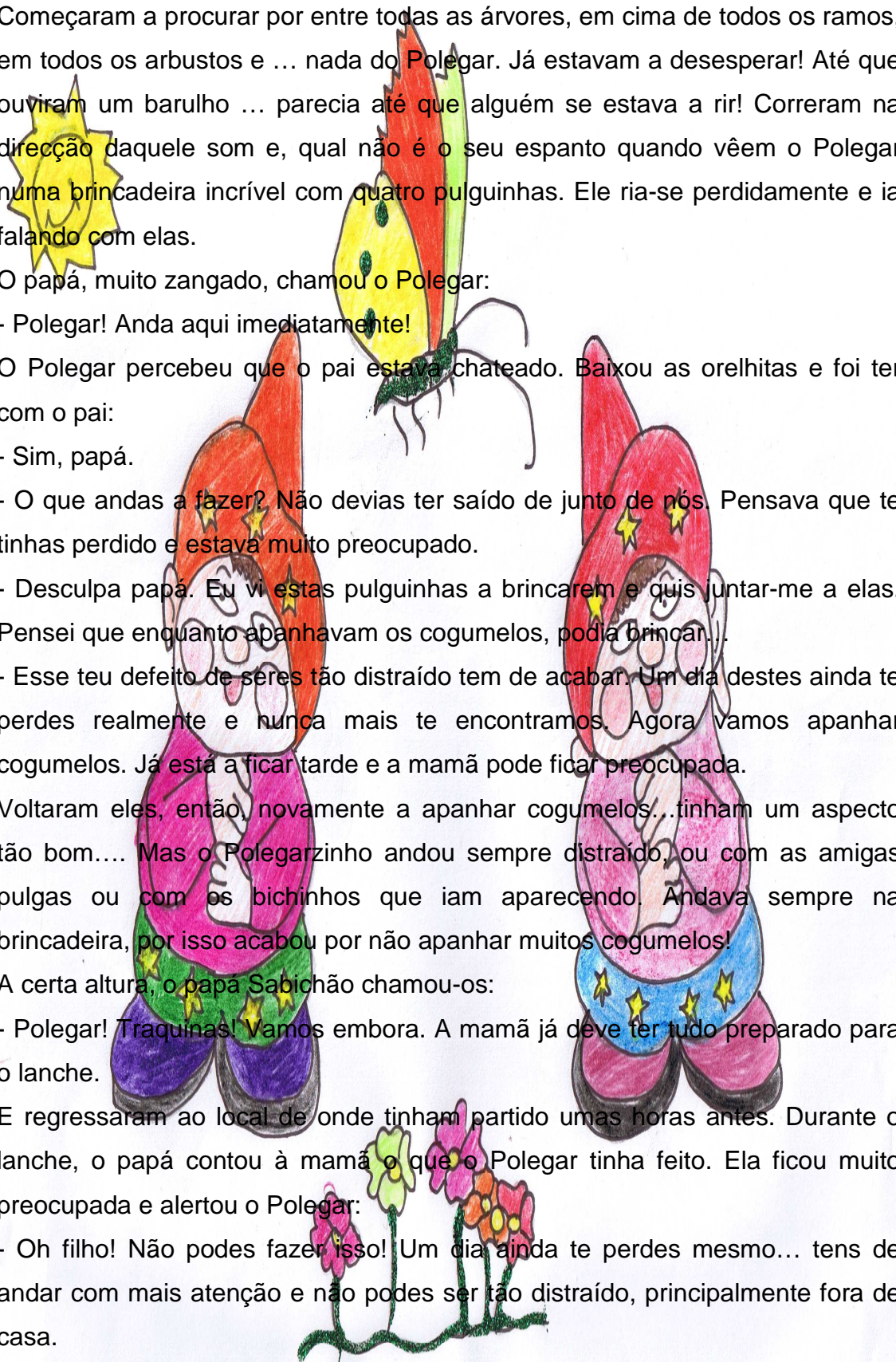
A certa altura, o papá Sabichão chamou-os:

- Polegar! Traquinas! Vamos embora. A mamã já deve ter tudo preparado para o lanche.

E regressaram ao local de onde tinham partido umas horas antes. Durante o lanche, o papá contou à mamã o que o Polegar tinha feito. Ela ficou muito preocupada e alertou o Polegar:

- Oh filho! Não podes fazer isso! Um dia ainda te perdes mesmo... tens de andar com mais atenção e não podes ser tão distraído, principalmente fora de casa.

O Polegar não quis que os papás anões se preocupassem mais e prometeu que, a partir daquele dia, não se iria distrair tanto. Levantou-se e foi dar um



beijo ao papá, à mamã e ao mano Traquinas (que de Traquinas só tinha mesmo o nome) e, por fim, exclamou:

- Hoje aprendi a lição!



O carro dos sonhos

Certo dia, no final do ano, o senhor Marcelino disse ao seu filho Pedro que lhe ia comprar um carro. Ele não cabia em si de contente!

Começaram pelo stand do seu amigo Tó. Lá havia muitas marcas de carros, mas, na verdade, o Pedro não gostou de qualquer uma que tenha visto. Estava muito triste! O carro que ele tanto queria era um Seat amarelo. Começava a temer que não ia ser muito fácil encontrar aquele carro, pelo menos ali perto de casa.

Porém, não podia desistir logo no primeiro stand. O Pedro visitou outros stands, com o seu pai, mas não encontravam o carro que queriam.

Como senhor Marcelino precisava de comprar os faróis e um pára-choques para o seu carro (sim, porque num stand não se vendem apenas carros), decidiu fazer um pequeno desvio para ir a outro stand. Entraram e ele pediu o que pretendia ao empregado. Pedro também não via neste stand um único carro que gostasse.

Como tinham decidido que o dia era somente para visitar stands, andaram mais alguns quilómetros até se depararem com um enorme stand. Os olhos de Pedro voltaram a brilhar! Entrou e, de repente, descobriu que o carro dos seus sonhos não era aquele o Seat amarelo. O carro dos seus sonhos estava mesmo ali à sua frente, naquela loja – um Audi amarelo. Pedro, nesse momento, esboçou um enorme sorriso. Todavia, esse dissipou-se quando o empregado lhes disse que o carro já estava vendido e que não iam receber mais exemplares daquele modelo.

O senhor Marcelino, compreendendo a tristeza do filho, disse-lhe:

- Pedro, não fiques triste. Tudo se há-de resolver.

O Pedro nem por segundos se desviou do carro. Aproveitando essa situação, o senhor Marcelino afastou-se um pouco para falar com o empregado. O senhor Marcelino aproveitou para fazer uma encomenda – um carro igualzinho ao que tinha sido vendido e que o Pedro queria.

Regressaram a casa mas o Pedro continuava com um olhar distante e abatido. Nos dias seguintes, o Pedro quis ver mais stands, mas o pai não queria sair de casa. Arranjava imensas desculpas para não sair de casa, costumava mesmo

dizer-lhe que se sentia muito cansado. E assim ia adiando a visita por mais alguns stands.

Passaram algumas semanas. O Pedro não deixou o olhar cabisbaixo, mas o pai não se incomodava porque sabia qual era o problema e já tinha a solução. Se o filho imaginasse a surpresa que lhe tinha preparado...

Numa manhã como tantas outras, o telefone de casa do senhor Marcelino tocou. Este atendeu. Era o funcionário do stand a quem o pai tinha encomendado o carro. Afinal, não tinha conseguido arranjar o carro.

Uns dias mais tarde, mal o Pedro tinha acabado de entrar em casa, ouviu-se a buzina de um carro em frente à casa. O senhor Marcelino perguntou ao Pedro:

- Estás à espera de alguém?

- Não – respondeu o Pedro.

- Vai ver quem é.

Pedro não podia acreditar no que os seus olhos viam e começou a chorar de alegria. Nesse momento disse ao pai que ele era o melhor pai do mundo.

A mãe do Pedro aproximou-se, naquele momento, deles. Pedro, na brincadeira, disse-lhe:

- Com que então andavam a esconder-me a surpresa e eu nem desconfiei de nada.

Foi então que a mãe lhe contou toda a história, desde a altura em que ele e o pai visitaram os stands iniciais. Como o pai não tinha conseguido nada, andou a divagar por outros stands sem dizer nada ao Pedro.

O Pedro disse, então, à mãe:

- Podiam ter comprado outro. Eu não me importava. Já valia a pena a surpresa. Então, e depois? Conta, agora estou curioso...

A mãe de Pedro continuou:

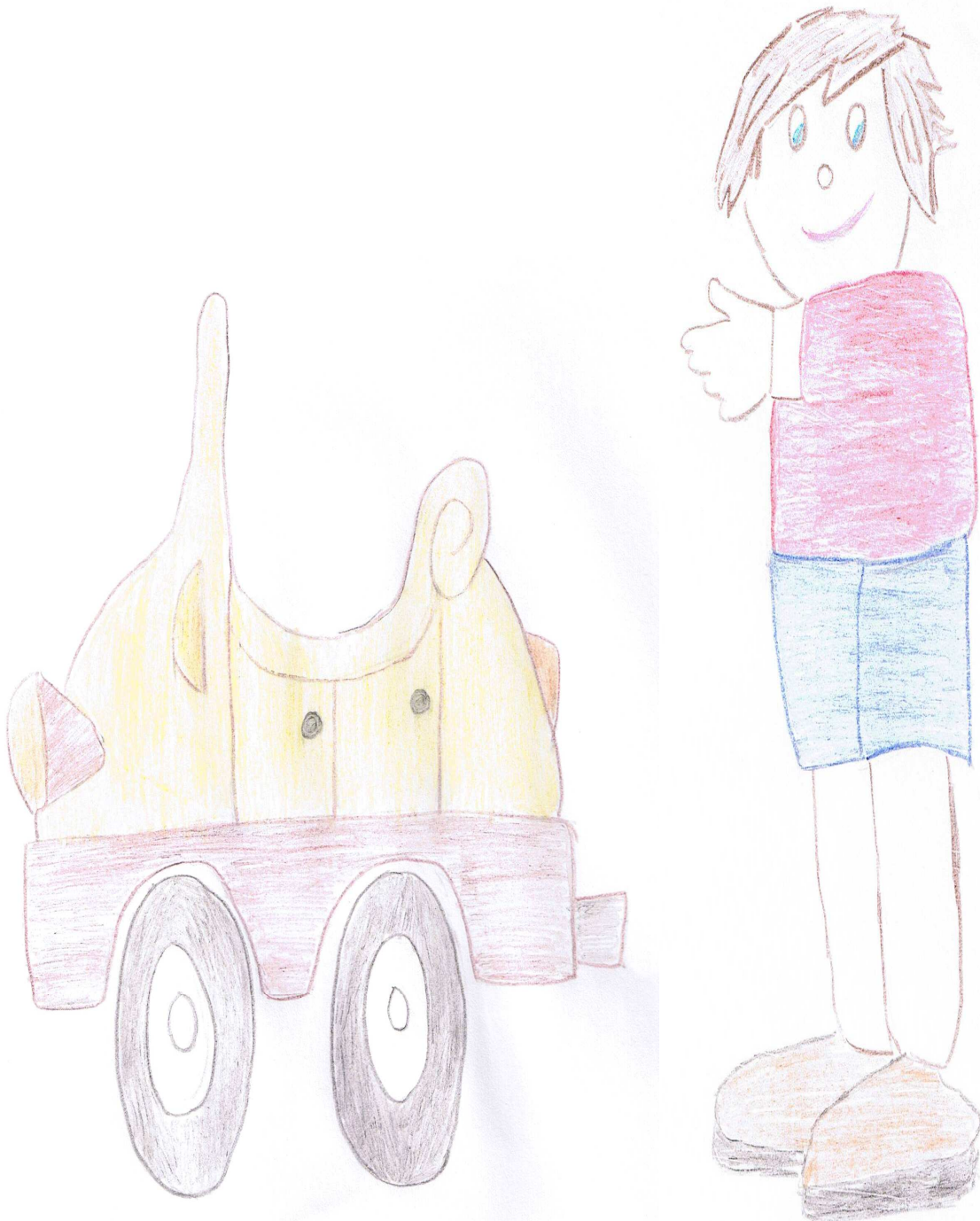
- Depois de todas estas aventuras, comentei com uma amiga lá do emprego que andávamos um pouco desiludidos porque não conseguíamos comprar-te o carro que gostavas. Foi então que ela me sugeriu dois stands novos, que tinham aberto há muito pouco tempo. Eu e o teu pai nem sequer olhamos para trás. Nesse mesmo dia pusemo-nos a caminho. Lembras-te quando te dissemos que íamos visitar um amigo do pai que estava doente?

- Lembro. Foi nesse dia? – perguntou o Pedro, espantado.

- Foi – respondeu a mãe e continuou – primeiro fomos ao Voscar mas o dono disse-nos que não forneciam essa marca. Fomos, entretanto, ao Fiquecar. Aí descobrimos finalmente aquilo que queríamos e fizemos a encomenda.

- Foi a melhor surpresa da minha vida. Tenho os melhores pais do mundo. Obrigado pai, obrigado mãe – disse o Pedro ainda com uma lágrima a cair pelo rosto.

Entretanto, foram os três dar uma volta no carro novo.



O drama do Pedrito

Pedrito era um menino muito bondoso e educado, era magrinho e tinha os olhos e os cabelos da cor do mel.

Certo dia, o Pedrito, ao regressar da escola, deparou-se com outra cena protagonizada pelo próprio pai. Ele já se encontrava novamente bêbedo! Pedrito sofria muito o pai era agora a única família que tinha.

O pai era um senhor já de meia-idade, cabelo grisalho, com algumas rugas na cara e um ar bastante amargurado, talvez pela súbita morte da sua esposa, a mãe do Pedrito.

Pedrito também sofria com a perda da sua mãe, que era uma senhora doce, de palavras meigas, sempre muito bem disposta. Mas, com a sua morte, o pai de Pedrito começou a beber e chegava a casa todos os dias completamente bêbedo.

Na aldeia onde viviam, as pessoas diziam sempre ao Sr. Manuel, era assim que o pai de Pedrito se chamava, para não beber porque fazia sofrer mais o filho que precisava dele mais do que nunca. Porém, o Sr. Manuel nem sequer ouvia as pessoas.

No caminho para a escola, Pedrito gostava de parar perto de um riacho que havia ali na aldeia. Afinal, aquele era um dos locais onde a sua mãe costumava levá-lo a passear.

A aldeia era pequena, com poucos habitantes e as casinhas brancas mais pareciam colinas cobertas de neve. À noite, quando todas as luzes se acendiam, as casas pareciam mesmo malmequeres.

Todos os dias o Pedrito encontrava o seu pai num estado lastimável, que mal se conseguia mexer. Por vezes, era o menino que tinha de fazer o seu jantar, tal como as limpezas em casa. Apesar de ainda ser pequenito, sabia fazer imensas coisas. Tinha aprendido com a mãe.

Apesar de Pedrito ser um menino também muito educado, não aguentava mais ver o pai naquele estado.

- Paizinho, pare de beber! Preciso de ti! – dizia-lhe o menino, sempre com um olhar muito triste.

O pai nem sequer lhe respondia. Ele até queria mas não tinha força para tal, parecia que as palavras não obedeciam àquilo que o seu cérebro dizia, tal era o estado em que se encontrava. A maior parte das noites, o Pedrito ia para a cama chorar, pedindo ao seu anjo da guarda que parasse com tudo aquilo.

O pai do menino continuava a beber mas, aos poucos foi reduzindo e passando mais tempo com o filho. Começou a sorrir novamente e a partilhar cada momento com o Pedrito. Por isso, é que, desde esse dia, o Pedrito crê, cada vez mais, que se acreditarmos muito que podemos ajudar alguém a mudar isso pode acontecer



O engano do senhor S

Hoje acordei com uma enorme vontade de contar uma história. Não sei se todos a querem escutar, mas vou contá-la de qualquer modo. Há sempre alguns meninos, muito curiosos, que gostam de ouvir.

Numa grande quinta, não sei onde fica exactamente, via-se ao longe uma pequena casinha. Na quinta era sempre um alvoroço, porque os animais conversam uns com os outros. Os cavalos relinchavam, os porcos grunhiam, as vacas mugiam, as galinhas cacarejam, os patos grasnavam, os gatos miavam, o papagaio palrava e os cães ladravam. Tudo isto ao mesmo tempo... já estão a imaginar a festa naquela quinta.

Mas na quinta não viviam apenas os animais. Na casa pequenina, morava a uma bonita senhora de cabelos com caracóis, muito branquinhos, e baixinha – a senhora Gotei. Ela vivia com o seu marido, desde há muitos anos – o senhor S. Ele era careca e alto.

Num dia como tantos outros, ao final da tarde, a senhora Gotei foi tratar dos animais. Nesse momento, verificou que da torneira não corriam gotas de água. Muito admirada, chamou pelo marido:

- Ó S, por esta torneira não passa uma única gota de água... os animais estão com sede!

- Então deve estar avariada, vou tentar arranjà-la! Só pode ser esse o problema. Nos últimos meses choveu imenso, portanto não é falta de água.

O senhor S demorou algum tempo para arranjar aquela torneira. Com a sua idade já tinha feito um pouco de tudo, por isso não precisava que ninguém lha arranjasse. Podia demorar um pouco mais, mas ele tinha sempre uma solução para os problemas que iam surgindo na quinta. Depois da reparação completa, ele chamou:

- Gotei, Gotei. Podes chegar aqui?

- Já vou a caminho.

- A torneira está arranjada. Podes continuar a dar água aos animais. Agora tenho de sair.

A torneira estava como nova. De lá brotavam agora muitas gotas de água transparentes.

O senhor S, entretanto, resolveu passar em casa de um dos vizinhos. Morava também numa quinta, mesmo ao lado da sua.

- Tino! Tino! Estás em casa? – gritou o senhor S, do portão.

- Sim, estou – ouviu-se uma voz, vinda de dentro de casa.

O senhor Tino saiu para o quintal: - Olá amigo! Podes entrar. Os cães não andam por aqui. Devem andar aos pulos na parte traseira da casa.

Sentaram-se na sala e começaram a pôr a conversa em dia. Apesar de morarem ao lado um do outro, tinham sempre novidades para contar. A certa altura, o senhor S disse:

- Parabéns! Parabéns!

- Parabéns! Mas eu não faço anos hoje....

- Não me digas que me enganei... ai a minha cabeça...

- Amigo, ainda falta uma semana! Mas vejo que não te esqueces de mim! – disse o senhor Tino, rindo – não fiques triste, amigo. Vamos beber um cafezito e comer uns biscoitos.

O senhor S, apesar de tudo, ficou muito triste por se ter enganado e trocado as datas. Mas, continuou a conversar mais um pouco. No intervalo ia bebendo o seu café e comendo alguns biscoitos, feitos na quinta do senhor Tino.

Horas mais tarde, o senhor S despediu-se do vizinho e voltou para casa. Gotei devia estar a precisar da sua ajuda. Quando chegou a casa, ainda tristonho, contou-lhe o que tinha acontecido. Ela ouviu-o atentamente e disse:

- Ele tem razão. Não tens motivo para estar triste. Se te tivesses esquecido era muito pior. Significa que te lembras dele. Vou tratar do jantar. Vem comigo, para esqueceres essa tristeza.

A verdade é que passou mesmo e quando se foi deitar, já cheio de sono, não se lembrou mais da confusão daquele dia!

